Harry Potter™

e o Prisioneiro de Azkaban

J. K. Rowling

Rocco



SUMÁRIO

SEIS

SETE

OITO

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

A final do campeonato de quadribol 236

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

Novo correio-coruja 334

CAPITULO UM -

O correio-coruja

Harry Potter era um menino bastante fora do comum em muitas coisas. Para começar, ele

detestava as férias de verão mais do que qualquer outra época do ano. Depois,

ele realmente queria Fazer seus deveres de casa mas era obrigado a fazê-los escondido, na

calada da noite. E, além de tudo, também era bruxo.

Era quase meia-noite e Harry estava deitado de bruços na cama, as cobertas puxadas

por cima da cabeça como uma barraca, uma lanterna em uma das mãos e

um grande livro encadernado em couro (História da magia de Batilda Bagshot), aberto e

apoiado no travesseiro. Harry correu a ponta da caneta de pena de águia pela

página, franzindo a testa, à procura de alguma coisa que o ajudasse a escrever sua redação,

"A queima de bruxas no século XIV Foi totalmente despropositada - discuta".

A caneta pousou no alto de um parágrafo que pareceu a Harry promissor. Ele

empurrou os óculos redondos para a

ponta do nariz, aproximou a lanterna do livro

e leu:

Os que não são bruxos (mais comumente conhecidos pelo nome de trouxas) tinham

muito medo da magia na época medievaL mas não tinham muita capacidade para

reconhecê-la. Nas raras ocasiões em que apanhavam um bruxo ou uma bruxa de verdade, a

sentença de queimá-los na fogueira não produzia o menor efeito. O bruxo, ou

bruxa, executava um Feitiço para Congelar Chamas e depois fingia gritar de dor, enquanto

sentia uma cocegazinha suave e prazerosa. De fato,

Wendelin a Esquisita

gostava tanto de ser queimada na fogueira que se deixou apanhar nada menos que

quarenta e sete vezes, sob vários disfarces.

Harry prendeu a caneta entre os dentes e passou a mão embaixo do travesseiro à procura do

tinteiro e de um rolo de pergaminho.

Devagar e com muito cuidado, retirou a tampa do tinteiro, molhou

1#

a pena e começou a escrever, parando de vez em quando para escutar, porque se algum dos

Dursley, a caminho do banheiro, ouvisse sua pena arranhando o pergaminho,

ele provavelmente ia acabar trancafiado no armario embaixo da escada pelo resto do verão.

A família Durstey, que morava na rua dos Alfeneiros, 4, era o motivo pelo qual Harry

jamais aproveitava as férias de verão. Tio Válter, tia Petúnia e o filho

deles, Duda, eram os únicos parentes vivos de Harry. Eram trouxas e tinham uma atitude

muito

medieval com relação à magia. Os pais de Harry, já falecidos, que tinham

sido bruxos, nunca eram mencionados sob o teto dos Dursley. Durante anos, tia Petúnia e

tio Válter tinham alimentado esperanças de que, se oprimissem Harry o máximo

possível, seriam capazes de acabar com a magia que houvesse nele. Para sua fúria, tinham

fracassado. Agora, viviam aterrorizados que alguém pudesse descobrir que

Harry passara a maior parte dos últimos dois anos na Escola de Magia e Bruxaria de

Hogwarts. O máximo que podiam fazer, porém, era trancar os livros de feitiços,

a varinha, o caldeirão e a vassoura de Harry no início das férias de verão e proibir que o

menino falasse com os vizinhos.

A separação dos seus livros de feitiços tinha sido um verdadeiro problema para Harry,

porque os professores em Hogwarts tinham passado muitos deveres para

as férias. Uma redação, particularmente espinhosa, sobre poções redutoras fora pedida pelo

professor de quem Harry menos gostava, o Prof. Snape, que ficaria encantado

de ter uma desculpa para castigá-lo com um mês de detenção. Por isso Harry tinha

aproveitado uma oportunidade que surgira na primeira semana de férias. Quando tio

Válter, tia Petúnia e Duda foram ao jardim admirar o novo carro da companhia a serviço do

tio Válter (em altas vozes para que toda a rua o visse), Harry desceu silenciosamente

as escadas, arrombou a fechadura do armário sob a escada, apanhou alguns livros e os

escondeu em seu quarto. Desde que não deixasse manchas de tinta nos

lençóisi

os Dursley não precisariam saber que ele estava estudando magia à noite.

Harry tomava muito cuidado para evitar problemas com seus

tios no momento, pois eles já estavam bastante mal-humorados

com o sobrinho, só porque o menino recebera um telefonema de

de um coleguinha bruxo uma semana depois de entrar em férias.

Rony Weasley, que era um dos melhores amigos de Harry em

Hogwarts, descendia de uma família em que todos eram bruxos.

#

Isto significava que ele sabia um montão de coisas que Harry desconhecia, mas Rony

jamais usara um telefone antes. E, por azar, fora o tio Válter que atendera a

ligação.

- Válter Dursley.

Harry que, por acaso, se achava na sala àquela hora, gelou ao

ouvir a voz do amigo responder.

- ALÔ! ALÔ! ESTÁ ME OUVINDO? QUERIA - FALAR COM - O - HARRY -

POTTER!

Rony gritou com tanta força que tio Válter deu um salto e afastou o fone a mais de um

palmo da orelha com uma expressão em

que se misturavam a fúria e o susto.

- QUEM é QUE ESTÁ FALANDO? - berrou ele em direção ao bocal. - QUEM É

VOCÉ?

- RONY, WEASLEY! - berrou Rony em resposta, como se ele e tio Válter estivessem

falando de extremidades opostas de um campo de futebol. - SOU - UM AMIGO

- DE - HARRY - DA ESCOLA...

Os olhinhos de tio Válter se viraram para Harry, que estava pregado no chão.

- NÃO TEM NENHUM HARRY POTTER AQUI! - vociferou ele, agora segurando o

fone com o braço esticado, como se receasse que o aparelho pudesse explodir. - NÃO

SEI DE QUE ESCOLA VOCÊ ESTÁ FALANDO! NUNCA MAIS TORNE A LIGAR

PARA CÁ! FIQUE LONGE DA MINHA FAMÍLIA!

E atirou o fone no gancho como se estivesse se livrando de uma

aranha venenosa.

A briga que se seguiu foi uma das piores da vida de Harry.

- COMO É QUE VOGS SE ATREVE A DAR ESTE NUMERO PARA GENTE

COMO - GENTE COMO VOCÊ! - berrara

tio Válter, salpicando Harry de cuspe.

Rony obviamente percebera que metera Harry em uma encrenca, porque não telefonou

mais. A outra grande amiga de Harry em Hogwarts, Hermione Granger, tampouco

o procurara. O menino suspeitava que Rony tinha avisado à amiga para não telefonar, o que

era uma pena, porque Hermione, a bruxa mais inteligente da turma deles,

tinha pais trouxas, sabia usar o telefone perfeitamente bem e provavelmente teria o bom

senso de não dizer que

frequentava Hogwarts.

11#

Com isso, Harry não ouvira uma única palavra de nenhum dos

seus amigos de bruxaria durante cinco longas semanas, e este verão estava saindo quase tão

ruim quanto o anterior. Havia apenas uma coisinha que melhorara - depois

de jurar que não iria usar sua coruja para remeter cartas aos amigos, Harry tivera permissão

de soltar Edwiges, à noite. Tio

Válter concordara com isso diante da

barulheira que o bicho aprontava quando ficava preso na gaiola o tempo todo.

Harry terminou de escrever sobre Wendelin a Esquisita e parou mais uma vez para

escutar. O silêncio da casa às escuras só era interrompido pelos roncos

sonoros e distantes do seu enorme primo, Duda.

Deve ser muito tarde, pensou Harry. Seus olhos comichavam de

cansaço. Talvez terminasse a redação na noite seguinte...

Ele repôs a tampa do tinteiro; puxou uma fronha velha debaixo da cama; guardou

dentro a lanterna, História da magia a redação, a caneta e a tinta; Levantou-se

da cama e escondeu tudo sob uma tábua solta do soalho debaixo da cama. Então Ucssxx em

se

e verificou a hora no despertador luminoso sobre a

mesa-de-cabeceira.

Era uma hora da manhã. Harry sentiu uma contração engraçada na barriga. Fizera

treze anos de idade havia uma hora e não

tinha se dado conta disso.

Mas outra coisa fora do comum em Harry é que ele não ligava nem um pouco para os

seus aníversarios. Nunca recebera um cartão de aniversario na vida.

Os Dursley

não tinham dado a mínima atenção aos dois últimos e ele não tinha razão alguma para supor

que fossem se lembrar deste agora.

Harry atravessou o quarto escuro, passou pela espaçosa gaiola vazia de Edwiges e foi

abrir a janela. Debruçou-se no peitoril, achando gostoso o ar fresco

da noite que batia em seu rosto depois de ter passado tanto tempo debaixo das cobertas.

Fazia duas noites que Edwiges andava fora. Mas Harry não estava preocupado

- a coruja já ficara fora tanto tempo assim antes. Mas o garoto desejou que ela voltasse logo

-, era a única criatura na casa que não se esquivava quando o via.

Harry, embora continuasse pequeno e magricela para sua

idade, crescera alguns centímetros desde o ano anterior. Seus cabelos muito pretos, porém,

continuavam como sempre tinham sido

- teimosamente despenteados, por mais que ele fizesse. Os olhos

por trás das lentes eram verde vivo, e na testa havia, claramente visível através dos cabelos,

uma cicatriz fina, em forma de raio.

De todas as coisas fora do comum em Harry, essa cicatriz era a mais extraordinária de

todas. Não era, como tinham fingido os Dursie" durante dez anos, uma

lembrança do acidente de carro que matara seus pais, porque Lilian e Tiago Potter não

tinham morrido em um acidente de carro. Tinham sido assassinados, assassinados

pelo bruxo das trevas mais temido do mundo nos últimos cem anos, Lord Voldemort. Harry

escapara desse mesmo atentado com uma simples cicatriz na testa, no lugar

em que o feitiço do bruxo, em vez de matá-lo, tinha se voltado contra o próprio feiticeiro.

Quase morto, Voldemorr fugira...

Mas Harry voltara a defrontar com ele outra vez em Hogwarts. Ao se recordar do

último encontro, ali parado à janela escura, Harry teve de admitir que era

uma sorte ter chegado ao seu décimo terceiro aniversário vivo.

Examinou o céu estrelado à procura de um sinal de Edwiges, voando ao seu encontro

talvez com um rato morto pendurado no bico, contando receber elogios. Mas

ao olhar distraidamente por cima dos telhados, Harry demorou alguns segundos para

perceber o que estava vendo.

Recortado contra a lua dourada, e sempre crescendo, vinha um bicho estranhamente

torto voando em sua direção. Harry ficou muito quieto esperando o bicho

descer. Por uma fração de segundo ele hesitou, a mão no trinco da janela, pensando se

devia fechála. Mas, nessa hora o bicho esquisito sobrevoou um lampião da rua

dos Alfeneiros e Harry identificando o que era, saltou para o lado.

Pela janela entraram três corujas, duas delas segurando uma terceira que parecia

desmaiada. Pousaram com um ruido fofo na cama do menino e a coruja do meio,

que era grande e cinzenta, tombou para o lado, imóvel. Trazia um grande pacote amarrado

às pernas.

Harry reconheceu a coruja desmaiada na mesma hora - seu nome era Errol e pertencia

à família Weasley. O menino correu para a cama, desamarrou os barbantes

que envolviam as pernas de Errol, soltou o pacote e, em seguida, levou a coruja para a

gaiola de Edwiges. Errol abriu um olho lacrimejante, deu um pio fraquinho

de agradecimento e desatou a beber água em grandes sorvos.

13#

Harry se virou para as corujas restantes. Uma delas, a fêmea

grande, branca como a neve, era a sua Edwiges. Ela também trazia

um pacote e parecia muito satisfeita consigo mesma. Deu uma bicadinha

carinhosa em Harry quando ele soltou sua carga, depois

saiu voando pelo quarto para se juntar a Errol.

Harry não reconheceu a terceira coruja, um belo espécime pardo,

mas soube imediatamente de onde viera, porque além de

trazer o terceiro pacote, ela trazia uma carta com o escudo de Hogwarts. Quando

Harry acabou de aliviá-la de sua carga, ela sacudiu as

penas, cheia de si, abriu as asas e saiu voando pelo céu noturno.

O menino sentou-se na cama e apanhou o pacote de Errol, rasgou o papel pardo e

encontrou um presente embrulhado em

ouro,

primeiro cartão de aniversário de sua vida. Com os dedos trêmulos, ele abriu

o envelope. Caíram dois papéis - uma carta e um

recorte de jornal.

O recorte fora visivelmente tirado do jornal dos bruxos, o

Profeta Diário, porque as pessoas nas fotos em preto e branco estavam

se mexendo. Harry apanhou o recorte, alisou-o e leu.

FUNCIONÁRIO DO MINISTÉRIO DA MAGIA

GANHA GRANDE PRÉMIO

Arthur VZ"asley chefe da Seção de Controle do Mau Uso dos

Artefatos dos Trouxas no Ministério da Magia, ganhou o Grande

Prêmio Anual da Loteria do Profeta Diário.

A Sra. Weasley, encantada, declarou ao Profeta Diário:

"Vamos gastar o ouro em uma viagem de férias ao Egito, onde nosso filho mais velho, Gui,

trabalha para o Banco Gringotes como desfazedor de

feitiços."

A família Weasley vai passar um mês no Egito, de onde voltará no início

do ano letivo em Hogwarts, escola que cinco dos seus

filhos ainda frequentam.

Harry examinou a foto em movimento, e um sorriso espalhou-se em

seu rosto ao ver os nove Weasley acenando freneticamente para

ele, diante de uma enorme pirâmide. A Sra. Weasley, pequena e

gorducha, o Sr. Weasley, alto e um pouco careca, os seis filhos e

filha, todos (embora a foto em preto e branco não mostrasse

com flamejantes cabelos vermelhos. Bem no meio da foto se

achava Rony, alto e desengonçado com o seu rato de estimação,

berebas, no ombro e o braço passado pelas costas da irmã, Gina. Harry

não conseguia pensar em ninguém que merecesse mais

ganhar um monte de ouro do que os Weasley, que eram gente

muito fina e extremamente pobre. Ele apanhou a carta de Rony e a desdobrou.

Caro Harry

Feliz aniversário!

Olhe, estou muito arrependido daquele telefonema. Espero

que os trouxas não tenham engrossado com você. Perguntei ao

papai e ele acha que eu não devia ter gritado.

O Egito é incrível. Gui nos levou para ver os túmulos e você não ia acreditar nos

feitiços que os velhos bruxos egípcios lançavam neles. Mamãe não quis deixar

a Gina ver o último. Só continha esqueletos mutantes de trouxas que violaram o túmulo e

acabaram com duas cabeças e outras esquisitices.

Nem consegui acreditar quando o papai ganhou a Loteria do Profeta Diário.

Setecentos galeões! A maior parte foi gasta nesta viagem, mas eles vão me comprar

uma varinha nova para o próximo ano letivo.

Harry lembrava-se bem demais do dia em que a velha varinha de Rony se partira.

Acontecera quando o carro em que os dois voaram para Hogwarrs batera de encontro a

uma árvore nos jardins da escola.

Estaremos de volta uma semana antes do ano letivo começar e

vamos a Londres comprar minha varinha e os livros da escola.

Alguma chance de nos encontrarmos la? Não deixe os trouxas arrasarem você!

Faça uma força para ir a Londres,

Rony

PS.: Percy agora é monitor-chefe. Recebeu a carta de nomeação na semana

passada.

Harry tornou a admirar a foto. Percy, que estava no sétimo e último ano em Hogwarts,

parecia muito cheio de si. Prendera o distintivo de monitor-chefe no fez que

usava num ângulo elegante sobre os cabelos bem penteados, seús óculos de aros de

tartaruga faiscavam ao sol do Egito.

Harry voltou então sua atenção para o presente e o desembrulhou. Dentro havia um

objeto que parecia um pequenino pião de

vidro. Debaixo, mais um bilhete de Rony.

15#

Harry - isto é um "bisbilhoscópio "de bolso. Dizem que quando tem

alguma coisa suspeita

por perto, ele acende e gira.

Gui falou que é porcaria que vendem a bruxos

turistas e que não é confiável porque ontem, durante o jantar, ficou acendendo o tempo

todo. Mas

ele não percebeu que Fred ejorge tinham posto besouros na sopa dele.

Tchau - Rony

Harry pôs o bisbilhoscópio em cima da mesa-de-cabeceira, onde o pião ficou parado,

equilibrado sobre a ponta, refletindo os ponteiros luminosos do

despertador. O

menino admirou-o feliz por alguns segundos, então apanhou o pacote que Edwiges lhe

trouxera.

Dentro deste também havia um presente embrulhado, um cartao e uma carta, desta vez

de Hermione.

Caro Harry

Rony me escreveu contando o telefonema que deu para o seu

tio Válter. Espero que você esteja bem.

Estou de férias na França neste momento e não sabia como ia mandar o meu presente

para voce - e se eles abrissem o pacote na alfândega?-, mas então a Edwiges

apareceu!Acho que ela queria garantir que você recebesse alguma coisa no seu aniversário,

para variar Comprei o seu presente pelo reembolso-coruja; vi um anúncio

no Profeta Diário (mandei entregar o jornal no meu endereço de férias; é tão bom continuar

em dia com o que está acontecendo no mundo dos bruxos). Você viu a foto

de Rony com afamilia que saiu no jornal na semana passada? Aposto que ele está

aprendendo um monte de coisas. Estou com inveja - os bruxos do Egito antigo são

fascinantes.

Aqui também tem histórias de bruxaria locais interessantes. Reescrevi todo o meu

trabalho de História da Magia para incluir algumas coisas que descobri.

Espero que não fique grande demais

- sao dois rolos de pergaminho a mais do que o Prof Binns pediu. Rony diz que vai a

Londres na última semana de férias. Você

também vai poder ir? Será que sua tia e seu tio vão deixar? Espero realmente que possa. Se

não, a gente se vê no Expresso de Hogwarts no dia

1º de setembro!

Afetuosamente,

Hermione

16#

PS.: Rony contou que Percy virou monitor-chefe. Aposto como ele está realmente

satisfeito. Quem não parece ter gostado é o Rony.

Harry deu risadas enquanto punha a carta de Hermione de lado e apanhava o presente.

Era muito pesado. Conhecendo a amiga, ele teve certeza de que seria um livrão

cheio de feitiços complicados - mas não era. Seu coração deu um enorme salto quando ele

rasgou

opapel de embrulho e viu um belo estojo de couro preto, com dizeres

em letras prateadas: Estojo para manutenção de vassouras.

- Uau, Hermione! - exclamou Harry baixinho, abrindo o estojo

para ver dentro.

Havia um frasco grande de líquido para polir cabos, uma tesoua prateada e reluzente

para aparar cerdas, uma pequena

bússoua para prender na vassoura em

viagens longas e um manual Faça a manutençao da sua vassoura.

À exceção dos amigos, o que Harry mais sentia falta de Hogwarts

era o quadribol, o esporte mais popular do mundo mágico - extremamente arriscado, muito

excitante,

que se jogava montado em uma vassoura. Harry, por acaso, era um ótimo jogador de

quadribol: fora o menino mais novo do século a ser escolhido para um time

da casa em Hogwarrs. Uma das coisas que Harry mais prezava na

vida era sua vassoura de corrida, uma Nimbus 2000.

Harry pôs o estojo de couro de lado e apanhou o último embrulho. Reconheceu os

garranchos no papel pardo do embrulho na mesma hora: eram de Hagrid, o guarda-caça

de Hogwarrs. Ele rasgou o papel de embrulho externo e viu um pedacinho de alguma coisa

em couro verde, mas antes que conseguisse desfazê-Lo

direito, o embrulho estremeceu

de um modo estranho e o que havia dentro se fechou com um estalo - como se a coisa

tivesse mandíbulas.

Harry congelou. Sabia que Hagrid jamais lhe mandaria uma coisa perigosa de

propósito, mas, por outro lado, seu amigo não tinha a visão de uma pessoa normal

sobre o que era perigoso. Todos sabiam que Hagrid já fizera amizade com aranhas

gigantescas, mas nocivas, com cães de três cabeças dados por gente que ele

encontrara em bares, e contrabandeara ovos de dragão, um bicho ilegal, para dentro da

cabana em que morava.

Harry cutucou o embrulho, nervoso. A coisa tornou a se fechar com ruído, O garoto

apanhou o abajur na mesa-de-cabeceira, agarrou-o com firmeza com uma das

mãos e ergueu-o acima da própria cabeça, pronto para desferir uma pancada. Então agarrou

o resto do papel de embrulho com a outra mão e puxou.

E a coisa caiu - um livro. Harry só teve tempo de reparar na bela capa, adornada com

um título dourado, O livro monstruoso dos monstros, antes do livro virar

de lombada e começar a correr pela cama como um caranguejo esquisito.

- Ah-ah - gemeu Harry.

O livro caiu da cama com um barulho metálico e arrastou-se rápido pelo quarto. O

menino o seguiu furtivamente. O livro foi se esconder no espaço escuro

embaixo da escrivaninha. Rezando para os Dursley não terem acordado, Harry ficou de

quatro e tentou apanhá-Lo.

-Ai!

O livro se fechou sobre sua mão e se afastou do menino se sacudindo e andando

adernado sobre as capas.

Harry saiu correndo, ainda agachado, e se atirou para a frente

conseguindo achatar o livro. Tio Válter soltou um grunhido sonolento e alto no quarto ao

lado.

Edwigcs e Errol observaram com interesse quando Harry abraçou com força o livro

que se debatia, correu até a cômoda e pegou um cinto, com que o amarrou firmemente.

O livro monstruoso estremeceu de raiva, mas não conseguiu mais se agitar e morder, então

Harry atirou-o na cama e apanhou

o cartão de Hagrid.

Caro Harry,

Feliz aniversário

Achei que isto pudesse lhe ser útil no ano que vem.

Não vou dizer mais nada aqui. Conto quando a gente se encontrar

Espero que os trouxas estejam tratando você bem.

Tudo de bom, Hagrid

Pareceu a Harry um mau agouro que Hagrid pudesse achar que um livro que morde tivesse

utilidade

futura, mas pôs o cartão do amigo ao lado do de Rony e Hermione,

sorrindo mais satisfeito do que nunca. Agora só sobrava a carta de Hogwarts.

Reparando que era bem mais grossa do que de costume, Harry

abriu o envelope, puxou a primeira página do pergaminho de dentro e leu:

#18#

Prezado Sr. Potter,

Queira registrar que o novo ano letivo começard em 1? de

setembro. O Expresso de Hogwarts partirà da esta ção de King's

Cross, plataforma nove e meia, às onze horas.

Os alunos de terceiro ano têm permissão para visitar a aldeia de Hogsmeade em

determinados fins de semana. Assim, queira entregar a autorização anexa ao

seu pai ou guardião para que a a assine.

Estamos anexando, nesta oportunidade, a lista de livros para

o próximo ano.

Atenciosamente, Profa. McGonagall Vice-Diretora

Harry tirou do envelope o formulário de autorização para ir a

Hogsmeade e leu-o, mas já não sorria. Seria maravilhoso visitar

Hogsmeade nos fins de semana; ele sabia que era um povoado só

de bruxos, em que nunca estivera. Mas como é que ia convencer o

tio Válter ou a tia Petúnia a assinar o formulário?

Ele olhou para o despertador. Eram agora duas horas da manhã.

Decidindo que se preocuparia com o formulário de Hogsmeade quando acordasse,

Harry voltou para a cama e se esticou para riscar mais um dia no calendário

que fizera para contar o tempo que faltava para regressar a Hogwarts. Tirou então os óculos

e se deitou, de olhos abertos, de frente para os três cartões de aniversario.

Mesmo sendo muito fora do comum, naquele momento Harry Potter se sentiu como

todo mundo: feliz, pela primeira vez na vida, porque era o dia do seu aniversario.

#19#

CAPITULO DOIS -

O grande erro de tia Guida

Harry desceu para o café na manhã seguinte e já encontrou os três Dursley sentados à mesa.

Estavam assistindo a uma televisão novinha em folha, um presente de boas-vindas

para as férias-de-verão-em-casa de Duda, que andara se queixando, em

várias vozes, sobre a grande distância entre a geladeira e a televisão da sala. Duda passara a

maior parte do verão na cozinha, seus miúdos olhinhos de porco fixos na telinha e sua

papada em cinco camadas balançando enquanto ele comia sem

parar.

Harry sentou-se entre Duda e tio Válter, um homem grande e socado, com pescoço de

menos e bigodes de mais. Longe de desejarem a Harry um feliz aniversário,

os Dursley não deram qualquer sinal de que tinham reparado em sua entrada na cozinha,

mas o menino estava mais do que acostumado com isso para se importar. Serviu-se

de uma fatia de torrada e em seguida olhou para o repórter na televisão, que já ia adiantado

na transmissão de uma notícia sobre um fugitivo da prisão.

alertamos os nossos telespectadores de que Black está armado e é extremamente

perigoso. Se alguém o avistar deverá ligar para

o número do plantão de emergência imediatamente."

- Nem precisa dizer quem ele é - riu-se tio Válter, espiando o prisioneiro por cima do

jornal. - Olhem

só o estado dele, a imundice do desleixado! Olhem

o cabelo dele!

E lançou um olhar de esguelha, maldoso, para Harry, cujos cabelos despenteados

sempre tinham sido uma fonte de grande aborrecimento para o tio. Comparado

ao homem da televisão, porém, cujo rosto ossudo era emoldurado por um emaranhado que

lhe chegava aos cotovelos, Harry se sentiu, na verdade, muito bem

penteado.

O repórter reaparecera.

"O Ministério da Agricultura e da Pesca irá anunciar hoje..."

- Espere aí! - berrou tio Válter, olhando furioso para o repórter, - Você não disse

de onde esse maníaco fugiu! De que adiantou o alerta? O louco

pode estar passando na minha rua neste exato momento!

Tia Petúnia, que era ossuda e tinha cara de cavalo, virou-se depressa e espiou com

atenção pela janela da cozinha. Harry sabia que a tia simplesmente adoraria

poder ligar para o telefone do plantão de emergência. Era a mulher mais bisbilhoteira do

mundo e passava a maior parte da vida espionando os vizinhos sem graça,

que nunca faziam nada errado.

- Quando é que eles vão aprender - exclamou tio Válter, batendo na mesa com o

punho grande e arroxeado - que a forca é

a única solução para gente assim?

- É verdade - concordou tia Petúnia, que ainda procurava ver alguma coisa por

entre a trepadeira do vizinho.

Tio Válter terminou de beber a xícara de chá, deu uma olhada

no relógio de pulso e acrescentou:

- É melhor eu ir andando, Petúnia. O trem de Guida chega às dez.

Harry, cujos pensamentos andavam no andar de cima com o

Estojo para manutenção de vassouras, foi trazido de volta à terra com

um tranco desagradável.

- Tia Guida? - o garoto deixou escapar. - É... ela não está vindo para cá, está?

Tia Guida era irmã de tio Válter. Embora não fosse um parente consangUíneo de

Harry (cuja mãe fora irmã de tia Petúnia), a vida inteira ele tinha sido obrigado

a chamá-la de "tia". Tia Guida morava no campo, em uma casa com um grande jardim,

onde ela criava buldogues. Raramente se hospedava na rua dos Alfeneiros, porque

não conseguia suportar a idéia de se separar dos seus preciosos cachorros, mas cada uma de

suas visitas permanecia horrivelmente nítida na cabeça de Harry.

Na festa do quinto aniversário de Duda, tia Guida tinha dado umas bengaladas nas

canelas de Harry para impedi-lo de vencer o primo em uma brincadeira. Alguns

anos mais tarde, ela aparecera no Natal trazendo um robô compucadorizado para Duda e

uma caixa de biscoitos de cachorro para Harry. Na última visita, um ano antes

do garoto entrar para Hogwarts, ele pisara sem querer o rabo do cachorro favorito da tia.

Estripador perseguira Harry até o

jardim

e o acuara em cima de uma árvore, mas tia Guida se recusara a recolher o cachorro até

depois da meia-noite. A lembrança desse incidente ainda produzia lágrimas

de riso nos olhos de Duda.

- Guida vai passar uma semana aqui - rosnou tio Válter - e enquanto estamos

nesse assunto - ele apontou um dedo gordo e ameaçador para Harry - precisamos

acertar algumas coisas antes de eu sair para apanhá-la.

Duda fez ar de riso e desviou o olhar da televisão. Assistir a

Harry ser maltratado pelo pai era sua diversão favorita.

- Em primeiro lugar - rosnou tio Válter -, você vai falar com bons modos quando

se dirigir a

Guida.

- Tudo bem - disse Harry com amargura -, se ela fizer o mesmo quando se dirigir

a mim.

- Em segundo lugar - continuou o tio, fingindo não ter ouvido a resposta de Harry

-, como

Guida não sabe nada da sua anormalidade, não quero nenhuma..,

nenhuma gracinha enquanto ela estiver aqui. Você vai se comportar, está me entendendo?

- Eu me comporto se ela se comportar - retrucou Harry entre dentes.

- E em terceiro lugar - disse tio Válter, seus olhinhos maldosos agora simples

fendas na enorme cara púrpura

- dissemos a Guida

que você freqUenta o Centro St. Brutus para Meninos Irrecuperáveis.

- Quê?-berrou Harry.

- E você vai sustentar essa história, moleque, ou vai se dar mal

- cuspiu tio Válter.

Harry ficou sentado ali, o rosto branco e furioso, encarando o tio Válter, sem

conseguir acreditar no que ouvia. Tia

Guida vinha fazer uma visita de uma

semana - era o pior presente de aniversário que os Dursley já tinham lhe dado, incluindo

nessa conta o par de meias velhas do tio.

- Bom, Petúnia - disse tio Válter, levantando-se com esforço -, vou indo para a

estação, então. Quer me acompanhar para dar um

passeio, Dudoca?

- Não - respondeu o menino, cuja atenção se voltara para a televisão agora que o

pai acabara de ameaçar Harry.

- O Dudinha tem que ficar elegante para receber a titia - disse tia Petúnia, alisando os

cabelos louros e espessos do filho. - Mamãe

comprou para ele uma linda gravata-borboleta.

Tio Válter deu uma palmadinha no ombrão de porco de Duda.

- Vejo vocês daqui a pouco, então - disse ele, e saiu da cozinha.

Harry que estivera sentado numa espécie de transe

de horror, teve uma idéia repentina. Abandonando a torrada, ele se levantou depressa e

acompanhou o tio até a saída.

Tio Válter estava vestindo o paletó que usava no carro.

- Eu não vou levar você - rosnou ele ao se virar e ver Harry observando-o.

- Como se eu quisesse ir - disse Harry friamente. - Quero lhe perguntar uma coisa.

O tio mirou-o desconfiado.

- Os alunos do terceiro ano em Hog... na minha escola às vezes têm permissão para

visitar o povoado próximo - disse Harry.

- E daí? - retrucou o tio, tirando as chaves do carro de um gancho próximo à porta.

- Preciso que o senhor assine o formulário de autorização - disse Harry depressa.

- E por que eu iria fazer isso? - falou o tio com desdém.

- Bom - respondeu Harry, escolhendo cuidadosamente as palavras - vai ser duro fingir

para tia Cuida que eu frequento o

Saint não sei das quantas...

e Harry ficou satisfeito de ouvir uma inconfundível nota de

ânico em sua voz.

- Centro St. Brutus para Meninos Irrecuperáveis! -

berrou.

- Exatamente - disse Harry, encarando com toda a calma o rosto púrpura do tio. -

É muita coisa para eu me lembrar. Tenho que parecer convincente,

não é mesmo? E se eu, sem querer, deixar escapar alguma coisa?

- Vou fazer picadinho de você, não é mesmo?-rugiu o tio, avançando para o

para você!

sobrinho com o punho levantado. Mas Harry

agúentou firme.

- Fazer picadinho de mim não vai ajudar tia Guida a esquecer

o que eu poderia contar a ela - disse em tom de ameaça.

Tio Válter parou, o punho ainda levantado, a cara de uma feia

cor marrom-arroxeada.

-Mas se o senhor assinar o meu formulário de autorização-apressou-se Harry a acrescentar -,juro que vou me lembrar da

escola que o senhor diz que frequento, e vou me comportar como

#23#

um trou... como se fosse normal e todo o resto.

Harry percebeu que o tio estava considerando a proposta,

mesmo que seus dentes estivessem arreganhados e uma veia latejasse em sua têmpora.

- Certo - disse por fim, bruscamente. - Vou vigiar o seu comportamento muito de perto

durante a visita de

Guida. Se, quando terminar, você tiver andado na

linha e sustentado a história, eu assino a droga do formulário.

E, dando meia-volta, abriu a porta e bateu-a com tanta força

que uma das vidraças no alto se soltou.

Harry não voltou à cozinha. Subiu as escadas e foi para o quarto. Se ia se comportar

como um trouxa de verdade, era melhor começar já. Devagar e com tristeza,

reuniu seus presentes e cartoes de aniversário e escondeu-os debaixo da tábua solta do

soalho com

os deveres de casa. Depois, foi até a gaiola de Edwiges. Errol

parecia ter-se recuperado; ele e Edwiges estavam dormindo, com a cabeça enfiada embaixo

da asa. Harry suspirou e cutucou as

corujas; para acordá-las.

- Edwiges - disse deprimido -, você vai ter que dar o fora por

uma semana. Vá com Errol. Rony cuidará de você. Vou escrever un bilhete para ele

explicando.

E não me olhe assim-os grandes olhos âmbar de Edwiges se encheram de censura -, nao é

minha culpa. É o único jeito que tenho de conseguir uma autorização

para visitar Hogsmeade com Rony e Hermione.

Dez minutos depois, Errol e Edwiges (que levava um bilhete para Rony amarrado na

perna) saíram voando pela janela e

desaparececeram de vista. Harry, agora se sentindo completamente infeliz,

guardou a gaiola vazia dentro do armário.

Mas não teve muito tempo para se entristecer. Não demorou

quase nada e tia Petúnia já estava gritando lá embaixo para Harry

descer e se preparar para dar as boas-vindas à hóspede.

- Faça alguma coisa com o seu cabelo! - disse tia Petúnia

bruscamente quando o sobrinho chegou embaixo.

Harry não via sentido em tentar fazer seu cabelo ficar penteaco. Tia

Guida adorava criticá-lo, por isso, quanto mais desarrumado, mais satisfeita ela iria

ficar.

Demasiado cedo, ouviu-se um ruido de pneu triturando areia

cuando o carro de tio Válter entrou de marcha a ré pelo caminho

da garagem, depois, batidas de portas e passos no jardim.

- Atenda a porta! - sibilou tia Petúnia para Harry.

Com uma sensação de grande tristeza e depressão na boca do estômago, Harry abriu a

porta.

Na soleira encontrava-se tia Guida. Era muito parecida com o tio Válter; corpulenta,

alta, socada, a cara púrpura, tinha até bigode, embora não tão peludo

quanto o do irmão. Em uma das mãos ela trazia uma enorme mala, e, aninhado sob a outra,

um buldogue velho e mal-humorado.

- Onde está o meu Dudoca? - bradou tia Guida. - Onde está o meu sobrinho fofo?

Duda veio gingando em direção ao hall, os cabelos louros emplastrados na cabeça

gorda, uma gravata-borboleta quase invisível sob a papada quíntupla. Tia

Guida largou a mala na barriga de Harry, deixando-o sem ar, agarrou

Duda num abraço apertado com o braço livre e plantou-lhe uma beijoca na bochecha.

Harry sabia perfeitamente bem que Duda só aguentava os abraços da tia porque era

bem pago para isso, e não deu outra, quando os dois se separaram, Duda levava

uma nota novinha de vinte libras apertada na mão gorda.

- Pettúnia! - exclamou tia Guida, passando por Harry como se ele fosse um cabide de

chapéus. As duas se beijaram, ou melhor, tia

Guida deu uma queixada na

bochecha ossuda de tia Petúnia.

Tio Válter entrou nesse momento, sorrindo jovialmente e fechou a porta.

- Chá, Guida? - ofereceu. - E o que é que o Estripador vai tomar?

- Estripador pode beber um pouco de chá no meu pires - respondeu tia

Guida enquanto seguiam todos para a cozinha, deixando Harry sozinho no

hall com a mala.

Mas o menino não ia se queixar; qualquer desculpa para ficar longe da

tia era bem-vinda,

por isso começou a carregar a pesada mala para o quarto de hóspedes, demorando

o máximo que pôde.

No momento em que voltou à cozinha, tia Guida já fora servida de chá e bolo de frutas

e Estripador lambia alguma coisa, fazendo muito barulho, a um canto.

Harry viu tia Petúnia fazer uma ligeira careta ao ver gotas de chá e baba pontilharem o seu

chão limpo. Ela detestava animais.

- Quem ficou cuidando dos outros cachorros, Cuida? -

pertou

tio Válter.

- Ah, deixei o coronel Fubster tratando deles - ribombou em

resposta Guida. - Ele entrou para a reforma agora e é bom ter alguma coisa para fazer. Mas

não pude deixar o coitado do Estripador, tão velho. Ele fica doente de

tristeza quando viajo.

Estripador recomeçou a rosnar quando Harry se sentou. Isto

atraiu a atenção de tia Guida para Harry, pela primeira vez.

- Então! - vociferou ela. - Ainda está por aqui?

- Estou - respondeu o menino.

- Não diga "estou" nesse tom ingrato - rosnou tia Guida. -

É uma grande bondade Válter e Petúnia acolherem você. Eu não teria feito o mesmo. Eu o

teria mandado direto para um orfanato se alguém largasse você na minha porta.

Harry estava doido para responder que preferia viver em um orfanato do que com os

Dursley, mas a lembrança do formulário de Hogsmeade fez com que se calasse.

Ele se esforçou para dar um sorriso constrangido.

- Não me venha com sorrisinhos! - trovejou tia Guida. - Estou vendo que não

melhorou nada desde a última vez que o vi. Tive esperanças que a escola

lhe desse educação à força, se fosse preciso. - Ela tomou um grande gole de chá, limpou o

bigode e continuou:

- Aonde mesmo que você o está mandando Válter?

- St. Brutus - respondeu o tio prontamente. -. É uma instituição de primeira classe

para casos irrecuperáveis.

- Entendo. Eles usam a vara em St. Brutus? - vociferou ela do lado oposto da

mesa.

Tio Válter fez um breve aceno de cabeça por trás de tia Guida.

- Usam - respondeu Harry. Depois, sentindo que devia fazer a coisa bem-feita,

acrescentou: - o tempo todo.

- Ótimo - aprovou tia Guida. - Eu não aceito essa conversa fiada de não bater em

gente que merece. Uma boa surra de vara resolve noventa e nove casos

em cem. Você já apanhou muitas vezes?

Ah, já - respondeu Harry -, um monte de vezes.

Tia Guida apertou os olhos.

- Não gosto do seu tom, moleque. Se você consegue falar das surras que leva com

esse tom displicente, obviamente não estão lhe

batendo com a força que deviam. Petúnia, se eu fosse você escreveria à escola. Deixaria

claro que os tios aprovavam o uso de força

extrema no caso desse moleque.

Talvez tio Válter estivesse preocupado que Harry pudesse

esquecer o acordo que tinham feito; o caso é que ele mudou o

assunto bruscamente.

- Ouviu o noticiário hoje de manhã, Guida? E aquele prisioneiro que fugiu, hein?

Enquanto tia Guida começava a se fazer em casa, Harry se surpreendeu pensando quase

com saudade na vida na rua dos Alfeneiros,

nº 4 sem ela.

Tio Válter e tia Petúnia em geral encorajavam Harry a ficar fora do caminho deles, o

que o menino fazia com a maior satisfação. Tia

Guida, por outro lado,

queria Harry debaixo dos seus olhos o tempo todo, para poder fazer, com aquele vozeirão,

sugestões para melhorá-lo. Adorava comparar Harry a Duda, e tinha o maior

prazer de comprar presentes caros para Duda enquanto olhava feio para Harry, como se o

desafiasse a perguntar por que não recebera um presente também. Além disso,

ela não parava de soltar piadas de mau gosto sobre as razões de Harry ser uma pessoa tão

deficiente.

- Você não deve se culpar pelo que os meninos são hoje, Válter

- comentou ela durante o almoço do terceiro dia. - Se existe alguma coisa podre por dentro,

não há nada que ninguém possa

fazer.

Harry tentou se concentrar na comida, mas suas mãos tremiam e seu rosto começou a

arder de raiva. Lembre-se

do formulário, disse a si mesmo. Pense em

Hogsmeade. Não diga nada. Não se levante...

Tia Guida esticou a mão para a taça de vinho.

- Isso é uma das regras básicas da criação, disse ela. - A gente vê isso o tempo

todo com os cachorros. Se tem alguma coisa errada com uma cadela,

vai ter alguma coisa errada com o filhote...

Naquele momento, a taça de vinho que tia Guida segurava

explodiu em sua mão. Cacos de vidro voaram para todo lado e ela

engrolou e piscou, a caraça vermelha pingando.

- Guida! - guinchou tia Petúnia. - Guida, você está bem?

- Não se preocupe - resmungou tia Guida, enxugando o rosto com o guardanapo. -

Devo ter segurado a taça com muita Força. Fiz a mesma coisa na casa

do coronel Fubster no outro dia. Não

precisa se preocupar, Petúnia, tenho a mão pesada...

Mas tia Petúnia e tio Válter olharam desconfiados para Harry.

por isso o menino resolveu que era melhor não comer a sobremesa e se retirar da mesa o

mais depressa que pudesse.

No corredor, apoiou-sena parede e respirou profundamente. Fazia muito tempo desde

a última vez que se descontrolara e fizera uma coisa explodir. Não

podia

deixar que isso acontecesse de novo, O formulário de Hogsmeade não era a única coisa em

jogo - se ele continuasse a agir assim, ia se encrencar com o Ministério

da Magia.

Harry ainda era um bruxo menor de idade, portanto, pela lei dos bruxos, era proibido

de fazer mágica fora da escola. A ficha dele não era muito limpa. Ainda

no verão anterior recebera uma carta oficial em que o avisavam muito claramente que se o

Ministério tomasse conhecimento de qualquer magia ocorrida na rua dos Alfeneiros,

ele seria expulso de Hogwarts.

Harry ouviu os Dursley se levantarem da mesa e correu escada

acima para sair do caminho.

Harry conseguiu sobreviver os três dias seguintes forçando-se a pensar no manual de Faça a

manutenção dÁ sua vassoura sempre que tia

Guida implicava com ele. A coisa funcionou muito bem, embora seu olhar

parecesse vidrado, porque tia Guida começou a ventilar a opinião de que ele era

mentalmente deficiente.

Finalmente, um finalmente muito demorado, chegou a última noite da estada de tia

Guida. Tia Petúnia preparou um jantar caprichado e tio Válter abriu

várias

garrafas de vinho. Eles conseguiram terminar a sopa e o salmão sem mencionar nem uma

vez os defeitos de Harry; quando comiam a torta-merengue de limão, tio

Válter

deu um cansaço em todo mundo com uma longa conversa sobre Crunnings, sua empresa de

brocas; depois tia Petúnia preparou o café e o marido apanhou uma garrafa de

conhaque.

- Posso lhe oferecer essa tentação, Guida?

Tia Guida já bebera muito vinho. Sua cara enorme estava

muito vermelha.

- Só um pouquinho, então - disse ela rindo. - Um pouquinho mais... mais... aí, perfeito.

Duda estava comendo o quarto pedaço de torta. Tia Petúnia

bebericava café com o dedo mindinho esticado. Harry realmente

queria desaparecer e ir para o quarto, mas deparou com os olhinhos

zangados do tio Válter e viu que teria de aguentar até o fim.

- Aah - exclamou tia Guida, estalando os lábios e pousando o cálice

de conhaque. - Um senhor jantar, Petúnia. Normalmente só como uma coisinha rápida à

noite,

com uma dúzia de cachorros para cuidar.. - Ela soltou um gostoso arroto e deu umas

palmadinhas na grande barriga coberta de tweed. - Me desculpem. Mas gosto de ver

um menino de tamanho saudável - continuou ela, dando uma piscadela para Duda. - Você

vai ter tamanho de homem, Dudoca, como seu pai. Sim, senhor, acho que vou querer

mais um pouquinho de conhaque, Válter..

"Agora esse outro ai...

Ela virou a cabeça para indicar Harry que sentiu um aperto no

estômago. O manual pensou depressa.

- Esse aí tem um jeito ruim e mirrado. A gente vê isso nos cachorros. Pedi ao coronel

Fubster para afogar um no ano passado.

Era um ratinho. Fraco. Subnutrido.

Harry tentou se lembrar da página doze do seu livro Feitiço

para reverter feitiços persistentes.

-A coisa toda está ligada ao sangue, como eu ia dizendo ainda outro dia. O sangue

ruim acaba aflorando. Mas, não estou dizendo nada contra a sua família,

Petúnia - ela deu umas pancadinhas na mão ossuda da cunhada com sua mão que mais

parecia uma pá -, mas sua irmã não era flor que se cheirasse. Isso acontece nas

melhores famílias. Depois, fugiu com aquele imprestável e aí está o resultado bem diante

dos olhos da gente.

Harry olhava fixamente para o próprio prato, sentindo uma

zoeira engraçada nos ouvidos. Segure sua vassoura pela cauda

com firmeza, pensou. Mas não conseguiu se lembrar do que vinha depois. A voz de tia

Guida parecia

perfurá-lo como se fosse uma das brocas do tio Válter.

- Esse Potter - continuou tia Guida bem alto, agarrando a garrafa e derramando mais

conhaque no copo e na toalha da mesa -,

você nunca me contou o que ele fazia.

Tio Válter e tia Petúnia tinham uma expressão extremamente

tensa. Duda chegara a Levantar os olhos da torta para olhar os pais,

boquiaberto.

- Ele... não trabalhava - disse tio Válter, sem chegar a olhar de

todo para Harry. -Desempregado.

#29#

- Era o que eu esperava-disse tia Guida, bebendo um enorme

gole de conhaque e limpando o queixo na manga. - Um parasita preguiçoso, imprestável,

sem eira nem beira que...

- Não era, não - exclamou Harry inesperadamente. Todos à mesa ficaram muito

quietos. Harry tremia da cabeça aos pés.

Nunca sentira tanta raiva na vida.

- MAIS CONHAQUE! - bradou tio Válter, que empalidecera sensivelmente. Ele

esvaziou a garrafa no cálice de tia

Guida. - Você, moleque - rosnou para

Harry. - Vá se deitar, ande...

- Não, Válter - soluçou tia Guida, erguendo a mão, os olhinhos injetados e fixos

em Harry. - Continue, moleque, continue. Tem orgulho dos seus pais,

é? Eles saem por aí e se matam num acidente de carro (imagino que bêbados)...

- Eles não morreram num acidente de carro! - protestou Harry, que percebeu que

se levantara.

- Morreram num acidente de carro, sim, seu mentiroso infeliz, e jogaram você nos

ombros de parentes decentes e trabalhadores! - gritou tia

Guida, inchando de fúria. - Você é um ingrato, insolente e...

Mas repentinamente ela se calou. Por um instante pareceu que tinham-lhe faltado

palavras. Parecia estar inchando, engasgada de tanta raiva.., mas nao parou

de inchar. Sua cara enorme e vermelha começou a crescer, os olhos miúdos saltaram das

órbitas, e a boca se esticou tanto que a impedia de falar - no segundo seguinte

vários botões simplesmente saltaram do seu paletó de tweed e ricochetearam nas paredes -,

ela inflou como um balão monstruoso, a barriga transbordou o cós da saia,

os dedos engróssaram como salames...

- GUIDA! - berraram tio Válter e tia Petúnia juntos quando o corpo dela começou

a se erguer da cadeira em direção ao teto. Estava completamente redonda

agora, como uma enorme bóia com olhinhos porcinos, e as mãos e os pés se projetaram

estranhamente do corpo que flutuava no ar, dando estalinhos apopléticos. Estripador

entrou derrapando na sala, latindo enlouquecido.

- NAAAAAAO!

Tio Válter agarrou Guida por um pé e tentou puxá-la para

baixo, mas quase foi erguido do chão também. Um segundo

#30#

depois, Estripador avançou, e de um salto abocanhou a perna do

tio Válter.

Harry se precipitou, para fora da sala de jantar antes que

alguém pudesse impedi-lo, e correu para o armário sob a escada. A porta do armário se

abriu magicamente quando ele se aproximou. Em segundos, o garoto tinha arrastado

o seu malão para a porta da rua. Subiu aos saltos a escada e se atirou embaixo da cama,

levantando a tábua solta do soalho, agarrou a fronha cheia de livros e presentes

de aniversário. Arrastou-se para fora, passou a mão na gaiola vazia de Edwiges, correu de

volta ao lugar em que deixara o malão, na hora em que tio Válter irrompia

da sala de jantar, com a perna da calça em tiras ensanguentadas.

- VOLTE AQUI! - urrou. - VOLTE AQUI E FAÇA-A VOLTAR AO NORMAL!

Mas uma raiva que não media conseqUências se apoderara de

Harry. Ele deu um chute no malão para abri-lo, puxou a varinha e

apontou-a para o tio Válter.

- Ela mereceu - disse, ofegante. - Ela mereceu o que aconteceu. E o senhor fique

longe de mim.

Depois, tateou às costas à procura do trinco da porta.

- Vou-me embora. Para mim já chega.

E no momento seguinte Harry estava na rua escura e silenciosa, puxando o malão

pesado, a gaiola de Edwiges debaixo do braço.

#32#

*

- CAPITULO TRÊS

O Nôitibus Andante

Harry já estava bem distante quando se largou em cima de um muro baixo na rua Magnólia,

uma rua curva de prédios geminados, ofegante com o esforço de arrastar o

malão. Sentou-se muito quieto, ainda espumando de raiva, escutando o galope desenfreado

do seu coração.

Mas depois de uns dez minutos sozinho na rua escura, uma nova emoção se apoderou

dele: o pânico. De qualquer maneira que considerasse o caso, ele nunca se

vira em situação pior. Estava perdido, sozinho, no escuro mundo dos trouxas,

absolutamente sem ter aonde ir. E o pior era que acabara de executar um feitiço sério,

o que significava que quase certamente seria expulso de Hogwarts.

Violara tão

flagrantemente o decreto que limitava o uso da magia por menores, que se surpreendeu

que os representantes do Ministério da Magia não tivessem caído em cima dele ali mesmo.

Harry estremeceu e olhou para os dois lados da rua Magnólia. O que ia lhe acontecer?

Seria preso ou simplesmente banido do mundo dos bruxos? Ele pensou em

Rony e em Hermione, e seu coração ficou ainda mais apertado. Harry tinha certeza de que,

fosse criminoso ou não, Rony e Hermione iriam querer ajudá-lo agora, mas

os dois estavam no exterior e, com Edwiges ausente, ele não tinha meios de entrar em

contato com os amigos.

E tampouco tinha dinheiro dos trouxas. Havia um ourinho na carteira que guardara no

fundo do malão, mas o resto da fortuna que seus pais tinham lhe deixado

estava depositado em um cofre do banco dos bruxos em Londres, o Gringotes. Ele jamais

conseguiria arrastar o malão até Londres. A não ser que...

Ele olhou para a varinha que ainda mantinha segura na mao.

#32#

Se já fora expulso (seu coração agora batia dolorosamente depressa), um pouco mais

de magia não iria fazer mal algum. Tinha a

Capa da Invisibilidade que herdara do pai - e se encantasse o

malão para torná-lo leve como uma pena, o amarrasse à vassoura e voasse até Londres?

Então poderia retirar o resto do seu dinheiro do cofre e... começar uma vida

de proscrito. Era uma perspectiva terrível, mas não podia ficar sentado naquele muro para

sempre, ou ia acabar tendo que explicar à polícia dos trouxas o que estava

fazendo ali, na calada da noite, com um malão cheio de livros de bruxaria e uma vassoura.

Harry tornou a abrir o malão e empurrou as coisas para um

lado à procura da Capa da Invisibilidade - mas antes de apanhá-la,

endireitou o corpo de repente e olhou mais uma vez a toda a volta.

Um formigamento estranho na nuca o fizera sentir que estava

sendo observado, mas a rua parecia deserta e não havia luz nos

grandes prédios quadrados.

Ele tornou a se curvar para o malão, mas quase imediatamente se endireitou, a mão

apertando a varinha. Não ouvira, sentira uma coisa: alguém ou alguma coisa

estava parado no estreito vão entre a garagem e a grade atrás dele. Harry apertou os olhos

para enxergar melhor a passagem escura. Se ao menos aquilo se mexesse,

então ele saberia se era apenas um gato sem dono ou... outra coisa qualquer.

- Lumus - murmurou Harry, e apareceu uma luz na ponta de sua varinha, que quase o

cegou. Ele levantou a varinha acima da cabeça e as paredes incrustadas

de seixos do nº2, de repente, faiscaram; a porta da garagem reluziu e entre as duas Harry

viu, com muita clareza, os contornos maciços de alguma coisa muito grande

com olhos enormes e brilhantes.

Harry recuou. Suas pernas bateram no malão e ele tropeçou. A

varinha voou de sua mão quando ele abriu os braços pata amortecer a queda, e

aterrissou com toda a força na sarjeta.

Ouviu-se um estampido ensurdecedor e Harry ergueu as mãos

para proteger os olhos da luz repentina e ofuscante...

Com um grito, ele rolou para cima da calçada bem em tempo. Um segundo depois,

dois faróis altos e dois gigantescos pneus pararam cantando exatamente no lugar

em que Harry estivera caído. As duas coisas pertenciam, Harry viu quando ergueu a cabeça,

a um ônibus de três andares, roxo berrante, que se materializara do nada.

Letras douradas no pára-brisa informavam: O Nôltibus Andante.

Por uma fração de segundo, Harry ficou imaginando se o tombo o teria deixado

abobado. Então, um condutor de uniforme roxo

saltou do ônibus para anunciar em altas vozes aos ventos da noite:

- Bem-vindo ao ônibus Nôltibus Andante, o transporte de emergência para bruxos

e bruxas perdidos. Basta esticar

a mão da varinha, subir a bordo e podemos levá-lo aonde quiser. Meu

nome é Stanislau Shunpike, Lalau, e serei seu condutor por esta noi...

Lalau parou abruptamente. Acabara de avistar Harry que continuava sentado no chão.

O menino recuperou a varinha e ficou de pé como pôde. Aproximando-se,

viu que Lalau era apenas alguns anos mais velho que ele, tinha dezoito ou dezenove anos

no máximo, grandes orelhas de abano e uma grande quantidade de espinhas.

- Que é que você estava fazendo aqui? - perguntou Lalau, pondo de lado sua pose

profissional.

- Caí - respondeu Harry

- E por que foi que você caiu? - caçoou Lalau.

- Não caí de propósito - respondeu Harry, incomodado. Uma

perna de seu jeans se rasgara e a mão que ele estendera para aliviar

a queda estava sangrando. De repente ele se lembrou por que caíra

e se virou depressa para o lado para ver a passagem entre a garagem

e a cerca. Os faróis do Nôitibus agora a inundavam de luz e ela

estava vazia.

- Que é que você está olhando? - perguntou Lalau.

- Havia uma coisa grande e escura - respondeu Harry, apontando hesitante para a

abertura. - Parecia um cachorro... mas enorme...

Harry olhou para Lalau, cuja boca estava entreaberta. Com um

certo constrangimento, Harry viu o seu olhar se deter na cicatriz de

sua testa.

- Que é que é isso na sua testa? - perguntou Lalau de repente.

- Nada - apressou-se a dizer Harry, achatando os cabelos em cima da cicatriz. Se

os funcionários do Ministério da Magia estivessem à sua procura,

ele não ia facilitar a vida deles.

- Qual é o seu nome? - insistiu Lalau.

- Neville Longbottom - respondeu Harry com o primeiro nome que lhe veio à

cabeça. - Então... este ônibus - emendou ele depressa na esperança de desviar

a atenção do rapaz -, você disse que vai a qualquer lugar?

- Isso aí - respondeu Lalau orgulhoso -, qualquer lugar que você queira desde que

seja em terra.

É imprestável debaixo da água. Aqui - disse ele outra

vez desconfiado-, vocêfez sinal para a gente parar, não fez? Esticou a mão da varinha, não

esticou?

Claro - confirmou Harry depressa. - Escuta aqui, quanto

custaria me levar até Londres?

- Onze sicles, mas por catorze você ganha chocolate quente e por quinze um saco

de água quente e uma escova de dentes da cor

que você quiser.

Harry remexeu outra vez no malão, tirou a bolsa de dinheiro,

e empurrou um ourinho na mão de Lalau. Ele e o rapaz então

ergueram o malão, com a gaiola de Edwiges equilibrada na tampa,

e subiram no ônibus.

Não havia lugares para a pessoa sentar; em vez disso havia meia dúzia de estrados de

latão ao longo das janelas protegidas por cortinas. Ao lado de cada

cama, ardiam velas em suportes, que iluminavam as paredes revestidas de painéis de

madeira. Na traseira do ônibus, uma bruxa miúda usando touca de dormir murmurou:

- Agora não, obrigada, estou fazendo uma conserva de lesmas.

- E voltou a adormecer.

- Você fica com essa aí - cochichou Lalau, empurrando o malão de Harry para

baixo da cama logo atrás do motorista, que se achava sentado em uma cadeira

de braços diante do volante. - Este é o nosso motorista, Ernesto Prang. Este aqui é o Nevilie

Longbottom, Ernesto.

Ernesto Prang, um bruxo idoso que usava óculos de grossas lentes, cumprimentou com

um aceno de cabeça o novo passageiro, que tornou a achatar nervosamente

a franja contra a testa e se sentou na cama.

- Pode mandar ver, Ernesto - disse Lalau, sentando-se na cadeira ao lado do

motorista.

Ouviu-se mais um estampido assustador e, no instante seguínte, Harry se sentiu

achatado contra a cama, atirado para trás pela velocidade do

Noitibus. Endireitando-se,

o menino espiou pela janela escura e viu que agora deslizavam suavemente por uma rua

completamente diferente. Lalau observava o rosto surpreso de Harry achando muita

graça.

- Era aqui que a gente estava antes de você fazer sinal para o ônibus parar - disse

ele. - Onde é que

nós estamos, Ernesto? Em

algum lugar do País de Gales?

- Hum-hum - respondeu o motorista

- Como é que os trouxas não ouvem o ônibus? - perguntou Harry.

-Os trouxas! - exclamou Lalau com desdém. - E eles lá escuram direito? E também

não enxergam direito. Nunca reparam em

nada, não é mesmo?

- É melhor ir acordar Madame Marsh, Lalau - disse Ernesto.

- Vamos entrar em Abergavenny dentro de um minuto.

Lalau passou pela cama de Harry e desapareceu por uma estreita escada de madeira.

Harry continuou a espiar pela janela, sentindo-se mais nervoso a cada hora.

Ernesto não parecia ter dominado o uso do volante, O Nôitibus a toda hora subia na

calçada, mas não batia em nada; os fios dos lampiôes, as caixas de correio e as

latas de lixo saltavam fora do caminho quando o ônibus se aproximava e tornavam à

posição anterior depois de ele passar

Lalau voltou do primeiro andar, seguido de uma bruxa meio

esverdeada e embrulhada em uma capa de viagem.

- Chegamos, Madame Marsh - exclamou Lalau alegremente, enquanto Ernesto metia o

pé no freio e as camas deslizavam bem uns trinta centímetros para a dianteira

do ônibus. Madame Marsh cobriu a boca com um lenço e desceu as escadas, titubeante.

Lalau atirou a mala para ela e bateu as portas do ônibus; ouviu-se novo estampido,

e o veículo saiu roncando por uma estradinha do interior, fazendo as árvores saltarem de

banda.

Harry não teria conseguido dormir mesmo se estivesse viajando em um ônibus que

não produzisse tantos estampidos e saltasse um quilômetro e meio de cada vez,

Seu estômago deu muitas voltas quando ele tornou a refletir no que iria lhe acontecer, e se

os Dursley já teriam conseguido tirar tia Cuida do teto.

Lalau abrira um exemplar do Profeta Diário e agora o lia mordendo a língua. Um

homem de rosto encovado, e cabelos longos e embaraçados piscou devagarinho

para Harry em uma grande foto na primeira página. Pareceu-lhe estranhamente familiar.

- Esse homem! - exclamou Harry, esquecendo-se por um momento dos próprios

problemas. - Ele apareceu no noticiário

dos trouxas!

Lalau virou para a primeira página e deu uma risadinha.

- Sirius Black - disse, confirmando com a cabeça. - Claro que apareceu no noticiário

dos trouxas, Nevilie, por onde vocé tem

#36

andado? E deu uma risadinha de superioridade ao ver o olhar vidrado no

rosto de Harry; rasgou a primeira página e entregou-a ao garoto.

- Você devia ler mais jornal.

Harry ergueu a página diante da luz e leu:

ELA CKAINDA FORAGIDO

Sirius Black, provavelmente o condenado de pior fama já preso na fortaleza de Azkaban,

continua a escapar da polícia, confirmou hoje o Ministério da Magia.

"Estamos fazendo todo o possível para recapturar Black" disse

o Ministro da Magia, Cornélio Fudge. ouvido esta manhã "e pedimos à comunidade mágica

que se mantenha calma."

Fudge tem sido criticado por alguns membros da Federação

Internacional de Bruxos por ter comunicado a crise ao Primeiro-Ministro dos Trouxas.

"Bem, na realidade, eu tinha que fazer isso ou vocês não sabem?": comentou Fudge.

irritado. "Black é doido. É um perigo para qualquer pessoa que o aborreça,

seja bruxo ou trouxa. O Primeiro-Ministro me garantiu que não revelará a verdadeira

identidade de Black. E vamos admitir - quem iria acreditar se ele revelasse?"

Enquanto os trouxas foram informados apenas de que Black está armado (com uma

espécie de varinha de metal que os bruxos usam para se matar uns aos outros),

a comunidade mágica vive no temor de um massacre como o que ocorreu há doze anos,

quando Black matou treze pessoas com um

único feitiço.

Harry olhou bem dentro dos olhos sombrios de Sirius Black, a única parte do rosto

encovado que parecia ter vida. O menino jamais encontrara um vampiro, mas vira

fotos nas aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas, e Black, com a pele branca como

cera, se parecia muito com um.

- Carinha sinistro, não é mesmo? - comentou Lalau, que estivera observando Harry

enquanto lia.

- Ele matou treze pessoas? - admirou-se Harry, devolvendo a

página a Lalau. - Com um feitiço?

- É isso aí, bem na frente de testemunhas e tudo. Em plena luz

do dia. Armou uma confusão do caramba não foi, Ernesto?

- Hum-hum - confirmou Ernesto sombriamente.

#37#

Lalau girou a cadeira de braços, cruzou as mãos às costas, a fim

de olhar melhor para Harry.

todos aqueles trouxas. Que foi mesmo que falaram que tinha acontecido, Ernesto?

- Explosão de gás - resmungou Ernesto.

E agora ele anda solto por aí - continuou Lalau, examinando

mais uma vez a cara encovada de Black na foto do jornal. - Ninguém nunca fugiu de

Azkaban antes,

não é mesmo, Ernesto? Não sei como foi que ele fez isso. É de apavorar,

hein? E olha só, não acho que ele tivesse muita chance contra aqueles

guardas de Azkaban, bem, Ernesto? Ernesto sentiu um arrepio repentino.

- Vamos mudar de assunto, Lalau. Esses guardas de Azkaban me dão até dor de

barriga.

Lalau largou o jornal com relutância e Harry se encostou na janela do Nôitibus,

sentindo-se pior que nunca. Não podia deixar de imaginar o que

Lalau iria

contar aos passageiros nas próximas noites... "Você soube o que aconteceu com aquele

Harry Potter? Mandou a tia pelos ares! Ele viajou aqui no Nôitibus com a gente,

não foi mesmo, Ernesto? Estava tentando se mandar..."

Ele. Harry Potter, tinha infringido as leis dos bruxos ignaizinho ao Sirius Black. Fazer

tia Guida virar balão seria suficiente para ir parar em Azkaban?

Harry não sabia nada sobre a prisão dos bruxos, embora todo mundo que ele já ouvira falar

daquele lugar o fizesse no mesmo tom de medo. Hagrid, o guarda-caça de

Hogwarts, passara dois meses lá ainda no ano passado. Harry jamais esqueceria a expressão

de terror no rosto do amigo quando lhe disseram aonde ia, e Hagrid era

uma das pessoas mais corajosas que Harry conhecia.

O Nôitibus corria pela escuridão, espalhando para todo o lado moitas de plantas,

latas de lixo, cabines telefônicas e árvores, e Harry continuava

deitado, inquieto e infeliz, em sua cama de penas. Passado algum tempo, Lalau se lembrou

de que Harry pagara pelo chocolate quente, mas derramou-o no travesseiro

do garoto quando o ônibus passou bruscamente de Anglesca para Aberdeen. Um a um,

bruxos e bruxas de roupa de dormir e chinelos desceram dos andares superiores e

desembarcaram do ônibus. Todos pareciam satisfeitos de descer.

Finalmente, Harry foi o único passageiro que restou.

- Muito bem, então, Neville - disse Lalau, batendo palmas -, que lugar de Londres você vai

ficar?

- No Beco Diagonal - respondeu Harry.

- É pra já. Segura firme aí...

BANGUE.

E na mesma hora o Nôitibus estava correndo pela rua Charing Cross como uma

trovoada. Harry se sentou e ficou observando os

edifícios e bancos se espremerem

para sair do caminho do veículo. O céu estava um pouquinho mais claro. Ele tentaria passar

despercebido por umas duas horas, iria ao Gringotes no instante em que

o banco abrisse, depois iria embora - para onde, ele não sabia muito bem.

Ernesto fincou o pé no freio e o Nôitibus parou derrapando diante de um bar pequeno

e de aparência malcuidada, o Caldeirão Furado, nos fundos do qual havia

a porta mágica para o Beco Diagonal.

- Obrigado - disse Harry a Ernesto.

Ele desceu os degraus com um pulo e ajudou Lalau a descer o

malão e a gaiola de Edwiges para a calçada.

- Bem - disse Harry. - Então, tchau!

Mas Lalau não estava prestando atenção. Ainda parado à porta

do ônibus, arregalava os olhos para a entrada sombria do Caldeirão

Furado.

- Ah, aíestá você, Harry - exclamou uma voz.

Antes que Harry pudesse se virar, sentiu uma mão segurá-lo

pelo ombro. Ao mesmo tempo, Lalau gritou:

- Caramba! Ernesto, corre aqui! Corre aqui!

Harry ergueu a cabeça para o dono da mão em seu ombro e teve a sensação de que um

balde de gelo estava virando dentro do seu estômago - desembarcara diante

de Cornélio Fudge, o Ministro da Magia em pessoa.

Lalau saltou para a calçada, ao lado deles.

- Que nome foi que o senhor chamou Neville, ministro? - perguntou ele excitado.

Fudge, um homenzinho gorducho, vestindo uma longa capa

de risca de giz, parecia enregelado e exausto.

- Neville? - repetiu ele, franzindo a testa. - Este é Harry Potter.

#40#

- Eu sabia! - gritou Lalau radiante. - Ernesto! Ernesto! É o

Harry Potter! Estou olhando para a cicatriz dele!

- Bem - disse Fudge, irritado -, muito bem, fico satisfeito que

o Nôitibus tenha apanhado o Harry mas ele e eu precisamos entrar no Caldeirão Furado

agora...

Fudge aumentou a pressão no ombro de Harry, e o menino sentiu que estava sendo

conduzido para o interior do bar. Um vulto curvo segurando uma lanterna apareceu

à porta atrás do balcão. Era Tom, o dono encarquilhado e sem dentes do bar-hospedaria.

- O senhor o encontrou, ministro! - exclamou Tom. - Quer alguma coisa

para beber? Cerveja? Conhaque?

- Talvez um bule de chá - disse Fudge, que continuava segurando Harry.

Ouviram-se passos que arranhavam o chão e gente ofegante

atrás deles, e Lalau e Ernesto apareceram, carregando o malão de

Harry e a gaiola de Edwiges, olhando para os lados, excitados.

- Por que é que você não nos disse quem era, hein, Nevilie? - disse Lalau sorrindo,

radiante, para Harry, enquanto o cara de coruja do Ernesto espiava

muito interessado por cima do ombro do ajudante.

- E uma sala reservada, por favor, Tom - pediu Fudge enfaticamente.

- Tchau - disse Harry, infeliz, a Lalau e Ernesto, enquanto Tom encaminhava

Fudge, com um gesto, para um corredor que se

abria atrás do bar.

- Tchau, Nevilie! - disse Lalau se retirando.

Fudge conduziu Harry por um corredor estreito, acompanhando a lanterna de Tom, até

uma saleta. Tom estalou os dedos, um fogo se materializou na lareira,

e, fazendo urm reverência, ele se retirou do aposento.

- Sente-se, Harry - começou Fudge, indicando a poltrona junto à lareira.

Harry obedeceu, sentindo arrepios percorrerem seus braços

apesar da lareira acesa. Fudge despiu a capa de risca de giz, atirou-a a um lado, depois suspendeu as calças do seu terno verde-garrafa

e se sentou em frente a Harry.

- Eu sou Cornélio Fudge, Harry. Ministro da Magia.

Harry já sabia disso, é claro; vira Fudge antes, mas como estava usando a Capa da

Invisibilidade do pai na ocasião, Fudge náo

devia saber disso.

Tom, o dono do bar-hospedaria reapareceu, com um avental

por cima do camisão de dormir, trazendo uma bandeja com chá e

páezinhos de minuto. Pousou a bandeja entre Fudge e Harry e

saiu, fechando a porta ao passar.

- Muito bem, Harry - disse Fudge, servindo o chá -, não me importo de confessar

que você nos deixou preocupadíssimos. Fugir da casa dos seus tios

desse jeito! Eu já tinha até começado a pensar... mas você está são e salvo, e isto é o que

importa.

Fudge passou manteiga em um páozinho e empurrou o prato

para Harry.

- Coma, Harry, sua cara é de quem não está se aguentando em

pé. Agora... Você vai ficar satisfeito em saber que cuidamos do infeliz acidente com a Srta.

Guida Dursley. Dois funcionários do Departamento de Reversão de Feitiços

Acidentais foram mandados à rua dos Alfeneiros há algumas horas. A Srta.

Dursley foi esvaziada e sua memória alterada. Ela não lembra mais nada do acidente. E isto

é tudo, não houve danos.

Fudge sorriu para Harry por cima da borda da xícara de chá, como faria um tio

examinando um sobrinho querido. Harry, que não conseguia acreditar no que estava

ouvindo, abriu a boca para falar, não conseguiu pensar em nada para dizer, e tornou a

Fechá-la.

- Ah, você está preocupado com a reação dos seus tios? Bom, não vou negar que

eles estão muitíssimo aborrecidos, Harry mas se dispuseram a recebê-lo

de volta no próximo verão, desde que você passe em Hogwarts as férias do Natal e da

Páscoa.

A língua de Harry se soltou.

- Eu sempre passo em Hogwarts as férias do Natal e da Páscoa, e não quero nunca

mais voltar à rua dos Alfeneiros.

- Vamos, vamos, tenho certeza de que você vai pensar diferente depois que se

acalmar - disse Fudge em tom preocupado. - Afinal, eles são sua família,

e tenho certeza de que... bem lá no fundo, vocês se querem bem.

Não ocorreu a Harry corrigir Fudge. Continuava esperando

ouvir o que ia lhe acontecer em seguida.

- Então agora só falta - disse Fudge, passando manteiga em um segundo páozinho

- decidir onde é que você vai passar as duas

últimas semanas de férias. Sugiro que alugue um quarto aqui no

Caldeirão Furado e...

- Espera aí - falou Harry sem pensar. - E o meu castigo?

Fudge piscou os olhos.

- Castigo?

- Eu desobedeci à lei! - disse Harry. - O decreto que proibe o uso da magia aos

menores!

- Ah, meu caro menino, nós não vamos castigá-lo por uma coisinha à

toa como

essa! - exclamou Fudge, agitando o páozinho com impaciência. - Foi um

acidente! Nós não mandamos ninguém para Azkaban por fazer a tia virar um balão!

Mas isto não batia com os contatos que Harry tivera anteriormente com o Ministério

da Magia.

- No ano passado, recebi uma notificação oficial só porque um elfo doméstico

largou um pudim no chão da casa do meu tio! - disse ele a Fudge, franzindo

a testa. - O Ministério da Magia disse que eu seria expulso de Hogwarts se acontecesse

mais um caso de magia por Lá!

A não ser que os olhos de Harry o enganassem, Fudge de

repente parecia pouco à vontade.

- As circunstâncias mudam, Harry... Temos que levar em consideração... no clima

atual... Com certeza você não quer ser expulso?

- Claro que não - disse Harry

- Bom, então, por que toda essa agitação? - riu-se Fudge. - Agora coma mais um

páozinho, enquanto vou ver se

tem tem um

quarto para voce.

Fudge saiu da saleta e Harry ficou observando-o se retirar.

Havia alguma coisa muito estranha acontecendo ali. Por que

Fudge viera esperá-lo no Caldeirão Furado, se não ia castigá-lo pelo que fizera? E agora,

pensando bem, com certeza não era normal um Ministro da Magia se envolver

pessoalmente com casos de magia praticada por menores!

Fudge voltou acompanhado de Tom, o dono do bar-hospedaria.

- O quarto onze está livre, Harry - anunciou Fudge. - Acho que você vai ficar

muito bem instalado nele. Mas tem uma coisa, e estou certo de que vai

compreender... Não quero você passeando pela Londres dos trouxas, certo? Fique no Beco

Diagonal. E tem que voltar todos os dias antes do escurecer. Tenho certeza

de que vai compreender. Tom vai ficar de olho em você por mim.

- Tudo bem - disse Harry lentamente -, mas por quê...?

- Não queremos perdê-lo outra vez, não é mesmo? - disse

Fudge com uma risada calorosa. - Não, não... é melhor sabermos onde é que você anda...

quero dizer...

Fudge pigarreou alto e apanhou a capa de risca de giz.

- Bom, vou andando, muito que fazer, sabe...

- Já teve alguma sorte com o Black? - perguntou Harry.

Os dedos de Fudge escorregaram no fecho de prata da capa.

- Que foi que disse? Ah, você ouviu falar... bem, não, ainda não, mas é só uma

questão de tempo. Os guardas de Azkaban até

hoje não falharam... e nunca os vi tão furiosos. Fudge estremeceu ligeiramente.

- Então, vou dizendo até logo.

Ele estendeu a mão, e Harry, ao apertá-la, teve uma idéia repentina.

- Ah... ministro? Posso perguntar uma coisa?

- Com toda certeza - disse Fudge com um sorriso.

- Bom, em Hogwarrs os alunos do terceiro ano podem visitar

Hogsmeade, mas os meus tios não assinaram o formulário de autorização. O senhor acha

que poderia?

Fudge pareceu constrangido.

- Ah - respondeu. - Não, não, sinto muito, Harry, mas não sou seu pai nem seu

guardião...

- Mas o senhor é o Ministro da Magia - disse Harry, ansioso.

- Se o senhor me desse autorização...

- Não, sinto muito, Harry, mas regras são regras - disse Fudge sem entusiasmo. -

Talvez você possa visitar

Hogsmeade no ano que vem. De fato, acho

melhor você nem ir... é... bem, vou andando. Aproveite a sua estada aqui, Harry.

E com um último sorriso e um aperto de mão; Fudge deixou a

saleta. Tom, então, adiantou-se sorridente para Harry.

- Se o senhor quiser me acompanhar, Sr. Potter. Já levei suas coisas para cima...

Harry o seguiu por uma bela escada de madeira até uma porta

com uma placa de latão de número onze, que Tom destrancou e abriu para

ele.

Dentro havia uma cama muito confortável, uma mobília de

carvalho muito lustroso, uma lareira em que o fogo crepirava

alegremente e, encarrapitada no alto do armário...

- Edwiges! - exclamou Harry.

A coruja muito branca deu estalinhos com o bico e voou para o braço de Harry.

- Coruja muito inteligente a sua - disse Tom rindo. - Chegou uns cinco minutos depois

do senhor. Se precisar de alguma coisa, Sr. Potter, por favor, é só

pedir.

para você!

Ele fez outra reverência e saiu.

Harry ficou sentado na cama durante muito tempo, acariciando, distraído, as penas de

Edwiges. O céu visto pela janela foi mudando rapidamente de um azul

escuro e aveludado para um cinzento metálico e frio, depois, lentamente, para um rosa

salpicado de ouro. Harry mal conseguia acreditar que abandonara a rua dos

Alfeneiros

havia apenas algumas horas, que não fora expulso e que, agora, tinha diante de si duas

semanas inteiras sem os Dursley.

- Foi uma noite muito estranha, Edwiges - bocejou ele.

E sem nem ao menos tirar os óculos, ele se largou em cima do travesseiro e

adormeceu.

- CAPITULO QUATRO -

O Caldeirão Furado

Harry levou vários dias para se acostumar àquela estranha liberdade nova. Nunca antes ele

pudera se levantar quando quisesse nem comer o que lhe desse vontade. Podia

até ir aonde desejasse, desde que não saisse do Beco Diagonal, e como essa longa rua de

pedras era repleta das lojas de magia mais fascinantes do mundo,

Harry

não sentia desejo algum de romper a palavra dada a Fudge e voltar ao mundo dos trouxas.

Todas as manhãs ele tomava o café no Caldeirão Furado, onde gostava de observar os

outros hóspedes: bruxas do interior, franzinas e engraçadas, que vinham

passar o dia fazendo compras; bruxos de aspecto venerável discutindo o último artigo do

Transfiguração Hoje; bruxos de ar amalucado; anões de voz roufenha; e, uma

vez, alguém, que tinha a aparência suspeita de uma bruxa malvada, pedira um prato de

fígado cru, o rosto semi-escondido por uma carapuça de

lã.

Depois do café Harry saía para o pátio dos fundos, puxava a varinha, batia no terceiro

tijolo a contar da esquerda, acima do latão de lixo, e se afastava

enquanto se abria na parede o arco para o Beco Diagonal.

O garoto passou os dias longos e ensolarados explorando as lojas e comendo à sombra

dos

guarda-sóis de cores vivas à porta dos cafés, em que os seus companheiros

de refeição mostravam uns aos outros as compras que tinham feito ("é um lunascópio, meu

amigo

- é o fim dessa história de mexer com tabelas lunares, me entende?")

ou então discutiam o

caso de Sirius Black ("pessoalmente, não vou deixar nenhum dos meus filhos

sair sozinho até que ele esteja outra vez em Azkaban"). Harry não precisava mais fazer os

46#

deveres de casa debaixo das cobertas, à luz de uma lanterna; agora

podia se sentar à luz do sol, na calçada da Sorveteria Florean

Fortescue, terminar suas redações e até contar com a ajuda ocasional

do próprio Florean, que, além de conhecer a fundo as queimas

de bruxas em fogueiras, ainda oferecia a Harry, a cada meia hora,

sundaes de graça.

Depois de ter reabastecido a carteira com galeões de ouro,

sicles de prata e nuques de bronze retirados do seu cofre no

Gringotes, Harry precisava se controlar muito para não gastar tudo

de uma vez. Precisava se lembrar o tempo todo de que ainda lhe

faltavam cinco anos de escola e que se sentiria mal em pedir

dinheiro aos Dursley para comprar livros de bruxaria, e se segurou para

não comprar um belo conjunto de bexigas de ouro maciço (um

jogo de bruxos parecido com o de bolas de gude, em que as bolas

espirram um liquido fedorento na cara do outro jogador quando

ele perde um ponto). Harry se sentiu tentadíssimo, também, por

um modelo perfeito de uma galáxia em movimento, dentro de um

grande globo de vidro, e que teria significado que ele

jamais precisaria assistir a uma aula de astronomia na vida. Mas a coisa que

mais testou a força de vontade de Harry apareceu em sua loja

preferida, a Artigos de Qualidade para Quadribol, uma semana depois

do menino ter chegado ao Caldeirão Furado.

Curioso para saber a razão do ajuntamento diante da loja,

Harry foi entrando com jeitinho e se espremendo entre as bruxas e

bruxos até conseguir ver um tablado recentemente erguido, em

que haviam montado a vassoura mais deslumbrante que ele já vira

na vida.

- Acabou de ser lançada... um protótipo - comentava um

bruxo de queixo quadrado para o companheiro.

- É a vassoura mais rápida do mundo, não é, papai? - perguntou a vozinha aguda

de um menino mais novo do que Harry, que

se pendurava no braço do pai.

- O time internacional da Irlanda acabou de mandar

um pedido para sete desses vassourões! - informou o proprietário da loja

aos presentes. - E o time é o favorito para a Copa Mundial!

Uma bruxa corpulenta, na frente de Harry, se mexeu e o menino pôde ler o cartaz ao lado da vassoura:

FIREBOLT

Fabricada com tecnologia de ponta, a Firebolt possui um cabo de freixo, superfino e

aerodinâmico, acabamento com resistência

de diamante e número de registro entalhado

na madeira. As cerdas da cauda, em lascas de bétula selecionadas à mão,

foram afiladas até atingirem a perfeição aerodinâmica, dotando a

Firebolt de equilíbrio insuperável e precisão

absoluta. A Firebolt atinge 240km/li em dez segundos e possui um freio encantado de

irrefreável ação. Cotação a pedido.

Cotação a pedido... Harry nem queria pensar quanto ouro

a Firebolt custaria. Jamais desejara tanto alguma coisa em toda a sua vida

- mas jamais perdera uma partida de quadribol com a sua Nimbus

2000, e qual era a vantagem de esvaziar seu cofre no Gringotes para

comprar uma Firebolt, quando já possuia uma excelente vassoura?

Harry não pediu a cotação, mas voltou, quase todos os dias depois

disso, só para admirar a Firebolt.

Havia, no entanto, coisas que Harry precisava comprar. Ele foi

à Botica para reabastecer seu estoque de ingredientes para poções e,

como agora suas vestes escolares estavam vários centímetros mais

curtas nos braços e nas pernas, ele visitou a Madame Malkin -

Roupas para Todas as Ocasiões e comprou novos uniformes. E, o

mais importante, tinha que comprar os novos livros para o ano letivo, que

incluiriam

duas novas matérias: Trato das Criaturas Mágicas e Adivinhação.

Harry teve uma surpresa quando parou para olhar a vitrine da

livraria. Em vez da decoração habitual com livros de feitiçaria gravados

a ouro, do tamanho de lajotas, havia uma grande gaiola de ferro

com uns cem exemplares de O livro monstruoso dos monstros. Páginas

arrancadas voavam para todo o lado, enquanto os livros se agrediam e se atracavam em

furiosas lutas livres e mordidas agressivas.

Harry puxou a lista de livros do bolso e consultou-a pela primeira

vez.

O livro monstruoso dos monstros estava arrolado como o

livro-texto para a matéria Trato das Criaturas Mágicas. Agora ele

compreendia por que Hagrid dissera que o livro futuramente seria

útil. Sentiu alívio; andara imaginando se o amigo ia querer ajuda

para cuidar de um novo bicho de estimação apavorante.

Quando Harry entrou na Floreios e Borrões, o gerente veio

correndo ao seu encontro.

- Hogwarts? - perguntou o homem sem rodeios. -Veio

comprar

48#

os seus livros?

- Vim. Preciso...

- Saia do caminho - disse o gerente empurrando Harry para o

lado com impaciência. Em seguida, puxou um par de luvas muito

grossas, apanhou um bengalão nodoso e rumou para a porta da

gaiola em que estavam os exemplares de O livro monstruoso dos

monstros.

- Espere aí - disse Harry depressa -, já tenho um desses.

-Já? - Uma expressão de imenso alívio espalhou-se pelo rosto do

- gerente. - Graças a Deus. Já fui mordido cinco vezes esta manhã...

Um barulho alto de papel rasgado cortou o ar; dois livros monstruosos

tinham agarrado um terceiro e começavam a destrui-lo.

- Parem com isso! Parem com isso! - exclamou o gerente,

enfiando a bengala pelas grades e separando os livros à força. - Nunca

mais vou ter essas coisas em estoque, nunca mais! Tem sido uma

loucura! Pensei que já tínhamos visto o pior quando compramos

duzentos exemplares de O livro invisível da invisibilidade, custaram

uma fortuna e nunca achamos os livros... Bem... tem mais alguma

coisa em que possa lhe servir?

- Tem - disse Harry, consultando a lista de livros -, preciso de

Esclarecendo o futuro, de Cassandra Vablatsky.

- Ah, vai começar a estudar Adivinhação? - perguntou o

gerente descalçando as luvas e conduzindo Harry ao fundo da loja,

onde havia um canto reservado para esse assunto. Em uma mesinha

estavam empilhados livros como Prevendo o imprevisível;

proteja-se contra choques e Bolas rachadas; quando a sorte se transforma

em azar.

"Aqui está - disse o gerente, que subira em um escadote para

apanhar um livro grosso, encadernado de preto. - Esclarecendo o

Futuro. Um bom guia para todos os métodos básicos de adivinhação do futuro,

quiromancia, bolas de cristal, tripas de aves...

Mas Harry não estava escutando. Seu olhar havia pousado em

outro livro, que fazia parte de um arranjo em outra mesinha:

Preságios de morte: o que fazer quando se sabe que vai acontecer o pior.

- Ah, eu não leria isso se fosse você - disse o gerente de

passagem, procurando ver o que Harry estava olhando. - Você vai

começar a ver presságios de morte por todo lado. Só isso já é

suficiente para matar a pessoa de medo.

Mas Harry continuou a encarar a capa do livro; tinha um

cão

preto do tamanho de um urso, com olhos brilhantes, que lhe parecia

estranhamente familiar...

O gerente pôs nas mãos de Harry o livro Esclarecendo o futuro.

- Mais alguma coisa? - perguntou.

- Sim - respondeu Harry, desviando o olhar dos olhos do cão e consultando, meio

atordoado, a lista. - Ah... preciso de Transfiguração para o Curso

Médio e de O livro padrão de feitiços, 3º série.

Harry saiu da Floreios e Borrões dez minutos depois, com os

livros debaixo do braço, e tomou o rumo do Caldeirão Furado

sem reparar aonde ia, esbarrando em várias pessoas.

Subiu as escadas fazendo barulho, entrou em seu quarto e despejou os livros em cima

da cama. Alguém estivera ali limpando o

quarto; as janelas abertas deixavam entrar o sol. Harry ouviu os

ônibus passarem lá embaixo, na rua dos trouxas que ele não via, e

o som dos transeuntes invisíveis no Beco Diagonal. Viu de relance

o seu reflexo no espelho acima da pia.

- Não pode ter sido um presságio de morte - disse à sua imagem em tom de

desafio. - Eu estava entrando em pânico quando vi aquela coisa na rua Magnólia...

Provavelmente era apenas um cão sem dono...

Ele ergueu a mão automaticamente e tentou achatar os cabelos.

- Você está empenhado em uma batalha perdida, meu querido

-disse sua imagem com a voz rouca.

À medida que os dias se passavam, Harry começou a procurar por todo lugar aonde ia um

sinal de Rony ou de Hermione. Muitos alunos de Hogwarts vinham ao Beco Diagonal

agora, com a proximidade do ano letivo. Harry encontrou Simas Finnigan e Dino Thomas,

companheiros da Grifinória, na Artigos de Qualidade para Quadribol, onde eles

também haviam parado para namorar a Firebolt; encontrou também o verdadeiro Neville

Léngbottom, um menino de rosto redondo e muito desmemoriado, à porta da Floreios

e Borrões. Harry não parou para conversar; Neville parecia ter extraviado a lista de livros e

estava levando um carão da avó, uma senhora de aparência colossal.

Harry desejou que a senhora jamais descobrisse que ele fingira ser Neville quando estava

fugindo do Ministério da Magia.

Harry acordou no último dia de férias, com o pensamento de

que finalmente iria se encontrar com Rony e Hermione no dia

50#

seguinte, no Expresso de Hogwarts. Levantou-se, se vestiu e saiu

para dar uma última espiada na Firebolt, e estava pensando onde

iria almoçar, quando alguém gritou seu nome e ele se virou.

- Harry! HArRY!

E ali estavam eles, os dois, sentados na calçada da Sorveteria

Florean Fortescue - Rony parecendo incrivelmente sardento, Hermione muito bronzeada, os

dois acenando para ele freneticamente.

- Finalmente! - exclamou Rony, rindo-se enquanto o amigo se sentava. - Fomos

ao Caldeirão Furado, mas disseram que voce

tinha saído, fomos à Floreios e Borrões, à Madame Malkin e...

- Comprei todo o meu material escolar na semana passada - explicou Harry. - E

como é que vocês sabiam que eu estava hospedado no Caldeirão Furado?

- Papai - disse Rony com simplicidade.

O Sr Weasley, que trabalhava no Ministério da Magia, é claro que soubera da

história toda que acontecera com a tia

Guida.

- É verdade que você transformou a sua tia em um balão? - perguntou Hermione

num tom muito sério.

- Eu não tive intenção - respondeu Harry, enquanto Rony rolava de rir.-Simplesmente... perdi o controle.

- Não tem a menor graça, Rony - disse Hermione rispidamente. - Francamente,

fico admirada que Harry não tenha sido expulso.

- Eu também - admitiu Harry. - E nem expulso, pensei que ia ser preso. - E olhou

para Rony. - Seu pai não sabe por que Fudge

não me castigou, sabe?

- Provavelmente porque era você, não é? - Rony sacudiu os ombros ainda rindo. -

O famoso Harry Potter e tudo o mais. Eu nem gostaria de ver o que

o Ministério faria comigo se eu transformasse minha tia em balão. Mas não se esqueça, eles

teriam que me desenterrar primeiro, porque mamãe já teria me matado antes.

Em todo o caso, pode perguntar ao papai hoje à noite. Estamos hospedados no Caldeirão

Furado, também! Assim você pode ir para a estação de King"s Cross conosco amanhã!

Hermione também está lá!

A garota confirmou com a cabeça, radiante.

-Mamãeepapaimedeixaramláhojedemanhãcomtodasas

minhas coisas de Hogwarts.

- Fantástico! - exclamou Harry feliz. - Então você já comprou os livros e todo o

resto?

- Olhe só para isso - disse Rony, tirando uma caixa comprida

e fina de uma sacola e abrindo-a. - Uma varinha nova em folha.

Trinta e cinco centímetros e meio, salgueiro, contendo um fio de

cauda de unicórnio. E compramos todos os nossos livros... - Ele

apontou para uma grande saca embaixo da cadeira. - E aqueles livros monstruosos, hein? O

balconista quase chorou quando dissemos que queríamos dois.

- E isso tudo o que é, Mione? - perguntou Harry, apontando não para uma, mas

para três sacas estufadas na cadeira junto à

amiga.

- Bem, é que vou fazer mais matérias novas do que vocês, não é? Comprei os

livros de Arkmancia, de Trato das Criaturas

Mágicas, de Adivinhação, de

Estudo das Runas Antigas, de Estudo dos Trouxas...

- Para que é que você vai fazer Estudo dos Trouxas? - perguntou Rony, revirando

os olhos para Harry. - Você nasceu trouxa!

Sua mãe e seu pai são trouxas! Você já sabe tudo sobre trouxas!

- Mas vai ser fascinante estudar os trouxas do ponto de vista dos bruxos - disse

Hermione muito séria.

- Você está planejando comer ou dormir este ano, Mione? - perguntou Harry,

enquanto Rony dava risadinhas abafadas. A garota não ligou para os dois.

- Ainda tenho dez galeões - disse ela examinando a bolsa. - É meu aniversário em

setembro, e mamãe e papai me deram um

dinheiro para eu comprar um presente de aniversário antecipado.

- Que tal um bom livro? - perguntou Rony inocentemente.

- Não, acho que não - disse Hermione controlando-se. - O que eu quero mesmo é

uma coruja. Quero dizer, Harry tem a

Edwiges e você tem o Errol...

- Não tenho, não - respondeu Rony. - Errol é uma coruja de família. Meu mesmo

só tenho o Perebas. - E tirou o rato de estimação do bolso. - Quero

mandar examinar ele - acrescentou, pousando Perebas na mesa a que estavam sentados. -

Acho que o Egito não fez bem a ele.

Perebas estava mais magro do que de costume, e seus bigodes

pareciam decididamente caídos.

- Tem uma loja para criaturas mágicas ali .-disse Harry, que agora conhecia o

Beco Diagonal como a palma da mão. - Você podia ver se eles têm algum

produto para o Perebas, e Mione podia comprar a coruja.

52#

Assim dizendo, eles pagaram os sorvetes e atravessaram a rua

para ir a Animais Mágicos.

Não havia muito espaço dentro da Loja. Cada centímetro das

paredes estava escondido por gaiolas. Era malcheirosa e barulhenta porque os ocupantes

das gaiolas guinchavam, gritavam, palravam, sibilavam. A bruxa ao balcão estava

ocupada ensinando a um bruxo como cuidar de um tritão com dois rabos, por isso Harry,

Rony e Hermione aguardaram, examinando as gaiolas.

Havia dois enormes sapos roxos que engoliam, com um ruido

aquoso, um banquete de moscas-varejeiras mortas. Uma tartaruga gigante,

o casco incrustado de pedras preciosas, cintilava junto à

janela. Lesmas venenosas, cor de laranja, subiam lentamente pela parede do seu aquário, e

um coelho branco e gordo não parava de se transformar em cartola de cetim

e novamente em coelho, com um grande estalo. Havia ainda gatos de

todas as cores, uma

gaiola barulhenta de corvos, uma cesta de engraçadas bolas de pêlo creme que

zuniam alto, e, em cima do balcão, um galoião de ratos negros e luzidios que brincavam de

dar saltos se apoiando nos longos rabos lisos.

O bruxo do tritão de dois rabos saiu e Rony se aproximou do balcão.

- É o meu rato-disse à bruxa. -Ele tem andado meio indisposto desde que

voltamos do Egito.

- Põe ele aqui no balcão - pediu a bruxa, tirando do bolso um par de pesados

óculos de armação preta.

Rony catou Perebas do bolso interno e depositou-o ao lado da

gaiola dos seus companheiros de espécie, que pararam os saltitos e

correram para as grades para ver melhor.

Como todo o resto que Rony possuía, Perebas, o rato, era de segunda mão (pertencera

ao irmão de Rony, Percy) e era um pouco maltratado. Ao lado dos

reluzentes

ratos na gaiola, ele parecia particularmente lastimável.

- Hum - fez a bruxa, levantando Perebas. - Que idade tem esse rato?

- Não sei - respondeu Rony. - Ele é bem velho. Foi do meu

irmao.

- Que poderes ele tem? - perguntou a bruxa, examinando Perebas atentamente.

- Ah... - A verdade é que Perebas jamais revelara o menor vestígio de poderes

interessantes, O olhar da bruxa se deslocou da orelha esquerda e esfiapada

de Perebas para a pata dianteira, que tinha um dedinho a menos, e deu um muxoxo alto.

- Este aqui já sofreu muito na vida - disse ela.

- Já estava assim quando Percy me deu - respondeu Rony se defendendo.

- Não se pode esperar que um rato comum ou rato de jardim como esse viva mais

do que uns três anos - disse a bruxa. -. Agora se o senhor estiver procurando

alguma coisa mais resistente, talvez goste de um desses...

Ela indicou os ratos negros, que imediatamente recomeçaram

a saltar. Rony resmungou:

- Exibidos,

Bem, se o senhor não quiser outro, pode experimentar um

tônico para ratos - disse a bruxa, levando a mão embaixo do balcão

e apanhando um frasquinho vermelho.

- Está bem. Quanto...

Rony se encolheu quando uma coisa enorme e laranja saiu

voando do teto da gaiola mais alta e aterrissou na cabeça dele, e em

seguida avançou e bufou com violência para Perebas.

- NÃO BICHENTO, NÃO! - gritou a bruxa, mas Perebas escapuliu entre as suas

mãos como uma barra de sabão molhado,

aterrissou de pernas abertas no chão e disparou para a porta.

- Perebas! - berrou Rony, correndo atrás do rato; Harry seguiu-o.

Os dois levaram quase dez minutos para recuperar Perebas, que se refugiara embaixo

de um latão de lixo à porta da Artigos de Qualidade para Quadribol. Rony

tornou a enfiar o rato trêmulo no bolso e se endireitou, massageando os cabelos.

- Que foi aquilo?

- Ou um gato muito grande ou um tigre muito pequeno - disse Harry.

- Aonde foi a Mione?

- Provavelmente comprando a coruja.

Eles refizeram o caminho pela rua apinhada de gente até a Animais Mágicos. Quando

iam chegando, viram

Hermione sair, mas ela não trazia coruja alguma. Seus

braços envolviam com firmeza um enorme gato laranja.

- Você comprou aquele monstro? - perguntou Rony, boquiaberto.

- Ele é lindo, não é? - disse Hermione radiante.

Era uma questão de opinião, pensou Harry. A pelagem do gato

era espessa e fofa, mas ele decididamente tinha pernas arqueadas e uma cara de poucos

amigos, estranhamente amassada, como se tivesse batido de frente numa parede

de tijolos. Agora que Perebas não estava à vista, porém, o gato ronronava satisfeito nos

braços de Hermione.

- Mione, essa coisa quase me escalpelou! - reclamou Rony

- Foi sem querer, não foi, Bichento? - perguntou Hermione.

- E. o que vai ser do Perebas? - disse o menino apontando para o calombo no

bolso do peito. - Ele precisa de descanso e

sossego! Como é que vai ter

isso com esse bicho por perto?

-Isto me lembra que você esqueceu o seu tônico para ratos-disse Hermione, batendo o

frasco vermelho na mão de Rony. - E

pare de se preocupar, Bichento vai dormir no meu dormitório e

Perebas no seu, qual é o problema? Coitado do Bichento, a bruxa

disse que ele está na loja há séculos; ninguém quis o gato.

- Por que será? - perguntou Rony com sarcasmo, a caminho

do Caldeirão Furado.

Encontraram o Sr. Weasley sentado no bar, lendo o Profeta Diario.

- Harry! - exclamou ele, erguendo a cabeça e sorrindo. - Como vai?

- Bem, obrigado - respondeu o garoto enquanto ele, Rony e

Hermione se reuniam ao Sr. Weasley com todas as compras que tinham feito.

O Sr. Weasley pôs o jornal de lado e Harry viu a foto de Sirius Black, agora muito sua

conhecida, encarando-o.

- Então eles ainda não pegaram o homem? - perguntou.

- Não - respondeu o Sr. Weasley, parecendo muito sério. - O

Ministério nos tirou do nosso trabalho normal para tentar encontrá-lo, mas até agora

não tivemos sorte.

- Nós receberíamos uma recompensa se o apanhássemos? - perguntou Rony. -

Seria bom ganhar mais um dinheirinho...

- Não seja ridículo, Rony-disse o Sr. Weasley, que a um olhar mais atento parecia

muito tenso. - Black não vai ser apanhado por um bruxo de treze

anos. Os guardas de Azkaban é que vão levá-Lo

de volta, escreva o que digo.

55#

Naquele momento a Sra. Weasley entrou no bar, carregada de

sacas e acompanhada pelos gêmeos, Fred e Jorge, que iam começar

o quinto ano em Hogwarts; Percy, o recém-eleito monitor-chefe; e

Gina, a caçula e única

menina da família.

Gina, que sempre teve um xodó por Harry, pareceu ainda mais constrangida do que de

costume, talvez porque o menino lhe salvara a vida no ano anterior, em

Hogwarts. Ela ficou muito corada e murmurou um "olá", sem olhar para Harry. Percy,

porém, estendeu a mão solenemente como se ele e o colega jamais tivessem se encontrado

e disse:

- Harry. Que prazer em vê-lo.

- Olá, Percy - respondeu Harry, tentando conter o riso.

- Você está bem, espero? - continuou Percy pomposo, durante o aperto de mãos.

Parecia até que estava sendo apresentado ao

prefeito.

- Muito bem, obrigado...

- Harry! - exclamou Fred, empurrando Percy com os cotovelos e

fazendo uma

grande reverência. - É simplesmente esplêndido

encontrá-lo, meu caro...

- Maravilhoso - disse Jorge, empurrando Fred para o lado e, por sua vez,

apertando a mão de Harry. - Absolutamente maravilhoso.

- Agora chega - interrompeu-os a Sra. Weasley.

- Mãe! - exclamou Fred como se tivesse acabado de avistala, apertando-lhe a mão

também: - É realmente formidável encontrá-la...

- Eu já disse que chega - disse a Sra. Weasley, descansando as compras em uma

cadeira vazia. - Olá, Harry, querido. Suponho que tenha sabido das nossas

eletrizantes novidades? - Ela apontou para o distintivo de prata novinho em folha no peito

Le Percy. - É o segundo monitor-chefe na família! - exclamou, inchada

de orgulho.

- E o último - resmungou Fred para si mesmo.

- Não duvido nada - disse a Sra. Weasley, franzindo a testa de repente. - Estou

reparando que até hoje vocês dois não foram promovidos a monitores.

- E para que é que nós queremos ser monitores? - perguntou Jorge, parecendo se

indignar até com a própria idéia. - Isso tiraria

toda a graça da vida.

56#

Gina abafou o riso.

- Vocês deviam dar um exemplo melhor para sua irmã! - ralhou

a Sra. Weasley.

- Gina tem outros irmãos para lhe dar exemplo, mãe - disse Percy com altivez. -

Vou mudar de roupa

para o jantar...

Ele desapareceu e Jorge deixou escapar um suspiro.

- Bem que a gente tentou trancar ele numa pirâmide - disse a Harry. - Mas a

mamãe flagrou a gente no ato.

O jantar àquela noite foi muito agtadável. Tom, o dono da barhospedaria, juntou três mesas

na sala, e os sete

Weasley, Harry e Hermione traçaram cinco pratos maravilhosos.

- Como vamos para a estação de King''s Cross amanhã, papai?

- perguntou Fred quando enfiavam a colher em um suntuoso pudim de chocolate.

- O Ministério vai mandar dois carros - disse o Sr. Weasley. Todos ergueram os

olhos para ele.

- Por quê? - perguntou Percy, curioso.

- Por sua causa, Percy - disse Jorge, sério. - E vão botar bandeirinhas em cima dos

capôs, com as letras

TC...

- ... significando Tremendo Chefão - completou Fred.

Todos, à exceção de Percy e da Sra. Weasley, deram risadinhas baixando o rosto para

os pudins.

- Por que é que o Ministério vai mandar carros, pai? - Percy repetiu a pergunta,

num tom muito digno.

- Bem, como não temos mais nenhum - disse o Sr. Weasley -, e como trabalho lá,

eles vão me fazer esse favor...

Sua voz era displicente, mas Harry não pôde deixar de notar que as orelhas do Sr.

Weasley tinham ficado vermelhas, iguais às de Rony quando o pressionavam.

- E ainda bem - disse a Sra. Weasley, animada. - Vocês fazem idéia de quanta

bagagem têm juntos? Que bela figura vocês fariam

no metrô dos trouxas... Todo mundo já está de mala pronta ou não?

- Rony ainda não guardou todas as coisas novas no malão - disse Percy, com voz

de sofredor. - Largou tudo em cima da minha

cama.

- É melhor você subir e guardar tudo direito, Rony porque não vamos ter tempo

amanhã cedo - disse a Sra. Weasley alto, para

o filho sentado mais longe. Rony amarrou a cara para Percy.

Depois do jantar todos se sentiram satisfeitos e cheios de sono.

57#

Um a um foram subindo para os quartos para verificar as coisas para o dia seguinte. Rony e

Percy estavam hospedados no quarto ao lado de Harry. Ele acabara de fechar

e trancar seu malão quando ouviu vozes zangadas através da parede, e foi ver o que estava

acontecendo.

A porta do quarto doze estava entreaberta e Percy gritava:

- Estava aqui, em cima da mesa-de-cabeceira, eu o tirei para polir...

- Eu não peguei, está bem? - berrava Rony em resposta.

- Que está acontecendo? - perguntou Harry.

- Meu distintivo de monitor-chefe sumiu - respondeu Percy virando-se irritado

para Harry.

- E o tônico para ratos de Perebas também - falou Rony, jogando as coisas para

fora do malão para procurá-lo. - Acho que

deixei o frasco no bar...

- Você não vai a lugar nenhum até achar o meu distintivo - berrou Percy.

- Eu vou buscar o remédio do Perebas. Já fiz a mala - disse Harry a Rony, e

desceu.

Harry estava no corredor a meio caminho do bar, agora mal iluminado, quando ouviu

outras duas vozes zangadas que vinham da sala. Um segundo depois, ele as

reconheceu como sendo as do Sr. e da Sra. Weasley. Hesitou, sem querer que eles

soubessem que os ouvira discutindo, mas a menção do seu nome o fez parar, e, num

segundo momento, se aproximar da porta da sala.

- ... nao faz sentido não contar a ele - o Sr. Weasley dizia, veemente. - O garoto

tem o direito de saber. Tentei dizer isso a Fudge, mas ele insiste

em tratar Harry como criança. O meninojá tem treze anos e...

- Arthur, a verdade iria aterrorizar Harry! - disse a Sra. Weasley com a voz

esganiçada. - Você quer mesmo mandar Harry de volta à escola com essa

ameaça pairando sobre a cabeça dele? Pelo amor de Deus, ele está feliz sem saber de nada!

- Não quero fazê-lo infeliz, quero deixá-lo de sobreaviso! - retrucou o Sr.

Weasley. - Você sabe como são o Harry e o Rony

58#

andando por aí sozinhos, já foram parar na Floresta Proibida duas

vezes! Mas Harry não pode fazer isto este ano! Quando penso o que

poderia ter acontecido a ele na noite em que fugiu de casa! Se o

Nôitibus não o tivesse apanhado, aposto que ele estaria morto

antes do Ministério encontrá-lo.

- Mas ele não está morto, está são e salvo, então qual é o sentido...

- Molly, dizem que Sirius Black é doido, e talvez seja, mas ele

foi suficientemente esperto para fugir de Azkaban, e isto é uma

coisa que todos supõem que seja impossível. Já faz três semanas e nem sinal dele, e não

dou a mínima para o que Fudge vive declaran do ao Profeta

Diário, estamos tão próximos de apanhar Black quanto estamos de inventar uma varinha

que funcione sozinha. A única coisa de que temos certeza é que Black está atrás

de...

- Mas Harry está perfeitamente seguro em Hogwarts.

- Achávamos que Azkaban era perfeitamente segura. Se Black foi capaz de sair de

Azkaban, então é capaz de entrar em Hogwarts.

- Mas ninguém tem realmente certeza deque Black esteja atrás de Harry...

Ouviu-se um baque seco na mesa e Harry não teve dúvida de que o

Sr. Weasley tinha dado um soco na mesa.

- Molly, quantas vezes preciso lhe dizer a mesma coisa? A imprensa não noticiou

porque Fudge não queria que houvesse escândalo, mas Fudge foi até

Azkaban na noite em que Black fugiu. Os guardas lhe disseram que Black andava falando

durante o sono havia algum tempo. Sempre as mesmas palavras: "Ele está em Hogwarts...

ele está em Hogwarts." Black é desequilibrado, Molly, e quer ver Harry morto. Se você

quer saber, ele acha que se matar Harry vai trazer Você-Sabe-Quem de volta

ao poder. Black perdeu tudo naquela noite em que Harry deteve Você-Sabe-Quem, e

passou doze anos sozinho em Azkaban pensando

nisso..

Fez-se silêncio. Harry chegou mais perto da porta, desesperado para ouvir mais.

- Bem, Arthur, você deve fazer o que acha que é certo. Mas está se esquecendo de

Alvo Dumbledore. Acho que nada poderá fazer mal a Harry em Hogwarts

enquanto Dumbledore for o diretor. Suponho que ele esteja sabendo de tudo isso.

- Claro que sabe. Tivemos que lhe perguntar se se importava que os guardas de

Azkaban tomassem posição junto às entradas da

escola. Ele não ficou muito satisfeito, mas concordou.

- Não ficou satisfeito? Por que não ficaria satisfeito, se os guardas estão lá para agarrar o

Black?

- Dumbledore não gosta dos guardas de Azkaban - disse o Sr.

Weasley deprimido. -Nem eu, se você quer saber... mas

está lidando com um bruxo como Black, por vezes a gente tem que se aliar com gente que

se prefere evitar.

Se eles salvarem Harry...

então nunca mais direi uma palavra contra eles - disse o Sr. Weasley cansado. - Já está

tarde, Molly, é melhor subirmos...

Harry ouviu as cadeiras serem mexidas. O mais silenciosamente que pôde, correu pelo

corredor até o bar e desapareceu de vista. A porta da sala se abriu,

e alguns segundos depois o ruido de passos lhe informou que o Sr. e a Sra. Weasley

estavam subindo as escadas.

O frasco de tônico para ratos estava debaixo da mesa à qual o grupo

se sentara mais

cedo. Harry esperou até a porta do quarto do Sr. e da Sra. Weasley se

fechar, depois tornou a subir levando o vidro.

Encontrou Fred e Jorge agachados nas sombras do patamar, rindo a mais não poder de

ouvir Percy desmontar o quarto que ocupava com Rony, à procura do distintivo.

Está conosco - sussurrou Fred a Harry - Andamos dando uma melhorada nele.

No distintivo agora se lia Tremendo Chefão.

Harry forçou uma risada, foi entregar a Rony o frasco de tônico para ratos, depois se

trancou em seu quarto e foi se deitar.

Então Sirius Black estava atrás dele. Isto explicava tudo. Fudge ter sido indulgente

porque ficara aliviadíssimo de encontrá-lo vivo. Fizera Harry prometer

não sair do Beco Diagonal onde havia um grande número de bruxos para vigiá-lo. E ia

mandar dois carros do Ministério para levá-los à estação no dia seguinte, de

modo que os Weasley pudessem cuidar de Harry até ele embarcar no trem.

Harry ficou deitado ouvindo a gritaria abafada no quarto vizinho e imaginando por que não

se sentia mais apavorado. Siriús Black matara treze pessoas com uma maldição;

o Sr. e a Sra. Weasley obviamente pensavam que Harry êntraria em pânico se soubesse da

verdade. Mas, por acaso, Harry concordava inteiramente com o Sr, Weasley que

o lugar mais seguro da terra era aquele em que Alvo Dumbledore acontecesse estar. As

pessoas nao

diziam sempre que Dumbledore era a única pessoa de quem Lord Voldemorr já tivera

medo? Com certeza Black, sendo o braço direiro de Voldemorr, não teria também

igual medo do diretor?

E agora havia os guardas de Azkaban de quem todos não paravam de falar. Eles

pareciam deixar as pessoas paralisadas de pavor e, se estavam de

prontidão

a toda volta da escola, as chances de Black entrar lá pareciam muito remotas.

Não, considerando tudo, a coisa que mais incomodava Harry era o fato de que suas

chances de visitar

Hogsmeade agora eram zero.

Ninguém iria querer que Harry deixasse a segurança do castelo até Black ser

apanhado; aliás, Harry suspeitava que todos os seus movimentos seriam atentamente

vigiados até que o perigo passasse.

Olhou zangado para o teto escuro. Será que achavam que ele não sabia se cuidar? Já

escapara de Lord Voldernort três vezes; não era um completo inútil...

Sem que ele quisesse, a imagem do animal nas sombras da rua Magnólia perpassou

sua mente. Que é que se faz quando se sabe que

o pior está por vir...

- Eu não vou ser morto - disse Harry em voz alta.

- É assim que se fala, querido - disse seu espelho, cheio de sono.

*

- CAPITULO CINCO -

O dementador

No dia seguinte, Tom acordou Harry, com o seu habitual sorriso banguela e uma xícara de

chá. O garoto se vestiu, e tentava convencer uma mal disposta Edwiges a entrar

na gaiola quando Rony irrompeu no quarto, vestindo uma suéter pela cabeça e parecendo

irritado.

- Quanto mais cedo embarcarmos no trem melhor - disse. - Pelo menos posso

fugir do Percy em Hogwarrs. Agora ele está me acusando de pingar chá na

foto da Penelope Clearwater. Sabe - disse Rony com uma careta -, aquela

namoradinha dele. Ela escondeu a cara na moldura porque ficou com o nariz todo

borrado...

- Tenho uma coisa para lhe dizer - começou Harry, mas foram interrompidos por Fred

e Jorge, que meteram a cara no quarto para

cumprimentar Rony por ter enfurecido Percy novamente.

Eles desceram para tomar café, e encontraram o Sr. Weasley lendo a primeira página

do Profeta Diário com a testa franzida e a Sra. Weasley descrevendo para

Hermione e Gina a poção de amor que preparara quando era moça. As três não paravam de

rir.

- Que é que você ia me dizer? - perguntou Rony a Harry quando se sentaram.

- Depois - murmurou Harry na hora em que Percy irrompeu pela sala.

Harry não teve mais oportunidade de falar com Rony nem com Hermione no

caos da partida ficaram demasiado ocupados, descendo as malas pela estreita escada do

Caldeirão Furado e empilhando-as perto da porta, com Edwiges e Hermes, a coruja de

Percy, encarapitadas no alto das gaiolas. Uma cestinha de vime fora deixada ao

lado da pilha de malas, de onde alguma coisa bufava

ruidosamente.

- Tudo bem, Bichento - tranquilizou-o Hermione pelas frestas

do vime. - Vou soltar você no trem.

- Não vai, não - retorquiu Rony. - O que vai ser do coitado do Perebas,

hem?

O menino apontou para o próprio peito, onde um grande calombo indicava que

Perebas estava enroscado no bolso interno da veste.

O Sr. Weasley, que estivera à porta aguardando os carros do Ministério, meteu a

cabeça na entrada do Caldeirão.

- Eles chegaram - anunciou. - Harry, vamos.

O Sr. Weasley cruzou atrás de Harry o trechinho de calçada entre a hospedaria e o

primeiro dos dois carros verde-escuros e antiquados, cada um dirigido

por um bruxo de aparência furtiva, vestido de veludo verde-vivo.

- Para dentro, Harry - disse o Sr. Weasley, verificando um lado e outro da rua

movimentada.

Harry entrou no banco traseiro do carro e se reuniram a ele Hermione, Rony e, para

desgosto de Rony, Percy.

para você!

A viagem até King"s Cross foi muito tranquila se comparada à de Harry no Nôitibus

Andante. Os carros do Ministério da Magia pareciam quase comuns, embora

Harry reparasse que eram capazes de deslizar por espaços apertados que o novo carro da

companhia do tio Válter certamente não teria podido. O grupo chegou à estação

de King"s Cross com vinte minutos de antecedência; os motoristas do Ministério

apanharam carrinhos, descarregaram a bagagem, cumprimentaram o Sr. Weasley, levando

a mão ao chapéu, e partiram, conseguindo, sabe-se lá como, tomar a dianteira de uma fila

de carros parados no sinal luminoso.

O Sr. Weasley manteve-se colado no cotovelo de Harry todo o percurso até a

estação.

- Certo então - disse ele olhando para todos os lados.-Vamos fazer isso aos pares,

porque somos muitos. Eu passo primeiro com Harry.

O Sr. Weasley dirigiu-se à barreira entre as plataformas nove e dez, empurrando o

carrinho de malas e aparentemente muito interessado no Interurbano

125 que acabara de parar na plataforma nove. Com um olhar expressivo para Harry, ele se

encostou displicentemente na barreira. O garoto imitou-o.

Num segundo, os dois atravessaram de lado a sólida parede de

metal e saíram na plataforma nove e meia e, quando ergueram a

cabeça, viram o Expresso de Hogwarts, um trem vermelho a vapor,

que soltava baforadas de fumaça na plataforma apinhada de bruxas e bruxos que foram

levar os filhos ao embarque.

Percy e Gina apareceram de repente atrás de Harry. Ofegavam

e pelo jeito tinham corrido para atravessar a barreira.

- Ah, olha lá a Penelope! - falou Percy, alisando os cabelos e corando de novo. O

olhar de

Gina surpreendeu o de Harry, e os dois se viraram para

esconder o riso, enquanto Percy ia ao encontro da menina de cabelos longos e cacheados,

com o peito estufado para que ela não deixasse de reparar no seu distintivo

reluzente.

Depois que os outros Weasley e Hermione se reuniram a eles, Harry e o Sr. Weasley

sairam andando até os últimos carros do trem, passando por cabines cheias,

até uma que lhes pareceu bem vazia. Embarcaram as malas na cabine, guardaram Edwiges

e Bichento no bagageiro, depois tornaram a sair para que todos pudessem se despedir

do Sr. e da Sra. Weasley.

A Sra. Weasley beijou os filhos, depois Hermione e, por fim,

Harry. O menino ficou encabulado, mas gostou bastante quando

ela lhe deu mais um abraço.

- Você vai se cuidar, não vai, Harry? - recomendou a

senhora, se endireitando, com um brilho estranho nos olhos. Depois, abriu

uma enorme bolsa e disse:

- Fiz sanduíches para todos... Tome aqui, Rony... não, não são de carne enlatada... Fred?

Onde se meteu o Fred? Tome aqui, querido...

- Harry - disse o Sr. Weasley discretamente -, venha até

aqui um instante.

Indicou com a cabeça uma coluna, e Harry acompanhou-o até

detrás dela, deixando os outros amontoados em volta da Sra.

Weasley.

- Há uma coisa que preciso dizer antes de você embarcar... - começou o Sr.

Weasley com a voz tensa.

- Tudo bem, Sr, Weasley. Eu já sei.

- Você sabe? Como poderia saber?

- Eu... ah... ouvi o senhor e a Sra. Weasley conversando ontem à noite. Não pude

deixar de ouvir - Harry acrescentou rapidamente. - Me desculpe...

- Não era -assim que eu queria que você tivesse sabido - disse o

#64#

Sr. Weasley, parecendo aflito.

- Não... sinceramente, tudo bem. Assim o senhor não faltou com a palavra que deu

ao Fudge e eu sei o que está acontecendo.

- Harry, você deve estar apavorado...

- Não estou - disse Harry honestamente. - Verdade - acrescentou, porque o Sr.

Weasley fazia cara de descrença. - Não estou

tentando bancar o herói, mas, sério, o Sirius Black não pode ser

pior do que o Voldemort, pode?

O Sr. Weasley se perturbou ao som daquele nome, mas

conseguiu disfarçar.

- Harry, eu sabia que você tinha mais fibra do que Fudge parece imaginar, e é

óbvio que fico feliz em constatar que você não se

sente apavorado, mas...

- Arthur! - chamou a Sra. Weasley, que agora tocava os garotos para embarcar no

trem. - Arthur, que é que você está fazendo?

O trem já vai sair!

- Ele já está indo, Molly! - respondeu o Sr. Weasley, mas

voltou sua atenção para Harry e continuou a falar em tom mais baixo

e mais apressado.

- Ouça, eu quero que você me dê sua palavra...

- ... de que serei um bom menino e não sairei do castelo? - disse Harry com

tristeza.

- Não é bem isso - disse o Sr. Weasley, que parecia mais sério do que Harry

jamais o vira. - Harry, jure que você não vai sair procurando o Black.

Harry arregalou os olhos.

- Quê?

Ouviu-se um apito forte. Guardas caminhavam ao lado do trem, batendo as portas para

fechá-las.

- Prometa, Harry - disse o Sr. Weasley, falando ainda mais depressa-, que

aconteça o que acontecer...

- Por que eu iria sair procurando alguém que eu sei que quer me matar? -

perguntou Harry sem entender.

- Prometa que ouça o que ouvir...

- Arthur, vamos rápido! - chamou a Sra. Weasley.

O vapor saia da chaminé da locomotiva em gordas nuvens; o trem começara a se

mexer. Harry correu para a porta da cabine e Rony abriu-a e se afastou

para o amigo embarcar. Os dois se debruçaram na janela e acenaram

para o Sr. e a Sra.

Weasley até o trem fazer uma curva e o casal desaparecer de vista.

- Preciso falar com vocês em particular - murmurou Harry

para Rony e Hermione quando o trem ganhou velocidade.

- Vai saindo, Gina - disse Rony.

- Ah, quanta gentileza - respondeu a garota aborrecida, mas se afastando sem

pressa.

Harry, Rony e Hermione saíram pelo corredor à procura de uma cabine vazia, mas

todas estavam cheias exceto uma bem no

finalzinho do trem.

Esta tinha apenas um ocupante, um homem que estava ferrado no

sono ao lado da janela. Os garotos pararam à porta. O Expresso de

Hogwarts era em geral reservado aos estudantes e, até então, eles

nunca tinham visto um adulto a bordo, exceto a bruxa que passava com a carrocínha de

comida.

O estranho usava um conjunto de vestes de bruxo extremamente

surradas e

cerzidas em vários lugares. Parecia doente e cansado. Embora fosse jovem,

seus cabelos castanho-claros estavam salpicados de fios brancos.

- Quem vocês acham que ele é? - sibilou Rony quando se sentaram e fecharam a

porta, ocupando os assentos mais afastados da janela.

- O Prof. R. I. Lupin - cochichou Hermione na mesma hora.

- Como é que você sabe?

- Está na maleta - respondeu a menina, apontando para o bagageiro acima da

cabeça do homem, onde havia uma maleta gasta e amarrada com vários fios

de barbante caprichosamente trançados. O nome Prof R. I. Lupin estava estampado a um

canto em letras descascadas.

- Que será que ele ensina? - perguntou Rony, amarrando a cara para o perfil pálido

do homem.

- É óbvio - sussurrou Hermione. - Só existe uma vaga, não é? Defesa contra as

Artes das Trevas.

Harry, Rony e Hermione já tinham tido dois professores nessa matéria, e ambos só

duraram um ano letivo. Corriam boatos de que o cargo estava enfeitiçado.

- Bem, espero que ele esteja à altura - disse Rony em tom de dúvida. - Dá a

impressão de que um bom feitiço acabaria com ele de vez, não

acham? Em

todo o caso... - Rony virou-se para Harry.

- Que é que você ia nos dizer?

Harry contou toda a conversa entre o Sr. e a Sra. Weasley e o alerta que aquele senhor

acabara de lhe dar. Quando terminou, Rony olhava abobado e Hermione

cobrira a boca com as mãos. Finalmente a menina baixou as mãos e disse:

- Sirius Black fugiu para vir atrás de você? Ah, Harry... você vai ter que tomar

muito, mas muito cuidado. Não vai sair por aí procurando encrenca,

Harry...

- Eu não saio por aí procurando encrenca - respondeu Harry, irritado. - Em geral

as encrencas é que vêm ao meu encontro.

- Harry teria que ser um bocado obtuso para sair procurando um biruta que quer

matá-lo, não acha?-falou Rony com a voz tremula.

Eles estavam reagindo às noticias pior do que Harry esperara. Tanto Rony quanto

Hermione pareciam ter muito mais medo de Black do que ele próprio.

- Ninguém sabe como foi que o homem fugiu de Azkaban - disse Rony

embaraçado. - Ninguém jamais tinha feito isso antes. E ainda por cima, ele era um

prisioneiro de segurança máxima.

- Mas vão pegá-lo, não vão? - perguntou Hermione muito séria. - Quero dizer,

todos os trouxas estão procurando Black também...

- Que barulho foi esse? - perguntou Rony de repente. Uma espécie de apitinho

fraco vinha de algum lugar. Os garotos procuraram por toda a cabine.

- Está vindo do seu malão, Harry - disse Rony se levantando e esticando os braços

para o bagageiro. Pouco depois retirava o bisbilhoscópio de bolso,

que fora guardado entre as vestes de Harry.

O objeto girava muito rápido na palma da mão de Rony e emitia um brilho intenso.

- Isso é um hisbilhoscópio? - perguntou Hermione, interessada, levantando-se para

ver melhor.

- É... e veja bem, é dos baratinhos - disse Rony. - Endoidou quando o amarrei na

perna de Errol para mandar para

Harry.

- Você estava fazendo alguma coisa suspeita na hora? - perguntou Hermione

astutamente.

- Não! Bem... eu não devia estar usando o Errol. Você sabe, ele não pode

realmente

hfazer viagens longas... mas como é que eu ia mandar o presente do

Harry?

- Ponha-o de volta no malão - aconselhou Harry enquanto o

bisbilhoscópio continuava a apitar baixinho -, senão vamos acordar o

homem.

#67#

O menino indicou o Prof. Lupin com a cabeça. Rony enfiou o

bisbilhoscópio dentro de um par de meias velhas do tio Válter particularmente horrendas, o

que abafou o som, depois fechou a

tampa do malão.

- Poderíamos mandar verificar esse bisbilhoscopio em Hogsmeade - disse Rony,

sentando-se outra vez. - Vendem essas coisas na Dervixes e Bangues, instrumentos

mágicos e artigos sortidos. Foi o que Fred e Jorge me contaram.

- Você conhece muita coisa de Hogsmeade? - perguntou Hermione interessada. -

Li que é o único povoado inteiramente

bruxo da Grã-Bretanha...

- É, acho que é - disse Rony meio sem pensar-, mas não é por isso que quero ir lá.

Só quero conhecer a Dedosdemel!

- E o que é a Dedosdemel? - perguntou Hermione.

- É uma loja de doces - disse Rony, com uma expressão sonhadora assomando em

seu rosto -, que tem de

tudo.. Diabinhos de Pimenta... que fazem a boca

fumegar... e enormes Chocobolas recheadas de musse de morango e creme cozido, e

Canetas de açúcar realmente ótimas, que a gente pode chupar em classe e fazer de

conta que está pensando no que se vai escrever...

- Mas Hogsmeade é um lugar muito interessante, não é? - insistiu Hermione,

pressurosa. O livro Sítios históricos da bruxaria diz que a estalagem

foi

o quartel-general da Revolta dos Duendes de 1612, e diz que a Casa dos Gritos é o prédio

mais mal-assombrado da Grã-Bretanha...

- e bolas maciças de sorvete de frutas que fazem a gente levitar uns centímetros acima

do chão enquanto está comendo - continuou Rony, que decididamente não

estava ouvindo uma palavra do que Hermione dizia.

A garota virou-se para Harry.

- Não vai ser ótimo sair um pouco da escola e explorar Hogsmeade?

- Imagino que sim - respondeu Harry deprimido. - Você vai

ter que me contar quando descobrir.

- Como assim? - perguntou Rony.

- Não posso ir. Os Dursley não assinaram o meu formulário de

autorização e o Fudge também não quis assinar.

Rony fez uma cara de horror.

- Você não tem autorizaçáo para ir?HMas... nem pensar...

McGonagall ou alguém vai ter que lhe dar essa autorização...

#68#

Harry deu uma risada forçada. A Profa McGonagall, diretora da

Crifinória, era muito rigorosa.

- ... ou podemos apelar para o Fred e o Jorge, eles conhecem todas as passagens

secretas para sair do castelo...

- Rony! - ralhou Hermione com severidade. - Acho que o Harry não devia sair

escondido da escola com o Black solto por aí...

- É, imagino que é o que McGonagall vai dizer quando eu pedir autorização -

disse Harry amargurado.

- Mas se nós estivermos com ele - disse Rony, animado, a Hermione - Black não

ousaria...

- Ah, Rony, não diz besteira - retrucou Hermione. - Black já matou um monte de

gente bem no meio de uma rua movimentada. Você acha mesmo que ele vai

se preocupar se vai ou não atacar Harry só porque nós estamos presentes?

Hermione mexia com as alças da cesta de Bichento enquanto falava.

- Não solta essa coisa! - exclamou Rony, mas tarde demais; Bichento saltou com

leveza da cesta, espreguiçou-se, bocejou e pulou nos joelhos de Rony;

o calombo no peito do menino estremeceu e ele empurrou Bichento com raiva.

- Dê o fora daqui!

- Rony, não! - disse Hermione, zangada.

O menino ia responder quando o Prof. Lupin se mexeu. Eles o miraram com

apreensão, mas ele simplesmente virou a cabeça para o outro lado, a boca ligeiramente

entreaberta, e continuou a dormir.

O Expresso de Hogwarts rodava numa velocidade constante para o norte e o

cenário à janela ia se tornando cada vez mais bravio e escuro enquanto as

nuvens, no alto, se avolumavam. Estudantes passavam pela porta da cabine correndo para

cima e para baixo. Bichento agora se acomodara num assento vazio, a cara amassada

virada para Rony, os olhos amarelos cravados no bolso do peito dele.

Á uma hora, a bruxa gorducha com o carrinho de comida chegou à porta da cabine.

- Vocês acham que a gente devia acordar o professor? - perguntou Rony sem

graça, indicando Lupin com a cabeça. - Ele está com cara de quem podia comer

alguma coisa.

Hermione se aproximou cautelosamente do homem.

- Hum.., professor? Com licença, professor?

O homem não se mexeu.

- Não se preocupe, querida-disse a bruxa entregando a Harry uma montanha de bolos

de caldeirão. Se ele tiver fome quando acordar, vou estar lá na frente

com o maquinista.

- Suponho que ele esteja dormindo - disse Rony baixinho quando a bruxa fechou a

porta da cabine. - Quero dizer: ele não morreu, não é?

- Não, está respirando - sussurrou Hermione, pegando o bolo de caldeirão que Harry

lhe passava.

Talvez o Prof. Lupin não fosse uma ótima companhia, mas sua presença na cabine dos

garotos tinha suas vantagens. No meio da tarde, bem na hora em que a chuva

começou a cair, embaçando os contornos das colinas ondulantes por que passavam, os

meninos ouviram novamente passos no corredor, e surgiram à porta as

três pessoas que eles menos gostavam no mundo: Draco Maifoy, ladeado pelos seus

asseclas, Vicente Crabbe e

Gregório Goyle.

Draco Malfoy e Harry eram inimigos desde que se encontraram na primeira viagem de

trem para Hogwarts. Malfoy, que tinha uma cara desdenhosa, pálida e pontuda,

era aluno da Sonserina; jogava como apanhador no time de sua casa, a mesma posição de

Harry no time da

Grifinória. Crabbe e Goyle pareciam existir para fazer o que

Draco mandava. Eram grandes e musculosos; Crabbe, mais alto, tinha um pescoço muito

grosso e um corte de cabelos de

cuia; os cabelos de Goyle eram curtos e espetados,

e seus braços compridos como os de um gorila.

- Ora! vejam só quem está aqui - disse Draco naquela sua voz arrastada, abrindo a

porta da cabina

,Potinha e Fuinha.

Crabbe e Goyle riram feito trasgos.

- Ouvi dizer que seu pai finalmente pôs as mãos no ouro neste verão - disse Malfoy. -

Sua mãe não morreu do choque?

Rony se levantou tão depressa que derrubou a cesta de

Bichento no chão. O Prof. Lupin soltou um pequeno ronco.

- Quem é esse ai? - perguntou Draco, dando automaticamente um passo atrás, ao ver

Lupin.

- Professor novo - disse Harry que se levantou também, caso precisasse segurar Rony.

-Que é que você ia dizendo mesmo, Draco?

Os olhos muito claros do menino se estreitaram; ele não era

bobo de puxar uma briga bem debaixo do nariz de um professor.

- Vamos - murmurou Draco, contrariado, para Crabbe e Coyle, e os três sumiram.

Harry e Rony tornaram a se sentar, Rony massageando os nós dos dedos.

- Não vou aturar nenhum desaforo de Draco este ano - disse cheio de raiva. -

Estou falando sério. Se ele disser mais uma piadinha sobre a minha família,

vou agarrar a cabeça dele e...

Rony fez um gesto violento no ar.

- Rony - sibilou Hermione, apontando para o Prof. Lupin -, cuidado...

Mas o Prof. Lupin continuava ferrado no sono.

A chuva engrossava à medida que o trem avançava mais para o norte; as janelas agora

iam se tornando um cinza sólido e tremeluzente, que gradualmente escureceu

até as lanternas se acenderem nos corredores e por cima dos bagageiros. O trem sacolejava,

a chuva fustigava, o vento rugia, mas, ainda assim, o Prof. Lupin continuava

adormecido.

- Devemos estar quase chegando - disse Rony, curvando-se para a frente para

olhar, além do professor, a janela agora completamente escura.

Nem bem essas palavras tinham saido de sua boca e o trem começou a reduzir a

velocidade.

- Legal - exclamou Rony, levantando-se e passando com todo o cuidado pelo Prof.

Lupin para tentar ver lá fora. - Estou morrendo de fome. Quero chegar

logo para o banquete...

- Nós ainda não chegamos - disse Hermione, consultando o relógio. - Então por

que estamos parando?

O trem foi rodando cada vez mais lentamente. Quando o ronco dos pistões parou,

o barulho do vento e da chuva de encontro às janelas pareceu mais forte

que nunca.

Harry, que estava mais próximo da porta, levantou-se para

espiar o corredor. Por todo o carro, cabeças, curiosas, surgiram à

porta das cabines.

O trem parou completamente com um tranco, e baques e pancadas distantes

sinalizaram que as malas tinham despencado dos bagageiros. Em seguida, sem

aviso, todas as luzes se apagaram e eles mergulharam em total escuridão.

- Que é que está acontecendo? - ouviu-se a voz de Rony às

costas de Harry.

- Ai! -exclamou Hermione. - Rony, isto é o meu pé!

Harry voltou ao seu lugar, às apalpadelas.

- Vocês acham que o trem enguiçou?

- Não sei...

Ouviu-se um barulho de pano esfregando vidro e Harry viu os contornos difusos de

Rony desembaciando um pedaço da vidraça

da janela para espiar.

- Tem uma coisa se mexendo lá fora - disse ele. - Acho que está embarcando gente

no trem...

A porta da cabine se abriu repentinamente e alguém caiu por

cima das pernas de Harry, machucando-o.

- Desculpe... você sabe o que está acontecendo?... Ai... desculpe...

- Ai, Nevilie - disse Harry tateando no escuro e levantando o colega pela capa.

- Harry? É você? Que é que está acontecendo?

- Não tenho idéia.., senta...

Ouviu-se um sibilo forte e um ganido de dor; Nevilie tentara se sentar em cima do

Bichento.

- Vou perguntar ao maquinista o que está acontecendo - ouviu-se a voz de

Hermione. Harry sentiu a amiga passar por ele,

ouviu a porta deslizar, e em seguida um baque e dois berros de dor.

- Quem é?

- Quem é?

- Gina?

- Mione?

- Que é que você está fazendo?

- Estava procurando o Rony!.

- Entra aqui e senta...

- Aqui não! - disse Harry depressa. - Eu estou aqui!

- Ai! - disse Nevilie.

- Silêncio! -ordenou uma voz rouca, de repente.

O Prof. Lupin parecia ter finalmente acordado. Harry ouviu movimentos no canto

em que ele estava. Ninguém disse nada.

Seguiu-se um estalinho e uma luz trêmula inundou a cabine. Pelo que viam, o

professor estava empunhando um feixe de chamas. Elas iluminavam um rosto cansado

e cinzento, mas seus olhos tinham uma expressão alerta e cautelosa.

- Fiquem onde estão - disse com a mesma voz rouca, e começou a se levantar

lentamente segurando as chamas à sua frente.

Mas a porta se abriu antes que Lupin pudesse alcançá-la.

#72#

Parado à porta, iluminado pelas chamas trêmulas na mão do professor, havia um vulto

de capa que alcançava o teto. Seu rosto estava completamente oculto

por um capuz. Harry baixou os olhos depressa, e o que ele viu provocou uma contração em

seu estômago. Havia uma mão saindo da capa e ela brilhava, um brilho cinzento,

de aparência viscosa e coberta de feridas, como uma coisa morta que

se

decompusera na água...

Mas foi visível apenas por uma fração de segundo. Como se a

criatura sob a capa percebesse o olhar de Harry, a mão foi repentinamente ocultada nas

dobras da capa preta.

E então a coisa encapuzada, fosse o que fosse, inspirou longa e

lentamente, uma inspiração ruidosa, como se estivesse tentando

inspirar mais do que o ar à sua volta.

Um frio intenso atingiu todos os presentes. Harry sentiu a própria respiração entalar no

peito. O frio penetrou mais

fundo em

sua pele. Chegou ao fundo do peito, ao seu próprio coração...

Os olhos de Harry giraram nas órbitas. Ele não conseguiu ver

mais nada. Estava se afogando no frio. Sentia um farfalhar nos ouvidos que lembrava água

correndo. Estava sendo puxado para o

fundo, o farfalhar aumentou para um ronco que aumentava...

Então, vindos de muito longe, ouviu gritos, terríveis, apavorados, suplicantes. Ele

queria ajudar quem gritava, tentou mexer os braços, mas não conseguiu...

um nevoeiro claro e denso rodopiava à volta dele, dentro dele...

- Harry! Harry! Você está bem?

Alguém batia no seu rosto.

-Q...quê?

Harry abriu os olhos; havia lanternas no alto e o chão sacudia.

- o Expresso de Hogwarts recomeçara a andar e as luzes tinham voltado.

Aparentemente ele escorregara do assento para o chão.

Rony e Hermione estavam ajoelhados

ao seu lado, e acima dos seus amigos ele viu que Nevilie e o professor o observavam. Harry

se sentiu muito doente; quando ergueu a mão para ajeitar os óculos no

nariz, sentiu um suor frio no rosto.

Rony e Hermione puxaram-no para cima do assento.

- Você está bem? - perguntou Rony, nervoso.

- Estou-disse Harry, olhando depressa para a porta. A criaruta encapuzada

desaparecera. - Que aconteceu? Onde está aquela...

aquela coisa? Quem gritou?

- Ninguém gritou - disse Rony, ainda mais nervoso.

Harry olhou para todos os lados da cabine iluminada. Gina e

Nevilie retribuiram seu olhar, ambos muito pálidos.

- Mas eu ouvi gritos...

Um forte estalo assustou os meninos. O Prof. Lupin partia em

pedaços uma enorme barra de chocolate.

- Tome - disse a Harry, oferecendo-lhe um pedaço particularmente avantajado. -

Coma. Vai fazer você se sentir

melhor.

Harry apanhou o chocolate mas não o comeu.

- Que era aquela coisa? - perguntou a Lupin.

- Um dementador - respondeu Lupin, que agora distribuía o chocolate para todos.

- Um dos dementadores de Azkaban.

Todos o olharam espantados. O professor amassou a embalagem vazia de chocolate e

meteu-a no bolso.

- Coma - insistiu. - Vai lhe fazer bem. Preciso falar com o maquinista, me dêem

licença...

Ele passou por Harry e desapareceu no corredor.

Você tem certeza de que está bem? - perguntou Hermione,

observando-o com ansiedade.

- Não entendo... Que foi que aconteceu? - perguntou Harry, enxugando mais suor

do rosto.

- Bem... aquela coisa... o dementador... ficou parado ali olhando, quero dizer, acho

que foi, não pude ver o rosto

dele... e voce...

- Pensei que você estava tendo um acesso ou coisa parecida - disse Rony, que conservava

no rosto uma expressão de pavor - Você ficou todo duro, escorregou do

assento e começou a se contorcer...

- E o Prof. Lupin saltou por cima de você, foi ao encontro do dementador, puxou a

varinha - contou Hermione - e disse:

"Nenhum de nós está escondendo Sirius Black dentro da capa. Vá." - Mas o dementador

não se mexeu, então Lupin murmurou alguma coisa e da varinha saiu um raio prateado

contra a coisa, e ela deu as costas e se afastou como se deslizasse...

- Foi horrível - disse Neville numa voz mais alta do que de costume. - Vocês

sentiram como ficou frio quando ele

entrou?

- Eu me senti esquisito - disse Rony, sacudindo os ombros, desconfortável. -

Como se eu nunca mais fosse sentir alegria na

vida...

Gina, que se encolhera a um canto parecendo quase tão mal quanto Harry, deu um

solucinho; Hermione aproximou-se e passou um braço pelas costas da menina

para consolá-la.

- Mas nenhum de vocês caiu do assento? - perguntou Harry sem graça.

- Não - disse Rony, olhando para Harry, ansioso, outra vez. - Mas Gina tremia

feito louca...

Harry não entendeu. Sentia-se fraco e cheio de arrepios, como se estivesse se

recuperando de uma gripe muito forte; começava também a sentir um início

de

vergonha. Por que desmaiara daquele jeito, quando mais ninguém desmaiara?

O Prof. Lupin voltou. Parou ao entrar, olhando para todos e disse, com um leve

sorriso:

- Eu não envenenei o chocolate, sabem...

Harry deu uma dentada e, para sua grande surpresa, sentiu de

repente um calor se espalhar até as pontas dos dedos dos pés e das

mãos.

- Vamos chegar a Hogwarts dentro de dez minutos - disse o Prof.

Lupin. - Você

está bem, Harry?

O menino nao perguntou como é que o professor sabia seu nome.

- Muito bem - murmurou ele, constrangido.

Ninguém falou muito durante o resto da viagem. Por fim, o trem parou na estaçao de

Hogsmeade e houve uma grande correria para desembarcar; corujas piavam,

gatos miavam e o sapo de estimação de Nevilie coaxou alto debaixo do chapéu do seu

dono. Estava frio demais na minúscula plataforma; a chuva descia em cortinas geladas.

- Alunos do primeiro ano por aqui! - chamou uma voz conhecida. Harry, Rony e

Hermione se viraram e depararam com o vulto gigantesco de Hagrid, no

outro extremo da plataforma, fazendo sinal para os novos alunos, aterrorizados, se

aproximarem para a tradicional travessia do lago.

- Tudo bem, vocês três? - gritou Hagrid sobre as cabeças dos alunos aglomerados.

Eles acenaram para o guarda-caça, mas não tiveram chance de lhe falar

porque a massa de alunos em volta deles os empurrava na direção oposta. Harry, Rony e

Hermione

acompanharam o resto da escola pela plataforma e desceram para uma

trilha enlameada, cheia de altos e baixos, onde no mínimo uns cem

coches os aguardavam, cada qual, Harry sé podia supor, puxado por um cavalo invisível,

porque os garotos embarcaram em um, fecharam a porta e o veículo saiu andando,

aos trancos e balanços, formando um cortejo.

O coche cheirava levemente a mofo e palha. Harry se sentia melhor desde o

chocolate, mas continuava fraco. Rony e Hermione não paravam de lhe lançar

olhares de esguelha, como se temessem que ele pudesse desmaiar outra vez.

Quando o coche foi se aproximando de um magnífico portão de ferro forjado, ladeado

por colunas de pedra com javalis alados no alto, Harry viu mais dois dementadores

encapuzados montando guarda dos lados do portão. Uma onda de náusea e frio tornou a

invadi-lo; ele se recostou no banco encalombado e fechou os olhos até atravessarem

a entrada. O coche ganhou velocidade no caminho longo e inclinado até o castelo;

Hermione se debruçou pela janelinha, espiando as muitas torrinhas e torres que se

aproximavam. Por fim, o coche parou balançando, e Hermione e Rony desembarcaram.

Quando Harry ia descendo, uma voz arrastada e satisfeita chegou aos seus ouvidos.

- Você desmaiou, Potter? Longbottom está falando a verdade? Desmaiou mesmo,

é?

Draco passou por Hermione acotovelando-a, para impedir

Harry de subir as escadas de pedra do castelo, o rosto jubilante e os

olhos claros brilhando de malícia.

- Se manda, Malfoy - disse Rony, cujos maxilares estavam cerrados.

- Você também desmaiou, Weasley? - perguntou Draco em voz alta. - O velho

dementador apavorante também o assustou,

Weasley?

- Algum problema? - perguntou uma voz suave, O Prof. Lupin acabara de

desembarcar do coche seguinte.

Malfoy lançou ao Prof. Lupin um olhar insolente, que registrou os remendos em suas

vestes e a mala surrada. Com uma sugestão de sarcasmo na voz, ele respondeu:

- Ah, não... hum... professor - depois fez cara de riso para

Crabbe e Goyle, e subiu com os dois as escadas do castelo.

Hermione bateu nas costas de Rony para apressá-lo, e os três se

reuniram aos muitos alunos que enchiam as escadas, cruzavam a

soleira das enormes portas de carvalho e penetravam no saguão cavernoso iluminado com

tochas ardentes, onde havia uma magnífica escadaria de mármore para os andares

superiores.

A porta que levava ao Salão Principal, à direita, estava aberta; Harry seguiu o grande

número de alunos que se deslocava naquela direção, mas apenas vislumbrara

o teto encantado, que àquela noite se mostrava escuro e anuviado, quando uma voz o

chamou:

- Potter! Granger! Quero falar com os dois! Os garotos se viraram surpresos. A

Profa McGonagall, que ensinava Transformação e dirigia a Casa da Grifinória,

os chamava por cima das cabeças dos demais. Era uma bruxa de aspecto severo, que usava

os cabelos presos em um coque apertado; seus olhos penetrantes eram emoldurados

por óculos quadrados. Harry abriu caminho até ela com esforço e um mau pressentimento:

a Profa McGonagall tinha o condão de fazê-lo sentir que fizera alguma coisa

errada.

- Não precisa ficar tão preocupado, só quero dar uma palavrinha com vocês na minha

sala - disse ela. - Pode continuar o seu caminho, Weasley.

Rony ficou olhando a professora se afastar, com Harry e Hermione, da

aglomeração de

alunos que falavam sem parar; os três atravessaram o saguão, subiram

a escadaria de mármore e seguiram por um corredor.

Já na sala, um pequeno aposento com uma grande e acolhedora lareira, a professora

fez sinal a Harry e Hermione para que se sentassem. Ela própria se sentou

à escrivaninha e disse sem rodeios:

- O Prof. Lupin mandou à frente uma coruja para avisar que você tinha passado mal no

trem, Potter.

Antes que o garoto pudesse responder, ouviu-se uma leve batida na porta e Madame

Pomfrey, a enfermeira, entrou com seu ar eficiente.

Harry sentiu o rosto corar. Já era bastante ruim que tivesse desmaiado, ou o que fosse,

sem todo mundo ficar fazendo aquele alvoroço.

- Eu estou bem - disse. - Não preciso de nada...

- Ah, então foi você? - exclamou Madame Pomfrey, ignorando o

comentário de

Harry e se curvando para examiná-lo mais de perto. - Suponho que tenha

feito outra vez alguma coisa perigosa.

- Foi um dementador, Papoula -. informou McGonagall.

As duas, trocaram olhares misteriosos e Madame Pomfrey deu um muxoxo de

desaprovação.

- Postar dementadores em volta da escola - murmurou, afastando os cabelos de

Harry e sentindo a temperatura na testa dele.

- O menino não vai ser o último a desmaiar. É, está úmido de suor. Eles são terríveis e o

efeito que produzem nas pessoas que já são delicadas...

- Eu não sou delicado! - exclamou Harry aborrecido.

- Claro que não é - disse Madame Pomfrey distraída, agora tomando o seu pulso.

- Do que é que ele precisa? - perguntou a Profa McGonagall, decidida. - Repouso?

Quem sabe não fosse bom passar a noite na

ala hospitalar?

- Eu estou ótimo! - disse Harry, levantando-se de um

salto. A idéia do que Draco iria dizer se ele tivesse que ir para a ala

hospitalar foi uma tortura.

- Bem, ele devia, no mínimo, tomar um chocolate - disse Madame Pomfrey, que

agora tentava examinar os olhos de Harry.

- já comi chocolate - disse ele. - O Prof. Lupin me deu. Deu a todos

nós.

- Deu, foi? - exclamou a bruxa-enfermeira em tom de aprovação. - Então

finalmente conseguimos um professor de Defesa contra as Artes das Trevas que

sabe o que faz!

- Você tem certeza de que está se sentindo bem, Potter? - perguntou a

Prof. McGonagall bruscamente.

- Estou - respondeu Harry.

- Muito bem. Por favor esperem aí fora enquanto dou uma palavrinha com a Srra.

Granger sobre sua programação para o ano

letivo, depois podemos descer juntos para a festa.

Harry saiu para o corredor com Madame Pomfrey, que seguiu para a ala hospitalar,

resmungando sozinha. Ele só precisou esperar uns

minutinhos; Hermione apareceu

com um ar muito feliz, acompanhada pela professora, e todos desceram a escadaria de

mármore para o Salão Principal.

Havia um mar de chapéus cônicos e pretos; cada uma das compridas mesas das casas

estava lotada de estudantes, os rostos iluminados por milhares de velas

que flutuavam no ar, acima das mesas.

O Prof. Flitwick, que era um bruxo franzino de cabeleira branca,

carregava um chapéu

antigo e um banquinho de três pernas para fora da sala.

- Ah - comentou Hermione em voz baixa -, perdemos a cerimônia da seleção!

Os novos alunos de Hogwarts eram distribuídos pelas quatro casas do colégio, pondo

na cabeça o Chapéu Seletor, que anunciava a casa (Grifinória, Corvinal,

Lufa-Lufa ou Sonserina) que melhor convinha ao recém-chegado. A Profa McGonagall

dirigiu-se ao seu lugar, que estava vazio à mesa dos professores e funcionários e

Harry e Hermione seguiram na direção oposta, o mais silenciosamente possível para se

sentarem à mesa da Grifinória. As pessoas viraram a cabeça para olhá-los passar

pelo fundo do salão, e alguns apontaram para Harry. Será que a história do seu desmaio ao

topar com o dementador se espalhara com tanta rapidez?

Ele e Hermione se sentaram um de cada lado de Rony, que

guardara seus lugares.

- Que história foi essa? - murmurou Rony para Harry.

O amigo começou a lhe explicar aos cochichos mas, naquele momento, o diretor

se ergueu para falar e ele se calou.

O Prof. Dumbledore, embora muito velho, sempre dava uma impressão de grande

energia. Tinha alguns palmos de cabelos e barbas prateados, óculos de

meia-lua e um nariz muito torto. Em geral era descrito como o maior bruxo da era atual,

mas não era esta a razão por que Harry o respeitava. Não era possível deixar

de confiar em Alvo Dumbledore, e quando Harry o contemplou sorrindo radiante para os

alunos à sua volta, sentiu-se calmo, pela

primeira vez, desde que o dementador

entrara na cabine do trem.

- Sejam bem-vindos! - começou Dumbledore, a luz das velas tremeluzindo em

suas barbas. - Sejam bem-vindos para mais um ano em Hogwarts! Tenho algumas

coisas a dizer a todos, e uma delas é muito séria. Acho que é melhor tirá-la do caminho

antes que vocês fiquem tontos com esse excelente banquete...

O diretor pigarreou e prosseguiu:

- Como vocês todos perceberam, depois da busca que houve no Expresso de

Hogwarts, a nossa escola passou a hospedar alguns

dementadores de Azkaban,

que vieram cumprir ordens do Ministério da Magia.

Ele fez uma pausa e Harry se lembrou do que o Sr. Weasley

comentara sobre a insatisfação de Dumbledore quanto ao fato de

os dementadores estarem montando guarda na escola.

- Eles estão postados em cada entrada da propriedade e,

enquanto estiverem conosco, é preciso deixar muito claro que ninguém deve sair da escola

sem permissão. Os dementadores não se deixam enganar por truques nem disfarces,

nem mesmo por capas de invisibilidade - acrescentou ele brandamente, e Harry e Rony se

entreolharam. - Não faz parte da natureza deles entender súplicas nem desculpas.

Portanto, aviso a todos e a cada um em particular, para não darem a esses guardas razão

para

lhes fazerem mal. Apelo aos monitores, e ao nosso monitor e monitora-chefes,

para que se certifiquem de que nenhum aluno entre em conflito com os

dementadores.

Percy, que estava sentado a algumas cadeiras de distância de Harry, estufou o peito

outra vez e olhou à volta cheio de importância. Dumbledore fez nova pausa;

percorreu o salão com um olhar muito sério mas ninguém se mexeu nem emitiu som algum.

- Agora, falando de coisas mais agradáveis - continuou ele-, tenho o prazer de dar as

boas-vindas a dois novos professores este ano.

"Primeiro, o Prof. Lupin, que teve a bondade de aceitar ocupar

a vaga de professor de Defesa contra as Artes das Trevas.

Ouviram-se algumas palmas dispersas e pouco entusiásticas. Somente os que tinham

estado na cabine de trem com o novo professor bateram palmas animados, Harry

entre eles. Lupin parecia particularmente mal vestido ao lado dos outros professores que

trajavam suas melhores vestes.

- Olha a cara do Snape! - sibilou Rony ao ouvido de Harry.

O olhar do Prof. Snape, mestre de Poções, passou pelos professores que ocupavam a

mesa e se deteve em Lupin. Era fato sabido que Snape queria o cargo de

professor de Defesa contra as Artes das Trevas, mas até Harry, que o detestava, se

surpreendeu com a expressão que deformou o seu rosto macilento. Era mais do que

raiva: era desprezo. Harry conhecia aquela expressão bem demais; era a que Snape usava

sempre que o avistava.

- Quanto ao nosso segundo contratado - continuou Dumbledore quando cessavam as

palmas mornas para o Prof. Lupin. - Bem, lamento informar que o Prof. Ketrleburn,

que ensinava Trato das Criaturas Mágicas, aposentou-se no fim do ano passado para poder

aproveitar melhor os membros que ainda lhe restam. Contudo, tenho o prazer de informar

que o seu cargo

será preenchido por ninguém menos que Rúbeo Hagrid, que concordou

em acrescentar essa responsabilidade docente às suas tarefas de guarda-caça.

Harry, Rony e Hermione se entreolharam, estupefatos. Em

seguida acompanharam os aplausos, que foram tumultuosos principalmente

à mesa da Grifinória. Harry se esticou para a frente para

ver Hagrid, que tinha o rosto vermelho-rubi, os olhos postos nas

mãos enormes, e o sorriso largo escondido no emaranhado de sua

barba escura.

- Nós devíamos ter adivinhado! - berrou Rony, dando socos

na mesa. - Quem mais teria nos mandado comprar um livro que

morde?

Os três garotos foram os últimos a parar de aplaudir e quando

o Prof. Dumbledore recomeçou a falar, eles viram que Hagrid

estava enxugando os olhos na toalha da mesa.

- Bem, acho que, de importante, é só o que tenho a dizer. Vamos à festa!

As travessas e taças de ouro diante das pessoas se encheram

inesperadamente de comida e bebida. Harry, de repente faminto,

se serviu de tudo que conseguiu alcançar e começou a comer.

Foi um banquete delicioso; o salão ecoava as conversas, os

risos e o tilintar de talheres. Harry, Rony e Hermione, porém, estavam

ansíosos para a festa terminar para poderem conversar com Hagrid.

Sabiam o quanto significava para ele ser nomeado professor. O

guarda-caça não era um bruxo diplomado; fora expulso de Hogwarts no

terceiro ano por um crime que não cometera. Harry, Rony

e Hermione é que tinham limpado o seu nome no ano

anterior.

Finalmente, quando os últimos pedaços deliciosos de torta de

abóbora tinham desaparecido das travessas de ouro, Dumbledore

anunciou que era hora de todos se recolherem e os meninos tiveram a

oportunidade que aguardavam.

- Hagrid! - exclamou Hermione quando se aproximaram da

mesa dos professores.

- Graças a vocês - disse Hagrid, enxugando o rosto brilhante

de lágrimas no guardanapo e erguendo os olhos para os garotos.

-

Nem consigo acreditar... grande homem, o Dumbledore... veio

direto à minha cabana quando o Prof. Kettleburn disse que para ele

já chegava... É o que eu sempre quis... .

Dominado pela emoção, ele escondeu o rosto no guardanapo e

a Prof. McGonagall tocou os meninos para fora. Harry, Rony e

Hermione se reuniram aos outros colegas da Grifinória que

ocupavam toda a escadaria de mármore e agora, muito cansados,

caminharam por mais corredores e mais escadas até a entrada secreta

para a torre da Grifinória. Uma grande pintura a óleo de uma mulher gorda vestida de rosa

perguntou-lhes:

- A senha?

-Já estou indo, já estou indo! - gritou Percylá do fim do ajuntamento. - A nova senha?

Fortuna Major!

- Ah, não! - exclamou Nevilie Longbortom com tristeza. Ele sempre tinha

dificuldade para se lembrar das senhas.

Depois de atravessar o buraco do retrato e a sala comunal, as garotas e garotos

tomaram escadas separadas. Harry subiu a escada circular sem pensar em nada

exceto na sua felicidade por estar de volta. Quando chegaram ao

dormitório redondo com

as camas de colunas que já conheciam, Harry, olhando a toda volta, se sentiu

finalmente em casa.

#82#

- CAPÍTULO SEIS

Garras e folhas de chá

Quando Harry, Rony e Hermione entraram no Salão Principal para tomar café, na manhã

seguinte, a primeira coisa que viram foi Draco Malfoy, que parecia estar entretendo

um grande grupo de alunos da Sonserina com uma história muito engraçada. Quando os

três passaram, Malfoy fez uma imitação ridícula de um desmaio que provocou grandes

gargalhadas.

- Não ligue para ele - disse Hermione, que vinha logo atrás de Harry. - Não dê

bola para ele, não vale a pena...

- Ei, Potter! - chamou esganiçada Pansy Parkinson, uma garota da

Sonserina com cara de buldogue. - Potrer! Os dementadores estão chegando. Potter!

Uuuuuuuuuuu!

Harry se largou numa cadeira à mesa da Grifinória, ao lado de Jorge Weasley.

- Novos horários de aulas para os alunos do terceiro ano - disse Jorge,

distribuindo-os. - Que é que há com você, Harry?

-Malfoy-informou Rony, sentando-se do outro lado de Jorge e olhando feio para a

mesa da Sonserina.

Jorge ergueu os olhos na hora em que Malfoy fingia desmaiar de terror outra vez.

- Aquele debilóide! - disse calmamente. - Ele não estava tão exibido ontem à noite

quando os dementadores revistaram o nosso lado do trem. Entrou

correndo na nossa cabine, não foi, Fred?

- Quase fez xixi nas calças - disse Fred, lançando a Draco um olhar de desprezo.

- Nem eu fiquei muito feliz - comentou Jorge. - Eles são um horror, aqueles

dementadores...

- Meio que congelam a gente por dentro, não acha? - disse Fred.

- Mas você não desmaiou, desmaiou? - perguntou Harry em voz baixa.

##83

- Esquece isso, Harry - disse Jorge para animá-lo. - Papai teve que ir a Azkaban

uma vez, lembra,

Fred? E comentou que foi o pior lugar em que esteve

na vida, voltou de lá fraco e abalado... Eles sugam a felicidade do lugar, esses

dementadores. A maioria dos prisioneiros acaba endoidando.

- Em todo caso, vamos ver se Draco vai continuar tão felizinho depois do primeiro

jogo de quadribol - disse Fred. -

Grifinória

contra Sonserina, primeiro jogo da temporada, está lembrado?

A única vez em que Harry e Draco tinham se enfrentado em uma partida de quadribol,

Draco decididamente tinha levado a

pior. Sentindo-se um pouquinho mais

animado, Harry se serviu de salsichas e tomates fritos.

Hermione examinava seu novo horário.

- Ah, que ótimo, estamos começando matérias novas hoje - comentou satisfeita.

- Hermione - disse Rony, franzindo a testa ao olhar por cima do ombro da amiga

- bagunçaram o seu horário. Veja só: dez aulas por dia. Não existe tempo

para tudo isso.

- Eu me arranjo. Já combinei tudo com a Profa Minerva.

- Mas olha aqui - continuou Rony, rindo-se-, está vendo hoje de manhã? Nove

horas, Adivinhação. E embaixo, nove horas, Estudo dos Trouxas. E - o menino

se curvou para olhar o horário mas de perto, incrédulo - olha, embaixo

tem Aritmancia,

nove horas. Quero dizer, eu sei que você é boa, Mione, mas ninguém é tão bom

assim. Como é que você vai poder assistir a três aulas ao mesmo tempo?

- Não seja bobo - disse Hermione com rispidez. - É claro que não vou assistir a três

aulas ao mesmo tempo.

- Bom, então...

- Passe a geléia - pediu Hermione.

-Mas...

- Ah, Rony, é da sua conta se o meu horário ficou um pouco cheio demais? -

perguntou a menina em tom zangado. - Já disse

que combinei tudo com a Profa Minerva.

Nesse instante Hagrid entrou no Salão Principal. Estava usando o casaco de pele de

toupeira e distraidamente balançava um

#84#

gambá na mão enorme.

- Tudo bem? - perguntou ele, ansioso, parando a caminho da mesa dos

professores. - Vocês vão assistir à primeira aula da minha

vida! Logo depois do almoço! Estou acordado desde as cinco horas aprontando tudo...

Espero que dê certo... Eu, professor... sinceramente...

E dando um grande sorriso para os garotos foi para sua mesa, ainda balançando o

gambá.

- O que será que ele andou aprontando? - comentou Rony, com uma nota de ansiedade

na voz.

O salão começou a se esvaziar à medida que as pessoas saíam para a primeira aula.

Rony verificou seu horário.

- É melhor irmos andando, olha, Adivinhação é no alto da Torre Norte. Vamos

levar uns dez minutos para chegar lá...

Os garotos terminaram o café, apressados, se despediram de Fred e Jorge, e foram

saindo para o saguão. Ao passarem pela mesa da Sonserina, Draco tornou a

fazer a imitação do desmaio. As gargalhadas acompanharam Harry até a entrada do saguão.

A viagem pelo castelo até a Torre Norte era longa. Dois anos em Hogwarts não tinham

ensinado aos meninos tudo sobre o lugar, e nunca tinham ido à Torre Norte

antes.

- Tem-que-ter-um-atalho - ofegava Rony ao subirem a sétima longa escada e chegarem

a um patamar desconhecido, onde não havia nada exceto um grande quadro

de um campo relvado pendurado na parede de pedra.

- Acho que é por aqui - disse Hermione, espiando o corredor vazio à direita.

- Não pode ser - discordou Rony. - Aí é sul, olha, dá para, ver um pedacinho do lago

pela janela...

Harry parou para examinar o quadro. Um gordo pônei cinza malhado pisou lentamente

na relva e começou a pastar sem muito entusiasmo. Harry estava acostumado

aos personagens dos quadros de Hogwarts andarem e até saírem pela moldura para visitar

uns aos outros, mas sempre gostava de apreciar esse movimento. No instante

seguinte, um cavaleiro baixo e atarracado, vestindo armadura, entrou retinindo pelo quadro

à procura do seu pônei.

Pelas manchas de grama nas joelheiras metálicas, ele acabara de cair

do cavalo.

- Ah-ah - berrou, vendo Harry, Rony e Hermione. - Quem

são esses vilões que invadem as minhas terras! Porventura vieram

zombar da minha queda? Desembainhem as espadas, seus velhacos, seus cães!

Os meninos observaram, espantados, o cavaleiro nanico puxar

a espada da bainha e começar a brandi-la com violência, saltando

para aqui e para ali enraivecido. Mas a espada era demasiado comprida para ele; um golpe

particularmente exagerado desequilibrou-o e ele caiu de cara na grama.

- O senhor está bem? - perguntou Harry, aproximando-se do quadro.

- Afaste-se, fanfarrão desprezível! Para trás, patife!

O cavaleiro retomou a espada e usou-a para se reerguer, mas a lâmina penetrou

fundo na terra e, embora ele a puxasse com toda a força, não conseguiu

retirá-la. Finalmente, teve que se largar outra vez no chão e levantar a viseira para enxugar

o rosto coberto de suor.

- Escuta aqui - disse Harry, se aproveitando da exaustão do

cavaleiro -, estamos procurando a Torre Norte. O senhor conhece

o caminho, não?

- Uma expedição! - A raiva do cavaleiro pareceu sumir

instantaneamente. Levantou-se retinindo a armaduh e gritou: -

Sigamme, caros amigos,

alcançaremos

o nosso objetivo ou pereceremos corajosamente na peleja!

Ele deu mais um puxão inútil na espada, tentou mas não conseguiu montar o gordo

pônei e gritou:

- A pé, então, dignos senhores e gentil senhora! Avante! Avante!

E saiu correndo, a armadura fazendo grande estrépito, passou

pelo lado esquerdo da moldura e desapareceu de vista.

Os garotos se precipitaram atrás dele pelo corredor, seguindo o

barulho da armadura. De vez em quando o avistavam passando

para o quadro seguinte.

- Sejam fortes, o pior ainda está por vir! - berrou o cavaleiro e os três o

viram reaparecer diante de um grupo assustado de mulheres vestindo anáguas

de crinolina, cujo quadro fora pendurado na parede de uma estreita escada

circular.

Ofegando ruidosamente, Harry, Rony e Hermione subiram os estreitos degraus em

caracol, sentindo-se cada vez mais tontos, até que finalmente ouviram o murmúrio

de vozes no alto e perceberam que tinham chegado à sala de aula.

- Adeus! - gritou o cavaleiro, enfiando de repente a cabeça no

quadro de uns monges de aspecto sinistro. - Adeus, meus

camaradas de armas! Se um dia precisarem de um coração nobre e fibra de

aço, chamem Sir Gadogan!

#86#

- Ah, sim, chamaremos - murmurou Rony quando o cavaleiro foi sumindo de vista -,

mas se um dia precisarmos de um maluco.

Os garotos subiram os últimos degraus e chegaram a um mínusculo patamar, onde a

maioria dos colegas já estava reunida. Não havia portas no patamar, mas Rony

cutucou Harry indicando-lhe o teto, onde havia um alçapão circular com uma placa de

latão.

- Sibila Trelawney, Professora de Adivinhação - leu Harry. - E como é que esperam

que a gente chegue lá em cima?

Como se respondesse à sua pergunta, o alçapão se abriu inesperadamente e uma

escada prateada desceu aos seus pés. Todos se

calaram.

- Primeiro você - disse Rony sorrindo, e Harry subiu a escada. Chegou à sala de aula mais

esquisita que já vira. Na realidade,

sequer parecia uma sala de aula, e, sim, uma cruza de sótão com

salão de chá antigo. Havia, no mínimo, vinte mesinhas circulares

juntas ali, rodeadas por cadeiras forradas de chintz e pequenos pufes estufados. O ambiente

era iluminado por uma fraca luz avermelhada; as cortinas às janelas

estavam

fechadas e os vários abajures, cobertos com xales vermelho-escuros. O calor sufocava e a

lareira acesa sob um console cheio de objetos desprendia um

perfume denso, enjoativo e doce ao aquecer uma grande chaleira de

cobre. As prateleiras em torno das paredes circulares estavam cheias

de penas empoeiradas, tocos de velas, baralhos de cartas em tiras,

Incontaveis bolas de cristal e uma imensa coleção de xícaras de chá.

- Rony espiou por cima do ombro de Harry enquanto os colegas se reuniam à volta

deles, todos falando aos cochichos.

- E onde está a professora? - perguntou Rony.

Uma voz saiu subitamente das sombras, uma voz suave, meio

etérea.

- Sejam bem-vindos. Que bom ver vocês no mundo físico, finalmente.

A impressão imediata de Harry foi a de estar vendo um enorme inseto cintilante. A

Prof. Sibila Trelawney saiu das sombras e, à luz da lareira, os garotos

viram que era muito magra; uns óculos Imensos aumentavam seus

olhos várias vezes, e ela

vestia um xale

diáfano, salpicado de lantejoulas. Em volta do pescoço fino, usava

#87#

inúmeras correntes e colares de contas, e seus braços e mãos estavam cobertos de pulseiras

e anéis.

- Sentem-se, crianças, sentem-se - disse, e todos subiram desajeitados nas cadeiras

ou se afundaram nos pufes. Harry, Rony e

Hermione se sentaram a uma mesa redonda.

- Bem-vindos à aula de Adivinhação - disse a professora, que se acomodara em

uma bergêre diante da lareira. - Sou a Profa Sibila Trelawney. Talvez

vocês nunca tenham me visto antes, acho que me misturar com frequência à roda-viva da

escola principal anuvia minha visão interior.

Ninguém fez nenhum comentário a tão extraordinária declaração. A professora

rearrumou delicadamente o xale e continuou:

- Então vocês optaram por estudar Adivinhação, a mais difícil das artes mágicas.

Devo alertá-los logo de início que se não possuírem clarividência,

terei muito pouco a ensinar a vocês. Os livros só podem levá-los até certo ponto neste

campo...

Ao ouvirem isso, Harry e Rony olharam, sorrindo, para Hermione, que pareceu

assustada com a notícia de que os livros não

ajudariam nessa matéria.

- Muitos bruxos e bruxas, embora talentosos para ruídos, cheiros e

desaparecimentos instantâneos, permanecem, ainda assim,

incapazes de penetrar nos mistérios do futuro.

A Profa Sibila continuou a falar, seus enormes olhos brilhantes

iam de um rosto nervoso a outro.

- É um dom concedido a poucos. Você, menino - disse ela de repente a Neville,

que quase caiu do pufe. - Sua avó vai bem?

- Acho que vai - respondeu Neville trêmulo.

- Eu não teria tanta certeza se fosse você, querido - disse a professora, enquanto a

luz das chamas fazia faiscarem seus longos brincos de esmeraldas.

Nevilie engoliu em seco. Sibila continuou tranquilamente: - Vamos cobrir os métodos

básicos de adivinhação este ano. O primeiro trimestre letivo será dedicado à

leitura das folhas de chá. No próximo, abordaremos a quiromancia. A propósito, minha

querida - disparou ela de repente para Parvati Paúl -, tenha cuidado com um

homem de cabelos ruivos.

Parvati lançou um olhar assustado a Rony, que se sentara logo

atrás dela, e puxou a cadeira devagarinho para longe dele.

- No segundo trimestre - continuou a professora - vamos

estudar a bola de cristal, isto é, se conseguirmos terminar os presságios do fogo.

Infelizmente, as aulas serão perturbadas em fevereiro

por uma forte epidemia de gripe. Eu própria vou perder a voz. E,

na altura da Páscoa, alguém aqui vai deixar o nosso convívio para sempre.

Seguiu-se um silêncio muito tenso a essa predição, mas a Profà

Sibila pareceu não tomar conhecimento.

- Será, querida - dirigiu-se ela a Lilá Brown, que estava mais

próxima e se encolheu na cadeira -, que você poderia me passar o

bule de prata maior?

Lilá, com um ar de alívio, se levantou, apanhou um enorme

bule na prateleira e pousou-o na mesa diante da mestra.

- Obrigada, querida. A propósito, essa coisa que você receia vai acontecer na sextafeira,

dezesseis de outubro.

Lilá estremeceu.

- Agora quero que vocês formem pares. Apanhem um bule de

- chá na prateleira e tragam-no aqui para eu encher. Depois se sentem e bebam, bebam

até restar somente a borra. Sacudam a xícara três

vezes com a mão esquerda, depois virem-na, de borda para baixo,

no pires, esperem até cair a última gota de chá e entreguem-na ao seu par para ele a ler.

Vocês vão interpretar os desenhos formados, comparando-os

com os das páginas cinco e seis de EscUrecendo o futuro. Vou andar pela sala para ajudar e

ensinar a cada par. Ah, e querido - ela segurou o braço de Neville quando

ele fez menção de se levantar -, depois que você quebrar a primeira xícara, por favor,

escolha uma com desenhos azuis, gosto muito das de desenhos rosa.

Não deu outra, Nevilie mal chegara à prateleira de xícaras quando se ouviu um tilintar

de porcelana que se quebrava. A professora deslizou até ele levando

uma pá e uma escova e disse:

- Uma das azuis, então, querido, se não se importa.., obrigada... Depois que Harry e

Rony levaram as xícaras para encher, voltaram à mesa e tentaram beber

rapidamente o chá pelando. Sacudiram a borra conforme a professora mandara, depois

viraram as xícaras e as trocaram entre si.

- Certo - disse Rony depois de abrirem os livros nas páginas cinco e seis. - Que é

que você vê na minha?

- Um monte de borra marrom - disse Harry. A fumaça intensamente perfumada da sala

o estava deixando sonolento e burro.

- Abram suas mentes, meus queridos, e deixem os olhos verem A além do que é

mundano! - gritou a Profa Sibila na penumbra.

Harry tentou se controlar.

- Certo, você tem uma espécie de cruz torta... - Ele consultou

Esclarecendo o futuro. - Isto significa que você vai ter sofrimentos

e provações... sinto muito... mas tem uma coisa que podia ser o

sol... espere ai... que significa "grande felicidade".., então você vai

sofrer mas vai ser muito feliz...

- Você precisa mandar examinar a sua visão interior - disse Rony, e os dois

precisaram sufocar o riso quando a professora

olhou na direção deles.

"Minha vez... - Rony examinou a xícara de Harry, a testa franzida com o esforço. -

Tem uma pelota que lembra um pouco um

chapéu-coco. Vai ver você vai trabalhar no Ministério da Magia...

Rony girou a xícara para cima.

- Mas desse outro lado as folhas parecem mais uma bolota de carvalho... Que será

isso? - O garoto consultou seu exemplar de Esclarecendo

ofuturo.

- Uma sorte inesperada, ganhos de ouro. Que ótimo, você pode me emprestar algum... e tem

outra coisa aqui - ele tornou a girar a xícara - que parece um animal...

é, se isso fosse a cabeça... podia parecer um hipopótamo... não, um carneiro...

A Profa Sibila se virou quando Harry deixou escapar um ronco

de riso.

- Deixe-me ver isso, querido - disse ela em tom de censura a Rony, aproximandose

num ímpeto e tirando a xícara de Harry da

mão do colega. Todos se calaram para observar.

A professora examinou a xícara, e girou-a no sentido anti-horário.

- O falcão... meu querido, você tem um inimigo mortal.

- Mas todos sabem disso - comentou Hermione num cochicho audível. A

professora encarou-a.

"Verdade, todos sabem - repetiu a garota. - Todos sabem da

inimizade entre Harry e Você-Sabe-Quem.

Harry e Rony a olharam com uma mescla de surpresa e admiração. Nunca tinham

ouvido Hermione falar com uma professora daquele jeito. Sibila preferiu não responder.

Tornou a abaixar seus enormes olhos para a xícara de Harry e continuou a girá-la.

- O bastão... um ataque. Ai, ai, ai, não é uma xícara feliz...

- Achei que isso era um chapéu-coco - disse Rony sem graça.

- O crânio... perigo em seu caminho, querido...

Todos observavam, hipnotizados, a professora, que deu um

último giro na xícara, ofegou e soltou um berro.

Ouviu-se uma nova onda de porcelanas que se partiam

tilintando; Neville destruíra sua segunda xícara. A professora afundou em

uma cadeira vazia, a mão faiscante de anéis ao peito e os olhos fechados.

- Meu pobre garoto... meu pobre garoto querido... nao... é mais caridoso não dizer...

não... não me pergunte...

- Que foi, professora? - perguntou Dino Thomas na mesma hora. Todos tinham se

levantado e aos poucos se amontoaram em torno da mesa de Harry e Rony,

aproximando-se da cadeira de Sibila para dar uma boa olhada na xícara de Harry.

- Meu querido - os olhos da professora se abriram teatralmente -, você tem o

Sinistro.

- O, o quê? - perguntou Harry.

Ele percebeu que não era o único que não entendera; Dino Thomas sacudiu os ombros

para ele e Lilá Brown fez cara de intrigada, mas quase todos os outros

levaram a mão à boca horrorizados.

- O Sinistro, meu querido, o Sinistro! - exclamou a professora, que parecia

chocada com o fato de Harry não ter entendido. - O cão gigantesco e espectral

que assombra os cemitérios! Meu querido menino, é um mau agouro, o pior de todos,

agouro de

morte!

Harry sentiu o estômago afundar. O cão na capa do livro Presságios de morte na

Floreios e Borrões - o cão nas sombras da rua Magnólia... Lilá Brown levou

as mãos à boca também. Todos tinham os olhos fixos em Harry, todos exceto Hermione,

que se levantara e procurava chegar às costas da cadeira da professora.

- Eu não acho que isso pareça um Sinistro - disse com firmeza.

A Profa Sibila mirou a menina atentamente e com crescente

desagrado.

- Desculpe-me dizer isso, minha querida, mas não percebo muita aura ao seu

redor. Pouquíssima receptividade às ressonâncias do futuro.

Simas Finnegan inclinou a cabeça de um lado para o outro.

- Parece um Sinistro se a gente fizer assim - disse com os olhos quase fechados-,

mas parece muito mais um burro quando a gente olha de outro ângulo

- disse ele, inclinando-se para a esquerda.

- Quando vão terminar de resolver se eu vou morrer ou não? - perguntou Harry,

surpreendendo até a si mesmo. Agora parecia

que ninguém queria olhar para ele.

#91#

- Acho que vamos encerrar a aula por hoje - disse a professora no tom mais etéreo possível.

- É... por favor guardem suas coisas...

Em silêncio a classe devolveu as xícaras à professora, guardou

os livros e fechou as mochilas. Até mesmo Rony evitava o olhar de

Harry.

- Até que tornemos a nos encontrar - disse Sibila com uma voz fraca - que a sorte lhes

seja favorável. Ah, e querido - disse apontando para Neville -, você

vai se atrasar da próxima vez, portanto trate de trabalhar muito para recuperar o tempo

perdido.

Harry, Rony e Hermione desceram a escada da Profa Sibila e a escada em caracol em

silêncio, e seguiram para a aula de Transformação, da Profa Minerva. Levaram

tanto tempo para encontrar a sala de aula que, por mais cedo que tivessem saído da aula de

Adivinhação, acabaram chegando em cima da hora.

Harry escolheu um lugar no fundo da sala, sentindo-se como se estivesse sentado sob

um holofote; o resto da classe não parou de lhe lançar olhares

furtivos,

como se ele estivesse prestes a cair morto a qualquer momento. Ele mal conseguiu ouvir o

que a professora dizia sobre Animagos (bruxos que podiam se transformar

à vontade em animais), e sequer estava olhando quando ela própria se transformou, diante

dos olhos deles, em um gato malhado com marcas de óculos em torno dos olhos.

- Francamente, o que foi que aconteceu com os senhores hoje?

- perguntou a Profa Minerva, voltando a ser ela mesma, com um

estalinho, e encarando a classe toda. - Não que faça diferença, mas

é a primeira vez que a minha transformação não arranca aplausos

de uma turma.

Todas as cabeças tornaram a se virar para Harry, mas ninguém

falou. Então Hermione ergueu a mão.

- Com licença, professora, acabamos de ter a nossa primeira aula de Adivinhação,

estivemos lendo folhas de chá e...

- Ah, naturalmente - comentou Minerva, fechando a cara de repente. - Não precisa me

dizer mais nada, Srta. Granger. Me diga

qual dos senhores vai morrer este ano?

Todos olharam para ela.

- Eu - disse, por fim, Harry.

- Entendo - disse a Profa Minerva, fixando em Harry seus olhos de contas. -

Então, Potter, é melhor saber que Sibila Trela

#92#

tem predito a morte de um aluno por ano desde que chegou

a esta escola. Nenhum deles morreu ainda. Ver agouros de morte é

a maneira com que ela gosta de dar boas-vindas a uma nova classe. Não fosse o fato de que

nunca falo mal dos meus colegas...

A professora se calou, mas todos viram que suas narinas tinham embranquecido de

cólera. Ela continuou, mais calma:

- A Adivinhação é um dos ramos mais imprecisos da magia. Não vou ocultar dos

senhores que tenho muito pouca paciência com esse assunto. Os verdadeiros videntes

são muito raros e a Prof Trelawney...

Ela parou uma segunda vez, e em seguida disse, num tom despido de emoção:

- Para mim o senhor parece estar gozando de excelente saúde, Potter, por isso me

desculpe mas não vou dispensá-lo do dever de casa, hoje. Mas fique descansado,

se o senhor morrer, não precisa entregá-lo.

Hermione riu com gosto. Harry se sentiu um pouco melhor. Era mais difícil sentir

medo de folhas de chá longe daquela sala fracamente iluminada por luzes

vermelhas,

que recendia ao perfume atordoante da Profa Sibila. Ainda assim, nem todos ficaram

convencidos. Rony continuava com a expressão preocupada e Lilá cochichou:

- E a xícara de Nevilie?

Quando a aula de Transformação terminou, eles se reuniram ao resto dos alunos que

atroavam a escola em direção ao Salão Principal para almoçar.

- Anime-se, Rony - falou Hermione, empurrando uma travessa de ensopado para o

amigo. - Você ouviu o que a Profa Minerva disse.

Rony se serviu do ensopado e apanhou o garfo mas não começou a comer.

- Harry - perguntou ele, em tom baixo, com ar sério -, voce não viu um canzarrão preto

em algum lugar, viu?

- Vi, sim. Na noite em que saí da casa dos Dursley. Rony deixou o garfo cair com

estrépito.

- Provavelmente um cão sem dono - comentou Hermione calmamente.

O garoto olhou para Hermione como se ela tivesse enlouquecido.

- Mione, se Harry viu um Sinistro, isso é... é ruim. Meu tio

Abílio viu um e... e morreu vinte e quatro horas depois!

#93#

- Coincidência - replicou Hermione dignamente, servindo-se de suco de abóbora.

- Você não sabe o que está falando! - disse Rony, começando a se zangar. - Os

Sinistros deixam a maioria dos bruxos mortos de

medo!

- Então é isso - retrucou a garota em tom superior. - Eles veem o Sinistro e

morrem de medo. O Sinistro não é um agouro, é a causa da morte! E Harry

continua conosco porque não é burro de ver um Sinistro e pensar certo, muito bem, então é

melhor eu bater as botas"!

Rony fez protestos para Hermione, que abriu a mochila, tirou

o novo livro de Aritmancia e apoiou-o na jarra de suco.

- Acho que Adivinhação é uma coisa meio confusa - disse, procurando a página

que queria. - É muita adivinhação, se querem

saber a minha opinião.

- Não houve nada confuso com o Sinistro naquela xícara! - retrucou Rony

acaloradamente.

- Você não me pareceu tão confiante quando disse ao Harry que era um carneiro -

respondeu a menina sem se alterar.

- A Profa Sibila disse que você não tinha a aura necessária! Você não gosta é de

ser ruim em uma matéria para variar!

Ele acabara de tocar num ponto sensível. Hermione bateu com

o livro de Aritmancia na mesa com tanta força que voaram pedacinhos de carne e

cenoura para todo lado.

- Se ser boa em Adivinhação é ter que fingir que estou vendo agouros de morte

em borras de folhas de chá, não tenho certeza se quero continuar a estudar

essa matéria por muito mais tempo! Aquela aula foi uma idiotice completa se comparada à

minha aula de Aritmancia!

E, agarrando a mochila, a menina se retirou.

Rony franziu a testa acompanhando com os olhos a amiga se afastando.

- Do que é que ela estava falando? - perguntou a Harry. - Ela ainda não assistiu a nenhuma aula de Aritmancia.

Harry ficou contente de sair do castelo depois do almoço. A chuva do dia anterior parara; o céu estava claro, cinza-pálido e a grama parecia elástica e úmida sob os pés quando os garotos rumaram para a primeiríssiina aula de Trato das Criaturas Mágicas.

Rony e Hermione não estavam se falando. Harry caminhava ao lado dos dois em silêncio enquanto desciam os gramados em

direção à cabana de Hagrid, na orla da Floresta Proibida. Somente quando identificaram três costas muito conhecidas à frente é que se deram conta de que iriam compartilhar as aulas com os alunos da Sonserina. Draco Falava animadamente com Crabbe e Goyle, que riam com gosto. Harry tinha quase certeza de qual era o assunto da conversa.

Hagrid já estava à espera dos alunos à porta da cabana. Vestia o casaco de pele de toupeira, com Canino, o cão de caçar javalis, nos calcanhares, e parecia impaciente para começar.

-Vamos, andem depressa! - falou quando os alunos se aproximaram. Tenho uma coisa

ótima para

vocês hoje! Vai ser uma grande aula! Estão todos aqui? Certo,

então me acompanhem!

Por um momento de apreensão, Harry pensou que Hagrid os levaria para a Floresta

Proibida; o menino já tivera suficientes experiências desagradáveis ali

para a vida inteira. No entanto, o guardacaça contornou a orla das árvores e cinco minutos

depois eles estavam diante de uma espécie de picadeiro. Não havia nada

ali.

- Todos se agrupem em volta dessa cerca! - mandou ele. - Isso... procurem

garantir uma boa

visibilidade... agora, a primeira coisa que vão precisar

fazer é abrir os livros...

- Como? - perguntou a voz fria e arrastada de Draco Malfoy.

- Que foi? - perguntou Hagrid.

- Como é que vamos abrir os livros? - repetiu o menino. Ele retirou da

mochila

seu exemplar de O livro monstruoso dos monstros, amarrado com um pedaço

de corda. Outros alunos fizeram o mesmo, alguns, como Harry, tinham fechado o livro com

um cinto; outros os tinham enfiado em sacos justos ou fechado os livros

com grampos.

- Será... será que ninguém conseguiu abrir o livro? - perguntou Hagrid, com ar de

desapontamento.

Todos os alunos sacudiram negativamente as cabeças.

- Vocês têm que fazer carinho neles - falou o novo professor

- como se isso fosse a coisa mais óbvia do mundo. - Olhem aqui...

Ele apanhou o livro de Hermione e rasgou a fita adesiva que o prendia. O livro tentou

morder, mas Hagrid passou seu gigantesco

dedo indicador pela lombada, o livro estremeceu, se abriu e permaneceu quieto em sua

mão.

- Ah, mas que bobeira a nossa! - caçoou Draco. - Devíamos ter feito carinho no

livro! Gomo foi que não adivinhamos!

- Eu... eu achei que eles eram engraçados - disse Hagrid, inseguro, para Hermione.

- Ah, engraçadíssimos! - comentou Draco. - Uma idéia realmente espirituosa, nos

dar livros que tentam arrancar nossa

mão.

- Cala a boca, Malfoy - advertiu-o Harry baixinho. Hagrid parecia arrasado, e o

garoto queria que aquela primeira aula do seu

amigo fosse um sucesso.

- Certo, então - continuou Hagrid, que pelo jeito perdera o fio do pensamento - ...

entao vocês já têm os livros e... e... agora faltam as criaturas

mágicas. É. Então vou buscá-las. Esperem um pouco...

Ele se afastou na direção da floresta e desapareceu de vista.

- Nossa, essa escola está indo para o brejo! - falou Draco em voz alta. - Esse

pateta dando aulas, meu pai vai ter um acesso

quando eu contar...

- Cala a boca, Malfoy - repetiu Harry.

- Cuidado, Potter, tem um dementador atrás de você...

- Aaaaaaah! - guinchou Lilá Brown, apontando para o lado oposto do picadeiro.

Trotavam em direção aos garotos mais ou menos uma dezena dos bichos mais bizarros

que Harry já vira na vida. Tinham os corpos, as pernas traseiras e as caudas

de cavalo, mas as pernas dianteiras, as asas e a cabeça de uma coisa que lembrava águias

gigantescas, com bicos cruéis cinza-metálico e enormes olhos

laranja-vivo.

As garras das pernas dianteiras tinham uns quinze centímetros de comprimento e um

aspecto letal. Cada um dos bichos trazia uma grossa coleira de couro ao pescoço

engatada em uma longa corrente, cujas pontas estavam presas nas imensas mãos de Hagrid,

que entrou correndo no picadeiro atrás dos bichos.

- Upa! Upa! AI! - bradou ele, sacudindo as correntes e incitando os bichos na

direção da cerca onde se agrupavam os alunos.

Todos recuaram, instíntívamente, quando Hagrid chegou bem

perto e amarrou os bichos na cerca.

- Hipogrifos! - bradou Hagrid alegremente, acenando para eles. - Lindos, não

acham?

Harry conseguiu entender mais ou menos o que Hagrid quis dizer. Depois que se

supera o primeiro choque de ver uma coisa que é metade cavalo, metade ave,

a pessoa começava a apreciar a pelagem luzidia dos hipogrifos, que

mudava suavemente de

pena para pêlo, cada animal de uma cor diferente: cinza-chuva, bronze,

ruão

rosado, castanho brilhante e nanquim.

- Então - disse Hagrid, esfregando as mãos e sorrindo para todos -, se vocês quiserem

chegar mais perto...

Ninguém pareceu querer. Harry, Rony e Hermione, porém, se

aproximaram cautelosamente da cerca.

- Agora, a primeira coisa que vocês precisam saber sobre os hipogrifos é que são

orgulhosos - explicou Hagrid. - Se ofendem com facilidade, os hipogrifos.

Nunca insultem um bicho desses, porque pode ser a última coisa que vão fazer na vida.

Malfoy, Grabbe e Goyle não estavam prestando atenção; falavam aos cochichos e

Harry teve o mau pressentimento de que estavam combinando a melhor maneira

de estragar a aula.

- Vocês sempre esperam o hipogrifo fazer o primeiro movimento - continuou Hagrid. -

É uma questão de cortesia, entendem? Vocês vão até eles, fazem uma reverência

e aí esperam. Se o bicho retribuir o cumprimento, vocês podem tocar nele. Se não retribuir,

então saiam de perto bem depressinha, porque essas garras machucam feio.

"Certo, quem quer ser o primeiro?

Em resposta, a maioria dos alunos recuou mais um pouco. Até Harry, Rony e

Hermione se sentiram apreensivos. Os hipogrifos balançavam as cabeças de aspecto

feroz e flexionavam as fortes asas; não pareciam gostar de estar presos daquele jeito.

- Ninguém? - disse Hagrid, com um olhar suplicante.

- Eu vou - disse Harry.

Ouviu-se gente ofegar atrás dele e Lilá e Parvati murmuraram a mesma coisa:

- Aaah, não, Harry, lembra das folhas de chá!

Harry não deu ouvido às meninas. Trepou pela cerca do picadeiro.

- É assim que se faz, Harry! - gritou Hagrid. - Certo, então...

vamos ver como você se entende com o Bicuço.

E, dizendo isso, soltou uma das correntes, separou o hipogrifo

cinzento dos restantes e retirou a coleira de couro. A turma do

outro lado da cerca parecia estar prendendo a respiração. Os olhos

de Draco se estreitaram maliciosamente.

- Calma, agora, Harry - disse Hagrid em voz baixa. - Você fez contato com os olhos, agora tente não piscar... Os hipogrifos não confiam na pessoa que pisca demais...

Os olhos de Harry imediatamente começaram a se encher de água, mas ele não os fechou. Bicuço virava a cabeçorra alerta e fixava um cruel olho laranja em Harry.

- Isso mesmo - disse Hagrid. - Isso mesmo, Harry... agora faça a reverencia...

Harry não se sentia nada animado a expor a nuca a Bicuço, mas fez o que era mandado. Curvou-se brevemente e ergueu os olhos.

O hipogrifo continuava a fixá-lo com altivez. Nem se mexeu.

- Ah - exclamou Hagrid, parecendo preocupado. - Certo... recue, agora, Harry, devagarinho...

Mas nesse instante, para enorme surpresa de Harry, o hipogrifo inesperadamente dobrou os escamosos joelhos dianteiros e affundou o corpo em uma inconfundível reverência.

- Muito bem, Harry! - aplaudiu Hagrid, extasiado. - Certo... pode tocá-lo! Acaricie o bico dele, vamos!

Com a impressão de que recuar teria sido uma recompensa melhor, Harry avançou devagarinho para o hipogrifo e estendeu a mao. Acariciou seu bico várias vezes e o bicho fechou os olhos demoradamente, como se estivesse gostando.

A turma prorrompeu em aplausos, á exceção de Malfoy,

Crabbe e Goyle, que pareciam profundamente desapontados.

- Certo então, Harry - falou Hagrid. - Acho que ele

até deixaria você montar nele!

Isto era mais do que o toma lá dá cá proposto por Harry..Ele

estava acostumado a montar vassouras; mas não tinha muita

certeza se um hipogrifo seria a mesma coisa.

- Isso, suba ali, logo atrás da articulação das asas - mandou

Hagrid. - E cuidado para não arrancar nenhuma pena, ele não vai

gostar nem um pouco...

Harry pisou no alto da asa de Bicuço e se içou para cima das

costas do bicho, O bicho se ergueu. Harry não tinha muita certeza

de onde deveria se agarrar; à sua frente tudo era coberto depenas.

- Pode ir, então! - bradou Hagrid, dando uma palmada nos

quartos do hipogrifo.

Sem aviso, as asas de quase quatro metros se abriram a cada lado de Harry; ele só teve

tempo de se agarrar ao pescoço do hipogrifo e já estava voando para

o alto. Não foi nada semelhante a uma vassoura e Harry soube na hora qual dos dois

preferia; as asas do hipogrifo adejavam desconfortavelmente dos lados, batendo

por baixo de suas pernas e dando-lhe a sensação de que estava prestes

a ser jogado no ar; as

penas acetinadas escorregavam dos seus dedos e o garoto não se atrevia

a se agarrar com mais força; em vez do vôo suave da Nimbus 2000, ele agora balançava

para a frente e para trás quando os quartos do hipogrifo subiam e desciam acompanhando

o movimento das asas.

Bicuço deu uma volta por cima do picadeiro e em seguida embicou para o chão; essa

foi a parte que Harry teve receio; ele jogou o corpo para trás, à medida

que o pescoço liso do bicho abaixava, achando que ia escorregar por cima do bico, então,

sentiu um baque quando os quatro membros desparelhados do bicho tocaram

o chão. Por milagre, conseguiu se segurar e tornar a se endireitar.

- Bom trabalho, Harry! - berrou Hagrid enquanto todos, exceto Malfoy, Crabbe e

Goyle, aplaudiam. - Muito bem, quem

mais quer experimentar?

Encorajados pelo sucesso, os outros alunos subiram, cautelosos, pela cerca do

picadeiro. Hagrid soltou os hipogrifos, um a um,

e logo os garotos, nervosos, começaram a fazer reverências por todo

o picadeiro. Neville fugiu várias vezes do dele, pois o bicho não

estava com jeito de querer dobrar os joelhos. Rony e Hermione

praticaram no hipogrifo castanho, enquanto Harry observava.

Malfoy, Crabbe e Goyle ficaram com Bicuço. Ele acabara de

retribuir a reverência de Malfoy, que agora lhe acariciava o bico,

com um ar desdenhoso.

- Isso é moleza - disse Draco com a voz arrastada, suficientemente alta para Harry

ouvir. - Só podia ser, se o Potter conseguiu fazer.. Aposto que você não

tem nada de perigoso, tem? - disse ao hipogrifo. - Tem, seu brutamontes feioso?

Aconteceu num breve movimento das garras de aço; Draco soltou um berro agudo e

no momento seguinte, Hagrid estava pelejando para enfiar a coleira em Bicuço,

enquanto o bicho fazia força para avançar no garoto, que caíra dobrado na relva, o sangue

aflorando em suas vestes.

- Estou morrendo! - gritou Malfoy enquanto a turma entrava em pânico. -Estou

morrendo, olhem só para mim! Ele me matou!

- Você não está morrendo! - disse Hagrid, que ficara muito

pálido. - Alguém me ajude... preciso tirar ele daqui...

Hermione correu para abrir o portão enquanto Hagrid erguia

Malfoy nos braços, sem esforço. Quando os dois passaram, Harry observou que havia um

corte grande e fundo no braço de Draco; o

sangue pingava no gramado e o guarda-caça, com o garoto ao colo,

subiu correndo a encosta em direção ao castelo.

Muito abalados, os alunos da aula de Trato das Criaturas

Mágicas os seguiram caminhando normalmente. Os alunos da Sonserina gritavam contra

Hagrid.

- Deviam despedir ele, imediatamente! - disse Violeta Parkinon, que estava às

lágrimas.

- Foi culpa do Draco! - replicou Dino Thomas com rispidez. Crabbe e Goyle

flexionavam os braços, ameaçadores.

Os garotos subiram os degraus de pedra para o saguão deserto.

- Vou ver se ele está bem! - disse Pansy, e os outros ficaram observando-a subir

de corrida a escadaria de mármore. Os alunos da Sonserina, ainda

murmurando contra Hagrid, rumaram para sua sala comunal, em uma masmorra; Harry,

Rony e Hermione subiram as escadas para a Torre da

Grifinória.

- Vocês acham que ele vai ficar bem? - perguntou Hermione, nervosa.

- Claro que vai. Madame Pomfrey cura cortes em um segundo

- disse Harry, que já tivera ferimentos muito mais sérios curados magicamente pela

enfermeira.

- Foi realmente ruim acontecer isso na primeira aula de Hagrid, vocês não acham?

- comentou Rony, parecendo preocupado.

- Sempre se pode contar com o Draco para estragar as coisas para

o Hagrid...

Os três foram os primeiros a chegar ao Salão Principal para

jantar, na esperança de verem Hagrid, mas o amigo não estava lá.

- Não iriam despedir ele, vocês acham que sim? - perguntou Hermione aflita, sem

tocar no pudim de carne e rins.

- É melhor não - replicou Rony, que também não estava comendo.

Harry ficou observando a mesa da Sonserina. Um grande grupo, que incluía Crabbe e

Goyle, estava reunido, absorto em conversas. Harry teve certeza deque estavam

inventando a própria versão para o ferimento de Draco.

- Bem, não se pode dizer que não foi um primeiro dia de aula interessante -

comentou Rony, deprimido.

Os três subiram para o salão comunal da Grifinória depois do jantar e tentaram fazer o

dever de casa que a Profa Minerva passara, mas ficaram o tempo todo

interrompendo-o para espiar pela janela.

- Tem luz na janela de Hagrid - disse Harry de repente.

Rony consultou o relógio.

- Se a gente andar depressa, pode descer para ver ele. Ainda é cedo...

- Não sei - disse Hermione, lentamente, e Harry viu que a amiga o olhava.

- Eu tenho permissão para andar pela propriedade - disse o garoto incísivamente. -

Sirius Black ainda não passou pelos

dementadores ou passou?

Então eles guardaram o material de estudo e se dirigiram ao buraco do retrato, felizes

por não encontrar ninguém no caminho até a porta principal, porque

não tinham tanta certeza assim de que podiam sair.

O gramado ainda estava úmido e parecia quase negro à luz das estrelas. Quando

chegaram à cabana de Hagrid, bateram e uma voz

resmungou rouca:

-Pode entrar.

Hagrid estava sentado em mangas de camisa à mesa de madeira escovada; o cachorro,

Canino, tinha a cabeça no colo dele. Ao primeiro olhar, os garotos perceberam

que o amigo andara bebendo muito; havia uma caneca de alpaca quase do tamanho de um

balde diante dele e parecia ter dificuldade para focalizá-los.

- Imagino que seja um recorde - disse com a voz pastosa, quando os reconheceu.

Calculo que nunca tiveram um professor

que só durasse um dia.

- Você não foi despedido, Hagrid! - ofegou Hermione.

-Ainda não - respondeu ele, infeliz, tomando um grande gole

do que havia na caneca. - Mas é só uma questão de tempo, nao e,

depois que Malfoy... O

- Como é que ele está? - perguntou Rony enquanto se sentavam.

- Não foi grave, foi?

#101#

-Madame Pomfrey fez o melhor que pôde - disse Hagrid num

tom inexpressivo-, mas ele diz que continua doendo muito... todo enfaixado... gemendo...

- Ele está fingindo - disse Harry na mesma hora. - Madame Pomfrey sabe curar

qualquer coisa. Ela fez crescer metade dos meus ossos no ano passado. Pode contar

que Draco vai se aproveitar o máximo que puder do acidente.

- Os conselheiros da escola foram informados, é claro - disse Hagrid, infeliz. - Acham

que comecei muito grande. Devia ter deixado os hipogrifos para mais

tarde... que estudasse vermes ou outra coisa pequena... Só quis fazer uma primeira aula

boa... Então a culpa é minha...

- É tudo culpa do Malfoy, Hagrid! - disse Hermione, séria.

- Somos testemunhas - acrescentou Harry. -Você avisou que os hipogrifos atacam

quando são insultados. O problema é do Malfoy se ele não estava prestando

atenção. Vamos contar ao Dumbledore o que realmente aconteceu.

- Vamos, sim, não se preocupe, Hagrid, vamos confirmar sua história - disse Rony.

Lágrimas saltaram dos cantos enrugados dos olhos de Hagrid,

negros como besouros. Ele puxou Harry e Rony e lhes deu um

abraço de quebrar as costelas.

- Acho que você já bebeu o suficiente, Hagrid - falou Hermione com firmeza. E

apanhou a caneca na mesa e saiu da cabana para

esvaziá-la.

- Ah, talvez ela tenha razão - reconheceu Hagrid, soltando Harry e Rony, que

recuaram cambaleando e massageando as

costelas. O guarda-caça levantou-se com

esforço da cadeira e seguiu Hermione até o lado de fora, com o andar vacilante. Os

garotos ouviram barulho de água caindo.

- Que foi que ele fez? - perguntou Harry, nervoso, quando Hermione voltou

trazendo a caneca vazia.

- Meteu a cabeça no barril de água - respondeu Hermione, guardando a caneca.

Hagrid voltou, os cabelos e barbas longas empapados, enxugando a água dos olhos.

- Assim está melhor - falou, sacudindo a cabeça como um

cachorro e molhando os garotos. - Escutem, foi muita bondade

vocês terem vindo me ver, eu realmente...

#102#

Hagrid parou de repente, encarando Harry como se tivesse acabado de perceber que

ele estava ali.

- QUE É QUE VOCÊ ACHA QUE ESTÁ FAZENDO, HEIN?

- bradou, tão inesperadamente que os garotos deram um pulo de

mais de um palmo. - VOCÊ NÃO PODE SAIR ANDANDO POR

aí DEPOIS DO ANOITECER, HARRY! E VOCÊS DOIS! DEIXARAM-NO SAIR!

Hagrid foi até Harry agarrou-o pelo braço e puxou-o para a

porta.

- Vamos! - disse aborrecido. - Vou levar vocês de volta à escola, e não quero pegar

ninguém saindo para me ver depois do anoitecer. Eu não valho o risco!

#103#

- CAPITULO SETE -

O bicho-papão no armário

Draco não reapareceu nas aulas até o fim da manhã de quinta-feira, quando os alunos da

Sonserina e da Grifinória já estavam na metade da aula dupla de Poções. Ele

entrou cheio de arrogância na masmorra, o braço direito enfaixado e pendurado em uma

tipóia, agindo, na opinião de Harry, como se fosse o sobrevivente heróico de

uma terrível batalha.

- Como vai o braço, Draco? - perguntou Pansy Parkinson, com um

sorrisinho insincero. - Está doendo muito?

- Está - respondeu o garoto, fazendo uma careta corajosa. Mas Harry o viu piscar

para Crabbe e Goyle, quando Violeta desviou o

olhar.

- Vá com calma, vá com calma - disse o Prof. Snape gratuitamente.

Harry e Rony fizeram caretas um para o outro; Snape não teria dito "vá com calma" se

eles tivessem entrado atrasados, teria lhes dado uma detenção. Mas

Draco

sempre conseguira escapar com qualquer coisa nas aulas de Poções; Snape era o diretor da

Sonserina e em geral favorecia os próprios alunos em prejuízo dos demais.

A classe estava preparando uma poção nova naquele dia, uma Solução Redutora.

Draco armou seu caldeirão bem ao lado do de Harry e Rony, de modo que os três

ficaram preparando os ingredientes na mesma mesa.

- Professor - chamou Draco -, vou precisar de ajuda para cortar as raízes de

margarida, porque o meu braço...

- Weasley, corte as raízes para Malfoy - disse Snape sem erguer a cabeça.

Rony ficou vermelho como um tomate.

- O seu braço não tem nenhum problema - sibilou o garoto

para Draco.

Draco deu um sorriso satisfeito.

- Weasley, você ouviu o que o professor disse; corte as raízes.

Rony apanhou a faca, puxou as raízes de Draco para perto e começou a cortá-las de

qualquer jeito, de modo que os pedaços

ficaram de tamanhos diferentes.

- Professor - falou Draco com a voz arrastada -, Weasley está

mutilando as minhas

raízes.

Snape aproximou-se da mesa, olhou para as raízes por cima do

nariz curvo e em seguida deu a Rony um sorriso desagradável, por

baixo da cabeleira longa e oleosa.

- Troque de raízes com Malfoy, Weasley.

- Mas, professor...!

Rony passara os últimos quinze minutos picando cuidadosamente suas raízes em

pedacinhos exatamente iguais.

- Agora - mandou Snape com o seu tom de voz mais perigoso.

Rony empurrou as raízes caprichosamente cortadas para o lado

de Draco na mesa, e, em seguida, apanhou novamente a faca.

- E, professor, vou precisar descascar este pinhão - disse Draco, a voz expressando

riso e malícia.

- Potter, pode descascar o pinhão de Malfoy-disse Snape, lançando a Harry o

olhar de desprezo que sempre reservava só para o

garoto.

Harry apanhou o pinhão enquanto Rony começava a tentar consertar o estrago que

fizera

às raízes que ia ter que usar. Harry descascou o pinhão o mais depressa

que pôde e atirou-o para o lado de Draco, sem falar. O outro riu com mais satisfação que

nunca.

- Tem visto o seu amigo Hagrid, ultimamente? - perguntou Draco aos dois,

baixinho.

- Não é da sua conta - retrucou Rony aos arrancos, sem erguer a cabeça.

- Acho que ele não vai continuar professor por muito tempo - disse Draco num

tom de fingida tristeza. - Meu pai não ficou nada

satisfeito com o meu ferimento...

- Continue falando, Draco, e vou lhe fazer um ferimento de verdade - rosnou

Rony.

- ... ele apresentou queixa aos conselheiros da escola. E ao Ministério da Magia.

Meu pai tem muita influência, sabe. E um ferimento permanente como

este - ele fingiu um longo suspiro -, quem sabe se o meu braço vai voltar um dia a ser o

mesmo?

- Então é por isso que você está fazendo toda essa encenação - comentou Harry,

decapitando sem querer uma lagarta morta, porque sua mão tremia de

raiva. -Para tentar fazer Hagrid ser despedido.

- Bom-respondeu Draco, baixando a voz para um sussurro-, em parte, Porter. Mas

tem outros

benefícios, também. Weasley,

fatia minhas lagartas para mim.

A alguns caldeirões de distância, Nevilie se achava em apuros. Ele se descontrolava

regularmente nas aulas de Poções; era a sua pior matéria, e seu grande

medo do Prof. Snape tornava as coisas dez vezes pior. Sua poção, que devia ter ficado

verde ácido e berrante, tinha acabado...

- Laranja, Longbortom - exclamou Snape, apanhando um pouco de poção com a

concha e deixando-a cair de volta no caldeirão, de modo que todos pudessem

ver. - Laranja. Me diga, menino, será que alguma coisa penetra nessa sua cabeça dura?

Você não me ouviu dizer, muito claramente, que só precisava pôr um baço de

rato? Será que eu não disse, sem nenhum rodeio, que um nadinha de sumo de sanguessuga

era suficiente? Que é que eu tenho de fazer para você entender,

Longbottom?

Nevilie estava vermelho e trêmulo. Parecia prestes a chorar.

- Por favor, professor - disse Hermione -, eu poderia ajudar Neville a consertar...

Eu não me lembro de ter lhe pedido para se exibir, Srta. Granger - respondeu Snape

finamente e

Hermione ficou tão vermelha quanto Nevilie.

- Longbottom, no final da aula vamos dar algumas gotas desta poção ao seu sapo e ver o

que acontece. Quem sabe isto o estimule a preparar a poção corretamente.

O professor se afastou, deixando Neville sem fôlego de tanto medo.

- Me ajude! - gemeu o menino para Hermione.

- Ei, Harry - disse Simas Finnigan, curvando-se para pedir emprestada a balança

de latão de Harry -, você já soube? No Profeta Diário desta manhã,

eles acham que avistaram Sirius Black.

- Onde? - perguntaram Harry e Rony depressa. Do lado oposto da mesa, Draco

ergueu os olhos, escutando a conversa

atentamente.

- Não muito longe daqui - respondeu o colega, que parecia excitado. -

Foi visto

por uma trouxa. Claro que ela não entendeu

#106#

muito bem. Os trouxas acham que ele é apenas um criminoso comum, não é? Então ela

telefonou para o número do plantão de emergência. Mas até o Ministério da Magia

chegar lá, o Black já tinha sumido.

- Não muito longe daqui... - repetiu Rony, lançando a Harry um olhar sugestivo.

Ele se virou e notou que Draco os observava, atento. - Que foi, Draco?

Precisa que eu descasque mais alguma coisa?

Mas os olhos do garoto brilhavam de maldade, e estavam fixos em Harry. Ele se

debruçou na mesa.

- Está pensando em apanhar o Black sozinho, Potter?

- Acertou! - respondeu Harry displicentemente.

Os lábios finos de Draco se curvaram num sorriso mau.

- É claro, se fosse eu - disse em voz baixa -, eu já teria feito alguma coisa há mais

tempo. Eu não ficaria na escola como um bom menino, eu estaria

lá fora procurando o homem.

- De que é que você está falando, Draco? - perguntou Rony com aspereza.

- Sabe de uma coisa, Potter? - sussurrou MaIfoy, os olhos claros quase fechados.

- De quê?

Malfoy soltou uma risada baixa e desdenhosa.

- Vai ver você prefere não arriscar o pescoço. Quer deixar os dementadores

resolverem o caso, não é? Mas se fosse eu, eu ia querer me vingar. Ia atrás

dele pessoalmente.

- Do que é que você está falando?-perguntou Harry com raiva, mas naquele momento

Snape falou:

- Os senhores já devem ter terminado de misturar os ingredientes. Essa poção

precisa cozinhar antes de ser bebida; portanto guardem o seu material

enquanto ela ferve e, então, vamos testar a do Longbottom...

Crabbe e Goyle riram-se abertamente, vendo Nevilie suar, enquanto mexia febrilmente

sua poção. Hermione murmurava instruções para o garoto pelo canto da

boca, para que Snape não visse. Harry e Rony guardaram os ingredientes que não tinham

usado e foram lavar as mãos e conchas na pia de pedra a um canto

da sala.

#107#

- Que foi que Draco quis dizer? - sussurrou Harry para Rony, enquanto molhava

as mãos no jorro gelado que saia da boca

da gárgula. - Por que eu iria querer me vingar de Black? Ele não me fez

nada... ainda.

- Ele está inventando -. disse Rony com violência. - Está tentando instigar você a fazer

uma idiotíce...

O fim da aula à vista, Snape encaminhou-se para Nevilie, que estava encolhido ao lado

do seu caldeirão.

- Venham todos para cá - disse o professor, seus olhos negros cintilando - e observem

o que acontece ao sapo de Longbottom. Se ele conseguiu produzir uma

Poção Redutora, o sapo vai virar um girino. Se, o que eu não duvido, ele não preparou a

poção direito, o sapo provavelmente vai ser envenenado.

Os alunos da Grifinória observaram temerosos. Os da Sonserina se mostraram

excitados. Snape apanhou Trevo, o sapo, com a mão esquerda e mergulhou, com

a direita, uma colherinha na poção de Nevilie, que agora estava verde. Depois, deixou cair

umas gotinhas na garganta de Trevo.

Houve um momento de silêncio, em que Trevo engoliu a poção; seguiu-se um

estalinho e Trevo, o girino, pôs-se a se contorcer

na palma da mão de Snape.

Os alunos da Crifinória desataram a aplaudir. Snape, com a expressão mal-humorada,

tirou um vidrinho do bolso das vestes, pingou algumas gotas em Trevo e

ele reapareceu repentinamente adulto.

- Cinco pontos a menos para a Grifinória - anunciou ele, varrendo, assim, os sorrisos

de todos os rostos. - Eu disse para não

ajudá-lo, Srta. Granger. A turma está dispensada.

Harry, Rony e Hermione subiram a escadaria do saguão de entrada. Harry ainda estava

pensando no que Malfoy falara, enquanto Rony espumava de raiva de Snape.

- Cinco pontos a menos para a Grifinória porque a poção estava certa! Por que você

não mentiu, Mione? Devia ter dito que

Nevilie fez tudo sozinho!

Hermione não respondeu. Rony olhou para os lados.

- Aonde é que ela foi?

Harry se virou também. Os dois estavam no alto da escadaria agora, vendo o resto da

turma passar por

eles a caminho do Salão Principal para almoçar.

Ela estava logo atrás da gente - comentou Rony, franzindo a

#

Malfoy passou pelos dois, caminhando entre Crabbe e Goyle. Fez uma careta de riso

para Harry e desapareceu.

- Lá está ela - disse Harry.

Hermione vinha ligeiramente ofegante, correndo escada acima; com uma das mãos,

ela agarrava a mochila e com a outra parecia estar escondendo alguma coisa

dentro das vestes.

- Como foi que você fez isso? - perguntou Rony.

- O quê? - perguntou, por sua vez, Hermione, se juntando aos amigos.

- Em um minuto você está bem atrás da gente e no minuto seguinte está de volta

ao pé da escada.

- Quê? - Hermione pareceu ligeiramente confusa. - Ah... eu tive que voltar para

ver uma coisa. Ah, não...

Uma costura se rompera na mochila da garota. Harry não se surpreendeu; era visível

que a mochila fora atochada com pelo menos doze livrões pesados.

- Por que está carregando tudo isso na mochila? - perguntou Rony.

-Você sabe quantas matérias estou estudando-respondeu ela sem fôlego. - Será que

podia segurar esses para mim?

-Mas... - Rony foi virando os livros que a amiga lhe passara para olhar as capas - você

não tem nenhuma dessas matérias hoje. Só tem Defesa contra as Artes

das Trevas, à tarde.

- É verdade - respondeu Hermione vagamente, mas guardou todos os livros na

mochila assim mesmo. - Espero que tenha alguma coisa boa para o almoço,

estou morta de fome - acrescentou, e se afastou em direção ao Salão Principal.

- Você também tem a impressão de que Mione não está contando alguma coisa à

gente? - perguntou Rony a Harry.

O Prof. Lupin não estava em sala quando eles chegaram para a primeira aula de Defesa

contra as Artes das Trevas. Os alunos se sentaram, tiraram das mochilas os livros,

penas e pergaminho e estavam conversando quando o professor finalmente apareceu. Lupin

sorriu vagamente e colocou a velha maleta surrada na escrivaninha.

Estava mal vestido como sempre mas parecia mais saudável do que no dia do trem, como

se tivesse comido umas refeições reforçadas.

- Boa tarde - cumprimentou ele. - Por favor guardem todos os

#

livros de volta nas mochilas. Hoje teremos uma aula prática. Os

senhores só vão precisar das varinhas.

Alguns alunos se entreolharam, curiosos, enquanto guardavam os livros. Nunca

tinham tido uma aula prática de Defesa contra as Artes das Trevas antes, a não

ser que considerassem aquela aula inesquecível no ano anterior, em que o professor tinha

trazido uma gaiola de diabretes e os soltara na sala.

Certo, então - disse o Prof. Lupin, quando todos estavam

prontos. - Queiram me seguir.

Intrigados, mas interessados, os alunos se levantaram e o seguiram para fora da sala.

Ele levou os alunos por um corredor deserto e virou um canto, onde

a primeira coisa que viram foi o Pirraça, o poltergeist, flutuando no ar de cabeça para baixo,

e entupindo com chicles o buraco da fechadura mais próxima.

Pirraça não ergueu os olhos até o professor chegar a mais ou

menos meio metro; então, agitou os dedos dos pés e começou a

cantar.

- Louco, lobo, Lupin - entoou ele. - Louco, lobo, Lupin...

Grosseiro e intratável como era quase sempre, Pirraça em geral demonstrava algum

respeito pelos professores. Todo mundo olhou na mesma hora para Lupin a

ver qual seria a sua reação áquilo; para surpresa de todos, o professor

continuou a sorrir.

- Eu tiraria o chicle do buraco da fechadura se fosse você, Pirraça - disse ele

gentilmente. - O Sr. Filch não vai poder apanhar

as vassouras dele.

Filch era o zelador de Hogwarts, mal-humorado, um bruxo frustrado que travava uma

guerra constante contra os estudantes e, na verdade, contra Pirraça também.

Mas o poltergeist não deu a mínima atenção às palavras do professor a não ser para

respondêlas com um ruído ofensivo e alto feito com a boca.

O professor deu um breve suspiro e tirou a varinha.

- Este é um feitiçozinho útil - disse à turma por cima do ombro. - Por favor

observem com atençao.

Ele ergueu a varinha até a altura do ombro e disse:

- Uediuósi!-e apontou para Pirraça.

Com a força de uma bala, a pelota de chicle disparou do buraco

da fechadura e foi bater certeira na narina esquerda de Pirraça;

o poltergeist virou de cabeça para cima e fugiu a grande velocidade,

xingando.

- Maneiro, professorr - exclamou Dino Thomas admirado.

- Obrigado, Dino - disse o professor tornando a guardar a varinha. - Vamos

prosseguir?

Eles recomeçaram a caminhada, a turma olhando o enxovalhado professor com

crescente respeito. Lupin os conduziu por um

segundo corredor e parou bem à porta da sala de professores.

- Entrem, por favor - disse ele, abrindo a porta e se afastando para os alunos passarem.

A sala dos professores. uma sala comprida, revestida com pai-néis de madeira e

mobiliada com cadeiras velhas e desaparelhadas, estava vazia, exceto por

um ocupante. O Prof. Snape estava sentado em uma poltrona baixa e ergueu os olhos para

os alunos que entravam. Seus olhos brilhavam e ele tinha um arzinho de desdém

em volta da boca. Quando o Prof. Lupin entrou e fez menção de fechar a porta, Snape

falou:

- Pode deixá-la aberta, Lupin. Eu prefiro não estar presente.

E, dizendo isso, se levantou e passou pela turma, suas vestes

negras se enfurnando às suas costas. À porta, o professor girou nos

calcanhares e disse ao colega:

- Provavelmente ninguém o alertou, Lupin, mas essa turma tem Neville

Longbotrom. Eu o aconselharia a não confiar a esse menino nada que apresente

dificuldade. A não ser que a Srta, Granger se incumba de cochichar instruções ao ouvido

dele.

Neville ficou escarlate. Harry olhou aborrecido para Snape; já

era bastante ruim que ele implicasse com Nevilie nas próprias

aulas, e muito pior fazer isso na frente de outros professores.

O Prof. Lupin ergueu as sobrancelhas.

- Pois eu pretendia chamar Neville para me ajudar na primeira etapa da operação,

e tenho certeza de que ele vai fazer isso admiravelmente.

A cara de Nevilie ficou, se isso fosse possível, ainda mais vermelha. Snape revirou os

lábios num trejeito de desdém, mas se retirou, batendo de leve a porta.

- Agora, então - disse o Prof. Lupin, chamando, com um gesto, a turma para o

fundo da sala, onde não havia nada exceto um velho armário em que os

professores guardavam mudas limpas de vestes. Quando o professor se postou a um lado, o

armário

subitamente se sacudiu, batendo na parede.

"Não se preocupem - disse ele calmamente porque alguns alunos tinham pulado para

trás, assustados. - Há um bicho-papão ai dentro.

A maioria dos garotos achou que isso era uma coisa com o que se preocupar. Neville

lançou ao professor um olhar de absoluto terror e Simas Finnigan mirou

o puxador, que agora sacudia barulhentamente, com apreensao.

- Bichos-papões gostam de lugares escuros e fechados - informou o mestre. -

Guarda-roupas, o vão embaixo das camas, os armários sob as pias... Eu

já encontrei um alojado dentro de um relógio de parede antigo. Este aí se mudou para cá

ontem à tarde e perguntei ao diretor se os professores poderiam deixá-lo

para eu dar uma aula prática aos meus alunos do terceiro ano.

"Então, a primeira pergunta que devemos nos fazer é, o que é

um bicho-papão?"

Hermione levantou a mao.

- É um transformista - respondeu ela. - É capaz de assumir a forma do que achar

que pode nos assustar mais.

- Eu mesmo não poderia ter dado uma definição melhor - disse o Prof.

Lupin, e o

rosto de Hermione se iluminou de orgulho.

- Então o bicho-papão que está sentado no escuro aí dentro ainda não assumiu forma

alguma. Ele ainda não sabe o que pode assustar a pessoa que está do lado de fora.

Ninguém sabe qual é a aparência de um bicho-papão quando está sozinho, mas quando eu o

deixar sair, ele imediatamente se transformará naquilo que cada um de

nós

mais teme.

"Isto significa - continuou o Prof. Lupin, preferindo não dar atenção à breve

exclamação de terror de Neville - que temos uma enorme vantagem sobre o bicho-papão

para começar. Você já sabe qual é, Harry?"

Tentar responder uma pergunta com Hermione do lado, com

as plantas dos pés subindo e descendo impacientes e a mão no ar,

era muito irritante, mas Harry resolveu tentar assim mesmo.

- Hum... porque somos muitos, ele não vai saber que forma

tomar.

- Precisamente - concordou o professor e Hermione baixou a mão, parecendo um

pouquinho desapontada. - É sempre melhor

estarmos acompanhados quando enfrentamos um bicho-papão.

Assim, ele se confunde. No que deverá se transformar, num corpo

sem cabeça ou numa lesma carnívora? Uma vez vi um bicho-papão

cometer exatamente este erro, tentou assustar duas pessoas e se

transformou em meia lesma. O que, nem de longe, pode assustar alguém.

"O feitiço que repele um bicho-papão é simples, mas exige concentração. Vejam, a

coisa que realmente acaba com um bichopapão é o riso. Então o que precisam

fazer é forçá-lo a assumir uma forma que vocês achem engraçada. Vamos praticar o feitiço

com as varinhas primeiro. Repitam comigo, por

favor.. riddikulus!"

- Riddikulus-repetiu a turma.

- Ótimo - aprovou o Prof Lupin. - Muito bem. Mas receio que esta seja a parte

mais fácil. Sabem, a palavra sozinha não basta.

E é aqui que você vai entrar Neville.

O guarda-roupa recomeçou a tremer, embora não tanto quanto Neville, que se

dirigiu para o móvel como se estivesse indo para

a forca.

- Certo, Neville - disse o professor - Vamos começar pelo começo: qual, você diria,

que é a coisa que pode assustá-lo mais neste

mundo?

Os lábios de Neville se mexeram mas não emitiram som algum.

- Não ouvi o que você disse, Nevilie, me desculpe - disse o

Prof. Lupin animado.

Neville olhou para os lados meio desesperado, como que supliando a alguém que o

ajudasse, depois disse, num sussurro quase

inaudível:

- O Prof. Snape.

Quase todo mundo riu. Até Neville sorriu como se pedisse desculpas. Lupin, porém,

ficou pensativo.

- Prof. Snape... hummm... Neville, eu creio que você mora com a sua avó?

- Sim.., moro - disse Nevilie, nervoso. - Mas também não quero que o bichopapão

se transforme na minha avó.

- Não, não, você não entendeu - disse o professor, agora rindo. - Será que você

podia nos descrever que tipo de roupas a sua

avó normalmente usa?

Neville fez cara de espanto mas disse:

- Bem... sempre o mesmo chapéu. Um bem alto com um urubu empalhado na

ponta. E um vestido

comprido... verde, normalmente... e às vezes uma raposa.

- É uma bolsa?

- Vermelha e bem grande.

- Certo então - disse o professor - Você é capaz de imaginar

essas roupas com clareza, Nevilie? Você consegue vê-las

mentalmente?

- Consigo - respondeu Neville, hesitante, obviamente

imaginando o que viria a seguir.

- Quando o bicho-papão irromper daquele guarda-roupa,

Neville, e vir você, ele vai assumir a forma do Prof. Snape. E voce vai

erguer a varinha... assim... e gritar "Riddikulus"... e se concentrar

com todas as suas forças nas roupas de sua avó. Se tudo correr bem, o

Prof. Bicho-Papáo-Snape será forçado a vestir aquele chapéu com o

urubu, aquele vestido verde e carregar aquela enorme bolsa vermelha.

Houve uma explosão de risos. O guarda-roupa sacudiu com

maior violência.

- Se Neville acertar, o bicho-papão provavelmente vai voltar a

atenção para cada um de nós individualmente. Eu gostaria que

todos gastassem algum tempo, agora, para pensar na coisa de que

têm mais medo e imaginar como poderia fazê-la parecer comíca...

A sala ficou silenciosa. Harry pensou... O que o apavorava

mais no mundo?

Seu primeiro pensamento foi Lord Voldemort - um Volde-mort que tivesse recuperado totalmente as forças. Mas antes que

conseguisse planejar um possível contra-ataque ao bicho-papão-Voldemort, uma imagem horrível foi aflorando à superfície de sua

mente...

Uma mão luzidia e podre, que escorregava para dentro de uma

capa preta... uma respiração longa e rascante que saia de uma boca

invisível... depois um frio tão penetrante que dava a impressão de

que ele estava se afogando...

Harry estremeceu e olhou para os lados, na esperança de que

ninguém tivesse reparado nele. Muitos alunos tinham os olhos

bem fechados. Rony murmurava para si mesmo "Arranque as pernas dela". Harry

teve certeza de que sabia a que o amigo se referia.

O maior medo de Rony eram as aranhas.

- Todos prontos? - perguntou o Prof. Lupin.

Harry sentiu uma onda de medo. Ele não estava pronto. Como

era possível fazer um dementador se tornar menos aterrorizante?

Mas não quis pedir mais tempo; todos estavam acenando a cabeça

afirmativamente enrolando as mangas.

114#

- Neville, nós vamos recuar - disse o professor. - Assim você fica como campo livre,

está bem? Vou chamar o próximo a vir para a frente... Todos para trás,

agora, de modo que Nevilie tenha espaço para agitar a varinha...

Todos recuaram, encostaram-se nas paredes, deixando Nevilie

sozinho ao lado do guarda-roupa. Ele parecia pálido e assustado,

mas enrolara as mangas das vestes e segurava a varinha em posição.

- Quando eu contar três, Nevilie - avisou Lupin, que apontava a própria varinha para o

puxador do armário. - Um... dois...

três... agora!

Um jorro de faíscas saltou da ponta da varinha do professor e bateu no

puxador. O guarda-roupa se abriu com violência. Com o nariz curvo e ameaçador, o Prof.

Snape saiu, os olhos faiscando para Nevilie.

Neville recuou, de varinha no ar, balbuciando silenciosamente.

Snape avançou para ele, apanhando alguma coisa dentro das vestes.

- R... r.. riddikutus!-esganiçou-se Neville.

Ouviu-se um ruido que lembrava o estalido de um chicote. Snape tropeçou; usava um

vestido longo, enfeitado de rendas e um imenso chapéu de bruxo com um urubu

carcomido de traças no alto, e sacudia uma enorme bolsa vermelho-vivo.

Houve uma explosão de risos; o bicho-papão parou, confuso, e

o Prof. Lupin gritou:

- Parvati! Avante!

Parvati adiantou-se, com ar decidido. Snape avançou para ela. Ouviu-se outro estalo e

onde o bicho-papão estivera havia agora uma múmia com as bandagens

sujas de sangue; seu rosto tampado estava virado para Parvati e a múmia começou a andar

para a garota muito lentamente, arrastando os pés, erguendo os braços duros...

- Riddikulus!-exclamou Parvati.

Uma bandagem se soltou aos pés da múmia; ela se enredou,

caiu de cara no chão e sua cabeça rolou para longe do corpo.

- Simas - bradou o professor.

Simas passou disparado por Parvati.

Craque!Onde estivera a múmia surgiu uma mulher de cabelos negros que iam até o

chão e um rosto esverdeado e esquelético - um espírito agourento.

Ela escancarou a boca e um som espectral

#115#

encheu a sala, um grito longo e choroso que fez os cabelos de Harry ficarem em pé.

- Ridikulus!-bradou Simas.

O espírito agourento emitiu um som rascante, apertou a garganta com as mãos;

sua voz sumiu.

Craque! O espírito agourento se transformou em um rato, que saiu correndo atrás

do próprio rabo, em círculos, depois... craque!

- transformou-se em uma cascavel, que saiu deslizando e se contorcendo até que-craque!-se transformou em um olho único e sangrento.

- Confundimos o bicho! - gritou Lupin. - Já estamos quase no fim!

Dino!

Dino adiantou-se correndo.

Craque/O olho se transformou em uma mão decepada, que deu

uma cambalhota e saiu andando de lado como um caranguejo.

- Ribdikulus!-berrou Dino.

Ouviu-se um estalo e a mão ficou presa em uma ratoeira.

- Excelente! Rony, você é o próximo! Rony correu para a frente aos pulos. Craque!

Muitos alunos gritaram. Uma aranha gigantesca e peluda, com quase dois metros de

altura, avançou para Rony, batendo as pinças ameaçadoramente. Por um instante,

Harry achou que Rony congelara. Mas...

- Riddikulus!-berrou Rony, e as pernas da aranha desapareceram; ela ficou

rolando pelo chão; Lilá Brown deu um grito agudo e se afastou correndo

do

caminho da aranha até que ela parou aos pés de Harry. O garoto ergueu a varinha,

preparou-se mas...

- Tome! - gritou o Prof. Lupin de repente, correndo para a frente.

Craque!

A aranha sem pernas sumira. Por um segundo todos olharam assustados para os lados

a ver o que

aparecera. Então viram um globo branco-prateado pendurado no

ar diante de Lupin, e ele disse "Riddikulus" quase descansadamente.

Craque!

Para a frente, Nevilie, e acabe com ela! - mandou o professor quando o bicho-papão

aterrissou no chão sob a forma de uma barata. Craque! E Snape reapareceu.

Desta vez, Nevilie avançou parecendo decidido. - Riddikutus!-gritou, e, por uma

Fração de segundo, seus

colegas tiveram uma visão de Snape com seu vestido de rendas antes de Nevilie soltar uma

grande gargalhada e o bicho-papão explodir em milhares de fiapinhos minúsculos

de fumaça, e desaparecer.

- Excelente! - exclamou o Prof. Lupin enquanto a classe aplaudia com entusiasmo. -

Excelente, Nevilie. Muito bem, pessoal... Deixe-me ver.., cinco pontos

para a Grifinória para cada pessoa que enfrentou o bicho-papão - dez para Neville porque

ele o enfrentou duas vezes e cinco para Harry e para

Hermione.

- Mas eu não fiz nada - protestou Harry.

- Você e Hermione responderam às minhas perguntas corretamente no início da aula,

Harry - respondeu Lupin gentilmente. - Muito bem, pessoal, foi uma aula

excelente. Dever de casa: por

favor leiam o capítulo sobre os bichos-papões e façam um resumo para me entregar... na

segunda-feira. E por hoje é só.

Falando agitados, os alunos deixaram a sala dos professores.

Harry, porém, não estava se sentindo muito animado. O Prof.

Lupin intencionalmente o impedira de enfrentar o bicho-papão.

Por quê? Teria sido porque vira Harry desmaiar no trem e achava

que ele não seria capaz? Teria pensado que ele ia desmaiar de novo? Mas ninguém mais

pareceu ter estranhado nada.

- Você me viu enfrentar aquele espírito agourento? - perguntava Simas aos gritos.

- E a mão! - disse Dino, agitando a própria mão no ar.

- E o Snape naquele chapéu!

- E a minha múmia?

- Por que será que o Prof. Lupin tem medo de bolas de cristal?

- indagou Lilá, pensativa.

- Essa foi a melhor aula de Defesa contra as Artes das Trevas que já tivemos,

vocês não acham? - disse Rony excitado quando refaziam o caminho até

a sala de aula para apanhar as mochilas.

- Ele parece um bom professor - comentou Hermione em tom de aprovação. - Mas

eu gostaria de ter podido enfrentar o bichopapão...

- O que ele teria sido para você? - perguntou Rony dando risadinhas. - Um dever

de casa que só mereceu nota nove em dez?

CAPITULO OITO -

A fuga da mulher gorda

Não demorou nada e a Defesa contra as Artes das Trevas se tornou a matéria favorita da

maioria dos estudantes. Somente Draco Malfoy e sua

patota de alunos da Sonserina

tinham alguma coisa de ruim a dizer do Prof.. Lupin.

- Olha só as vestes dele - Malfoy diria num sussurro bem audível quando o professor

passava. - Ele se veste como um velho elfo

doméstico.

Mas ninguém mais se importava se as vestes de Lupin eram remendadas e esfiapadas.

Suas aulas seguintes tinham sido tão interessantes quanto a primeira. Depois

dos bichos-papões, eles estudaram os "barretes vermelho?", criaturinhas malfazejas que

lembravam duendes e rondavam os lugares onde houvera derramamento de

sangue, masmorras de castelos e valas dos campos de batalha desertos -

à espera de abater a porrete os que se perdiam. Dos barretes vermelhos eles passaram aos

kappas,

seres rastejantes das águas, que lembravam macacos com escamas, palmípedes cujas mãos

comichavam para estrangular os

banhistas desavisados que penetravam seus domínios.

Harry só desejava que fosse tão feliz com outras matérias. A pior delas era Poções.

Snape andava com uma disposição bem vingativa ultimamente, e ninguém

tinha dúvidas do que motivara isso. A história do bicho-papão que

assumira a forma dele, e

a maneira com que Nevilie o vestira com as roupas da avó, correra a escola

como fogo espontâneo. Snape não parecia ter achado graça. Seus olhos faiscavam

ameaçadoramente à simples menção do nome de Lupin e ele andava implicando com

Neville

mais do que nunca.

Harry também estava começando a temer as horas que passava

na sala sufocante da Prof." Sibila, decifrando formas e simbolos

enviesados, tentando fingir que não via os olhos da professora se

encherem de lágrimas todas as vezes que olhava para ele. Não conseguia

gostar de Sibila, embora ela fosse tratada, por muitos alunos da turma, com um respeito que

beirava a reverência. Parvati Patil e Lilá Brown passaram a rondar

a torre da professora na hora do almoço, e sempre voltavam com irritantes ares de

superioridade, como se soubessem de coisas que os outros

desconheciam. Tinham

começado

também a usar um tom de voz abafado sempre que falavam com Harry, como se estivessem

em seu velório.

Ninguém gostava realmente de Trato das Criaturas Mágicas que, depois da primeira

aula repleta de ação, tornara-se extremamente monótona. Hagrid parecia ter

perdido a confiança em si mesmo. Os alunos agora passavam aula após aula aprendendo a

cuidar de vermes, que eram uma das espécies de bichos mais chatas que existem

no mundo, e não era por acaso.

- Por que alguém se daria o trabalho de cuidar deles? - exclamou Rony, depois de mais

de uma hora enfiando alface fresca picada pela goela escorregadia dos

vermes.

No início de outubro, porém, Harry teve algo com que se ocupar, algo tão prazeroso

que mais do que compensou as aulas chatas. A temporada de quadribol se

aproximava e Olivio Wood, capitão do time da Grifinória, convocou uma reunião para uma

noite de quinta-feira com a finalidade de discutirem as táticas que adotariam

na nova temporada.

Havia sete jogadores num time de quadribol: três artilheiros, cuja função é marcar gois

fazendo a goles (uma bola vermelha do tamanho de uma bola de futebol)

passar por um aro no alto de uma baliza de quinze metros de altura fincada em cada

extremidade do campo; dois batedores, armados com pesados bastões para repelir

os balaços (duas bolas pretas maciças que voavam para todos os lados tentando atacar os

jogadores); um goleiro, que defendia as balizas e um apanhador, que tinha

a função mais dificil de todas, a de capturar o pomo de ouro, uma bolinha alada do tamanho

de uma noz, cuja captura encerrava o jogo, e garantia para o time do apanhador

cento e cinquenta pontos a mais.

Olívio era um rapaz forte de dezessete anos, agora no sétimo e último ano de Hogwarts.

Tinha uma espécie de desespero

silencioso voz quando se dirigiu aos seis companheiros

de equipe nos gelados vestiários, localizados nas pontas do campo de quadribol, agora

quase escuro.

- Esta é a nossa última chance, minha última chance, de

ganhar a Taça de Quadribol - disse andando para lá e para cá diante dos

colegas. - Vou-me embora no fim deste ano. Nunca mais terei outra oportunidade.

Grifinória não ganha a taça há sete anos. Tudo bem, tivemos o maior azar do mundo,

acidentes, depois o cancelamento do torneio no ano passado... - Olívio

engoliu em seco como se aquela lembrança ainda lhe desse um nó na garganta. - Mas

também sabemos que temos o time - melhor - mais

irado - da escola - disse ele, dando

um soco na palma da mão, o velho brilho obsessivo nos olhos.

"Temos três artilheiros da melhor qualidade."

Olívio apontou pata Alicia Spinnet, Angelina Johnson e Karie

BelI.

- Temos dois batedores imbatíveis.

- Pode parar, Olívio, você está encabulando a gente - disseram Fred e Jorge juntos,

fingindo corar,

- E temos um apanhador que até hoje nunca deixou de nos levar à vitória nas

partidas que

jogamos - falou Olívio em tom retumbante, encarando Harry

com uma espécie de orgulho ardoroso. - E temos a mim - acrescentou, pensando melhor.

- Nós também achamos você muito bom, Olívio - disse Jorge.

- Um goleiro do caramba! - disse Fred.

- A questão é - continuou Olívio retomando a caminhada - que a Taça de

Quadribol devia ter tido o nome do nosso time gravado, nesses dois últimos

anos. Desde que Harry se juntou a nós, achei que a taça já estava no papo. Mas não

ganhamos, e este ano é a última chance que teremos de finalmente ver o nosso nome

na taça...

Olívio falou tão desolado que até Fred e Jorge o olharam com

simpatia.

- Olívio, este ano é o nosso ano - animou-o Fred.

- Vamos conseguir, Olívio! - disse Angelina.

- Sem a menor dúvida-confirmou Harry.

Cheio de determinação, o time começou os treinos, três noites por semana. O tempo

estava ficando mais frio e mais úmido, as noites mais escuras, mas não

havia lama nem vento nem chuva que pudesse empanar a visão maravilhosa de Harry de

finalmente

ganhar a enorme Taça de Quadribol de prata.

Harry voltou à sala comunal da Grifinória certa noite depois

do treino, enregelado, os músculos endurecidos, mas satisfeito com

o aproveitamento do treino, e encontrou a sala mergulhada num vozerio excitado.

- Que foi que aconteceu?-perguntou ele a Rony e Hermione, que estavam sentados em

duas das melhores poltronas ao lado da

lareira terminando uns mapas estelares para a aula de Astronomia.

- Primeiro fim de semana em Hogsmeade - respondeu Rony, apontando para uma nota

que aparecera no escalavrado quadro de

avisos. - Fim de outubro. Dia das Bruxas.

- Ótimo - comentou Fred que seguira Harry na passagem pelo buraco do quadro. -

Preciso visitar a

Zonko"s. Meus chumbinhos

fedorentos estão quase no fim.

Harry se atirou em uma cadeira ao lado de Rony, sua animação

esfriando. Hermione pareceu ler seus pensamentos.

- Harry tenho certeza de que você vai poder ir na próxima visita - disse a garota. -

Vão acabar pegando o Black logo. Ele já foi

avistado uma vez.

- Black não é louco de tentar alguma coisa em Hogsmeade - argumentou Rony. -

Pergunte a McGonagall se você pode ir,

Harry A próxima vez talvez demore um tempão para acontecer...

- Rony! - exclamou a garota. - Harry tem que ficar na

escola...

- Ele não pode ser o único aluno de terceiro ano que vai ficar

- disse Rony. - Pergunta a McGonagall, anda, Harry..

- É, acho que vou perguntar - disse Harry se decidindo. Hermione abriu a boca para

protestar, mas naquele instante

Bichento pulou com leveza em seu colo. Trazia uma enorme aranha morta pendurada na

boca.

- Ele tem que comer isso na frente da gente? - perguntou

Rony aborrecido.

- Bichento inteligente, você apanhou a aranha sozinho? - perguntou Hermione.

Bichento mastigou a aranha vagarosamente, os olhos amarelos

fixos insolentemente em Rony.

- Vê se ao menos segura ele aí - disse Rony irritado, voltando

a atenção para o seu mapa estelar. - Perebas está dormindo na

minha mochila.

Harry bocejou. Queria realmente ir se deitar, mas ainda tinha

o mapa para terminar. Puxou a mochila para perto, tirou um pergaminho,

tinta e caneta e começou a trabalhar.

- Pode copiar o meu, se quiser - ofereceu Rony, escrevendo o

#121#

nome da última estrela com um floreio e empurrando o mapa para

Harry.

Hermione, que desaprovava colas, contraiu os lábios mas não

disse nada. Bichento continuava a mirar Rony sem piscar, agitando

a ponta do rabo peludo. Então, sem aviso, atacou.

- AI! - berrou Rony, agarrando a mochila na hora em que Bichento enterrava nela

as garras das quatro patas e começava a

sacudi-la furiosamente. - DE O FORA DAI SEU BICHO BURRO!

Rony tentou arrancar a mochila das garras de Bichento, mas o

gato não a largava, bufando e unhando.

- Rony, não machuca ele! - gritou Hermione; toda a sala observava; Rony girou a

mochila, Bichento continuou agarrado, e

Perebas saiu voando pela abertura...

- SEGURE ESSE GATO! - berrou Rony quando Bichento se desvencilhou dos

restos da mochila e saltou para a mesa perseguindo o aterrorizado Perebas.

Jorge Weasley deu um salto na direção de Bichento mas errou; Perebas disparou entre

vinte pares de pernas e sumiu embaixo de uma velha cômoda. Bichento parou

derrapando, se abaixou o mais que pôde nas pernas arqueadas e começou a fazer furiosas

investidas com a pata dianteira no vão da cômoda.

Rony e Hermione correram para acudir; Hermione agarrou Bichento pelo meio e

carregou-o para longe; Rony se atirou no chão de barriga para baixo e, com grande

dificuldade, puxou Perebas para fora pelo rabo.

- Olha só para ele! - gritou o garoto furioso para Hermione, balançando Perebas

diante da amiga. - Está pele e osso! Segura esse

gato longe dele!

- Bichento não entende que isso é errado! - defendeu-o Hermione, a voz trêmula. -

Todos os gatos caçam ratos, Rony!

- Tem uma coisa esquisita nesse animal! - acusou Rony, que estava tentando

persuadir um Perebas, que se contorcia freneticamente, a voltar para dentro

do seu bolso. - Ele me ouviu dizer que Perebas estava na mochila!

- Ah, deixa de bobagem - retrucou a garota. - Bichento sabe farejar, Rony, de que

outro modo você acha...

- Esse gato está perseguindo o Perebas! - disse Rony, fingindo

não ver os colegas em volta, que começavam a dar risadinhas abafadas. E Perebas estava

aqui primeiro, e está doente!

#

Rony atravessou a sala decidido e desapareceu na subida da

escada para os dormitórios dos garotos.

Rony continuou de mal com Hermione no dia seguinte. Quase não falou com a garota

durante a aula de Herbologia, embora ele, Harry e Hermione estivessem trabalhando

juntos na mesma tarefa.

- Como é que vai o Perebas? - perguntou Hermione timidamente enquanto

colhiam gordas vagens rosadas das plantas e esvaziavam seus feijões luzidios

em um balde de madeira.

- Está escondido no fundo da minha cama tremendo - respondeu Rony com raiva,

errando o balde e espalhando feijões pelo

chão da estufa.

- Cuidado, Weasley, cuidado! - exclamou a Profa Sprout quamdo os feijões

desabrocharam diante dos olhos de todos.

A aula seguinte era Transformação. Harry, que resolvera perguntar à

Profa. McGonagall depois da aula se podia ir a Hogsmeade com os colegas, entrou na fila

do lado de fora da sala tentando decidir como é que iria defender o seu caso. Foi distraído,

porém, por uma confusão no início da fila.

Pelo jeito, Lilá Brown estava chorando. Parvati abraçava-a, e

explicava algo a Simas e Dino, que pareciam muito sérios.

- Que foi que aconteceu, Lilá? - perguntou Hermione, ansiosa, quando ela, Harry e

Rony se reuniram ao grupo.

- Ela recebeu uma carta de casa hoje de manhã - sussurrou Parvati. - Foi o coelho

dela, Binqui. Foi morto por uma raposa.

- Ah - disse Hermione sinto muito, Lilá.

- Eu devia ter imaginado! - exclamou Lilá, tragicamente. - Você sabe que dia é

hoje?

- Hum...

- Dezesseis de outubro! "Essa coisa que você receia, vai acontecer na sexta-feira,

16 de outubro!" Lembram? Ela estava certa, ela

estava certa!

A turma inteira agora rodeava Lilá. Simas sacudia a cabeça,

sério. Mione hesitou; em seguida perguntou:

- Você receava que Bínqui fosse morto por uma raposa?

- Bem, não necessariamente por uma raposa - respondeu

Lilá, erguendo os olhos, dos quais as lágrimas escorriam sem parar -,

mas obviamente eu receava que ele morresse, não é?

#123#

- Ah - exclamou Hermione. Ela fez outra pausa. E depois... - Bínqui era um

coelho velho?

- N... não! - soluçou Lilá. -A... ainda era um bebezinho!

Parvati apertou o abraço que dava em Lilá.

- Mas, então, por que você tinha receio que ele morresse? - perguntou Hermione.

Parvati fez uma cara feia para a colega.

- Bem, vamos encarar isso logicamente - falou Hermione, virando-se para o

restante do grupo. - Quero dizer, Bínqui nem ao menos morreu hoje, não é?

Lilá foi que recebeu a notícia hoje... - Lilá abriu um berreiro - e ela não podia estar

receando isso, porque a notícia foi um choque para ela...

- Não ligue para Hermione, Lilá - disse Rony em voz alta -, ela não acha que os

bichos de estimação dos outros têm muita importância.

A Profa Minerva abriu a porta da sala de aula naquele momento, o que talvez tenha

sido uma sorte; Hermione e Rony estavam se fuzilando com os olhos e quando

entraram na sala se sentaram um de cada lado de Harry, e passaram a aula inteira sem se

falar.

Harry ainda não decidira o que ia dizer à professora quando a sineta tocou anunciando

o fim da aula, mas foi ela quem levantou o assunto de Hogsmeade primeiro.

- Um momento, por favor! - pediu quando a turma se preparava para sair. - Como

vocês todos fazem parte da minha Casa, deverão entregar os formulários

de autorização para ir à Hogsmeade a mim, antes do Dia das Bruxas. Sem formulário não

há visita, por isso não se esqueçam.

Neville levantou a mao.

- Por favor, professora, eu... eu acho que perdi...

- Sua avó mandou o seu diretamente a mim, Longbottom - disse Minerva. - Parece

que ela achou mais seguro. Bem, é só isso,

podem ir.

- Pergunta a ela agora - sibilou Rony a Harry.

- Ah, mas... - começou Hermione.

- Manda ver - disse Rony insistindo.

Harry esperou o resto da turma desaparecer e se dirigiu, nervoso, à escrivaninha da

professora.

- Que foi, Potter?

Harry inspirou profundamente.

- Professora, minha tia e meu tio... hum... se esqueceram de assinar a minha

autorização.

A Profa Minerva olhou-o por cima dos óculos quadrados e não disse nada.

- Então... hum... a senhora acha que haveria algum problema... quero dizer, que estaria

OK se eu... se eu fosse a Hogsmeade?

Minerva baixou os olhos e começou a mexer nos papéis em cima da escrivaninha.

- Receio que não, Potter. Você ouviu o que eu disse. Não tem formulário, não tem

visita ao povoado. Essa é a regra.

- Mas, professora, minha tia e meu tio... a senhora sabe, eles são trouxas, não

entendem realmente para que servem... os formulários de Hogwarts e outras

coisas daqui - explicou Harry, enquanto Rony o animava a prosseguir com vigorosos

acenos de cabeça. - Se a senhora disser que eu posso ir...

- Mas eu não vou dizer - falou a professora se levantando e arrumando os papéis na

gaveta. - O formulário diz claramente que

o pai ou guardião precisa dar permissão. - Minerva se virou para olhá-lo, com uma estranha

expressão no rosto. Seria pena? - Sinto muito, Potter, mas esta é a minha

palavra final. É melhor você se apressar ou vai se atrasar para a próxima aula.

Não restava nada a fazer. Rony xingou a Profa Minerva de uma porção de nomes, o que

deixou Hermione muito aborrecida; a garota assumiu um ar de "foi-melhor-assim"

que fez Rony ficar com mais raiva e Harry teve que suportar os colegas na aula discutindo,

alegres e em altas vozes, o que iam fazer primeiro, quando chegassem a

Hogsmeade.

- Sempre tem a festa - disse Rony, num esforço para animar Harry. - Sabe, a festa do

Dia das Bruxas, à noite.

- Sei - respondeu Harry, deprimido -, que ótimo.

A festa do Dia das Bruxas era sempre boa, mas teria um sabor muito melhor se fosse

depois de

uma visita a Hogsmeade com os colegas. Nada que ninguém disse

fez Harry se sentir melhor com relação à idéia de ser deixado para trás. Dino Thomas, que

era jeitoso com uma caneta, se oferecera para falsificar a assinatura do

tio

Válter no formulário, mas como Harry já dissera à Profa. Minerva

que os tios não haviam assinado, não adiantava nada. Rony, meio

#125#

desanimado, sugeriu a Capa da Invisibilidade, mas Hermione eliminou essa possibilidade,

lembrando a Rony que Dumbledore avisara que os

dementadores podiam ver através

da capa. Possivelmente foi Percy quem disse as palavras que menos consolaram.

- O pessoal faz um estardalhaço sobre Hogsmeade, mas eu garanto, Harry, o

povoado não é tão fantástico quanto dizem - falou ele, sério. - Tudo bem,

a loja de doces é bastante boa e a Zonko''s - Logros e Brincadeiras é francamente perigosa

e, ah, sim, a Casa dos Gritos sempre vale a pena visitar, mas, verdade,

Harry, tirando isso, você não vai perder nada.

Na manhã do Dia das Bruxas, Harry acordou com os colegas e desceu para tomar café,

sentindo-se totalmente arrasado, embora se esforçasse ao máximo para agir normalmente.

- Vamos lhe trazer um monte de doces da Dedosdemel - prometeu Hermione, sentindo

uma pena desesperada do amigo.

- É, montes - concordou Rony. Ele e Hermione tinham finalmente esquecido a

briga por causa do Bichento diante do descontentamento de Harry.

- Não se preocupem comigo - disse Harry no que ele imaginava ser uma voz

displicente. - Vejo

vocês na festa. Divirtam-se.

Ele acompanhou os amigos até o saguão da escola, onde Filch, o zelador, estava

postado à porta de entrada, verificando se os nomes constavam de uma longa

lista, examinando cada rosto cheio de desconfiança, e certificando-se de que ninguém que

não devia ir estivesse saindo escondido da escola.

- Vai ficar na escola, Potter? -gritou Malfoy, que estava na fila com Crabbe e

Goyle. - Medinho de passar pelos dementadores?

Harry-não lhe deu atenção e se dirigiu, solitário, para a escadaria de mármore, seguiu

pelos corredores desertos e voltou à Torre

da Grifinória.

- Senha? - perguntou a Mulher Gorda, acordando assustada de um cochilo.

- Fortuna Major - disse Harry apático.

O retrato se afastou e ele passou pelo buraco que levava à sala comunal.

queEstava repleto de alunos do primeiro e segundoano

que tagarelavam e de alguns alunos mais velhos, que obviamente já tinham

visitado Hogsmeade tantas vezes que a novidade se desgastara.

- Harry! Harry! Oi, Harry!

Era Colin Creevey, um colega do segundo ano que tinha uma profunda admiração por

Harry e nunca perdia uma oportunidade de falar com o seu ídolo.

- Você não vai a Hogsmeade, Harry? Por que não? Ei - Colin olhou com ansiedade

para os amigos -, pode vir se sentar conosco,

- se quiser, Harry!

- Hum... não, obrigado, Colin - disse Harry que não estava a fim de ter um bandão

de gente olhando, curiosa, para a cicatriz em sua testa. - Tenho...

tenho que ir à biblioteca, preciso fazer um trabalho.

Depois disso, ele não teve escolha senão dar meia-volta e se dirigir ao buraco do

retrato para sair.

- Para o que foi então que me acordou? - comentou, rabugenta, a Mulher Gorda

quando ele, depois de passar, foi se afastando.

Harry caminhou, desalentado, em direção à biblioteca, mas no meio do caminho

mudou de idéia; não estava com vontade de trabalhar. Deu meia-volta e deparou

com Filch, que obviamente acabara de despachar o último visitante para Hogsmeade.

- Que é que você está fazendo? - rosnou Filch, desconfiado.

- Nada - respondeu Harry com sinceridade.

- Nada! - bufou Filch, a queixada tremendo desagradavelmente. - Que coisa

improvável! Andando, sorrateiro, sozinho, por que é que você não está em

Hogsmeade comprando chumbinho fedorento, pó de arroto e minhocas de apito como os

seus outros amiguinhos intragáveis?

Harry sacudiu os ombros.

- Muito bem, volte para sua sala comunal que é o seu lugar! - mandou Filch, com

rispidez e ficou parado olhando até Harry desaparecer de vista.

Mas o garoto não voltou à sala comunal; ele subiu uma escada, pensando vagamente

em visitar o corujal para ver Edwiges, e estava andando por outro corredor

quando uma voz que vinha de uma das salas o chamou:

- Harry?

O garoto se virou pata ver quem o chamara e deparou com o Prof. Lupin, que

espiava para os lados à porta de sua sala.

- Que é que você está fazendo? - perguntou Lupin, embora

num tom de voz diferente do de Filch. - Onde estão Rony e Hermione?

- Hogsmeade - respondeu Harry num tom que ele pretendia que fosse

descontraído.

- Ah - comentou Lupin. Ele observou o garoto por um momento. - Por que você

não entra? Estive aguardando a entrega de um grindylow para a nossa

próxima

aula.

- De um o quê? - perguntou Harry.

Ele entrou na sala de Lupin com o professor. A um canto havia uma enorme caixa de

água. Um bicho de cor verde-bile e chifrinhos pontiagudos comprimia a cara

contra o vidro, fazendo caretas e agitando os dedos longos e afilados.

- Demônio aquático - explicou Lupin, examinando o grindylow pensativamente. -

Não deve nos dar muito trabalho, não depois dos kappas. O truque é deixar

as mãos deles sem ação. Reparou nos dedos anormalmente compridos? Fortes mas muito

quebradiços.

O grindylow arreganhou os dentes verdes e em seguida se enterrou num emaranhado

de ervas a um canto.

- Xícara de chá? - ofereceu Lupin, procurando a chaleira. - Eu estava mesmo

pensando em preparar uma.

- Tudo bem - aceitou Harry sem jeito.

Lupin deu alguns golpes de varinha na chaleira e na mesma

hora saiu do bico uma baforada de vapor quente.

- Sente-se - convidou Lupin, tirando a tampa de uma lata empoeirada. - Receio

que só tenha chá em saquinhos... mas eu diria que você já bebeu chá

em folhas que chegue.

Harry olhou para ele. Os olhos do professor cintilavam.

- Como foi que o senhor soube disso? - perguntou Harry.

- A Profa McGonagall me contou - respondeu Lupin, passando a Harry uma

caneca lascada cheia de chá. - Você não está preocupado, está?

-Não.

Por um instante Harry pensou em contar a Lupin a história do

cão que ele vira na rua Magnólia mas decidiu não fazê-lo. Não queria que Lupin pensasse

que era covarde, principalmente porque o

professor já parecia pensar que ele não era capaz de enfrentar um

bicho-papão.

Alguma coisa dos pensamentos de Harry devia ter transparecido em seu rosto, porque

Lupin perguntou:

- Tem alguma coisa preocupando-o, Harry?

- Não - mentiu o garoto. Depois bebeu um pouco de chá observando o grindylow

que o ameaçava com o punho. - Tem - disse ele de repente, pousando a

xícara de chá na mesa do professor - O senhor se lembra daquele dia em que lutamos contra

o bicho-papão?

- Claro.

- Por que o senhor não me deixou enfrentar o bicho? - perguntou Harry

abruptamente.

Lupin ergueu as sobrancelhas.

- Eu teria pensado que isto era óbvio, Harry - disse ele parecendo surpreso.

Harry, que esperara que o professor negasse ter feito uma coisa

dessas, ficou perplexo.

- Por quê? - tornou ele a perguntar.

- Bem - falou Lupin, franzindo de leve a testa -, presumi que se o bicho-papão o

enfrentasse, ele assumiria a forma de Lord Voldemort.

Harry arregalou os olhos. Não somente esta era a última resposta que poderia esperar,

como também Lupin dissera o nome de Voldemort. A única pessoa que Harry

já ouvira dizer esse nome em voz alta (além dele próprio) fora o Prof. Dumbledore.

- Pelo visto eu me enganei - desculpou-se o professor, ainda franzindo a testa. -

Mas eu não achei uma boa idéia Lord Voldemort se materializar na

sala dos professores. Imaginei que os alunos entrariam em pânico.

- Logo no começo, eu realmente pensei em Voldemort - disse Harry

honestamente. -Mas depois, eu... eu me lembrei daqueles

dementadores.

- Entendo - falou o professor, pensativo. - Bem, bem... Estou impressionado. - Ele

sorriu brevemente ao ver a expressão de surpresa no rosto do garoto.

- Isto sugere que o que você mais teme é o medo. Muito sensato, Harry.

Harry não soube o que dizer ao professor, por isso bebeu mais

chá.

- Então você andou pensando que eu não acreditava que você tivesse capacidade

para enfrentar o bicho-papão? - perguntou

Lupin astutamente.

-É.

#129#

- Bem... é. - Harry de repente estava se sentindo muito mais feliz. -

Prof. Lupin, o senhor sabe que os dementadores...

O garoto foi interrompido por uma batida na porta.

- Entre - convidou o professor.

A porta se abriu e Snape entrou. Trazia um cálice ligeiramente

fumegante e parou, apertando os olhos negros, ao ver Harry.

- Ah, Severo - exclamou Lupin sorridente. - Muito obrigado. Podia deixar aí na

mesa para mim?

Snape pousou o cálice fumegante, os olhos indo de Harry para

Lupin.

- Eu estava mostrando a Harry o meu grindylow - disse Lupin em tom agradável,

indicando o tanque de água.

- Fascinante - comentou Snape sem sequer olhar para o tanque. - Você devia beber

isso logo, Lupin.

- É, é, vou beber.

- Fiz um caldeirão cheio - continuou Snape. - Se precisar de mais...

- Provavelmente eu deveria tomar mais um pouco amanhã. Muito obrigado,

Severo.

- De nada disse o colega, mas havia uma expressão em seus olhos que não

agradou a Harry. O professor se retirou de costas

para a porta, sem sorrir, vigilante.

Harry olhou, curioso, para o cálice. Lupin sorriu.

- O Prof. Snape teve a bondade de preparar esta poção para mim - explicou ele. -

Nunca fui um bom preparador

de poções e esta aqui é particularmente

complexa. - Ele apanhou o cálice e cheirou-o. - É pena que o açúcar estrague o efeito da

poção - acrescentou, tomando um golinho e estremecendo.

- Por quê...? - começou Harry. Lupin olhou para ele e respondeu à pergunta

incompleta.

- Tenho me sentido meio indisposto. Esta poção é a única coisa que

me ajuda.

Tenho a sorte de estar trabalhando ao lado do

Prof. Snape; não há muitos bruxos que saibam prepará-la.

O professor tomou mais um golinho e Harry teve um desejo incontrolável de

derrubar o cálice de suas

mãos.

- O Prof. Snape e muito interessado nas Artes das Trevas -

disse o garoto sem pensar.

- É mesmo? - admirou-se Lupin, parecendo apenas levemente interessado,

enquanto tomava mais um gole.

- Tem gente que supõe que ele faria qualquer coisa para ocupar o cargo de

professor de Defesa contra as Artes das Trevas.

Lupin esvaziou o cálice e fez uma careta.

- Horrível - disse. - Bem, Harry é melhor eu voltar ao trabalho. Vejo você mais tarde na

festa.

- Certo - concordou Harry, deixando na mesa sua xícara vazia. O cálice vazio continuava a

fumegar.

#130#

- Segura aí - exclamou Rony. - Compramos o máximo que podíamos carregar.

Uma chuva de doces intensamente coloridos caiu no colo de Harry. Anoitecia e Rony

e Hermione tinham acabado de chegar à sala comunal, as faces rosadas do

vento frio e a expressão de que tinham se divertido como nunca.

- Obrigado - disse Harry, pegando um pacote de minúsculos Diabinhos de

Pimenta. -

Como é que é Hogsmeade? Aonde é que vocês foram?

Pelo que diziam... a todos os lugares. Dervixes e Bangues, a loja de equipamento de

bruxaria,

Zonko"s - Logros e Brincadeiras, no Três Vassouras para tomar

canecas espumantes de cerveja quente amanteigada, e outros tantos lugares.

- O Correio, Harry! Umas duzentas corujas, todas pousadas em prateleiras, todas

com código de cores dependendo da urgência com que você quer que a

carta chegue!

- A Dedosdemel tem um novo tipo de fudge estavam distribuindo amostras grátis,

olha aí um pedacinho, olha...

-Achamos que vimos um ogro, juro, tem gente de todo o tipo no Três Vassouras...

- Gostaria que a gente pudesse ter trazido cerveja amanteigada para você,

esquenta para valer...

- Que foi que você ficou fazendo? - perguntou Hermione, com ar

preocupado. -

Terminou algum dever?

- Não - respondeu Harry. - Lupin preparou uma xícara de chá para mim na sala

dele. Então Snape entrou...

E Harry contou aos amigos tudo sobre o cálice. Rony ficou

boquiaberto.

#131#

- E Lupin bebeu? Ele é maluco?

Hermione consultou o relógio de pulso.

- É melhor descermos, sabe, a festa vai começar dentro de cinco

minutos...

- Os três atravessaram depressa o buraco do retraro e se misturaram à aglomeração

de alunos, ainda discutindo Snape.

- Mas se ele... sabe... - Hermione baixou a voz, olhando, nervosa,

para os lados - se ele estivesse tentando... envenenar Lupin...

não teria feito isso na frente de Harry.

- É, talvez - disse Harry quando chegavam ao saguão de entrada e o atravessavam

para entrar no Salão Principal. Este fora decorado com centenas de

abóboras iluminadas por dentro com velas, uma nuvem de morcegos, muitas serpentinas

Laranja-vivo que esvoaçavam lentamente pelo teto tempestuoso como parecendo luzidias

cobras de água.

A comida estava deliciosa; até Hermione e Rony, que já vinham empanturrados de

doces da Dedosdemel, arranjaram lugar para repetir. Harry olhava constantemente

para a mesa dos professores. O Prof. Lupin parecia alegre e o mais saudável possível;

conversava animadamente com o miúdo Flitwick, professor de Feitiços. O olhar

de Harry percorreu a mesa até o lugar que Snape ocupava. Seria sua imaginação ou os

olhos de Snape cintilavam na direção de Lupin com mais

frequência do que seria

natural?

A festa terminou com um espetáculo apresentado pelos fantasmas de Hogwarrs. Eles

saltavam de repente das paredes e dos tampos das mesas e voavam em formação;

Nick Quase Sem Cabeça, o fantasma da Grifinória, fez grande sucesso com uma encenação

de sua própria decapitação incompleta.

Foi uma noite tão agradável que o bom humor de Harry sequer foi

afetado quando

Malfoy gritou no meio dos colegas, quando deixavam o salão:

- Os dementadores mandaram lembranças, Potter!

Harry, Rony e Hermione acompanharam os colegas da Grifinória pelo caminho

habitual para a sua Torre, mas quando chegaram ao corredor que terminava no retrato

da Mulher Gorda, encontraram-no engarrafado pelos alunos.

- Por que ninguém está entrando? - perguntou Rony, curioso. Harry espiou por cima

das cabeças à sua frente.

Aparentemente o retrato estava fechado.

- Me deixem passar - ouviu-se a voz de Percy, que passou cheio

de importância e eficiência pelo ajuntamento. - Qual é o motivo

da retenção aqui? Não é possível que todos tenham esquecido a

senha, com licença, sou o monitor-chefe...

E então foi baixando um silêncio sobre os alunos a começar pelos que estavam na

frente, dando a impressão de que uma friagem se espalhava pelo corredor.

Eles ouviram Percy dizer, numa voz repentínamente alta e esganiçada:

- Alguém vai chamar o Prof. Dumbledore. Depressa.

As cabeças dos alunos se viraram; os que estavam atrás se esticaram nas

pontas dos pés.

- Que é que está acontecendo? - perguntou Gina, que acabara de chegar.

Instantes depois, o Prof. Dumbledore chegou deslizando, imponente, em direção ao

retrato; os alunos da Grifínória se comprimiram para deixá-lo passar, e

Harry, Rony e Hermione se aproximaram para ver qual era o problema.

- Essa, não... - a garota agarrou o braço de Harry.

A Mulher Gorda desaparecera do retrato, que fora cortado com

tanta violência que as tiras de tela se amontoavam no chão; grandes

pedaços do retrato haviam sido completamente arrancados.

Dumbledore deu uma olhada rápida no retrato destruido,

virou-se, o olhar sombrio e viu os professores McGonagoall,

Lupin e Snape que vinham apressados ao seu encontro.

- Precisamos encontrá-la - disse Dumbledore. - Profa McGonagall, por favor localize o

Sr. Filch imediatamente e diga-lhe que

procure a Mulher Gorda em todos os quadros do castelo.

- Vai precisar de sorte! - disse uma voz gargalhante.

Era Pirraça, o poltergeise, sobrevoando professores e alunos,

encantado, como sempre,

à vista de

desastres e preocupações.

- Que é que você quer dizer com isso, Pirraça? - perguntou Dumbledore

calmamente e o sorriso do polzergeistempalideceu um pouco. Ele não se atrevia

a atormentar o diretor. Em vez disso, adotou uma voz untuosa que não era nada melhor do

que a sua gargalhada escandalosa.

- Vergonha, Sr. Diretor. Não quer ser vista. Está horrorosa. Eu a vi correndo por

uma paisagem no quarto andar, Sr. Diretor, se

escondendo entre as árvores. Chorando de cortar o coração -

133#

informou ele, satisfeito. - Coitada - acrescentou em tom pouco

convincente.

- Ela disse quem foi que fez isso? - perguntou Dumbledore em voz baixa.

- Ah, disse, Sr. Diretor - respondeu Pirraça com ar de quem carrega uma grande

bomba nos braços. - Ele ficou furioso porque ela não quis deixá-lo entrar,

entende. - Pirraça deu uma cambalhota no ar e sorriu para Dumbledore entre as próprias

pernas. - Tem um gênio danado, esse tal de Sirius Black.

#134#

- CAPITULO NOVE

A amarga derrota

O Prof. Dumbledore mandou todos os alunos da Grifinória voltarem ao Salão

Principal, onde foram se reunir a eles, dez minutos depois, os alunos da Lufa-Lufa,

Corvinal e Sonserina, todos parecendo extremamente atordoados.

- Os professores e eu precisamos fazer uma busca meticulosa no castelo - disse o

diretor aos alunos quando os professores McGonagall e Flirwick fecharam

as portas do salão que davam para o saguão. - Receio que, para sua própria segurança,

vocês terão que passar a noite aqui. Quero que os monitores montem guarda nas

saídas para o saguão e vou encarregar o monitor e a monitorachefes de cuidarem disso. Eles

devem me informar imediatamente qualquer perturbação que haja - acrescentou

Dumbledore dirigindo-se a Percy, que assumiu um ar de enorme orgulho e importância. -

Mande um dos fantasmas me avisar.

O Prof. Dumbledore parou, quando ia deixando o salão, e disse:

- Ah, sim, vocês vão precisar...

Com um gesto displicente da varinha, as longas mesas se deslocaram para junto das

paredes e, com um outro toque, o chão

ficou coberto por centenas de fofos sacos de dormir de cor roxa.

- Durmam bem - disse o Prof. Dumbledore, fechando a porta ao passar.

O salão imediatamente começou a zumbir com as vozes excitadas dos alunos; os

da Grifinória contavam ao resto da escola o que

acabara de acontecer

- Todos dentro dos sacos de dormir! - gritou Percy. - Andem logo e chega de

conversa! As luzes vão ser apagadas dentro de dez

minutos!

#135#

- Vamos, gente disse Rony a Harry e Hermione; e eles apanharam três sacos de

dormir e os arrastaram para um canto.

- Vocês acham que Black ainda está no castelo? - cochichou Hermione, ansiosa.

- É óbvio que Dumbledore acha que ele ainda pode estar - respondeu Rony.

- É uma sorte ele ter escolhido esta noite, sabem - comentou Hermione quando

entravam, completamente vestidos, nos sacos de dormir e apoiavam o corpo

nos cotovelos para conversar. - A única noite em que não estávamos na Torre...

- Calculo que ele tenha perdido a noção do tempo, já que está fugindo - disse

Rony. - Não percebeu que era Dia das Bruxas. Do contrário teria invadido

o salão.

Herrnione estremeceu.

A toda volta, os colegas se faziam a mesma pergunta: Como foi que ele entrou?

- Vai ver ele sabe "aparatar" -sugeriu uma aluna da Corvinil, próxima. - Aparece

de repente, sabe, sem ninguém ver de onde.

- Provavelmente se disfarçou disse um quintanista da LufaLufa.

- Vai ver ele voou - sugeriu Dino Thomas.

- Francamente, será que eu fui a única pessoa que se deu ao trabalho de ler

Hogwarts, uma história? - perguntou

Hermione, zangada, a Rony e Harry.

- Provavelmente - disse Rony. - Por quê?

- Porque o casteLo não está protegido só por paredes, sabem. Recebeu todo o tipo

de feitiço, para impedir as pessoas de entrarem escondidas. Ninguém

pode simplesmente aparatar aqui. E eu gostaria de ver qual é o disfarce que é capaz de

enganar os dementadores. Eles estão guardando todas as entradas da propriedade.

Teriam visto se Black entrasse voando. E Fiich conhece todas as passagens secretas e os

funcionários terão coberto todas...

- As Luzes vão ser apagadas agora! - anunciou Percy. - Quero todo mundo dentro

dos sacos de dormir, de boca calada!

Todas as velas se apagaram ao mesmo tempo. A única luz agora

vinha dos fantasmas prateados, que flutuavam no ar em sérias conversas com os monitores,

e do teto encantado, que reproduzia o

céu estrelado lá fora. Com isso e mais os sussurros que

continuavam a encher o salão, Harry se sentia como se estivesse dormindo

ao ar livre, tocado por um vento suave.

De hora em hora, um professor aparecia no salão para verificar

se estava tudo calmo. Por volta das três horas da manhã, quando muitos alunos tinham

finalmente adormecido, o Prof. Dumbledore entrou no salão. Harry observou-o

procurar por Percy, que estivera fazendo a ronda entre os sacos de

dormir, ralhando com as

pessoas que continuavam a

conversar. O monitor-chefe estava a uma pequena

distancia de Harry, Rony e Hermione, que depressa fingiram estar dormindo ao ouvirem os

passos de

Dumbledore se aproximarem.

- Algum sinal dele, professor? - perguntou Percy num cochicho.

- Não. Está tudo bem aqui?

- Tudo sob controle, diretor

- Ótimo. Não tem sentido transferir os alunos agora. Arranjei um guardião

temporário para o buraco do retrato na

Grifinoria.

Você poderá levá-los de volta amanhã.

- E a Mulher Gorda, diretor?

- Escondida em um mapa de Argyllshire no segundo andar. Aparentemente se

recusou a deixar Black entrar sem a senha, então o bandido a atacou. Ela

ainda está muito perturbada, mas assim que se acalmar, vou mandar Filch restaurá-la.

Harry ouviu a porta do salão se abrir mais uma vez, rangendo,

e novos passos.

- Diretor? - Era Snape. Harry ficou muito quieto, prestando a maior atenção. -

Todo o terceiro andar foi revistado. Ele não está

lá. E Filch verificou as masmorras; não há ninguém, tampouco.

- E a torre da Astronomia? A sala da Profa Trelawney? O corujal?

- Tudo revistado...

- Muito bem, Severo. Eu não esperava realmente que Black se demorasse.

- O senhor tem alguma teoria sobre o modo com que ele entrou, professor? -

perguntou Snape.

Harry levantou a cabeça um pouquinho para destampar a

outra orelha.

- Muitas, Severo, cada uma mais improvável do que a outra.

Harry abriu os olhos minimamente e espiou para o lado onde os três se encontravam;

Dumbledore estava de costas para ele, mas dava para ver o rosto de Percy

inteiramente absorto e o perfil de Snape, que parecia zangado.

- O senhor se lembra da conversa que tivemos, diretor, antes... ah... do começo do

ano letivo? - perguntou Snape, que mal abria

os lábios para falar, como se quisesse impedir Percy de ouvir.

- Lembro, Severo - disse Dumbledore, e sua voz tinha um tom de aviso.

- Parece... quase impossível... que Black possa ter entrado na escola sem ajuda de

alguém aqui dentro. Expressei minhas preocupações quando o senhor

nomeou...

- Não acredito que uma única pessoa no castelo tenha ajudado Black a entrar -

disse Dumbledore, e seu tom deixou tão claro que o assunto estava encerrado

que Snape se calou. - Preciso descer para falar com os dementadores - disse

Dumbledore. - Prometi que avisaria quando a nossa busca estivesse terminada.

- Eles não quiseram ajudar, diretor? - perguntou Percy.

- Ah, claro - disse Dumbledore com frieza. - Mas receio que nenhum

dementador irá cruzar a soleira deste castelo enquanto eu

for diretor.

Percy pareceu ligeiramente desconcertado. Dumbledore saiu do salão rápida e

silenciosamente. Snape continuou parado um instante observando o diretor com

uma expressão de profundo rancor no rosto; em seguida também saiu.

Harry olhou de esguelha para Rony e Hermione. Os dois também tinham os olhos

abertos nos quais se refletia o teto estrelado.

- De que é que eles estavam falando? - perguntou Rony, apenas com o

movimento

dos lábios.

Nos dias que se seguiram não se falou de mais nada na escola senão de Sirius Black. As

teorias sobre o modo com que Black entrara no castelo se tornaram mais e mais

delirantes; Ana Abbort, da LufaLufa, passou a maior parte da aula conjunta de Herbologia,

contando para quem quisesse ouvir que Black era capaz de se transformar

em um arbusto florido.

A tela rasgada da Mulher Gorda fora retirada da parede e substituida pela pintura de

Sir

Gadogan e seu gordo pónei cinzento. Ninguém ficou muito feliz com

a troca. O cavaleiro passava metade do tempo desafiando os garotos a duelar e no tempo

restante inventava senhas ridiculamente complicadas, que ele trocava no mínimo

duas vezes por dia.

- Ele é completamente doido - protestou Simas Finnigan.,

aborrecido, com Percy. - Será que não podiam nos dar outro?

- Nenhum dos outros quadros quis o lugar - disse Percy. - Se

assustaram com o que aconteceu com a Mulher Gorda. Sir Cadogan foi o único que teve

coragem suficiente para se voluntariar.

O cavaleiro, porém, era a menor das preocupações de Harry. Ele agora

estava

sendo vigiado de perto. Os professores procuravam desculpas para acompanhá-lo

quando ele andava pelos corredores, e Percy Weasley (agindo, suspeitava Harry, por ordem

da mãe) seguia-o a toda parte como um cão de guarda extremamente pomposo.

Para completar, a Profa Minerva chamou Harry à sua sala, com uma expressão tão sombria

no rosto que o garoto achou que alguém devia ter morrido.

- Não adianta lhe esconder isso por mais tempo, Potter - começou ela em tom

muito sério. - Sei que vai ser um choque para você, mas Sirius Black...

- Eu sei, está querendo me pegar - disse Harry cansado. - ouvi Oupai de Rony contar à

Sra. Weasley. O Sr. Weasley trabalha para

o Ministério da Magia.

A professora pareceu muito espantada. Encarou Harry por um

instante e em seguida falou.

- Entendo! Bem, neste caso, Potter, você vai compreender por que não acho uma

boa idéia você treinar quadribol à noite. Lá fora

no campo só com os outros jogadores, é muito exposto, Potter...

- O nosso primeiro jogo é agora no sábado! - exclamou Harry, indignado. -

Preciso treinar, professora!

Minerva mirou-o com muita atenção. Harry conhecia o grande interesse da professora

pelas perspectivas da equipe da

Grifinória; afinal fora ela que o recomendara

como apanhador, para início de conversa. Por isso aguardou, prendendo a respiração.

- Hum... - a Profa Minerva se levantou e contemplou pela janela o campo de

quadribol, quase invisível na chuva. - Bem, Deus sabe que eu gostaria de

nos ver ganhando finalmente a Taça... mas mesmo assim, Potter... eu ficaria mais satisfeita

se um professor estivesse presente. Vou pedir à Madame Hooch para supervisionar

os seus treinos.

O tempo foi piorando dia a dia, à medida que a primeira partida de quadribol se

aproximava. Sem desanimar, a equipe da

Grifinória treinava com mais vigor

que nunca sob o olhar vigilante de Madame Hooch. Então, no último treino antes do jogo

de sábado, Olívio Wood deu ao time uma notícia indesejável.

- Não vamos jogar com Sonserina! - disse aos companheiros,

parecendo muito zangado. - Flint acabou de me procurar. Vamos

jogar contra Lufa-Lufa.

- Por quê? - perguntou o restante do time em coro.

- A desculpa de Flinr é que o braço do apanhador do time ainda está machucado -

respondeu Olívio, rilhando furiosamente os

dentes. - Mas é óbvio

por que estão fazendo isto. Não querem jogar com tempo ruim. Acham que vai reduzir as

chances deles...

Tinha ventado forte e chovido pesado o dia inteiro e mesmo

enquannto Olívio falava ouvia-se o ronco distante do trovão.

- Não há nada errado com o braço do Malfoy! - disse Harry,

furioso. - É. tudo fingimento.

- Eu sei disso, mas não podemos provar - argumentou Olívio amargurado. - E

temos treinado todos esses lances na suposição de que amos jogar com Sonserina,

e, em vez disso, será com LufaLufa que tem um estilo muito diferente. Agora eles estão

com um capitão novo que também é o apanhador,

Cedrico Diggory...

Angelina, Alicia e Katie tiveram um repentino acesso de risadinhas.

Quê? - exclamou Olívio, fechando a cara para esse comportamento alegre.

- É aquele alto e bonito, não é? - perguntou Angelina.

- Forte e caladão - concluiu Katie, e as três recomeçaram a rir.

- Ele só é caladão porque é burro demais para juntar duas palavras - comentou

Fred, impaciente. - Não sei por que você está preocupado, Olívio, Lufa-Lufa

é brincadeira de criança. Da última vez que jogamos com eles, Harry capturou o pomo em

cinco minutos, não se lembram?

- Estávamos jogando em condições completamente diferentes

- gritou Olívio, os olhos saltando ligeiramente das órbitas. -

Diggory armou uma lateral muito forte! E é um excelente apanhador! Eu estava com medo

que

vocês fizessem essa leitura falsa! Não podemos relaxar! Temos que manter o nosso

foco! Sonserina está tentando nos prejudicar! Precisamos ganhar!

- Olívio, vê se se acalma! - disse Fred, ligeiramente assustado.

- Estamos levando Lufa-Lufa muito a sério. Sério.

#

Um dia antes da partida, o vento começou a uivar e a chuva a cair

con mais força que nunca. Estava tão escuro nos corredores e salas

de aula que foi preciso acender mais archotes e lanternas. Os jogadores do time da

Sonserina estavam de fato com um ar muito presunçoso e Malfoy mais que todos.

- Ah, se ao menos meu braço estivesse um pouquinho melhor!

- suspirava ele enquanto a tempestade lá fora açoitava as janelas.

Harry não tinha lugar na cabeça para se preocupar com coisa alguma exceto o jogo do

dia seguinte. Olívio Wood não parava de correr para ele nos intervalos

das aulas para lhe passar novas dicas. A terceira vez que isto aconteceu, Olívio falou tanto

tempo que Harry, de repente, percebeu que se atrasara dez minutos para

a aula de Defesa contra as Artes das Trevas e saiu correndo com Olívio gritando atrás dele.

- Diggory muda de direção muito rápido, Harry, quem sabe você tenta cercá-lo...

Harry parou derrapando diante da classe de Defesa contra as

Artes das Trevas, abriu a porta e entrou correndo.

- Me desculpe o atraso, Prof. Lupin, eu...

Mas não foi Lupin quem levantou a cabeça para olhá-lo da

escrivaninha do professor; foi Snape.

- A aula começou há dez minutos, Potter, por isso acho que vou tirar dez pontos da

Grifinória. Sente-se.

Mas Harry não se mexeu.

- Onde está o Prof. Lupin? - perguntou.

- Ele disse que hoje está se sentindo mal demais para dar aula

- respondeu Snape com um sorriso enviesado. - Acho que o mandei sentar-se?

Mas Harry continuou onde estava.

- Que é que ele está sentindo?

Os olhos negros de Snape reluziram.

- Nada que ameace a vida dele - disse, com cara de quem gostaria que assim fosse. -

Cinco pontos a menos para Grifinória, e se

eu tiver que pedir para você se sentar novamente, serão cinquenta.

Harry dirigiu-se lentamente ao seu lugar e se sentou. Snape

olhou para a turma.

- Como eu ia dizendo antes de ser interrompido por Porter, o Prof. Lupin não registrou

os tópicos que já abordou até hoje...

- Professor, por favor, já estudamos os bichos-papões, os barretes vermelhos, os

kappas e os grindylows - informou Hermione

depressa -, e íamos começar...

#141#

- Fique calada - disse Snape friamente. - Não lhe pedi informação, estava apenas

comentando a falta de organização do Prof.

Lupin.

- Ele é o melhor professor de Defesa contra as Artes das Trevas que já tivemos -

falou Dino Thomas corajosamente, e ouviu-se um murmúrio de aprovação

do resto da turma. Snape pareceu mais ameaçador que nunca.

- Vocês se satisfazem com muito pouco. Lupin não está puxando nada por vocês.

Eu esperaria que alunos de primeiro ano já pudessem cuidar de barretes

vermelhos e grindylows. Hoje vamos discutir...

Harry observou-o folhear o livro-texto até o último capítulo,

que ele certamente sabia que a turma não poderia ter estudado.

- ... lobisomens - disse Snape.

- Mas, professor - protestou Hermione, aparentemente incapaz de se conter -, não

podemos estudar lobisomens ainda, vamos

começar os hinkypunks...

- Srta. Granger - disse Snape com uma voz letalmente calma

-, eu tinha a impressão de que era eu que estava dando a aula e não a senhorita. E estou

mandando todos abrirem a página 394 do livro. - Ele correu os olhos

pela

turma outra vez. - Todos" Agora!

Com muitos olhares rancorosos de esguelha e gente resmungando, a turma abriu os

livros.

Qual de vocês sabe me dizer como é que se distingue um

lobisomem de um lobo verdadeiro? - perguntou Snape.

Todos ficaram calados e imóveis; todos exceto Hermione, cuja

mão, como acontecia tantas vezes, se erguera imediatamente no ar.

- Alguém sabe? - insistiu Snape, fingindo não ver a mão da garota. Seu sorriso

enviesado reaparecera. - Vocês estão me dizendo

que o Prof. Lupin sequer ensinou a vocês a diferença básica entre...

- Nós já lhe informamos - interrompeu-o Parvati de repente -, ainda não chegamos

aos lobisomens, ainda estamos...

- Silêncio! - mandou Snape com rispidez. - Ora, ora, ora, nunca pensei que um dia

encontraria uma turma de terceiro ano que não soubesse reconhecer

um lobisomem quando o visse. Vou fazer questão de informar ao Prof. Dumbledore como

vocês estão atrasados...

142#

- Professor, por favor - tornou a pedir Hermione, cuja mão

continuava erguida-, o lobisomem se diferencia do lobo verdadeiro por pequenos detalhes.

O focinho do lobisomem...

- Esta é a segunda vez que a senhorita fala sem ser convidada - disse Snape friamente.

- Menos cinco pontos para

Grifinória por

ter uma intragável sabe-tudo.

Hermnione ficou vermelhíssima, baixou a mão e ficou olhando para o chão com os

olhos cheios de

lágrimas. Um sinal do quanto a turma detestava Snape era que

todos olharam feio para ele, porque todos os alunos já tinham chamado Hermione de sabetudo

pelo menos

uma vez, e Rony, que xingava Hermione de sabe-tudo pelo menos

duas vezes por semana, falou em voz alta:

- O senhor nos fez uma pergunta e Hermione sabe a resposta! Por que perguntou

se não queria que ninguém respondesse?

A turma percebeu instantaneamente que o colega fora longe

demais. Snape caminhou até Rony lentamente, e a sala prendeu a

respiração.

- Detenção, Weasley - disse Snape suavemente, o rosto muito próximo ao do

garoto. -

e se algum dia eu o ouvir criticar o meu

modo de ensinar outra vez, o senhor vai realmente se arrepender.

Ninguém mais deu um pio durante o resto da aula. Ficaram sentados copiando dados

sobre os lobisomens do livro-texto, enquanto Snape rondava as filas de carteiras,

examinando o trabalho que os alunos tinham feito com o Prof. Lupin.

- Uma explicação muito insuficiente... Isto está errado, o kappa é encontrado mais

comumente na Mongólia... O

Prof.

Lupin deu nota oito em dez? Eu teria dado três..

Quando a sineta finalmente tocou, Snape reteve a turma.

- Cada aluno vai escrever uma redação para me entregar, sobre as maneiras de

reconhecer e matar lobisomens. Quero dois rolos de pergaminho sobre o assunto

e quero para segunda-feira de manhã. Está na hora de alguém dar um jeito nesta turma.

Weasley, você fica, precisamos combinar a sua

detenção.

Harry e Hermione saíram da sala com o resto da turma, que

esperou até estar bastante longe para não ser ouvida e prorrompeu

em furiosos discursos contra Snape.

- Snape nunca foi assim com nenhum dos outros professores de

Defesa contra as Artes das Trevas, mesmo que quisesse o cargo deles

- comentou Harry com Hermione. - Por que está perseguindo o

Lupin? Você acha que tudo isso é por causa dos bichos-papões?

#143#

- Não sei - disse Hermione pensativa. Mas vou realmente torcer para o Prof. Lupin

melhorar Logo...

Rony alcançou-os cinco minutos depois, com uma raiva descomunal.

- Vocês sabem o que aquele... - (e xingou Snape de uma coisa

que fez Hermione exclamar "Rony!") -vai me obrigar a fazer? -

Tenho que lavar as comadres da ala hospitalar Sem usar magia!-O

garoto respirava fundo, os punhos cerrados. - Por que o Black não

podia ter se escondido na sala de Snape, hein? Podia ter acabado

com ele para nós!

Harry acordou extremamente cedo na manhã seguinte; tão cedo que ainda estava escuro.

Por um momento pensou que tinha sido

acordado pelos rugidos do vento. Então, sentiu uma brisa gelada

na nuca e sentou-se na cama de um salto - Pirraça, o poltergeist, andara flutuando

ao lado dele, soprando com força em seu ouvido.

- Para que você fez isso? - perguntou Harry, furioso.

Pirraça encheu as bochechas de ar, soprou com força e disparou de costas para fora do

dormitório,

dando gargalhadas.

Harry tateou procurando o despertador e olhou para o mostrador. Eram quatro

e meia. Amaldiçoando Pirraça, ele se virou e tentou voltar a dormir,

mas era muito difícil, agora que estava acordado, não dar atenção à trovoada que roncava

no céu, ao vento que fustigava com

violência as paredes do castelo e às árvores que rangiam ao longe, na Floresta Proibida.

Dentro de algumas horas

ele estaria lá fora no campo de quadribol,

enfrentando a tempestade. Por fim, ele perdeu as esperanças de voltar a dormir, se levantou

e

se vestiu, apanhou a Nimbus 2000 e saiu silenciosamente do dormitório.

Quando abriu a porta, alguma coisa passou roçando por sua

perna. Ele se abaixou bem a tempo de agarrar Bichento pela ponta do

grosso rabo e arrastá-lo para fora.

- Sabe, acho que Rony tem razão sobre você - disse Harry, desconfiado, a Bichento. - Há

uma quantidade de ratos no castelo - vá caçá-los. Ai

indo - acrescentou o garoto, empurrando Bichento

com o pé para fazê-lo descer a escada. - Deixa o Perebas em paz. O ruído da

tempestade era ainda mais alto na sala comunal.

Harry sabia que não adiantava imaginar que a partida seria cancelada; as

disputas de quadribol não eram desmarcadas por ninharias como trovoadas. Ainda assim,

ele estava começando a se sentir

apreensivo. Olívio lhe apontara Cedrico Diggory no corredor; o

garoto era aluno do quinto ano e muito maior do que Harry. Os apanhadores geralmente

eram leves e velozes, mas o peso de Diggory seria

uma vantagem com um tempo

desses porque seria menor a probabilidade do apanhador ser tirado de curso.

Harry matou as horas até amanhecer diante da lareira, levantando-se de vez em quando

para impedir Bichento de tornar a subir, escondido, a escada para o

dormitório dos garotos. Finalmente, ele calculou que já devia ser hora do café da manhã,

então se dirigiu sozinho ao buraco do

retrato.

- Pare e lute, seu cão sarnento! - berrou Sir Gadogan.

- Ah, cala essa boca - bocejou Harry

Ele se reanimou um pouco com uma grande tigela de mingau de aveia, e, no momento

em que começou a comer torradas, o restante da equipe aparecera no Salão.

- Vai ser uma partida dura - comentou Olívio, que não queria comer nada.

- Pare de se preocupar, Olívio - disse Alicia para

tranquilizá-lo.

-, não vamos derreter com uma chuvinha à toa.

Era muitíssimo mais do que uma chuvinha. Mas tal era a popularidade do quadribol

que a escola inteira apareceu para assistir à partida, como sempre. Os jogadores,

no entanto, desceram os jardins em direção ao campo, as cabeças curvadas contra a

ferocidade do vento, os guarda-chuvas arrancados de suas mãos. Pouco antes de entrar

no vestiário, Harry viu Malfoy, Grabbe e Goyle, rindo e apontando para ele protegidos por

um enorme guardachuva, a caminho do estádio.

O time vestiu o uniforme escarlate e aguardou o discurso de Olívio que antecedia as

partidas, mas não houve discurso. O capitão tentou falar várias vezes,

para você!

fez um ruído esquisito de quem engole, depois sacudiu a cabeça, desalentado, e fez sinal

para os companheiros o seguirem.

O vento estava tão forte que eles entraram em campo cambaleando para os lados. Se

os espectadores estavam aplaudindo, os aplausos eram abafados por novos

roncos de trovão. A chuva batia nos óculos de Harry. Como é que ele ia enxergar o pomo

desse jeito?

Os jogadores da Lufa-Lufa se aproximavam pelo lado oposto do campo, usando vestes

amarelo-canário. Os capitães foram ao encontro um do outro e se apertaram

as mãos; Diggory sorriu para Wood, mas este agora não conseguia abrir a boca, parecia

estar

sofrendo de tétano, e fez um mero aceno com a cabeça. Harry viu a boca de Madame

Hooch formar as palavras "Montem em suas vassouras". Ele puxou o pé direito pingando

lama e passou-o por cima de sua Nimbus 2000. Madame Hooch levou o apito à boca e

soprou, um som agudo e distante - e a partida começou.

Harry subiu depressa, mas o vento puxava sua Nimbus ligeiramente para o lado. Ele a

segurou o mais firme que pôde e deu uma

guinada, apertando os olhos contra a chuva.

Cinco minutos depois, estava molhado até os ossos e enregelado, mal conseguia ver os

companheiros de equipe e muito menos o minúsculo pomo. Voou para a frente

e para trás cruzando o campo e deixando pelo caminho vultos difusos vermelhos e

amarelos, sem ter a menor idéia do que estava acontecendo no resto da partida. Não

conseguia ouvir os comentários por causa do vento. Os espectadores se ocultavam sob um

mar de capas e guarda-chuvas arrebentados. Duas vezes Harry esteve muito perto

de ser derrubado por um balaço; seus óculos estavam tão embaçados pela chuva que ele não

os vira se aproximar.

Harry perdeu a noção do tempo. Tinha cada vez maior dificuldade de se manter

aprumado na vassoura. O céu escurecia, como se a noite tivesse decidido chegar

mais cedo. Duas vezes Harry quase colidiu com outro jogador, sem saber se era um

companheiro de equipe ou um oponente; todos agora estavam tão encharcados, e a chuva

tão grossa que ele mal conseguia distinguir alguém...

Com o primeiro relâmpago ouviu-se o som do apito de Madame Hooch; Harry

conseguiu mal e mal discernir, através da

chuva, os contornos de Olívio, que fazia

sinal para ele pousar. O time inteiro enfiou os pés na lama.

- Eu pedi tempo! - berrou Olívio para seu time. - Venham até aqui embaixo...

Os jogadores se agruparam na borda do campo debaixo de um

grande guarda-chuva; Harry tirou os óculos e enxugou-os, apressado, nas vestes.

- Qual é o placar?

- Estamos cinqUenta pontos na frente - informou Olívio -, mas a não ser que

capturemos logo o pomo, vamos jogar noite

adentro.

- Não tenho a menor chance com isso aqui - disse Harry exasperado, agitando os

óculos.

Naquele exato instante, Hermione apareceu do lado dele;

segurava a capa por cima da cabeça e inexplicavelmente tinha um

largo sorriso no rosto.

- Tenho uma idéia, Harry! Me dá seus óculos, depressa!

O garoto entregou os óculos e, enquanto o time observava espantado, Hermione deu

uma pancadinha neles com a varinha e

disse:

- Impervius!

- Pronto! - disse, devolvendo os óculos a Harry. - Isto vai repelir a água!

Wood fez cara de quem seria capaz de beijá-la.

- Genial! - gritou rouco para a garota que desapareceu no meio dos espectadores. -

Muito bem, time, agora vamos arrebentar!

O feitiço de Hermione resolvera o problema. Harry ainda estava insensível de tanto

frio, ainda mais molhado do que jamais estivera na vida, mas conseguia

ver. Cheio de renovada determinação, ele impeliu a vassoura pelo ar turbulento, espiando

para todos os lados à procura do pomo, evitando um balaço, mergulhando por

baixo de Díggory, que voava na direção oposta...

Ouviu-se novamente o trovão, acompanhando um raio bifurcado. A partida estava

ficando mais perigosa a cada minuto. Harry

precisava chegar ao pomo depressa...

Ele se virou, tencionando rumar para o centro do campo, mas naquele momento, outro

relâmpago iluminou as arquibancadas e Harry viu algo que o distraiu

completamente...

a silhueta de um enorme cão negro e peludo, claramente recortada contra o céu, imóvel na

última fila de cadeiras vazias.

As mãos dormentes de Harry escorregaram do cabo da vassoura e sua Nimbus

afundou alguns

palmos. Sacudindo a franja encharcada para longe da testa, ele tornou

a apertar os olhos para ver as arquibancadas. O cão desaparecera.

- Harry! - ele ouviu a voz angustiada de Wood vinda das balizas da Grifinória: - Harry,

atrás de você!

Harry olhou a toda volta desesperado. Cedrico Diggory subia

em grande velocidade e havia entre os dois um grâozinho dourado

brilhando no ar varrido de chuva...

Com um tremor de pânico, Harry se achatou contra o cabo da

vassoura e disparou em direção ao pomo.

- Anda! - rosnou ele para a Nimbus, a chuva fustigando seu rosto. - Mais depressa!

Mas alguma coisa estranha estava acontecendo. Um silêncio inexplicável foi caindo

sobre o estádio. O vento, embora continuasse forte, se esqueceu momentaneamente

de rugir. Era como se alguém tivesse desligado o som, como se Harry, de repente, tivesse

ficado surdo - que é que estava acontecendo?

Então uma onda de frio terrivelmente familiar o assaltou, penetrou seu corpo, no

mesmo instante em que ele tomava conscíencia de algo que andava lá embaixo

no campo...

Antes que tivesse tempo para pensar, Harry desviou os olhos

do pomo e olhou para baixo.

No mínimo cem dementadores apontavam os rostos encapuzados para ele. Era como

se houvesse água gelada subindo até o seu peito, cortando os lados do seu corpo.

E então ele ouviu outra vez... Alguém gritava, gritava dentro de sua cabeça... uma mulher...

"O Harry não, o Harry não, por favor o Harry não!"

"Afaste-se, sua tola... afaste-se, agora...

"O Harry não, por favor não, me leve, me mate no lugar dele..."

Uma névoa anestesiante rodopiava enchendo o cérebro de Harry... Que é que ele

estava fazendo? Por que é que estava voando? Precisava ajudá-la... Ela ia morrer...

Ia ser assassinada...

Ele foi caindo, caindo sem parar pela névoa gelada.

"Harry não! Por favor.. tenha piedade... tenha piedade..."

Uma voz aguda gargalhava, a mulher gritava, e Harry perdeu a consciência.

- Que sorte que o chão estava tão mole.

- Achei que ele estava mortinho.

- Mas ele nem quebrou os óculos.

Harry ouvia as vozes murmurarem, mas não faziam sentido algum. Não tinha a menor

idéia de onde estava ou como chegara ali, ou o que andara fazendo antes

de chegar. Só sabia que cada centímetro do seu corpo estava doendo como se ele tivesse

levado uma surra.

- Foi a coisa mais apavorante que já vi na vida.

148#

Mais apavorante... a coisa mais apavorante... vultos negros

encapuzados... frio.., gritos...

Harry abriu os olhos de repente. Estava deitado na ala hospitalar. O time de quadribol

da Grifinória, sujo de lama da cabeça aos pés, rodeava sua cama. Rony e Hermione

também estavam ali, parecendo que tinham acabado de sair

de uma piscina.

- Harry! - exclamou Fred, cujo rosto estava extremamente pálido sob a lama. -

Como é que você está se sentindo?

Era como se a memória de Harry estivesse avançando em alta

velocidade. O

relâmpago - o Sinistro - o pomo - e os dementadores...

- Que aconteceu? - perguntou, sentando-se na cama tão de repente que todos

reprimiram um grito de surpresa.

- Você caiu da vassoura - contou Fred. - Deve ter caído... de

uns quinze metros!

- Pensamos que você tivesse morrido - disse Alicia, trêmula. Hermione fez um

barulhinho esganiçado. Tinha os olhos muito vermelhos.

- Mas o jogo - perguntou Harry. - Que aconteceu? Vamos jogar outra vez?

Ninguém disse nada. A terrível verdade penetrou em Harry

como uma pedrada.

- Nós não... perdemos?

- Diggory apanhou o pomo - informou Jorge. - Logo depois de voce cair. Ele não

percebeu o que tinha acontecido. Quando olhou para trás e viu você

no chão, tentou paralisar o jogo. Queria um novo jogo. Mas tiveram uma vitória justa... até

Olívio admite isso.

- Onde está Olívio? - perguntou Harry, percebendo subitamente a ausência do

capitão do time.

- Ainda está no banho - respondeu Fred. - Achamos que ele está tentando se

afogar.

Harry abaixou a cabeça até os joelhos, agarrando os cabelos

com as mãos. Fred segurou-o pelos ombros e o sacudiu com força.

- Anda, Harry, você nunca perdeu o pomo antes.

- Tinha que haver uma primeira vez - disse Jorge.

- Mas a coisa não terminou aqui - disse Fred. - Perdemos por uma diferença de

cem pontos, certo? Então se Lufa-Lufa perder

para Corvinal e vencermos Corvinal e Sonserina...

- Lufa-Lufa terá que perder, no mínimo, por duzentos pontos

- disse Jorge.

- Mas se eles vencerem Corvinal...

#149#

- Nem pensar, Corvinal é bom demais. Mas se Sonserina perder para Lufa-Lufa...

- Tudo depende do número de pontos, uma margem de cem pontos a mais ou a

menos...

Harry ficou deitado ali, sem dizer uma palavra. Tinham

perdido... pela primeira vez na vida, ele perdera uma partida de

quadribol.

Passados mais ou menos uns dez minutos, Madame Pomfrey

veio dizer aos garotos que deixassem Harry em paz.

- A gente volta para ver você mais tarde - disse Fred. - Não fique se martirizando,

Harry, você ainda é o melhor apanhador que

já tivemos.

O time saiu, largando lama pelo caminho. Madame Pomfrey fechou a porta depois

que eles passaram, uma expressão de censura no rosto. Rony e Hermione

se aproximaram mais da cama de Harry.

- Dumbledore ficou realmente furioso - contou Hermione com a voz trêmula. -

Nunca vi o diretor assim antes. Ele correu para o campo quando você começou

a cair, agitou a varinha e você meio que desacelerou antes de bater no chão. Depois, virou a

varinha para os dementadores. Disparou uma coisa prateada contra eles.

Os caras abandonaram o estádio na mesma hora... Ele ficou furioso que os dementadores

tivessem entrado nos terrenos da escola. Ouvimos ele...

- Aí ele usou a magia para botar você numa padiola - disse Rony. - E saiu a pé até

a escola, com você flutuando do lado, na

padiola. Todo mundo pensou que voce estava...

A voz dele foi morrendo, mas Harry nem notou. Estava pensando no que os

dementadores tinham feito a

ele... na voz que gritava. Ergueu os olhos e deparou

com Rony e Hermione observando-o com tanta aflição que na mesma hora ele procurou

uma coisa banal para dizer.

- Alguém apanhou a minha Nimbus?

Rony e Hermione se entreolharam depressa.

- Hum...

- Que foi? - perguntou Harry, olhando de um para o outro.

- Bem.., quando você caiu a vassoura foi levada pelo vento - disse Hermione,

hesitante.

- E?

- E bateu... bateu... ah, Harry... bateu no Salgueiro

Lutador.

As entranhas de Harry reviraram. O Salgueiro Lutador era uma árvore violenta que se

erguia sozinha no meio da propriedade.

- E? - insistiu ele, temendo a resposta.

- Bem, você conhece o Salgueiro Lutador - disse Rony. - Ele.. ele

não gosta que batam nele.

- O Prof. Flitwick trouxe a vassoura de volta pouco antes de

você recuperar os sentidos - disse Hermione com uma voz mínima.

Devagarinho, ela foi se abaixando para apanhar uma saca aos seus pés, despejou-a, e

caíram na cama uns pedacinhos de madeira e gravetos, tudo que restava

da fiel vassoura de Harry, enfim derrotada.

CAPITULO DEZ

O mapa do maroto

Madame Pomfrey insistiu em manter Harry na ala hospitalar pelo resto do fim de semana.

Ele não discutiu nem se queixou, mas não deixou jogarem no lixo os estilhaços

de sua Nimbus 2000. Sabia que era uma atitude burra, sabia que a vassoura não tinha

conserto, mas o sentimento era mais forte que ele; era como se tivesse perdido

um dos seus melhores amigos.

Uma procissão de amigos veio visitá-lo, todos decididos a animá-lo. Hagrid lhe

mandou um buquê de flores com lagartinhas, que pareciam repolhos amarelos,

e Gina Weasley, corando furiosamente, apareceu com um cartão de votos de saúde, feito

por ela mesma, que cantava com voz esganiçada a não ser que Harry o guardasse

fechado embaixo da fruteira. O time da Grifinória tornou a visitar o companheiro no

domingo de manhã, desta vez em companhia de Olívio, que declarou a Harry (numa

voz de alémtúmulo) que não o responsabilizava pela derrota. Rony e Hermione só

deixavam a cabeceira de Harry à noite. Mas nada que ninguém dissesse ou fizesse

conseguia

fazê-lo se sentir melhor, porque eles só conheciam metade das suas preocupaçoes.

Ele não contara a ninguém que vira o Sinistro, nem a Rony nem a Hermione, porque

sabia que o amigo entraria em pânico e a amiga caçoaria dele. O fato era,

no entanto, que o Sinistro agora já aparecera duas vezes e ambas as aparições tinham sido

seguidas por acidentes quase fatais; da primeira vez Harry quase fora atropelado

pelo Nôitibus Andante; da segunda, levara uma queda da vassoura de quase quinze metros

de altura. Será que o Sinistro ia arormentálo até a morte? Será que ele, Harry,

ia passar o resto da vida olhando por cima do ombro à procura da fera?

Além disso havia os dementadores. Harry sentia mal-estar e

humilhação toda vez que pensava neles. Todos diziam que os guardas eram medonhos, mas

ninguém desmaiava sempre que se aproximava deles. Ninguém mais ouvia mentalmente os

ecos da morte dos pais.

Isto porque agora Harry sabia a quem pertencia a tal voz. Ouvira o que ela dizia,

ouvira-a continuamente nas longas noites passadas na ala hospitalar quando

ficava acordado, contemplando as listras que o luar formava no teto. Quando os

dementadores se aproximavam, ele ouvia os últimos instantes de vida de sua mãe, sua

tentativa de proteger o filho da sanha de Lord Voldemort e a gargalhada do bruxo antes de

matá-la... Harry dava breves cochilos, mergulhando em sonhos cheios

de

mãos podres e pegajosas e súplicas fossilizadas, acordando de repente para voltar a pensar

na voz da mãe.

Foi um alívio voltar à zoeira e à atividade da escola principal na segunda-feira, e ser

forçado a pensar em outras coisas, ainda que tivesse de aturar a implicância

de Draco Malfoy. O garoto não cabia em si de alegria com a derrota da

Grifinória. Retirara finalmente as bandagens e comemorava a circunstância de poder usar

os

dois braços novamente, fazendo espirituosas imitações de Harry caindo da vassoura.

Malfoy passou a maior parte da aula seguinte de Poções, a que assistiram juntos

na masmorra, fazendo imitações dos dementadores; Rony finalmente se descontrolou e

atirou um enorme e gosmento coração de crocodilo em Malfoy, que o atingiu no rosto,

o que fez Snape descontar cinqUenta pontos da Grifinória.

- Se Snape vier dar aula de Defesa contra as Artes das Trevas de novo, vou me mandar

- anunciou Rony quando seguiam para a

classe de Lupin depois do almoço. - Vê quem está lá, Mione.

A garota espiou pela porta da sala.

- Tudo bem!

O Prof. Lupin voltara ao trabalho. Sem dúvida tinha a aparência de quem estivera

doente. Suas vestes velhas estavam mais frouxas e havia olheiras escuras

sob seus olhos; ainda assim, ele sorriu para os garotos que ocupavam seus lugares na classe

e, em seguida, desataram a se queixar do comportamento de Snape na ausência

de Lupin.

- Não é justo, ele estava só substituindo o senhor, por que passou dever de casa?

- Não sabemos nada de lobisomens...

- dois rolos de pergaminho!

- Vocês disseram ao Prof. Snape que ainda não estudamos lobisomens? -

perguntou Lupin, franzindo ligeiramente a testa.

A balbúrdia tornou a encher a sala.

- Dissemos, mas ele respondeu que estávamos muito atrasados...

- ele não quis ouvir..

- dois rolos de pergaminho!

O Prof. Lupin sorriu ao ver a expressão indignada nos rostos dos

alunos.

- Não se preocupem. Vou falar com o Prof. Snape. Não precisam fazer a redação.

-Ah, não!-exclamou Hermione, muito desapontada. -Já terminei a minha.

Tiveram uma aula muito gostosa. O Prof. Lupin trouxera uma caixa de vidro contendo

um hinkypunk,

uma criaturinha de uma perna só, que parecia feita de

fiapos de fumaça, a aparência frágil e inofensiva.

- O hinkypunk atrai os viajantes para os brejos - informou o professor enquanto os

garotos faziam anotações. - Vocês repararam na lanterna que ele

traz pendurada na mão? Ele salta para a frente... a pessoa acompanha a

luz... entao...

A criatura fez um horrível barulho de sucção contra o vidro da caixa.

Quando a sineta tocou, todos guardaram o material e se dirigiram para a porta, Harry

entre eles, mas...

- Espere um instante, Harry - chamou Lupin. - Gostaria de dar uma palavrinha

com voce.

Harry deu meia-volta e observou o professor cobrir a caixa do hinkypunk com um

pano.

- Soube do que houve no jogo - disse Lupin, virando-se para sua escrivaninha e

começando a guardar os livros na maleta - e sinto muito pelo acidente

com a sua vassoura. Há alguma possibilidade de consertá-la?

- Não - respondeu Harry. - A árvore arrebentou-a em mil pedacinhos.

154#

Lupin suspirou.

- Plantaram o Salgueiro Lutador no ano em que cheguei em Hogwarts. Os alunos

costumavam brincar de tentar se aproximar

do tronco e tocar a árvore com a mão. No fim, um garoto chamado Davi Gudgeon quase

perdeu um olho e fomos proibidos de chegar perto do salgueiro. Uma vassoura não

teria a menor chance.

- O senhor soube dos dementadores também? - perguntou Harry com dificuldade.

Lupin lançou um olhar rápido a Harry.

- Soube. Acho que nenhum de nós tinha visto o Prof. Dumbledore cão aborrecido. Há

algum tempo, eles estão ficando inquietos... furiosos com a recusa do diretor

de deixar que entrem na propriedade... Suponho que tenham sido eles a razão da sua queda.

- Foram. - Harry hesitou e, então, a pergunta que queria fàzer escapou de sua boca

antes que pudesse contê-la. - Por quê? Por que

eles me afetam desse jeito? Será que sou apenas....

- Não tem nada a ver com fraqueza - respondeu o professor depressa, como se tivesse

lido o pensamento de Harry. - Os

dementadores afetam você pior do que

os outros porque existem horrores no seu passado que não existem no dos outros.

Um raio de sol de inverno entrou na sala, iluminando os cabelos grisalhos de Lupin e

os traços do seu rosto jovem.

- Os dementadores estão entre as criaturas mais malignas que vagam pela Terra.

Infestam os lugares mais escuros e imundos, se comprazem com a decomposição

e o desespero, esgotam a paz, a esperança e a felicidade do ar à sua volta. Até os trouxas

sentem a presença deles, embora não possam vê-los. Chegue muito perto

de um dementador e todo bom sentimento, toda lembrança feliz serão sugados de você. Se

puder, o dementador se alimentará de você o tempo suficiente para transformá-lo

em um semelhante... desalmado e mau. Não deixará nada em você exceto as piores

experiências de sua vida. E o pior que aconteceu com você, Harry, é

suficiente para

fazer qualquer um cair da vassoura. Você não tem do que se envergonhar.

- Quando eles chegam perto de mim... - Harry fixou o olhar na mesa de Lupin,

sentindo um nó na garganta -, ouço Voldemort

assassinando minha mãe.

Lupin fez um movimento repentino com o braço como se

fosse segurar o ombro de Harry mas pensou melhor. Houve um

momento de silêncio, depois...

#155#

- Por que é que eles tinham que ir ao jogo? - exclamou o garoto amargurado.

- Estão ficando famintos - disse Lupin tranquilamente, fechando a maleta com um

estalo. -

Dumbledore não permite que eles entrem na escola, então

o suprimento de gente com que contavam secou... Acho que eles não conseguiram resistir à

multidão em torno do campo de quadribol. Toda a excitação... as emoções

exacerbadas... é a idéia que fazem de um banquete.

- Azkaban deve ser horrível - murmurou Harry. Lupin concordou, sério.

- A fortaleza foi construída em uma ilhota, bem longe da costa, mas não precisam

de paredes nem de água para manter os prisioneiros confinados, não

quando eles já estão presos dentro da própria cabeça, incapazes de um único pensamento

agradável. A maioria enlouquece em poucas semanas.

- Mas Sirius Black escapou - comentou Harry lentamente. - Fugiu...

A maleta de Lupin escorregou da escrivaninha; ele teve que se

abaixar depressa para apanhá-la no ar.

É - disse se endireitando. - Black deve ter encontrado uma maneira de combatê-los. Eu

não teria acreditado que isto fosse possível... Dizem que os dementadores

esgotam os poderes de um bruxo que conviver um tempo demasiado longo com eles...

- O senhor fez aquele dementador no trem recuar - disse Harry de repente.

- Há... certas defesas que se pode usar - disse Lupin. - Mas no trem havia apenas

um dementador. Quanto maior o número, mais

difícil é resistir a eles.

- Que defesas? - perguntou Harry em seguida. - O senhor pode me ensinar?

- Não tenho a pretensão de ser um especialista no combate a dementadores,

Harry... muito ao contrario...

- Mas se os dementadores forem a outro jogo de quadribol, preciso saber lutar

contra eles...

Lupin avaliou o rosto decidido de Harry, hesitou, depois disse:

- Bem... está bem. Vou tentar ajudar. Mas receio que você terá de esperar até o

próximo trimestre. Tenho muito que fazer antes

das férias. Escolhi uma hora muito inconveniente para adoecer.

Com a promessa de receber aulas antidementadores de Lupin, o

pensamento de que talvez não precisasse mais ouvir a morte da

#156#

mãe, e o fato de que Corvinal esmagara Lufa-Lufa na partida de quadribol no final de

novembro, o ânimo de Harry deu uma guinada definitiva para cima. Afinal, Grifinória

não fora eliminada da competição, embora o time não pudesse se dar ao luxo de perder

mais uma partida. Olívio tornou a ficar possuído por uma energia obsessiva,

e treinou com o time com mais empenho que nunca, na chuvinha gélida e nevoenta que

persistiu até dezembro. Harry não viu nem sinal de dementador nos terrenos da

escola. A fúria de Dumbledore parecia ter funcionado para mantê-los em seus postos nas

entradas.

Duas semanas antes do fim do trimestre, o céu clareou de repente até atingir um

branco leitoso e ofuscante, e os terrenos enlameados da escola amanheceram,

certo dia, cobertos de cintilante geada. No interior do castelo, havia um rebuliço de Natal

no ar

.Flitwick, o professor de Feitiços, já enfeitara sua sala de aula

com luzes pisca-piscas que, quando foram ver, eram fadinhas voadoras de verdade. Os

alunos estavam satisfeitos discutindo

planos para as férias de Natal. Tanto Rony

quanto Hermione haviam decidido permanecer em Hogwarts e, embora Rony dissesse que

era porque

não ia conseguir aturar Percy duas semanas, e Hermione insistisse

que precisava consultar a biblioteca, Harry não se deixou enganar;

sabia que era para lhe fazerem companhia e se sentiu muito grato.

Para alegria de todos, exceto Harry, houve mais uma visita a

Hogsmeade no último fim de semana do trimestre.

- Podemos fazer todas as nossas compras de Natal lá! - exclamou Hermione. - Mamãe

e papai iriam adorar receber fios dentais

de menta da Dedosdemel!

Resignado com a idéia de que seria o único aluno do terceiro ano a não ir, Harry pediu

emprestado a Olívio o livro Qual vassoura, e resolveu passar o dia

lendo sobre as diferentes marcas. Ele andara montando uma vassoura da escola nos treinos

do time, uma velhíssima Shooting Star, que era demasiado lenta e instável;

decididamente precisava de uma vassoura nova.

Na manhã de sábado em que os colegas iriam a Hogsmeade, Harry se despediu de

Rony e Hermione, embrulhados em capas e

cachecóis, tornou a subir a escadaria

de mármore, sozinho, e tomou o caminho da Torre da Grifinória. A neve começara a cair

do lado

de fora das janelas e o castelo estava muito parado e silencioso.

- Psiu... Harry!

Ele se virou, a meio caminho do corredor do terceiro andar, e viu Fred e Jorge

espiando-o atrás da estátua de uma bruxa corcunda, de um olho

só.

- Que é que vocês estão fazendo? - perguntou Harry, curioso.

- Vocês não vão a Hogsmeade?

- Antes de ir viemos fazer uma festinha para animar você - disse Fred, com uma

piscadela misteriosa. - Venha até aqui...

O garoto indicou com a cabeça uma sala de aula vazia, à esquerda da estátua de

um olho só. Harry acompanhou os gêmeos. Jorge

fechou a porta sem fazer barulho e se virou, sorrindo, para Harry.

- Presente de Natal antecipado para você, Harry - anunciou.

Fred tirou alguma coisa de dentro da capa com um gesto largo e colocou-a em cima de

uma carteira. Era um pedaço de pergaminho, grande, quadrado e muito gasto,

sem nada escrito na superfície. Harry, desconfiando que fosse uma daquelas brincadeiras de

Fred e Jorge, ficou parado olhando para o presente.

- E o que é que é isso? - perguntou.

- Isso, Harry, é o segredo do nosso sucesso - disse Jorge, dando uma palmadinha

carinhosa no pergaminho.

Dói na gente dar esse presente para você - disse Fred -, mas decidimos, na noite

passada, que você precisa

muito mais dele do que nós. E, de qualquer maneira,

já o conhecemos de cor. É uma herança que vamos lhe deixar. Para falar a verdade, não

precisamos mais dele.

- E para que eu preciso de um pedaço de pergaminho velho? - perguntou Harry.

- Um pedaço de pergaminho velho! - exclamou Fred, fechando os olhos com uma

careta, como se Harry o tivesse ofendido

mortalmente. - Explique a ele Jorge.

- Bem... quando estávamos no primeiro ano, Harry... jovens, descuidados e

inocentes...

Harry abafou uma risada. Duvidava se algum dia os gêmeos

teriam sido inocentes.

- bem, mais inocentes do que somos hoje... nos metemos numa certa confusão com

Filch.

- Soltamos uma bomba de bosta no corredor e por alguma

razão ele ficou aborrecido...

- Então Filch nos arrastou até a sala dele e começou a nos

ameaçar com os castigos de costume...

- ... detenção...

- ... nos arrancar as tripas...

- ... e nao pudemos deixar de reparar numa gaveta do arquivo dele em que estava

escrito Confiscado e Muito

Perigoso.

Não precisam continuar... - exclamou Harry, começando a

sorrir.

- Bem, que é que você teria feito? - perguntou Fred. - Jorge soltou mais uma

bomba de bosta para distrair Filch, eu abri depressa a gaveta e tirei...

isto.

- Não foi tão desonesto quanto parece, sabe - comentou Jorge.

- Calculamos que Filch nunca tivesse descoberto como usar o pergaminho. Mas,

provavelmente suspeitou o que era ou não o teria confiscado.

- E vocês sabem como usar?

- Ah, sabemos -disse Fred, rindo. - Esta jóia nos ensinou mais do que todos os

professores da escola.

- Vocês estão me gozando - disse Harry, olhando para o pedaço velho e rasgado

de pergaminho.

- Ah, é? - disse Jorge.

Ele apanhou a varinha, tocou o pergaminho de leve e disse:

Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom.

Na mesma hora, linhas de tinta muito finas começaram a se espalhar como uma teia de

aranha a partir do ponto em que a varinha de Jorge tocara. Elas convergiram,

se cruzaram, se abriram como um leque para os quatro cantos do pergaminho; em seguida,

no alto, começaram a aflorar palavras, palavras grandes, floreadas, verdes,

que diziam:

Os Srs. Aluado, Rabicho, Almofadinha e Pontas,

fornecedores de recursos para bruxos malfeitores,

têm a honra de apresentar

O MAPA DO MAROTO

Era um mapa que mostrava cada detalhe dos terrenos do castelo de Hogwarts. O mais

notável, contudo, eram os pontinhos mínimos de tinta que se moviam em torno do

mapa, cada um com um rótulo em letra minúscula. Pasmo, Harry se curvou para examinar

melhor. Um pontinho, no canto superior esquerdo, mostrava que o

Prof. Dumbledore

estava andando para lá e para cá em seu escritório; a gata do zelador, Madame Nor-r-ra,

rondava o segundo andar; e Pirraça, o poltergeist, naquele momento saltftava

pela sala de troféus. E quando os olhos de

Harry percorreram os corredores que tão bem conhecia, ele notou mais uma coisa.

O mapa mostrava um conjunto de passagens em que ele nunca entrara. E muitas

pareciam levar...

- ... diretamente a Hogsmeade - disse Fred, acompanhando uma delas com o dedo.

- São sete ao todo. Até agora Filch conhece essas quatro - ele as apontou

-, mas temos certeza de que somente nós conhecemos estas outras. Não se preocupe com a

passagem por trás do espelho no quarto andar. Nós a usamos até o inverno passado,

mas já desabou, está completamente bloqueada. E achamos que ninguém jamais usou esta

porque o Salgueiro Lutador foi plantado bem em cima da entrada. Mas, esta outra

aqui leva diretamente ao porão da Dedosdemel. Nós já a usamos um monte de vezes. E

como você talvez tenha notado, a entrada é bem ali do lado de fora da sala, na

corcunda daquela velhota de um olho só.

- Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas - suspirou Jorge, dando um tapinha no

cabeçalho do mapa. - Devemos tanto a eles.

- Almas nobres, que trabalharam incansavelmente para ajudar novas gerações de

transgressores - disse Fred solenemente.

- Certo - acrescentou Jorge depressa. - Não se esqueça de limpar o mapa depois de

usá-lo...

- ... senao qualquer um pode ler - recomendou Fred.

- É só bater com a varinha mais uma vez e dizer "Malfeito feito!", e o pergaminho

torna a ficar branco.

- Portanto, jovem Harry - disse Fred, numa incrível imitação de Percy -, trate de se

comportar.

- Vejo você na Dedosdemel - despediu-se Jorge, piscando.

Os gêmeos deixaram a sala, sorrindo satisfeitos consigo mesmos. Harry ficou ali,

contemplando o mapa milagroso. Acompanhou o pontinho de tinta Madame Nor-r-ra

virar à esquerda e parar para cheirar alguma coisa no chão. Se Filch realmente não

conhecia... ele não teria que passar pelos dementadores...

Mas mesmo enquanto continuava ali, transbordante de excitação, uma coisa que

ouvira, certa vez, o Sr. Weasley dizer aflorou em

#160#

sua lembrança.

Nunca confie em nada que é capaz de pensar, se você não pode ver

onde fica o seu cérebro.

O mapa era um daqueles objetos mágicos perigosos sobre os quais o Sr. Weasley

o prevenira... Recursos para bruxos malfeitores... mas então, raciocinou

Harry, ele só queria usar o mapa para ir a Hogsmeade, não era que quisesse roubar alguma

coisa ou atacar alguém... e Fred e Jorge já o usavam havia anos, sem que

nada de terrível tivesse acontecido...

Harry acompanhou com o dedo a passagem secreta até a

Dedosdemel.

Depois, subitamente, como se obedecesse a uma ordem, enrolou o mapa, guardou-o

nas vestes e correu para a porta da sala de aula. Abriu-a uns dedinhos. Não

havia ninguém do lado de fora. Com muito cuidado, esgueirou-se da sala até as costas da

estátua da bruxa de um olho só.

Que era mesmo que devia fazer? Puxou outra vez o mapa e viu, para seu espanto, que

um novo boneco de tinta aparecera no pergaminho, rotulado Harry Potter.

Estava parado exatamente no mesmo lugar que o verdadeiro Harry, mais ou menos na

metade do corredor do terceiro andar. Harry observou-o atentamente. Seu pequeno

eu de tinta parecia estar tocando a bruxa com uma varinha mínima. O garoto na mesma

hora puxou a varinha real e deu um toque na estátua. Nada aconteceu. Ele tornou

a consultar o mapa. Um balão com um texto aparecera ao lado do seu

boneco. Dentro do

balão havia a palavra "Dissendium

- Dissendium! - sussurrou Harry dando uma nova batida na bruxa de pedra.

Na mesma hora, a corcunda da estátua se abriu o suficiente para admitir uma pessoa

bem magra. Harry deu uma espiada rápida nos dois lados do corredor, guardou

outra vez o mapa, se içou de cabeça para dentro do buraco e deu um impulso para a frente.

Ele deslizou um bom pedaço, descendo o que parecia um escorrega de pedra e

aterrissou na terra úmida e fria. Levantou-se, então, olhando a toda volta. Estava

escuro como breu. Harry ergueu a varinha e murmurou:

- Lumus! - E pôde ver que se encontrava em uma passagem muito estreita, baixa e

terrosa. Ergueu, então, o mapa, tocou-o com a ponta da varinha e disse

baixinho: - Malfeito feito! - O

mapa ficou imediatamente branco. Ele o dobrou cuidadosamente,

enfiou-o dentro das vestes, depois, o coração batendo rápido, ao

mesmo tempo excitado e apreensivo, Harry começou a andar.

#161#

A passagem virava e tornava a virar, mais parecendo uma toca de coelho gigante do

que qualquer outra coisa. Harry caminhou depressa por ela, tropeçando aqui

e ali no chão acidentado, segurando a varinha com firmeza à sua

frente.

Levou uma eternidade, mas o garoto tinha o pensamento fixo na capacidade da

Dedosdemel repor suas forças. Depois do que lhe pareceu uma hora, a passagem

começou a subir. Ofegante, Harry apertou o passo, o rosto quente, os pés muito gelados.

Dez minutos mais tarde, chegou ao pé de uns degraus de pedra muito gastos, que

subiam a perder de vista. Tomando cuidado para não fazer barulho, Harry começou

a subir. Cem degraus, duzentos degraus, perdeu a conta, olhando para os pés... Então, sem

aviso, sua cabeça bateu em alguma coisa dura.

Parecia um alçapão. Harry ficou parado ali, massageando o cocuruto da cabeça,

apurando os ouvidos. Não conseguia ouvir nenhum som em cima. Muito devagarinho,

empurrou o alçapão e espiou pela borda.

Deparou com um porão, cheio de caixotes e caixas. Harry subiu pelo alçapão e tornou

a fechá-lo - ele se fundiu tão perfeitamente com o soalho empoeirado

que era impossível saber que estava ali. O garoto avançou lentamente até a escada de

madeira que levava ao andar superior. Agora decididamente conseguia ouvir

vozes, para não falar no tilintar de uma sineta e no abre e fecha de uma porta.

Pensando no que deveria fazer, Harry, de repente, ouviu uma

porta se abrir muito próximo; alguém ia descer a escada.

- E traga mais uma caixa de lesmas gelatinosas, querido, eles praticamente levaram

tudo... - disse uma voz femininá.

Dois pés desceram a escada. Harry pulou para trás de um enorme caixote e esperou os

passos se distanciarem. Ouviu o

homem deslocando caixas na parede oposta.

Talvez não tivesse outra oportunidade...

Rápida e silenciosamente, o garoto saiu abaixado do esconderijo e subiu as escadas; ao

olhar para trás, viu um enorme

traseiro

e uma careca reluzente enfiada em uma caixa. Harry alcançou

porta no patamar da escada, escapuliu por ela e se encontrou atrás

do balcão da Dedosdemel, abaixou-se, saiu quietinho de lado

e por fim se levantou.

A Dedosdemel estava tão cheia de alunos de Hogwarts que ninguém

olhou duas vezes

para Harry. O garoto foi passando entre eles, olhando para os lados e reprimiu

uma risada só de imaginar a expressão que apareceria na cara de porco do Duda se pudesse

ver onde ele estava agora.

Havia prateleiras e mais prateleiras de doces com a aparência mais apetitosa que se

pode imaginar. Tabletes

de nugá, quadrados cor-de-rosa de sorvete de coco, caramelos cor de

mel; centenas de tipos de bombons em fileiras arrumadinhas; havia uma

barrica enorme de feijõezinhos de todos os sabores, Delícias gasosas

- as tais bolas de sorvete de fruta que faziam levitar que Rony mencionara -, em outra

parede havia os doces de "efeitos especiais": os melhores chicles de baba

e bola (que enchiam a loja de bolas azulonas e se recusavam a estourar durante dias), o

estranho e quebradiço fio dental de menta, minúsculos Diabinhos negros de

pimenta ("sopre fogo em seus amigos!"), Ratinhos de sorvete

("ouça seus dentes baterem e rangerem!"), Sapos de creme de menta ("faça sua barriga

saltar para valer!"),

frágeis penas de algodão-doce e bombons explosivos.

Harry se espremeu entre os alunos do sexto ano que enchiam a loja e viu um letreiro

pendurado no canto mais distante do salão (SABORES INCOMUNS).

Rony e

Hermione estavam bem embaixo, examinando uma bandeja de pirulitos com gosto de

sangue. Harry, sorrateiramente, foi parar atrás dos dois.

- Erca, não, Harry não vai querer esses, são para vampiro, imagino - ia dizendo

Hermione.

- E esses aqui? - perguntou Rony, enfiando um vidro de cachos de barata embaixo

do nariz de Hermione.

- Decididamente não - disse Harry.

Rony quase deixou cair o vidro.

- Harry! - berrou Hermione. - Que é que você está fazendo aqui? Como... foi que

você...?

- Uau! - exclamou Rony, parecendo muito impressionado -, vocé aprendeu a

aparatar!

- Claro que não aprendi. - Harry baixou a voz de modo que nenhum dos alunos de

sexto ano pudesse ouvir e contou aos

amigos sobre o Mapa do maroto.

- Como é que Fred e Jorge nunca me deram esse mapa? - perguntou Rony

indignado. - Eu sou irmão deles!

- Mas Harry não vai ficar com o mapa! - afirmou Hermione como se a idéia fosse

ridícula. - Vai entregá-lo à Profa Minerva, não

é Harry?

- Não, não vou não! - disse Harry

- Você é maluca? - exclamou Rony, arregalando os olhos para a garota. - Entregar

uma coisa boa dessas?

- Se eu entregar, vou ter que contar onde foi que o arranjei. Filch ia saber que Fred

e Jorge surrupiaram dele!

- Mas e o Sirius Black? - sibilou Hermione. - Ele poderia estar usando uma das

passagens do mapa para entrar no castelo! Os professores têm que saber

disso!

- Ele não pode estar entrando por uma passagem - retrucou Harry depressa. - Tem

sete túneis secretos no mapa, certo? Fred e Jorge calculam que Filch

conheça uns quatro. E os outros tres... um desabou, de modo que ninguém pode passar.

Outro tem o Salgueiro Lutador plantado na entrada, portanto, não se pode sair.

E este que eu usei para chegar aqui... bem.., é realmente difícil ver a entrada dele no porão.

Então, a não ser que Black soubesse que havia uma passagem...

Harry hesitou. E se Black soubesse que havia uma passagem

ali? Rony, porém, pigarreou querendo sinalizar alguma coisa e

apontou para um aviso colado dentro da loja de doces.

POR ORDEM DO MINISTÉRIO DA MAGIA

Lembramos aos nossos clientes que até nova ordem, os dementadores irão patrulhar as ruas

de Hogsmeade todas as noites após o pôrdo-sol A medida visa garantir a segurança

dos habitantes de Hogsmeade e será revogada quando Sirius Black for

recapturado, portanto, é aconselhável que os clientes encerrem suas compras bem antes de

anoitecer.

Feliz Natal"

- Estão vendo só? - falou Rony em voz baixa. - Eu gostaria de ver Black tentar entrar na

Dedosdemel com dementadores pululando por todo o povoado. Em todo o caso,

Hermione, os donos da Dedosdemel ouviriam se alguém arrombasse a loja, não? Eles

moram no primeiro andar!

- Tá, mas... mas... - A garota parecia estar fazendo força para

encontrar outro argumento. - Olha, ainda assim Harry não devia

ter vindo a Hogsmeade. Ele não tem autorização! Se alguém descobrir, ele vai ficar

enrascado até as orelhas! E ainda não anoiteceu... e se Sirius Black aparecer

hoje? Agora?

- Ia ter muito trabalho para encontrar Harry no meio disso aí

- disse Rony indicando com a cabeça as janelas de caixilhos, pelas quais se via a nevasca

rodopiando lá fora. - Vamos, Mione, é Natal. Harry merece uma folga.

Hermione mordeu o lábio, parecendo extremamente preocupada.

- Você vai me denunciar? - perguntou Harry à amiga, sorrindo.

-AI... claro que não.., mas sinceramente, Harry...

- Viu as delícias gasosas, Harry? - perguntou Rony, puxando

Harry e levando-o até a barrica em que se encontravam. - E as lesmas gelatinosas? E os

picolés ácidos? Fred me deu um desses quando eu tinha sete anos, fez um furo que

atravessou a minha língua. Me lembro da mamãe pegando a vassoura e baixando o pau

nele. - Rony ficou mirando, pensativo, a caixa de picolés ácidos. - Você acha que Fred

comeria um cacho de baratas se eu dissesse a ele que era amendoim?

Depois que Rony e Hermione pagaram por todos os doces que

compraram, os três saíram da Dedosdemel para enfrentar a nevasca lá fora.

Hogsmeade parecia um cartão de Natal; as casas e lojas de telhado de colmo estavam

cobertas por uma camada de neve fresca; havia coroas de azevinho nas portas

e fieiras de luzes encantadas penduradas nas árvores.

Harry estremeceu; ao contrário dos amigos, ele não estava usando casaco. Os três

saíram caminhando pela rua, a cabeça abaixada contra o vento, Rony e Hermione

gritando por dentro dos cachecóis.

- Ali é o Correio...

- A Zonko"s fica mais adiante.

- Podíamos ir até a Casa dos Gritos...

- Vamos fazer o seguinte - sugeriu Rony com os dentes batendo -, vamos tomar

uma cerveja amanteigada no Três Vassouras?

Harry estava mais do que a fim; havia um vento cortante e suas

mãos estavam congelando. Então, eles atravessaram a rua e mínuto depois entravam na

minúscula estalagem.

A sala estava cheíssima, barulhenta, quente e enfumaçada.

Uma mulher tipo violão, com um rosto bonito, estava servindo um grupo de bruxos

desordeiros no bar.

- Aquela é a Madame Rosmerta - disse Rony. - Vou pegar as bebidas, está bem? -

acrescentou, corando ligeiramente.

Harry e Hermione foram até o fundo do salão, onde havia uma mesinha desocupada

entre uma janela e uma bela árvore de Natal

próxima à lareira. Rony voltou

em cinco minutos, trazendo três canecas espumantes de cerveja amanteigada.

- Feliz Natal! - desejou ele alegremente, erguendo a caneca.

Harry bebeu com gosto. Era a coisa mais deliciosa que já provara e parecia aquecer

cada pedacinho dele, de dentro para fora.

Uma brisa repentina despenteou seus cabelos. A porta do Três

Vassouras tornou a se abrir. Harry olhou por cima da borda da

caneca e se engasgou.

Os professores McGonagaLl e Flitwick tinham acabado de entrar no bar em meio a

uma rajada de flocos de neve, seguidos de perto por Hagrid, que vinha absorto

em uma conversa com um homem corpulento de chapéu-coco verde-limão e uma capa de

risca de giz - Cornélio Fudge, Ministro da Magia.

Numa fração de segundo, Rony e Hermione, ao mesmo tempo, tinham posto as mãos

na cabeça de Harry e feito o amigo escorregar do banquinho para baixo da mesa.

Pingando cerveja amanteigada e se encolhendo para sumir de vista, Harry, agarrado à

caneca, espiou os pés dos professores e de Fudge caminharem até o bar, pararem

e, em seguida, darem meia-volta e se dirigirem para onde ele estava.

Em algum lugar acima de sua cabeça, Hermione sussurrou:

- Mobiliarbus!

A árvore de Natal ao lado da mesa se ergueu alguns centímetros do chão, flutuou de

lado e desceu com um baque suave bem diante da mesa dos garotos, escondendo-os

dos professores. Espiando por entre os ramos mais baixos e densos, Harry viu quatro

conjuntos de pés de cadeira se afastarem da mesa bem ao lado, depois ouviu os

resmungos e suspiros dos professores e do ministro ao se sentarem.

Em seguida, ele viu mais um par de pés, usando saltos altos,

turquesa, cintilantes, e ouviu uma voz de mulher.

- Uma água de gilly pequena...

- É minha - disse a voz da Profa Minerva.

#166#

- A jarra de quentão...

- Obrigado - disse Hagrid.

- Soda com xarope de cereja, gelo e guarda-sol...

- Hummm! - exclamou o Prof. Flitwick estalando os lábios.

- Para o senhor é o rum de groselha, ministro.

Obrigado, Rosmerta, querida - disse a voz de Fudge. - É um

prazer revê-la, devo dizer. Não quer nos acompanhar? Venha se

sentar conosco...

- Bem, muito obrigada, ministro.

Harry acompanhou os saltos cintilantes se afastarem e retornarem. Seu coração batia

incomodamente na garganta. Por que não lhe ocorrera que este era o último

fim de semana do trimestre também para os professores? E quanto tempo eles ficariam

sentados ali? Ele precisava de tempo para voltar discretamente à Dedosdemel,

se quisesse estar na escola ainda aquela noite... A perna de Hermione deu uma tremida

nervosa perto dele.

- Então, o que é que o traz a esse fim de mundo, ministro? - perguntou a voz de

Madame Rosmerta.

Harry viu a parte de baixo do corpo de Fudge se virar na cadeira, como se verificasse

se havia alguém escutando. Depois respondeu em voz baixa:

- Quem mais se não Sirius Black? Imagino que você deve ter sabido o que houve

em Hogwarts no Dia das Bruxas?

- Para falar a verdade, ouvi um boato - admitiu Madame Rosmerta.

- Você contou ao bar inteiro, Hagrid? - perguntou a

Prof. Minerva, exasperada.

- O senhor acha que Black continua por aqui, ministro? - perguntou Madame

Rosmerta.

- Tenho certeza - respondeu Fudge laconicamente.

- O senhor sabe que os dementadores já revistaram o meu bar duas vezes? - falou

Madame Rosmerta, com uma ligeira irritação na voz. - Espantaram todos

os meus fregueses... Isto é muito ruim para o comércio, ministro.

- Rosmerta, querida, gosto tanto deles quanto você - disse Fudge, constrangido. -

É uma precaução necessária... infelizmente, mas veja só... acabei de

encontrar alguns. Estão furiosos com

Dumbledore porque ele não os deixa entrar nos terrenos da escola.

#167#

- É claro que não - disse a Profa Minerva, rispidamente. - Como é que vamos

ensinar com aqueles horrores por todo o lado?

-Apoiado, apoiado! - exclamou o Prof. Flitwick com voz esganiçada, os pés

balançando a um palmo do chão.

- Mesmo assim - disse Fudge em tom de dúvida -, eles estão aqui para proteger

vocês todos de coisa muito pior... Nós todos

sabemos o que Black é capaz de fazer..

- Sabem, eu ainda acho difícil acreditar - disse Madame Rosmerta

pensativamente. - De todas as pessoas que passaram para o lado das trevas, Sirius

Black é o último em que eu pensaria... quero dizer, eu me lembro dele quando era garoto

em Hogwarts. Se alguém tivesse me dito, então, no que ele iria se transformar,

eu teria respondido que a pessoa tinha bebido quentão demais.

- Você não conhece nem metade do que ele fez, Rosmerta - disse Fudge com

impaciência. - A maioria nem sabe o pior.

- Pior? - exclamou Madame Rosmerta, a voz animada de curiosidade. - O senhor

quer dizer pior do que matar todos aquetes coitados?

- Isso mesmo.

- Não posso acreditar. Que poderia ser pior?

- Você diz que se lembra dele em Hogwarts, Rosmerta - murmurou a

Profa. Minerva. - Você se lembra de quem era o melhor

amigo dele?

- Claro - disse Madame Rosmerta, com uma rísadinha. - Nunca se via um sem o

outro, não é mesmo? O número de vezes que os dois estiveram aqui, aah,

me faziam rir o tempo todo. Uma dupla incrível, Sirius Black e Tiago

Potter!

Harry deixou cair a caneca com estrépito. Rony deu-lhe um

pontapé.

- Exatamente - disse a Profa Minerva. - Black e Potter Líderes de uma turminha.

Os dois muito inteligentes, é claro, na verdade excepcionalmente inteligentes,

mas acho que nunca tivemos uma dupla de criadores de confusões igual...

- Não sei - disse Hagrid, dando uma risadinha. - Fred e Jorge Weasley seriam

páreo duro para os dois.

- Poder-se-ia até pensar que Black e Potrer eram irmãos!

O Prof. Fliewick entrou na conversa. - Inseparáveis!

- Claro que eram - comentou Fudge. - Potter confiava mais

em Black do que em qualquer outro amigo. Nada mudou quando

os dois terminaram a escola. Black foi o padrinho quando Tiago se casou com Lílian.

Depois, eles o escolheram para padrinho de Harry. O garoto nem tem idéia disso,

é claro. Vocês podem imaginar como isto o atormemaria.

- Por que Black acabou se aliando a Você-Sabe-Quem? - cochichou Madame

Rosmerra.

- Foi muito pior do que isso, minha querida... - Fudge baixou a voz e continuou

numa espécie de sussurro grave. - Muita gente desconhece que os

Potter

sabiam que Você-Sabe-Quem queria pegá-los. Dumbledore, que naturalmente trabalhava

sem descanso contra Você-Sabe-Quem, tinha um bom número de espiões úteis. Um deles

avisou-o e ele, na mesma hora, alertou Tiago e LIlian, Dumbledore aconselhou os dois a se

esconderem. Bem, é claro que não era fácil alguém se esconder de Você-Sabe-Quem.

Dumbledore sugeriu aos dois que teriam maiores chances de escapar se apelassem para o

Feitiço Fidelius.

- Como é que é isso? - perguntou Madame Rosmerta, ofegando de interesse, O

Prof. Flitwick pigarreou.

- Um feitiço extremamente complexo - explicou com a sua vozinha fina-, que

implica esconder o segredo, por meio da magia, em uma única pessoa viva.

A informação é guardada no íntimo da pessoa escolhida, ou fiel do segredo, e torna-se

impossível encontrá-la, a não ser, é claro, que o fiel do segredo resolva contar

a alguém. Enquanto ele se mantiver calado, Você-Sabe-Quem poderia revistar o povoado

em que Lílian e Tiago viviam durante anos sem jamais encontrá-los, mesmo que

ficasse com o nariz grudado na janela da sala deles!

- Então Black era o fiel do segredo dos Potter? - sussurrou Madame Rosmerta.

- Naturalmente - respondeu a Profa Minerva. - Tiago Porter contou a

Dumbledore que Black preferiria morrer a contar onde eles estavam, que Black estava

pensando em se esconder também... mesmo assim, Dumbledore continuou preocupado. Eu

me lembro que ele próprio se ofereceu para ser o fiel do segredo dos Porter.

- Ele suspeitava de Black? - exclamou Madame Rosmerta.

- Ele tinha certeza deque alguém intimo dos Porter tinha

mantido Você-Sabe-Quem informado dos movimentos do casal - respondeu a Profa

Minerva

sombriamente.

- De fato, ele vinha suspeitando

#169#

havia algum tempo de que alguém do nosso lado virara traidor e estava passando muita

informação para Você-Sabe-Quem.

- Mas Tiago Potter insistiu em usar Black?

- Insistiu - disse Fudge com a voz carregada. - E então, pouco mais de uma semana

depois de terem realizado o Feitiço Fidelius...

- Black traiu os Potter? - murmurou Madame Rosmerta.

- Traiu. Black estava cansado do papel de agente duplo, estava pronto a declarar

abertamente o seu apoio a Você-Sabe-Quem, e parece que planejou fazer

isso assim que os Porter morressem. Mas, como todos sabem, Você-Sabe-Quem encontrou sua perdição no pequeno Harry Potter. Despojado de poderes,

extremamente enfraquecido,

ele fugiu. E isto deixou Black numa posição realmente muito difícil. Seu mestre caíra no

exato momento em que ele, Black, mostrara quem de fato era, um traidor.

Não teve outra escolha senão fugir...

- Vira-casaca imundo e podre! - exclamou Hagrid tão alto que metade do bar se

calou.

- Psiu! - fez a Profa. Minerva.

- Eu o encontrei! - rosnou Hagrid, - Devo ter sido a última pessoa que viu Black

antes de ele matar toda aquela gente! Fui eu que salvei Harry da

casa de Lílian e Tiago depois que o casal morreu! Tirei o garoto das ruínas, coitadinho, com

um grande corte na testa, e os pais mortos... e Sirius Black aparece.

naquela moto voadora que ele costumava usar. Nunca me ocorreu o que ele estava fazendo

ali. Eu não sabia que ele era o fiel do segredo de Lílian e Tiago. Pensei

que tivesse acabado de saber da notícia do ataque de Você-Sabe-Quem e vindo ver o que

era possível fazer. Estava tremendo, branco. E vocês sabem o que eu fiz? EU

CONSOLEI O TRAIDOR ASSASSINO! - bradou Hagrid.

- Hagrid, por favor! - pediu a Profa Minerva. - Fale baixo!

- Como é que eu ia saber que ele não estava abalado com a morte de Lilian e

Tiago? Que estava preocupado era com VocêSabe-Quem! Então ele disse: "Me

dá o Harry, Hagrid. Sou o padrinho dele, vou cuidar dele... Ah! Mas eu tinha recebido

ordens de

Dumbledore, e disse não, Dumbledore tinha me mandado levar Harry

para a casa dos tios. Black discordou, mas no fim cedeu. Me disse, então, que eu podia

pegar a moto dele para levar Harry. "Não vou precisar mais dela", falou.

"Eu devia ter percebido, naquela hora, que alguma coisa nao estava cheirando bem.

Black adorava a moto. Por que estava dando ela para mim? Por que não ia

precisar mais da moto? A questão é que a moto era muito fácil de localizar.

Dumbledore sabia que ele tinha sido o fiel do segredo dos Potter. Black sabia que ia

ter que se mandar àquela noite, sabia que era uma questão de horas até o Ministério sair à

procura dele.

"Mas e se eu tivesse entregado Harry a Black, hein?Aposto como ele teria jogado o

garoto no mar no meio do caminho. O filho dos melhores amigos dele! Mas

quando um bruxo se alia ao lado das trevas, não tem mais nada nem ninguém que tenha

importância para ele..."

Á história de Hagrid seguiu-se um longo silêncio. Então,

Madame Rosmerta falou com uma certa satisfação.

- Mas ele não conseguiu desaparecer, não foi? O Ministério da Magia o agarrou

no dia seguinte!

- Ah, se ao menos isso fosse verdade - lamentou Fudge com amargura. - Não

fomos nós que o encontramos. Foi o pequeno Pedro Pettigrew, outro amigo

dos Potter. Com certeza, enlouquecido de pesar e sabendo que Black fora o fiel do segredo

dos

Potter, Pedro foi pessoalmente atrás dele.

- Pertigrew... aquele gordinho que sempre andava atrás dos dois em Hogwarts? -

perguntou Madame Rosmerta.

- Ele venerava Black e Potter como se fossem heróis -. disse a Profa Minerva. -

Não estava bem à altura deles em termos de talento. Muitas vezes fui

severa demais com ele. Podem imáginar agora como me... como me arrependo disso... -

Sua voz parecia a de alguém que apanhara de repente um resfriado.

- Vamos, Minerva - consolou-a Fudge, com bondade. - Pettigrew teve uma morte

de herói. Testemunhas oculares, trouxas, é claro, depois limpamos a memória

deles, nos contaram como Pettigrew encurralou Black. Dizem que ele soluçava: "Lílian e

Tiago, Sirius! Como é que você pôde?" Então fez menção de apanhar a varinha.

Bem, naturalmente, Black foi mais rápido. Fez Pertigrew em pedacinhos...

A Profa Minerva assoou o nariz e disse com a voz embargada:

- Menino burro... menino tolo.., nunca teve jeito para duelar...

deveria ter deixado isso para o ministério...

- E vou dizer uma coisa, se eu tivesse chegado ao Black antes

de Pettigrew, não teria apelado para varinhas, eu teria despedaçado ele aos bocadinhos -

rosnou Hagrid.

- Você não sabe o que está dizendo, Hagrid - disse Fudge com severidade. -

Ninguém, a não ser bruxos de elite do Esquadrão de Execução das Leis da

Magia, teria tido uma chance contra Black depois que ele foi encurralado. Na época, eu era

ministro júnior no Departamento de Catástrofes Mágicas, e fui um dos primeiros

a chegar à cena depois que Black liquidou aquelas pessoas, nunca vou me esquecer. Ainda

sonho com o que vi, às vezes. Uma cratera no meio da rua, tão funda que rachou

a tubulação de esgoto embaixo. Cadáveres por toda a parte. Trouxas

berrando. E Black

parado ali, dando gargalhadas, diante do que restava de Pettigrew... um monte

de vestes ensangúentadas e uns poucos, uns poucos fragmentos...

A voz de Fudge parou abruptamente. Ouviu-se o barulho de

cinco narizes sendo assoados.

- Bem, aí tem você, Rosmerta - disse Fudge com a voz carregada. Black foi

levado por vinte policiais do Esquadrão de Execução das Leis da Magia e

Pettigrew recebeu a Ordem de Merlim, Primeira Classe, o que acho que foi algum consolo

para a coitada da mãe dele. Black tem estado preso em Azkaban desde então.

Madame Rosmerta deu um longo suspiro.

- É verdade que ele é doido, ministro?

- Eu gostaria de poder dizer que é - disse Fudge

lentamente. - Acredito que é certo que a derrota do mestre o desequilibrou por algum

tempo. O assassinato

de Pettigrew e de todos aqueles trouxas foi trabalho de um homem desesperado e acuado,

cruel... sem sentido. Mas eu encontrei Black na última inspeção que fiz à

Azkaban. Vocês sabem que a maioria dos prisioneiros lá ficam sentados no escuro

resmungando; não dizem coisa com coisa... mas fiquei chocado com a aparência

normalde

Black. Conversou comigo muito racionalmente. Me deixou nervoso. Deu a impressão de

estar meramente entediado, perguntou se eu já tinha acabado de ler o meu jornal,

com toda a tranquilidade, disse que sentia falta das palavras cruzadas. Fiquei realmente

espantado de ver o pouco efeito que os

dementadores estavam causando nele,

e, vejam, ele era um dos prisioneiros mais fortemente guardados do lugar.

Dementadores à porta da cela dia e noite.

- Mas para que o senhor acha que ele fugiu? - perguntou

#172#

Madame Rosmerta. - Por Deus, ministro, ele não está tentando se juntar a Você-Sabe-Quem, está?

- Eu diria que esse é o plano dele, hum, a longo prazo - disse Fudge evasivamente.

- Mas temos esperança de pegar Black bem antes disso. Devo dizer

que Você-Sabe-Quem sozinho e sem amigos é uma coisa... mas se tiver de volta o seu

serviçal mais dedicado, estremeço só em pensar na rapidez com que se reergueria...

Ouviu-se um leve tilintar de copo em madeira. Alguém pousara o copo.

- Sabe, Cornélio, se você vai jantar com o diretor, é melhor voltarmos para o

castelo - sugeriu a Profa Minerva.

Um por um, os pares de pés à frente de Harry retomaram o peso dos seus donos; barras

de capas rodopiaram no ar e os saltos cintilantes de Madame Rosmerta

desapareceram atrás do balcão do bar. A porta do Três Vassouras tornou a se abrir,

deixando entrar mais uma rajada

de flocos de neve e os professores desapareceram.

- Harry?

Os rostos de Rony e Hermione surgiram embaixo da mesa. Os

dois o encararam, sem encontrar palavras para falar.

- CAPITULO ONZE -

A firebolt

Harry não tinha uma idéia muito clara de como conseguira voltar ao porão da Dedosdemel,

atravessar o túnel e sair mais uma vez no castelo. Só sabia que a viagem

de volta parecia não ter demorado nada, e que ele mal se apercebera do que estava fazendo,

porque sua cabeça continuava a Latejar com a conversa que acabara de ouvir.

Por que ninguém lhe contara? Dumbledore, Hagrid, o Sr. Weasley, Cornélio Fudgc...

por que ninguém jamais mencionara o fato de que seus pais tinham morrido

porque o melhor amigo deles os traira?

Rony e Hermione observavam Harry, muito nervosos, durante o jantar, sem sequer se

atrever a conversar com ele sobre o que tinham ouvido, porque Percy estava

sentado perto deles. Quando subiram para a concorrida sala comunal, foi para descobrir que

Fred e Jorge tinham soltado meia dúzia de bombas de bosta num arroubo

de animação de fim de trimestre. Harry, que não queria que os gêmeos lhe perguntassem se

tinha chegado ou não a Hogsmeade, subiu sorrateira e silenciosamente para

o dormitório vazio e foi direto ao seu armário de cabeceira. Empurrou os livros para um

lado e não demorou nada a encontrar o que estava procurando - o álbum de

fotografias encadernado em couro que Hagrid lhe dera havia dois anos, repleto de

fotos mágicas de seus pais. O garoto se sentou na cama, fechou o cortinado e começou

a virar as páginas, procurando, até que...

Parou numa foto do dia do casamento dos pais. Lá estava seu

pai acenando para ele, sorridente, os rebeldes cabelos negros que

Harry herdara apontando para todas as direções. Lá estava sua mãe,

radiante de felicidade, de braço dado com o seu pai. E lá... aquele

devia ser ele. O

padrinho... Harry jamais lhe dera atenção antes.

Se não tivesse sabido que era a mesma pessoa, jamais teria pensado que era Black

naquela velha foto. Seu

rosto não era encovado e macilento, mas bonito e risonho. Já estaria trabalhando para

Voldemort quando a foto fora tirada?

Já estaria planejando as mortes das duas pessoas ao seu lado? Saberia que ia enfrentar doze

anos em Azkaban, doze anos que o tornariam irreconhecível?

Mas os dementadores não o afetam, pensou Harry examinando

atentamente aquele rosto bonito e risonho. Ele não tem que ouvir

minha mãe gritando quando eles chegam muito perto...

Harry fechou com violência o álbum e, abaixando-se,

guardou-o de novo no armário, tirou as vestes e os óculos e foi dormír, cuidando para que o

cortinado o escondesse de todos.

A porta do dormitório se abriu.

- Harry? - chamou a voz de Rony, hesitante.

Mas Harry continuou quieto, fingindo que estava dormindo. Ouviu o amigo se retirar e

virou de barriga para cima, os olhos

muito abertos.

Um ódio que ele jamais conhecera começou a crescer dentro dele

como veneno. Viu

Black rindo-se dele no escuro, como se alguém tivesse colado a foto do álbum

em seus olhos. Assistiu, como se estivesse vendo um filme, a Sirius Black explodir Pedro

Petrigrew, (que lembrava Neville Longbottom), em mil pedaços. Ouviu (embora

não tivesse a menor idéia do som que teria a voz de Black) um murmúrio baixo e excitado.

"Aconteceu, meu Senhor... os Potter me escolheram para fiel do seu segredo

E então ouviu outra voz, rindo-se histericamente, a mesma risada que Harry ouvia

mentalmente sempre que os dementadores se aproximavam...

- Harry, você.., você está com uma cara horrível

O garoto só adormecera quando o dia ia raiando. Ao acordar, encontrou o

dormitório vazio, deserto, se vestiu e desceu para a sala comunal, também

vazia exceto pela presença de Rony, que comia sapos de creme de menta e massageava a

barriga, e Hermione que espalhara os deveres de casa em cima de três mesas.

- Onde foi todo mundo? - perguntou Harry.

- Embora! Hoje é o primeiro dia das férias, está lembrado? - respondeu Rony,

observando o amigo atentamente. - É quase hora

do almoço; eu ia subir para acordá-lo daqui a pouquinho.

Harry afundou em uma poltrona junto à lareira. A neve continuava a

cair lá fora. Bichento estava esparramado diante da lareira como um grande tapete

amareloavermelhado.

- Realmente você não está com uma cara muito boa, sabe - disse Hermione,

examinando ansiosa o rosto do garoto.

- Estou ótimo - retrucou ele.

- Harry, escuta aqui-disse Hermione trocando um olhar com Rony -, você deve

estar realmente perturbado com o que ouviu

ontem. Mas o importante é não Fazer nenhuma bobagem.

- Como o quê?

- Como tentar ir atrás de Black - disse Rony depressa.

Harry percebeu que os dois tinham ensaiado aquela conversa enquanto ele estivera

dormindo. Não respondeu nada.

- Você não vai, não é mesmo, Harry? - insistiu Hermione.

- Porque não vale a pena morrer por causa do Black - disse Rony.

Harry olhou para os amigos. Eles pareciam não ter entendido

o problema.

- Vocês sabem o que eu vejo e ouço cada vez que um dementador se

aproxima de

mim? - Rony e Hermione sacudiram a cabeça, apreensivos. - Ouço minha

mãe gritar e suplicar a Voldemort. E se alguém ouve a mãe gritar daquele jeito, pouco antes

de morrer, nao dá para esquecer depressa. E se descobre que alguém que

ela acreditava ser amigo foi o traidor que pôs Voldemort na pista dela...

- Mas não tem nada que você possa fazer! - disse Hermione impressionada. - Os

dementadores vão capturar Black e ele vai voltar a Azkaban e... e é

muito bem feito para ele!

- Você ouviu o que Fudge disse. Black não é afetado por Azkaban como as

pessoas normais. Não é um castigo para ele como

é para os outros.

- Então o que é que você está dizendo? - perguntou Rony muito tenso. - Você

quer... matar Black ou coisa parecida?

- Não seja bobo - disse Hermione, cuja voz transparecia pânico. - Harry não quer

para você!

matar ninguém, não é mesmo?

Mais uma vez Harry não respondeu. Ele não sabia o que queria Fazer. Só sabia que a

idéia de não fazer nada, enquanto Black

continuava em liberdade, era quase insuportável.

176#

- Malfoy sabe - disse ele de repente. -Vocês lembram do que

ele me disse na aula de Poções? "Se fosse eu, ia atrás dele sozinho...

Ia querer vingança."

-Você vai seguir o conselho de Malfoy em vez do nosso? - perguntou Rony,

enfurecido. - Escuta aqui... você sabe o que a mãe do Pettigrew recebeu depois que

Black acabou com o filho dela? Papai me contou... a Ordem de Merlim, Primeira Classe, e

o dedo de Petrigrew em uma caixa. Foi o maior pedaço dele que conseguiram

encontrar. Black é um louco, Harry, e é perigoso...

- O pai de Malfoy deve ter contado a ele - disse Harry, não dando atenção a Rony.

- Fazia parte do círculo íntimo de

Voldemort...

- Faz favor de dizer Você-Sabe-Quem? - exclamou Rony com raiva.

- ... então obviamente, os Malfoy sabiam que Black estava trabalhando para

Voldemort...

- ... e Malfoy adoraria ver você desintegrado em um milhão de pedaços, como Pettigrew!

Caia na real, Harry. A esperança de

Malfoy é que você seja morto antes de ele precisar jogar quadribol

contra você.

- Harry, por favor-pediu Hermione, os olhos agora brilhandes de lágrimas -, por favor,

tenha juízo. Black fez uma coisa horridemais, mas não corra riscos, é isso

que Black quer... Ah, Harry,

você vai fazer o jogo do Black se for atrás dele. Seus pais não iam querer que você se

machucasse, iam? Jamais

iam querer que você saísse procurando o Black!

- Eu nunca vou saber o que eles iam querer, porque, graças ao Black, nunca

conversei com eles - disse Harry com rispidez.

Houve um silêncio em que Bichento se espreguiçou com

desenvoltura, flexionando as garras. O bolso de Rony estremeceu.

- Escuta - disse o garoto, obviamente procurando mudar de assunto -, estamos de

férias! Já é quase Natal! Vamos... vamos descer para ver o Hagrid.

Não o visitamos há uma eternidade!

- Não! - disse Hermione depressa. - Harry não pode sair do castelo, Rony...

- É, vamos - disse Harry se endireitando na poltrona -, assim posso

perguntar a ele

por que nunca mencionou o Black quando

me contou a história dos meus pais!

Continuar a discussão sobre Sirius Black não era obviamente o

que Rony tinha em mente.

- Ou poderíamos jogar uma partida de xadrez - disse ele depressa - ou de bexigas.

Percy deixou um jogo...

- Não, vamos visitar Hagrid - disse Harry com firmeza.

Então os três apanharam as capas nos dormitórios e saíram pelo buraco do retrato

(Levantem-se para lutar, seus vira-latas covardes!), desceram pelo castelo

vazio e cruzaram as portas de carvalho.

Os garotos caminharam sem pressa pelos jardins, deixando uma vala rasa na neve

faiscante e solta, as meias e as bainhas das capas foram se molhando e congelando.

A Floresta Proibida parecia que fora encantada, cada árvore se cobrira de salpicos prateados

e a cabana de Hagrid lembrava um bolo com glacê.

Rony bateu, mas não teve resposta.

- Será que ele saiu? - perguntou Hermione, que tremia embaixo da capa.

Rony encostou o ouvido na porta.

- Tem um barulho esquisito - disse. - Escuta só - será o Canino?

Harry e Hermione encostaram os ouvidos na porta também. De dentro da cabana

vinham uns gemidos baixos e soluçântes.

- Será que não é melhor a gente ir chamar alguém? - perguntou Rony, nervoso.

- Hagrid! - chamou Harry, dando socos na porta. - Hagrid, você está aí?

Ouviu-se um som de passos pesados, depois a porta se abriu com um rangido. Hagrid

estava ali parado, com os olhos

vermelhos e inchados, as lágrimas caindo

pelo seu colete de couro.

- Vocês souberam? - berrou ele, e se atirou no pescoço de Harry.

Tendo Hagrid no mínimo duas vezes o tamanho de um homem normal, isso não foi

brincadeira. O garoto, quase desabando sob o peso do gigante, foi salvo por

Rony e Hermione, que seguraram um em cada braço de Hagrid, e o puxaram para dentro da

cabana. O guarda-caça deixou-se conduzir até

uma cadeira e se largou em cima

da mesa, soluçando descontrolado, o rosto brilhante de lágrimas que

escorriam por sua

barba embaraçada.

- Hagrid, o que foi? -perguntou Hermione perplexa.

Harry reparou em uma carta de aparência oficial aberta em cima da mesa.

Que é isso, Hagrid?

Os soluços de Hagrid redobraram, mas ele empurrou a carta para o garoto, que a

apanhou e leu em voz alta:

#178#

Prezado Sr. Hagrid.

Dando prosseguimento ao nosso inquérito sobre o ataque do

hipogrifo a um aluno seu, aceitamos as ponderações do Prof Dumbledore de que o senhor

não é responsável

pelo lamentável incidente.

- Bem, então está tudo certo, Hagrid! - exclamou Rony, dando uma palmadinha no

ombro do amigo. Mas Hagrid continuou a soluçar, e fez sinal com uma de suas

gigantescas mãos, convidando Harry a continuar a leitura da carta.

No entanto, devemos registrar a nossa preocupação quanto ao hipogrifo em pauta.

Decidimos acolher

a reclamação oficial do Sr. Lúcio Malfoy, e o caso será

encaminhado à Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas. A audiência terá lugar

em 20 de abril, e solicitamos que o senhor se apresente com o seu

hipogrifo nos escritórios da Comissão, em Londres, nessa data. Entrementes, o animal

deverá ser mantido preso e isolado.

Atenciosamente...

Seguia-se uma lista com os nomes dos conselheiros da escola.

- Ah! - exclamou Rony. - Mas você disse que o Bicuço não é um hipogrifo bravo,

Hagrid. Aposto como ele vai se safar...

- Você não conhece as gárgulas da Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas!

- respondeu Hagrid com a voz engasgada, enxugando os

olhos na manga. -

Eles têm má vontade com as criaturas interessantes!

Um som repentino vindo de um canto da cabana fez Harry, Rony e Hermione se

virarem depressa. Bicuço, o hipogrifo, estava deitado a um canto, mastigando alguma

coisa que fazia escorrer sangue por todo o soalho.

- Eu não podia deixar ele amarrado lá fora na neve! - explicou

Hagrid, sufocado. - Sozinho! No Natal.

Harry, Rony e Hermione se entreolharam. Nunca tinham concordado com Hagrid

sobre o que o guarda-caça chamava de "criaturas interessantes e outras pessoas

chamavam de "monstros aterrorizantes". Por outro lado, não parecia haver nenhuma

maldade

#179#

especifica em Bicuço. De fato, pelos padrões normais de Hagrid, o bicho

era sem dúvida engraçadinho.

- Você terá que preparar uma boa defesa, Hagrid - falou Hermione, sentando-se e

pondo a mão no braço maciço do amigo.

- Tenho certeza de que você pode provar que Bicuço é seguro.

- Não vai fazer nenhuma diferença! - soluçou Hagrid. - Aqueles demônios da

Eliminação, eles são controlados por Lúcio

Malfoy! Têm medo dele! E se eu perder o caso, Bicuço...

Hagrid passou o dedo rapidamente pela garganta, depois deixou escapar um lamento, e

caiu para a frente, deitando a cabeça

nos braços.

- E Dumbledore, Hagrid? - perguntou Harry.

- Ele já fez mais do que o suficiente por mim - gemeu Hagrid.

- Já tem muito com que se ocupar só para segurar os dementadores

fora do castelo e o

Sirius Black rondando...

Rony e Hermione olharam depressa para Harry como se esperassem que o garoto fosse

começar a criticar Hagrid por não ter contado a verdade sobre Black. Mas

Harry não teve coragem de perguntar nada, não naquele momento em que estava vendo o

amigo tão infeliz e amedrontado.

- Escuta aqui, Hagrid - disse Harry -, você não pode desistir. Hermione tem razão,

você só precisa é de

uma boa defesa. Pode

nos chamar como testemunhas...

- Tenho certeza de que já li um caso de alguém que provocou um hipogrifo - disse

Hermione, pensativa - e o bicho foi inocentado. Vou procurar para

você Hagrid, e verificar exatamente o que aconteceu.

Hagrid chorou ainda mais alto. Harry e Hermione olharam

para Rony, pedindo ajuda.

- Hum... e se eu fizesse uma xícara de chá para nós? -

ofereceu-se o garoto.

Harry olhou para ele, espantado.

- É o que a minha mãe faz sempre que alguém está chateado - murmurou Rony,

encolhendo os ombros.

Finalmente, depois de muitas reafirmações de ajuda, e uma

caneca de chá fumegante diante dele, Hagrid assoou o nariz com

um lenço do tamanho de uma toalha de mesa e disse:

- Vocês têm razão. Não posso me entregar assim. Tenho que

me controlar...

Canino, o cão de caçar javalis, saiu timidamente debaixo da

mesa e descansou a cabeça no joelho do dono.

- Não tenho andado muito bem ultimamente - disse Hagrid, acariciando Canino

com uma das mãos e enxugando o rosto com a outra. - Preocupado com o Bicuço

e com a turma que não está gostando das minhas aulas...

Nós gostamos! - mentiu Hermione na mesma hora.

- É, elas são ótimas! - acrescentou Rony, cruzando os dedos embaixo da mesa. -

É... como é que vão os vermes?

Mortos - disse Hagrid sombriamente. - Alface demais.

- Ah, não! - exclamou Rony, com um trejeito de riso na boca.

- E esses dementadores fazendo eu me sentir péssimo e tudo o mais - disse Hagrid

com um súbito estremecimento. - Tenho que passar por eles todas as

vezes que quero beber alguma coisa no Três Vassouras. É como se eu estivesse de volta a

Azkaban...

Ele se calou e tomou um pouco de chá. Harry, Rony e Hermione o observaram

prendendo a respiração. Nunca tinham ouvido Hagrid falar de sua breve estada em

Azkaban. Depois de uma pausa, Hermione perguntou timidamente:

- Lá é muito ruim, Hagrid?

- Vocês não fazem idéia - disse ele com a voz contida. -Nunca estive em nenhum

lugar assim. Pensei que ia endoidar. Ficava lembrando de coisas

horríveis...

o dia em que fui expulso de Hogwarts... o dia em que meu pai morreu... o dia em que tive

de mandar Norberto embora...

Seus olhos se encheram de lágrimas. Norberto era o bebê dragão que Hagrid ganhara

certa vez em um jogo de cartas.

- A pessoa não consegue mais se lembrar de quem é depois de algum tempo. E

começa a achar que não vale a pena

viver. Eu tinha esperança de morrer durante

o sono... Quando me soltaram, foi como se eu estivesse renascendo, tudo voltou como uma

avalanche, foi a melhor sensação do mundo. E vejam bem, os dementadores não

gostaram nada de me deixar sair.

- Mas você era inocente! - exclamou Hermione.

Hagrid riu pelo nariz.

- Você acha que eles se importam com isso? Que nada. Desde que tenham umas

centenas de seres humanos trancafiados com eles, para poder sugar toda

a felicidade deles, não estão nem aí se

alguém é ou não é culpado.

Hagrid ficou calado por um instante, olhando para o chá.

Depois disse em voz baixa:

- Pensei em deixar Bicuço ir embora... tentar fazê-lo fugir.. mas como é que a

gente explica para um hipogrifo que ele tem que se esconder? E... e

tenho medo de desrespeitar a lei... - Ele ergueu os olhos para os garotos, as lágrimas outra

vez escorrendo pelo rosto. - Não quero nunca mais na vida voltar para

Azkaban.

A ida à cabana de Hagrid, embora não tivesse sido divertida, em todo o caso, produzira o

efeito que Rony e Hermione esperavam. Ainda que Harry não tivesse de modo

algum esquecido Black, não iria poder ficar pensando o tempo todo em vingança se

quisesse ajudar Hagrid a vencer a causa contra a Comissão para Eliminação de Criaturas

Perigosas. Ele, Rony e Hermione foram, no dia seguinte, à biblioteca, e voltaram ao vazio

salão

comunal, carregados de livros que poderiam ajudar a preparar a defesa

para o Bicuço. Os três se sentaram diante do fogo forte que havia na lareira e folhearam

lentamente as páginas de livros empoeirados sobre casos famosos de feras

que saíram para roubar ou atacar gente, falando-se, ocasionalmente, quando deparavam

com alguma coisa que servisse.

- Aqui tem uma coisa... houve um caso em 1722... mas o hipogrifo foi condenado,

eca, olhem

só o que fizeram com ele, que coisa horrível...

- Esse aqui pode ajudar, olhem... um manticora atacou alguém ferozmente em

1296, e deixaram o bicho

livre... ah... não, foi

só

porque todos estavam com medo de se aproximar dele...

Nesse meio tempo, tinham sido armadas no resto do castelo as magníficas decorações

de Natal, apesar de poucos alunos terem permanecido na escola para apreciá-las.

Grossas serpentinas de folhas e frutos de azevinho foram penduradas pelos corredores,

luzes misteriosas brilhavam dentro de cada armadura, e o Salão Principal tinha

as doze árvores de Natal de sempre, fulgurantes de estrelas douradas. Um cheiro forte e

gostoso de comida invadia os corredores e, na altura da noite de Natal, estava

tão forte que até Perebas, no bolso de Rony, botou o nariz de fora para cheirar, esperançoso,

o ar.

Na manhã de Natal, Harry foi acordado com Rony atirando

#182#

um travesseiro nele.

- Os Presentes!

Harry apanhou os óculos e colocou-os no rosto, tentando

enxergar, na penumbra, os pés da cama, onde aparecera um montinho de pacotes. Rony já

estava rasgando o papel que embrulhava os dele.

- Mais uma suéter de mamãe... outra vez marrom-avermelhada... veja se você

também ganhou uma.

Harry ganhara. A Sra. Weasley lhe mandara uma suéter vermelha com o leão da

Grifinória no peito, uma dúzia de torras de frutas secas e nozes, um bolo de

Natal e uma caixa com crocantes de nozes. Quando empurrou tudo isso para um lado, ele

viu um pacote fino e longo por baixo.

- Que é isso? - perguntou Rony, espiando, enquanto segurava nas mãos um par de

meias marrom-avermelhadas que acabara de

abrir.

- Não sei...

1-Iarry rasgou o pacote e prendeu a respiração ao ver a magnífica e reluzente vassoura

que rolara sobre sua cama. Rony largou as

meias e pulou da cama dele para olhar mais de perto.

- Eu não acredito - disse com a voz rouca.

Era uma firebolt, idêntica à vassoura de sonho que Harry

- tinha ido ver todas as manhãs no Beco Diagonal. O cabo brilhou

- quando ele a ergueu. Sentiu a vassoura vibrar e a soltou; ela ficou flutuando no ar,

sem apoio, na altura exata para ele montá-la.

Os olhos de Harry correram da placa de ouro com o número

do registro para a superfície do cabo, dali para as lascas de bétula

perfeitamente lisas e aerodinâmicas que formavam a cauda.

- Quem lhe mandou essa vassoura? - perguntou Rony em voz baixa.

- Procure aí o cartão - disse Harry.

Rony rasgou o resto do papel de embrulho da Firebolt.

- Nada! Caramba, quem gastaria tanto dinheiro com você?

- Bem - disse Harry atordoado -, aposto que não foram os Dursley.

- Aposto que foi Dumbledore - disse Rony, agora rodeando a Firebolt, apreciando

cada centímetro de sua glória. - Ele lhe mandou a Capa da Invisibilidade

anonimamente...

- Mas era do meu pai - respondeu Harry. - Dumbledore só

estava passando a capa para mim. Ele não gastaria centenas de

galeões comigo. Não pode sair dando coisas assim para alunos...

- Por isso mesmo é que não ia dizer que foi ele! - concluiu

Rony. - Para um debilóide feito o Malfoy não dizer que é favoritismo. Ei, Harry... - Rony

deu uma grande gargalhada. - Malfoy! Espera até ele ver você montado nisso!

Vai ficar doente de inveja! É uma vassoura de padrão internacional,

ah, isso é!

- Não consigo acreditar - murmurou Harry, alisando a Fireboir, enquanto Rony

afundava na cama dele, rindo de se acabar só

de pensar no Malfoy. - Quem...?

- Eu sei - disse Rony se controlando. - Eu sei quem poderia ter sido.., o Lupin.

- Quê? - disse Harry, agora começando a rir também. - Lupin? Olha, se ele tivesse

tanto ouro assim, poderia comprar umas vestes

novas.

- É, mas ele gosta de você. E estava ausente quando a sua

Nimbus se arrebentou, e talvez tenha ouvido falar do acidente e resolvido visitar o Beco

Diagonal e comprar a vassoura para voce...

- Que é que você quer dizer com estava ausente"? - perguntou Harry. - Ele estava

doente quando eu joguei aquela partida.

- Bem, ele não estava na ala hospitalar - disse Rony. - Eu estava lá limpando

comadres, cumprindo aquela detenção que o Snape

me deu, se lembra?

Harry franziu a testa para Rony.

- Não posso imaginar Lupin comprando um presente desses.

- Do que é que vocês estão rindo?

Hermione acabara de entrar, vestindo um robe e segurando Bichento, que estava com a

cara de extremo mau humor e um fio de

lantejoulas em volta do pescoço.

- Não entra aqui com ele! - disse Rony, apanhando Perebas depressa das

profundezas de

sua cama e guardando-o no bolso do pijama. Mas Hermione não

ouviu. Largou Bichento na cama vazia de Símas e grudou os olhos, boquiaberta, na

Firebolt.

- Ah, Harry! Quem lhe mandou isso?

- Não tenho a menor idéia. Não tinha cartão nem nada.

Para sua surpresa, Hermione não pareceu nem excitada nem intrigada com a

informação. Pelo contrário, ficou desapontada e

mordeu o lábio.

- Que é que você tem? - perguntou Rony.

- Não sei - respondeu Hermione lentamente -, mas é meio

esquisito, não é? Quero dizer, essa é uma vassoura muito boa, não é?

Rony suspirou, exasperado.

184#

- É a melhor vassoura que existe no mundo, Hermione.

- Então deve ter sido realmente cara...

- Provavelmente custou mais do que todas as vassouras da Sonserina, juntas -

disse Rony alegremente.

- Bem... quem iria mandar a Harry uma coisa tão cara e nem ao menos dizer que

mandou? - perguntou Hermione.

- Quem quer saber disso? - retrucou Rony, impaciente. - Escuta aqui, Harry, posso

dar uma voltinha? Posso?

- Acho que ninguém devia montar essa vassoura por enquanto! - disse Hermione

com a voz esganiçada.

Harry e Rony encararam a garota.

- Que é que você acha que Harry vai fazer com ela... varrer o chão?

Mas antes que Hermione pudesse responder, Bichento saltou

da cama de Simas direto para o peito de Rony.

- TIRE-O-DAQUI! - berrou Rony, ao mesmo tempo em que as garras de Bichento

rasgaram seu pijama e Perebas tentou uma

fuga desesperada por cima do seu

ombro. Rony agarrou Perebas pelo rabo e mirou em Bichento um

pontapé mal calculado

que acabou acertando o malão aos pés da cama de Harry, derrubou-o, e fez Rony

pular pelo quarto uivando de dor.

O pêlo de Bichento de repente ficou em pé. Um assobio alto e fino começou a

invadir o quarto. O bisbilhoscópio de bolso saltara de dentro das meias

velhas do tio Válrer e saíra rodopiando e cintilando pelo chão.

- Eu tinha me esquecido dele! - exclamou Harry, que se abaixou e recolheu o

bisbilhoscópio. - Nunca uso estas meias se posso

evitar...

O pequeno pião girava e assobiava na palma da mão do garoto. Bichento sibilava

e bufava para

ele.

- É melhor você levar esse gato daqui, Hermione - disse Rony furioso, sentando-se

na cama de Harry e massageando o dedão do pé. - Será que dá para

você guardar essa coisa? - acrescentou ele para Harry quando

Hermione ia se retirando do

quarto. Os olhos amarelos de Bichento continuavam fixos nele, cheios de

malícia.

Harry tornou a enfiar o bisbilhoscópio nas meias e atirou-o de

volta ao malão. Tudo que se ouvia agora eram os gemidos de dor e

#185#

raiva que Rony abafava. Perebas estava aninhado nas mãos do

dono. Já fazia tempo que Harry o vira fora do bolso do amigo e

teve a desagradável surpresa de observar que Perebas, antigamente tão gordo, estava agora

magérrimo; e também tinha perdido

pêlos em alguns pontos do corpo.

- Ele não está com uma aparência muito boa, não é? -

comentou Harry.

- É estresse! - respondeu Rony". - Ele até estaria bem se aquela bola idiota de

pêlos o deixasse em paz.

Mas Harry, se lembrando que a mulher na loja de Animais Mágicos dissera que os

ratos só viviam três anos, não pôde deixar de sentir que, a não ser que Perebas

tivesse poderes jamais revelados, ele estava chegando ao fim da vida. E, apesar das queixas

frequentes do amigo de que o rato estava chato e inútil, ele tinha certeza

de que Rony ficaria muito infeliz se o bicho morresse.

O espírito de Natal estava decididamente em baixa no salão comunal

da Grifinória

àquela manhã. Hermione prendera

Bichento no dormitório das meninas,

mas estava furiosa com Rony por ter tentado chutá-lo; Rony continuava fumegando de

raiva com a nova tentativa que o gato fizera de comer seu rato. Harry desistiu

de tentar fazer os dois se falarem e se ocupou em examinar a Firebolt, que trouxera com ele

para a sala. Por alguma razão isto pareceu aborrecer Hermione também;

ela não fez comentário algum, mas não parava de lançar olhares carrancudos à vassoura,

como se esta também tivesse criticado Bichento.

À hora do almoço eles desceram para o Salão Principal e descobriram que as mesas

das casas tinham sido encostadas nas paredes outra vez e que uma única mesa

fora posta para doze pessoas no meio do salão. Os professores Dumbledore, Minerva

MeGonagali, Snape, Sprout e Flitwick estavam sentados à mesa, bem como Filch, o

zelador, que tirara o avental marrom de uso diário e estava enfatiotado com uma casaca

muito velha de aspecto mofado. Havia apenas mais três alunos, dois novatos

extremamente nervosos e um garoto mal-humorado da Sonserina.

- Feliz Natal! - desejou Dumbledore quando Harry, Rony e Hermione

se

aproximaram da mesa. - Como éramos tão poucos, me

pareceu uma tolice usar as mesas das casas... Sentem-se, sentem-se!

Harry, Rony e Hermione se sentaram lado a lado na ponta da

mesa.

- Balas de estalo! -disse Dumbledore entusiasmado, oferecendo a ponta de um

tubo prateado a Snape, que o pegou com relutância e

puxou. Com um estampido, a bala se rompeu e surgiu um grande chapéu cônico de bruxo

encimado por um urubu empalhado.

Harry, lembrando-se do bicho-papão, procurou os olhos de Rony e os dois sorriram; a

boca de Snape se comprimiu e ele empurrou o chapéu para Dumbledore, que

o trocou pelo próprio chapéu de bruxo na mesma hora.

- Podem avançar! - convidou ele aos presentes, sorrindo para todos.

Quando Harry estava se servindo de batatas assadas, as portas do salão se abriram. Era

a Profa Sibila Trelawney, deslizando em direção à mesa como se andasse

sobre rodas. Tinha posto um vestido verde de pactês em homenagem à ocasião, o que a

fazia parecer mais que nunca uma libélula enorme e cintilante.

- Sibila, mas que surpresa agradável! - saudou-a Dumbledore, levantando-se.

- Estive consultando a minha bola de cristal, diretor - disse a professora com a voz

mais etérea e distante do mundo -, e para meu espanto, me vi

abandonando o meu almoço solitário para vir me reunir a vocês. Quem sou eu para recusar

uma inspiração do destino? Na mesma hora me apressei a deixar minha torre

e peço que me perdoem o atraso...

- É claro - disse Dumbledore com os olhos cintilantes. Deixe-me apanhar uma

cadeira para voce...

E, dizendo isso, usou a varinha para trazer, pelo ar, uma cadeira que girou alguns

segundos e pousou com um baqtíe entre os professores Snape e Minerva.

A Profa. Sibila, porém, não se sentou; seus enormes olhos começaram a passear pela mesa

e ela subitamente deixou escapar um gritinho.

- Não me atrevo, diretor! Se eu me sentar, seremos treze! Nada poderia ser mais

azarado! Não vamos esquecer que quando treze

comem juntos, o primeiro a se levantar será o primeiro a morrer!

- Vamos correr o risco, Sibila - disse a Profa Minerva, impaciente. - Por favor,

sente, o peru está esfriando.

Sibila hesitou, depois se acomodou na cadeira vazia, os olhos fechados e a boca

contraída, como se estivesse à espera de um raio atingir a mesa. Minerva

enfiou uma grande colher na terrina mais próxima.

- Tripas, Sibila?

A professora fingiu não ouvir. Reabriu os olhos, correu-os ao redor da mesa, mais uma

vez, e perguntou:

- Mas onde está o nosso caro Prof. Lupin?

- Receio que o coitado esteja doente outra vez - disse Dumbledore, fazendo um

gesto para que todos começassem a se

servir. - Pouca sorte que isso fosse acontecer no dia de Natal.

- Mas com certeza você já sabia disso, não, Sibila? - disse a Prof" Minerva com as

sobrancelhas erguidas.

Sibila lançou a Minerva um olhar gelado.

- Claro que sabia, Minerva - disse com a voz controlada. - Mas a pessoa não deve

fazer alarde de tudo que sabe. Muitas vezes finjo

que não possuo Visão Interior para não deixar os outros nervosos.

- Isto explica muita coisa - disse a outra com azedume.

A voz da Profa Sibila subiramente se tornou bem menos etérea.

- Se você quer saber, Minerva, vi que o coitado do Prof. Lupin não vai estar

conosco por muito tempo. E ele

próprio parece saber que seu tempo é curto.

Decididamente fugiu quando eu me ofereci para consultar a bola de cristal para ele...

- Imagine só - comentou Minerva secamente.

- Tenho minhas dúvidas - disse Dumbledore, com a voz alegre, mas ligeiramente

mais alta, o que pôs um ponto final na conversa das duas - de que o

Prof. Lupin corra algum perigo iminente. Severo, você preparou a poção para ele outra vez?

- Preparei, diretor - respondeu Snape.

- Ótimo. Então logo ele deverá estar de pé... Derek, você já se serviu dessas

salsichas apimentadas? Estão excelentes.

O garoto do primeiro ano ficou vermelhíssimo quando Dumbledore se dirigiu a

ele, e apanhou a travessa de salsichas com as

mãos trêmulas.

A Profa Sibila se comportou quase normalmente até o finzinho do almoço de Natal,

duas horas depois. Empapuçados com a comida e ainda usando os chapéus da

festa, Harry e Rony se levantaram primeiro da mesa e ela deu um grito agudo.

- Meus queridos! Qual dos dois se levantou da cadeira primeiro? Qual?

- Não sei - respondeu Rony olhando preocupado para Harry.

- Duvido que vá fazer muita diferença - disse a Profa. Minerva

com frieza-, a não ser que o tarado da machadinha esteja esperando aí fora para matar o

primeiro que sair para o saguao.

Até Rony riu. Sibila pareceu muitíssimo ofendida.

- Vem com a gente? - perguntou Harry a Hermione.

- Não - respondeu a garota. - Quero falar uma coisa com a Profa McGonagall.

- Provavelmente vai tentar ver se pode assistir a mais aulas - bocejou Rony

quando se encaminhavam para o saguão de entrada,

onde não encontraram nenhum louco da machadinha.

Quando chegaram ao buraco do retrato, encontraram Sir Cadogan desfrutando um

almoço de Natal com dois frades, vários ex-diretores de Hogwarts e seu gordo

pónei. O cavaleiro levantou a viseira e brindou aos dois garotos com uma jarra de quenrão.

- Feliz... hic... Natal! Senha!

- Cão desprezível - disse Rony.

E o mesmo para o senhor, meu senhor! - berrou Sir Cadogan

quando o quadro se afastou para admitir os garotos.

Harry foi diretamente ao dormitório, apanhou a Firebolt e o Estojo para Manutenção

de Vassouras que Hermione lhe dera de presente de aniversário, levou-os

para baixo e tentou encontrar o que fazer com a vassoura; mas não havia lascas levantadas

para aparar e o cabo ainda estava tão reluzente que não tinha sentido lhe

dar polimento. Ele e Rony ficaram ali admirando a vassoura de todos os ângulos até que o

buraco do retrato se abriu e Hermione entrou, acompanhada da Profa Minerva.

Embora Minerva McGonagall Fosse diretora da Grifinoria, Harry só a vira antes na

sala comunal uma vez, e para dar um aviso muito sério. Ele e Rony a olharam,

os dois segurando a Firebolt. Hermione contornou o lugar em que eles estavam, se sentou,

apanhou o livro mais próximo e escondeu o rosto nele.

- Então é isso? - perguntou a professora com o seu olhar penetrante, aproximandose

da lareira para examinar a Firebolt. - A Sua. Granger acabou de

me informar que alguém lhe mandou uma vassoura, Porter.

Harry e Rony se viraram para olhar Hermione. Surpreenderam

sua testa corando por cima do livro, que ela segurava de cabeça

para baixo.

- Posso? - perguntou McGonagall, mas não esperou resposta

para tirar a vassoura das mãos dos garotos. Examinou-a atentamente,

#189#

do cabo às lascas. - Hum. £ não havia nenhum bilhete, nenhum cartão, Potter? Nenhuma mensagem

de nenhum tipo?

- Não - disse Harry sem compreender

- Entendo... Bem, receio que tenha de levar a vassoura, Potter.

- Q... quê? - exclamou Harry, ficando em pé. - Por quê?

- Teremos que verificar se não está enfeitiçada. Naturalmente eu não sou

especialista nesse assunto, mas imagino que Madame

Hooch e o Prol. Flitwick possam desmontá-la...

- Desmontá-la? - repetiu Rony, como se a professora fosse maluca.

- Não deve levar mais do que umas semanas. Você a receberá de volta se tivermos

certeza de que está limpa.

A vassoura não tem nada errado! - exclamou Harry, a voz ligeiramente

trêmula. -

Francamente, professora..

- Você não pode saber, Potter - disse a professora com bondade -, pelo menos até

ter voado nela, e receio que isto esteja fora de questão até nos

certificarmos de que ninguém a alterou. Eu o manterei informado.

A Profk McGonagall deu meia-volta levando a Firebolt, e atravessou o buraco do

retrato, que se Fechou em seguida. Harry ficou observando a professora partir,

a latinha de cera de polimento ainda na mão. Rony, porém, se voltou contra Hermione.

- Para que você foi correndo contar à Profa. Minerva?

Hermione largou o livro de lado. Seu rosto continuava vermelho,

mas ela se levantou e enfrentou Rony, desafiando-o.

- Porque achei, e a Profa. McGonagall concorda comigo,

que provavelmente a vassoura foi mandada a Harry por Sirius Black!

#190#

- CAPÍTULO DOZE

O Patrono

Harry sabia que Hermione tivera boa intenção, mas isso não o impedia de estar aborrecido

com a amiga. Ele fora dono da melhor vassoura do mundo por breves horas

e agora, por interferência dela, não sabia se iria rever a vassoura. Harry tinha certeza de

que, no momento, não havia problema algum com a Firebolr, mas em que

estado ela ficaria depois de ser submetida a todo tipo de teste antifeitiço?

Rony também estava furioso com Hermione. Na sua opinião, desmontar uma Firebolt

nova em folha era nada menos que um ato criminoso. Hermione, que continuava

convicta de que agira visando ao bem do amigo, começou a evitar a sala comunal. Os dois

garotos supunham que ela se refugiara na bibfloteca e não tentaram persuadi-la

a voltar. Em tudo por tudo, eles ficaram felizes quando o restante da escola voltou, pouco

depois do Ano-Novo, e a Torre da

Grifinória novamente se encheu de gente

e ruidos.

Olivio procurou Harry na véspera do novo trimestre começar.

- Teve um bom Natal? - perguntou ele e, em seguida, sem esperar resposta, se

sentou, baixou a voz e disse: - Andei pensando durante o Natal, Harry.

Depois da última partida, entende. Se os dementadores forem ao

próximo... quero dizer..

não podemos nos dar ao luxo de

você... bem...

Olívio parou, parecendo constrangido.

- Já estou cuidando disso - falou Harry depressa. - O Prof.

Lupin prometeu que me ensinaria a afastar os dementadores.

Devemos começar esta semana. E falou que teria tempo depois do

Natal.

- Ah - respondeu Olívio, o rosto se desanuviando. - Bem,

nesse caso... eu nao queria realmente perder você como apanhador,

#191#

Harry Já encomendou uma vassoura nova?

-Não.

- Quê! É melhor você se mexer, sabe, não vai poder montar aquela Shooting Star

contra o time da Corvinal!

- Ele ganhou uma Firebolt de Natal - disse Rony.

- Uma firebolt? Não! Sério? Uma Firehclt.. de verdade?

- Não precisa se excitar, Olivio - disse Harry deprimido. - Não está mais comigo.

Foi confiscada. - E explicou tudo sobre a Firebolt

e como estava sendo verificada para saber se fora enfeitiçada.

- Enfeitiçada? Como poderia ter sido enfeitiçada?

- Sirius Black - disse Harry, cansado. - Dizem que ele está querendo me pegar.

Então McGonagall caiculou que poderia ter

me mandado a vassoura.

Descartando a informação de que um assassino famoso estava

atrás do seu apanhador, Olívio disse:

- Mas Black não poderia ter comprado uma Firebolt! Ele está fugindo! O país

inteiro está

à procura dele! Como é que iria simplesmente entrar na Artigos

de Qualidade para Quadribol e comprar uma vassoura?

- Eu sei, mas ainda assim McGonagall quer desmontá-la...

Olívio empalideceu.

- Vou falar com ela, Harry - prometeu. - Vou chamá-la à razão... uma Firebolt...

uma autêntica Pirebolt, no nosso time... Ela quer que

Grifinória ganhe tanto quanto nós... Vou Fazê-la ver o absurdo. Uma

firebolt...

As aulas recomeçaram no dia seguinte. A última coisa que alguém ia querer fazer era passar

duas horas lá fora em

uma fria manhã de janeiro, mas Hagrid providenciara

uma fogueira cheia de salamandras para alegria dos alunos, que passaram uma aula

incomumente boa juntando madeira e folhas secas para manter o fogo alto enquanto os

bichinhos, que adoram chamas, subiam e desciam pelas toras embranquecidas de calor. A

primeira aula de Adivinhação

do novo trimestre foi bem menos divertida; a Profa

Sibila estava agora começando a ensinar quiromancia à turma e não perdeu

tenpo para informar Harry de que ele possuia a menor linha da vida que ela já vira.

Mas era à aula de Defesa contra as Artes das Trevas que ele estava

ansioso para chegar; depois da conversa com Olívio, queria

começar as aulas antidementadores o mais cedo possível.

192#

- Ah, é verdade - disse Lupin quando Harry o lembrou da promessa no final da

aula. - Vejamos... que tal às oito horas da noite na quinta? A sala de

aula de História da Magia deve ser suficientemente grande... Tenho que pensar muito como

vamos

fazer.

Não podemos trazer um dementador real ao castelo para praticar...

- Ele continua com cara de doente, não acha? - perguntou

Rony quando caminhavam pelo corredor para ir jantar. - Que é

que você acha que ele tem?

Ouviram um alto muxoxo de impaciência atrás deles. Era

Hermione que estivera sentada ao pé de uma armadura, rearrunando a mochila, tão cheia de

livros que não fechava.

- E por que é que você esta fazendo muxoxo para a gente? - perguntou Rony, irritado.

- Por nada - respondeu Herrnione em tom de superioridade, passando a mochila pelo

ombro.

- Nada, não - disse Rony. - Eu estava imaginando qual seria o

problema de Lupin, e você...

- Bem, será que não está óbvio? - disse a garota com um olhar de

superioridade de dar nos nervos.

- Se você não quer dizer, não diga - retrucou Rony com rispidez.

- Ótimo - disse Hermione, arrogante, e foi-se embora.

- Ela não sabe - disse Rony, olhando, rancoroso, para a garota

que se afastava. - Só está tentando fazer a gente voltar a falar com ela.

oito horas da noite de quinta-feira, Harry saiu da Torre da Grifinória

para a sala de História da Magia. Quando chegou, a sala estava escura e vazia, mas ele

acendeu as luzes com a varinha e já

estava esperando havia uns cinco minutos

quando o Prof. Lupin apareceu, trazendo uma grande caixa, que depositou em cima da

escrivaninha do Prof. Binns.

- Que é isso? - perguntou Harry.

- Outro bicho-papão - respondeu Lupin tirando a capa. - andei passando um pente fino

no castelo desde terça-feira e por

sorte encontrei este aqui escondido no arquivo do Sr. Filch. É o mais próximo que

chegaremos de um dementador de verdade, O bicho-papão se transformará em

um dementador quando o vir, então poderemos praticar. Posso guardá-lo na minha sala

quando

não estiver em uso; tem um armário embaixo da minha escrivaninha de que ele vai gostar.

- Tudo bem - disse Harry procurando falar como se não estivesse nada apreensivo,

mas apenas feliz por Lupin ter encontrado

um substituto tão bom para um dementador real.

- Então... - O Prof. Lupin apanhou a varinha e fez sinal para Harry imitá-lo. - O

feitiço que vou tentar lhe ensinar faz parte da magia muito avançada,

Harry, muito acima do Nível Normal de Bruxaria. É chamado o Feitiço do Patrono.

- O que é que ele faz? - perguntou Harry nervoso.

- Bem, quando funciona corretamente, ele conjura um Patrono, que é uma espécie

de antidementador, um guardião que age

como um escudo entre você e o dementador.

Harry teve uma súbita visão de si mesmo agachado atrás de um

vulto do tamanho de Hagrid segurando um enorme bastão. O

Prof. Lupin continuou:

- O Patrono é um tipo de energia positiva, uma projeção da própria coisa de que o

dementador se alimenta: esperança, felicidade, desejo de sobrevivência,

mas ele não consegue sentir desesperança, como um ser humano real, por isso o

dementador não pode afetá-lo. Mas preciso preveni-lo, Harry, de que o feitiço talvez

seja demasiado avançado para você. Muitos bruxos habilitados têm dificuldade de executálo.

- Que aspecto tem um Patrono? - perguntou Harry, curioso.

- Cada um é único para o bruxo que o conjura.

- E como se conjura?

- Com uma fórmula mágica, que só fará efeito se você estiver concentrado, com

todas as suas forças, em uma única lembrança

muito feliz.

Harry procurou em sua mente uma lembrança feliz. Com certeza, nada que tivesse lhe

acontecido na casa dos Dursley iria servir. Por fim, decidiu-se pelo momento

em que voou numa vassoura pela primeira vez.

- Certo - disse, procurando lembrar o mais exatamente possível da maravilhosa

sensação de

voar.

- A fórmula é a seguinte - Lupin pigarreou para limpar a garganta. -

Expecto pazronum!

- Expecto patronum - repetiu Harry em voz baixa -, expecto...

- Está se concentrando com todas as fokças em sua lembrança feliz?

- Ah... estou - respondeu Harry, forçando depressa seu pensamento a retornar

àquele primeiro vôo de vassoura. - Exp teto patrono,

não, patronum... desculpe... expectopatronum. expectopatronum...

- Alguma coisa se projetou subitamente da ponta de sua varinha; parecia um fiapo de

gás prateado.

- O senhor viu isso? - perguntou Harry, excitado. - Aconteceu uma coisa!

- Muito bem - aprovou Lupin sorrindo. - Certo, então, está pronto para

experimentar com um

dementador?

- Estou - disse o garoto, segurando sua varinha com firmeza e indo para o meio da

sala de aula deserta. Tentou manter o pensamento no vôo, mas alguma coisa

não parava de interferir... A qualquer segundo agora, poderia tornar a ouvir sua mãe... mas

ele não devia pensar nisso ou tornaria a ouvi-la, e ele não

queria...

ou sera que queria?

Lupin segurou a tampa da caixa e levantou-a.

Um dementador se ergueu lentamente da caixa, o rosto encapuzado virado para

Harry, uma mão luzidia, coberta de cascas de feridas, segurando a capa. As luzes

em volta da sala de aula piscaram e se apagaram. O dementador saiu da caixa e começou a

se deslocar silenciosamente em direção a Harry, respirando profundamente,

uma respiração vibrante. Uma onda de frio intensa o engolfou...

- Expecto pacronum! - berrou Harry. - Expecto patronum!

....

Mas a sala e o dementador foram se dissolvendo... Harry se viu caindo outra vez por

um denso nevoeiro branco, e a voz de sua mãe mais alta que nunca, ecoava

em sua cabeça... Harry não! Harry não! Por favor... farei qualquer coisa..."

"Afaste-se. Afaste-se, menina...

- Harry!

Harry de repente recuperou os sentidos. Estava deitado de costas no chão. As luzes da

sala tinham reacendido. Ele não precisou

perguntar o que acontecera.

- Desculpe - murmurou, se sentando e sentindo o suor frio

escorrer por dentro dos óculos.

#195#

- Você está bem? - perguntou Lupin.

- Estou... - Harry usou uma carteira para se levantar, apoiando-se nela.

- Tome aqui - Lupin lhe deu um sapo de chocolate. - Coma isso antes de

tentarmos outra vez. Eu não esperava que você conseguisse da primeira vez;

de fato, ficaria assombrado se tivesse conseguido.

- Está piorando - murmurou Harry, mordendo a cabeça do sapo. - Eu a ouvi mais

alto dessa

vez... e ele... Voldemort.

Lupin parecia mais pálido do que de costume.

- Harry, se você não quiser continuar, vou compreender muito bem...

- Eu quero! - exclamou Harry com vigor, enfiando o resto do sapo de chocolate na

boca. -Tenho que continuar! O que vai acontecer se os dementadores

aparecerem na partida contra Corvinal? Não posso me dar ao luxo de cair outra vez. Se

perdermos a partida, perderemos a Taça de Quadribol!

- Muito bem, então... - disse Lupin. - Talvez queira escolher outra lembrança, uma

lembrança feliz, quero dizer, para se concentrar... Essa primeira

parece que não foi bastante forte...

Harry fez um esforço mental e concluiu que sua emoção quando

Grifinória ganhara o Campeonato das Casas, no ano anterior, fora decididamente uma

lembrança

muito feliz. Segurou a varinha com força, outra vez, e tomou posição no meio da sala.

- Pronto? - perguntou Lupin segurando a tampa da caixa.

- Pronto - disse Harry, tentando por tudo encher a cabeça de pensamentos felizes

sobre a vitória de Grifinória, em lugar dos pensamentos sombrios

sobre o que ia acontecer quando a caixa se abrisse.

- Já! - disse Lupin destampando a caixa. A sala ficou gelada e escura mais uma

vez. O dementador avançou deslizando,

inspirando com força; a mão podre estendida para Harry...

- Expectopatronum!-berrou Harry. - Expectopatronum" Expectopat...

Um nevoeiro branco obscureceu seus sentidos... vultos grandes

e difusos moveram-se à sua volta... então ele ouviu uma nova voz,

uma voz de homem, gritando em pânico...

196#

"Lílian, leve Harry e vá! É ele! Vá! Corra! Eu o atraso..."

Os ruidos de alguém saindo aos tropeços de uma sala... uma porta

se escancarando - uma gargalhada aguda...

- Harry! Harry. acorde...

Lupin dava tapinhas em seu rosto. Desta vez levou um minuto

até Harry entender por que estava deitado no chão empoeirado de

uma sala de aula.

- Ouvi meu pai - murmurou Harry - É a primeira vez que o ouço, ele tentou

enfrentar Voldemort sozinho, para dar à minha

mãe tempo de fugir...

O garoto de repente percebeu que havia em seu rosto lágrimas misturadas ao suor.

Abaixou a cabeça o mais que pôde e enxugou as lágrimas nas vestes,

fingindo estar amarrando um sapato, para Lupin não ver.

- Você ouviu Tiago? - disse Lupin numa voz estranha.

- Ouvi... - O rosto seco, Harry ergueu a cabeça. - Por quê... o senhor conheceu

meu pai?

- Eu... para falar a verdade, conheci. Fomos amigos em Hogwarts. Escute, Harry...

talvez devêssemos parar por hoje. Este feitiço é absurdamente

avançado...

eu não devia ter sugerido que você se submetesse a essa...

- Não! - disse Harry E tornou a se levantar. - Vou tentar mais uma vez! Não estou

pensando em lembranças muito felizes, é só

isso... Espere aí...

O garoto puxou pela memória. Uma lembrança realmente, mas realmente,

feliz... uma que ele pudesse transformar em um

Patrono válido e forte...

O momento em que ele descobrira que era bruxo e ia deixar a casa dos Dursley

para frequentar Hogwarrs! Se isso não fosse uma lembrança feliz, ele

não sabia qual seria... Concentrando-se com todas as forças no que sentira quando

compreendeu que ia deixar a rua dos Alfeneiros, Harry se levantou e ficou de frente

para a caixa mais uma vez.

- Pronto? - perguntou Lupin, que parecia fazer isso contrariando o seu bom senso.

- Concentrou-se com firmeza? Muito

bem... já!

Ele tirou a tampa da caixa pela terceira vez, e o dementador se

levantou; a sala esfriou e escureceu.

- EXPECTO PATRONUM! - berrou Harry. - EXPECTO

PATRONUM! EXPECTO PATRONUM!

#197#

A gritaria dentro da cabeça de Harry recomeçara - exceto que

desta vez, parecia vir de um rádio mal sintonizado - fraca e forte e

fraca outra vez... ele continuava a ver o dementador - que parara - então, um enorme vulto

prateado irrompeu da ponta de sua varinha e ficou pairando entre ele e

o dementador, e, embora suas pernas tivessem perdido as forças, Harry continuava de pé -

por quanto tempo ele não tinha muita certeza...

- Riddikulus."-bradou Lupin saltando à frente.

Ouviu-se um estalo muito alto e o diáfano Patrono desapareceu juntamente com o

dementador; o garoto afundou em uma cadeira, sentindo a exaustão de quem correra

mais de um quilômetro, e as pernas trêmulas. Pelo canto do olho, viu o

Prof. Lupin enfiar, à força, o bicho-papão na caixa, com a varinha; ele se transformou mais

uma vez em uma bola prateada.

- Excelente! - exclamou Lupin, aproximando-se do garoto. - Excelente, Harry!

Decididamente foi um começo!

- Podemos tentar mais uma vez? Só mais umazinha?

- Agora, não - disse Lupin com firmeza. - Você já fez o bastante por uma noite.

Tome...

E deu a Harry uma enorme barra do melhor chocolate da Dedosdemel.

- Coma bastante ou Madame Pomfrey vai querer me matar. À mesma hora na semana

que vem?

- OK - concordou Harry. Ele deu uma dentada no chocolate enquanto observava Lupin

apagar as luzes que tinham reacendido com o desaparecimento do dementador.

Acabava de lhe ocorrer um pensamento.

- Prof. Lupin, se o senhor conheceu meu pai, então deve ter conhecido Sirius Black,

também.

Lupin se virou na mesma hora.

- Que foi que lhe deu essa idéia? - perguntou ele com rispidez.

- Nada... quero dizer, eu soube que eles também eram amigos em Hogwarts...

O rosto de Lupin se descontraiu.

- É, eu o conheci - disse brevemente. - Ou pensei que o conhecia. É

melhor você ir

andando, Harry, está ficando tarde.

O garoto saiu da sala, andou um pouco pelo corredor, dobrou

um canto, depois se desviou para trás de uma armadura e se sentou

em sua base para terminar o chocolate, desejando que não tivesse

mencionado Black, pois Lupin obviamente não gostava de tocar

nesse assunto. Então os pensamentos de Harry foram vagando aos poucos para sua mãe e

seu pai.

Ele se sentiu esgotado e estranhamente vazio, ainda que estivesse empanturrado de

chocolate. Por mais horrível que fosse ouvir os últimos momentos de seus

pais repassarem por sua cabeça, eles tinham sido os únicos em que Harry ouvira as vozes

dos dois desde que era pequeno. Mas ele não seria capaz de produzir um Patrono

adequado se ficasse desejando ouvir os pais novamente...

- Eles estão mortos - disse a si mesmo com severidade. - Estão mortos e ficar ouvindo

seus ecos não vai trazê-los de volta. É melhor você se controlar se

quiser aquela Taça de Quadribol.

Ele se levantou, atochou o último pedaço de chocolate na boca

e rumou para a Torre da Grifinória.

Corvinal jogou contra Sonserína uma semana depois do inicio do

semestre. Sonserina ganhou, mas foi uma vitória apertada. Segundo

Olívio, isto era uma boa notícia para Grifinória, que tiraria o segun-do lugar se também batesse Corvinal. Portanto, o capitão aumentou

o número de treinos para cinco por semana. Isto significou que com

as aulas antidementadores de Lupin, que em si eram mais exaustivas

que os treinos de quadribol, só sobrara a Harry uma

noite por semana para fazer todos os deveres de casa. Ainda assim, ele não estava

aparentando tanto desgaste quanto Hermione, cuja imensa carga de

trabalho parecia estar finalmente cansando-a. Todas as noites, sem

falta, Hermione era vista a um canto da sala comunal, várias mesas

cheias de livros, tabelas de Arirmancia, dicionários de runas,

diagramas de trouxas levantando grandes objetos e ainda fichários e mais

fichários de extensas anotações; ela pouco falava com os colegas e

respondia mal quando era interrompida.

- Como é que ela está fazendo isso? - murmurou Rony para

Harry certa noite, quando este se sentara para preparar uma

redaçáo difícil sobre venenos indetectáveis pedida por Snape. Harry

ergueu a cabeça. Mal conseguiu divisar Hermione por trás da pilha

instável de livros.

- Isso o quê?

- Assistindo a-todas as aulas! - disse Rony. - Ouvi Mione

conversando com a Profa Vector, aquela bruxa da Aritmancia, hoje de

manhã. Estavam discutindo a aula de ontem, mas Mione não

#199#

podia ter estado lá, porque estava conosco na de Trato das Criaturas Mágicas! E Ernesto

McMillan me disse que ela nunca faltou a nenhuma aula de Estudos dos Trouxas,

mas metade das aulas são no mesmo horário de Adivinhação, e ela também nunca faltou a

nenhuma lá!

Harry não tinha tempo, naquele momento, para desvendar o misterio dos horários

impossíveis de Hermione; ele realmente precisava terminar o trabalho para

Snape. Dois segundos depois, no entanto, foi novamente interrompido, desta vez por

Olívio.

- Más notícias Harry. Acabei de ir falar com a Profa McGonagall sobre a Firebolt.

Ela... hum... foi um pouco grossa comigo. Me disse que as minhas prioridades

estavam trocadas. Parece que entendeu que eu estava mais preocupado em ganhar a Taça

do que com as suas chances de sobrevivência. Só porque eu disse que não me Importava

se a vassoura o derrubasse, desde que você apanhasse o pomo primeiro. - Olívio sacudiu a

cabeça, incrédulo. - Francamente, o jeito como ela

gritou comigo dava até para pensar que eu tinha dito alguma coisa horrível.. Então

perguntei quanto

tempo mais ela ia ficar com a vassoura... - Olívio amarrou a cara e imitou a voz

severa da professora: "-o tempo que for preciso, Wood"... Acho que está na hora de você

encomendar uma vassoura nova, Harry. Tem um formulário de pedido no final

do

Qual... Vassoura... você podia comprar uma Nimbus 2001, como a do

Malfoy.

- Não vou comprar nada que Malfoy ache bom - disse Harry em tom definitivo.

Janeiro transitou para fevereiro imperceptivelmente, sem alteração no frio extremo que

fazia. A partida contra Corvínal estava cada dia mais próxima, mas Harry ainda

não encomendara a vassoura nova. Ele agora pedia à Profa.

MeGonagall notícias da

Fiteboat depois da aula de Transformação. Rony, parava, cheio de esperança, ao lado

dele, Hermione passava depressa com o rosto virado.

- Não, Potter, ainda não posso devolvê-la - disse a professora na

décima segunda vez que isto aconteceu, antes mesmo que que

ele abrisse a boca para perguntar. - Já a verificamos com relação

à maioria dos feitiços comuns, mas o Prof. Flitwíck acredita que

a vassoura possa estar carregando um Feitiço de Velocidade. Eu o

informarei quando tivermos terminado a verificação. Agora, por favor, pare de me

pressionar.

Para piorar as coisas, as aulas antidenientadores não estavam correndo tão bem quanto

Harry esperara. Em várias sessões ele fora capaz de produzir um vulto

indistinto e prateado, todas as vezes que o dementador se aproximara dele, mas era um

Patrono demasiado fraco para afugentar o dementador. A única coisa que fazia

era pairar no ar, como uma nuvem semitransparente, e esgotar a energia de Harry enquanto

o garoto lutava para mantê-lo presente. Harry sentiu raiva de si mesmo,

e culpa pelo desejo secreto de ouvir mais uma vez as vozes dos pais.

- Você está esperando demais de si mesmo - disse o

Proff. Lupin com severidade, na quarta semana de treino. - Para um bruxo de treze anos, até

mesmo

um Patrono pouco nítido é um grande feito. Você não está desmaiando mais, não é?

- Eu pensei que um Patrono... transformasse os dementadores em alguma coisa -

disse Harry desanimado. - Fizesse-os desaparecer...

- O verdadeiro Patrono de fato faz isso. Mas você já conseguiu muito em

pouquíssimo tempo. Se os dementadores aparecerem na sua

próxima partida de quadribol, você poderá mantê-los à distân-em tempo suficiente para

voltar ao chão.

- O senhor disse que é mais difícil quando há um monte deles.

- Tenho total confiança em você - respondeu Lupin sorrindo.

- Tome... você mereceu uma bebida, uma coisa do Três Vassouras. Você não deve ter

provado antes...

O professor tirou duas garrafinhas da maleta.

- Cerveja amanteigada! - exclamou Harry sem pensar. - Ah, eu gosto disso!

Lupin ergueu uma sobrancelha.

- Ah... Rony e Hermione trouxeram para mim de Hogsmeade

- mentiu Harry depressa.

- Entendo - disse Lupin, embora continuasse a parecer ligeiramente desconfiado. -

Bem.., vamos brindar à vitória de Grifinória sobre Corvinal! Não

que, como professor, eu deva tomar partido...

- acrescentou ele depressa.

Os dois beberam a cerveja amanteigada em silêncio, até que

Harry disse uma coisa que o estava deixando intrigado havia algum

tempo.

- Que é que tem por baixo do capuz do dementador?

O professor baixou a garrafinha pensativo.

- Hummm... bem, as únicas pessoas que realmente sabem não estão em condições

de nos responder. Veja, o dementador tira o

capuz somente para usar sua última arma, a pior.

- Que é qual?

- O beijo do dementador - disse Lupin com um sorriso enviesado. - É o que dão

naqueles que eles querem destruir completamente. Suponho que devam ter

algum tipo de boca sob o capuz, porque ferram as mandíbulas na boca da

vítima... e sugam sua alma.

Harry, sem querer, cuspiu um pouco de cerveja amanteigada.

- Quê... eles matam...?

- Ah, não - disse Lupin. - Fazem muito pior. A pessoa pode viver sem alma, sabe,

desde que o cérebro e o coração continuem a trabalhar. Mas perde

a consciência do eu, a memória... tudo. Não tem chance alguma de se recuperar. Apenas...

existe. Como uma concha vazia. E a alma fica para sempre... perdida.

Lup in bebeu mais um pouco da cerveja, depois continuou:

-. Éo destino que espera Sirius Black. Li no Profeta Diário hoje de manhã, O ministro

deu aos dementadores permissão para fazerem isso se o encontrarem.

Harry ficou confuso por um instante com a idéia de alguém ter

a alma sugada pela boca. Mas depois pensou em Black.

- Ele merece - disse de repente.

- Você acha? - perguntou Lupin sem pensar muito. - Você acha mesmo que

alguém merece isso?

- Acho - disse Harry resistindo. - Por... causa de umas coisas...

Ele gostaria de ter contado a Lupin a conversa que ouvira no Três Vassouras a respeito

de Black ter traido seus pais, mas isto teria implicado em revelar

que fora a Hogsmeade sem autorização, e ele sabia que o professor não ia gostar nem um

pouco disso. Então, terminou a cerveja amanteigada, agradeceu a Lupin e deixou

a sala de História da Magia.

Harry gostaria de não ter perguntado o que havia por baixo do

capuz de um dementador, a resposta fora horrível, e ele ficou tão

perdido em considerações sobre o que seria ter a alma sugada que

#202#

deu um encontrão na Proffa. Minerva no meio da escada.

- Preste atenção por onde anda, Potter!

- Desculpe, professora...

- Estive agorinha mesmo procurando você na sala comunal da Grifinória. Bem,

tome aqui, fizemos tudo que pudemos imaginar, e parece que não há nada

errado com a vassoura. Você tem um ótimo amigo em algum lugar, Potter...

O queixo de Harry caiu. A professora estava lhe devolvendo a Firebolt, cujo

aspecto continuava magnífico como sempre fora.

- Posso ficar com ela? - perguntou Harry com a voz fraca. - Sério?

- Sério - disse a professora sorrindo. - Acho que você vai precisar pegar o jeito

dela antes da partida de sábado, não? E Potter... faça força para

ganhar, sim? Ou vamos ficar fora do campeonato pelo oitavo ano seguido, como o Prof.

Snape teve a bondade de me lembrar ainda ontem à noite...

Sem fala, Harry carregou a Firebolt escada acima para a Torre

da Grifinória. Quando dobrou um canto, viu Rony, que corria ao

seu encontro, rindo de orelha a orelha.

- Ela devolveu? Que maravilha! Escuta, posso dar aquela voltinha? Amanhã?

- Claro... qualquer coisa... - disse Harry seu coração mais leve do que estivera

naquele último mês. - Quer saber de uma coisa... devíamos fazer as

pazes com a Mione... Ela só estava querendo ajudar...

- Tudo bem - concordou Rony. - Ela está na sala comunal agora, estudando, para

variar...

Quando entraram no corredor para a Torre da Grifinória, viram Neville Longbottom

insistindo com Sir Cadogan, que aparentemente se recusava a deixá-lo entrar.

- Eu anotei! - dizia Neville com voz de choro. - Mas devo ter deixado cair em

algum lugar!

- Vou mesmo acreditar! - bradou Sir Gadogan. Depois, avistando Harry e Rony. -

Boa noite, meus valentes soldados! Venham meter este louco a ferros.

Ele está tentando entrar à força nas câmaras interiores!

- Ah, cala a boca - exclamou Rony quando ele e Harry emparelharam com

Nevilie.

- Perdi a senha! - contou o garoto, infeliz. - Fiz Sir Gadogan me dizer quais eram

as senhas que ia usar esta semana, porque ele

não pára de mudar e agora não sei o que fiz com elas!

#203#

- Odsbôdiquins - disse Harry a Sir Gadogan, que ficou desapontadíssimo e, com

relutância, girou o quadro para a frente para

deixá-los entrar na sala comunal. Houve um súbito murmúrio de

excitação em que todas as cabeças se viraram e, no momento

seguinte Harry foi cercado pelos colegas que exclamavam, assombrados com a Firebolt.

- Onde foi que você arranjou essa vassoura, Harry?

- Deixa eu dar uma voltinha?

- Você já andou nela, Harry?

- Corvinal não vai ter a menor chance, o pessoal lá usa Cleansweep Sevens!

- Me deixa só segurá-la um pouquinho, Harry?

Passados uns dez minutos mais ou menos, durante os quais a Firebolt passou de mão

em mão, e foi admirada de todos os ângulos, a garotada se dispersou e Harry

e Rony puderam ver Hermione direito, a única pessoa que não tinha corrido ao encontro

dos garotos, curvada sobre seu trabalho, evitando encontrar o olhar

deles.

Harry e Rony se aproximaram da mesa e finalmente Hermione ergueu a cabeça.

- Me devolveram a vassoura - disse Harry, sorrindo para a amiga e erguendo a

Firebolt no ar.

- Está vendo, Mione? Não havia nada errado com ela - disse Rony.

- Bem... mas podia ter havido! Quero dizer, pelo menos agora você sabe que ela é

segura!

- É, suponho que sim - disse Harry. - É melhor eu ir guardála lá em cima...

- Eu levo! - disse Rony ansioso. - Tenho que dar o tônico a Perebas.

Rony apanhou a vassoura e, segurando-a como se fosse de

vidro, levou-a escada acima para o dormitório dos meninos.

- Posso me sentar, então? - perguntou Harry a Hermione.

- Suponho que sim - disse a garota, tirando uma grande pilha de pergaminhos de

uma cadeira.

Harry deu uma olhada na mesa atravancada, no longo trabalho de Aritmancia em que a

tinta ainda estava molhada, no trabalho ainda mais longo de Estudos dos

Trouxas ("Explique por que os trouxas precisam de eletricidade") e na tradução de runas

em que

#204#

Hermione trabalhava agora.

- Como é que você está conseguindo dar conta de tudo isso? - perguntou o garoto.

-Ah, bem... você sabe, trabalhando à beça. - De perto, Harry

viu que ela parecia quase tão cansada quanto Lupin.

- Por que você não tranca algumas matérias? - perguntou o

garoto, observando-a erguer os livros para procurar o dicionário de

runas.

- Eu não poderia fazer isso! - respondeu Hermione, escandalizada.

- Aritmancia parece horrível - comentou Harry, apanhando

uma complicada tabela numérica.

- Ah, não, é maravilhosa! - respondeu Hermione séria. - É a

minha matéria favorita! É...

Mas exatamente o que era maravilhoso na Aritmancia, Harry

- jamais chegou a saber. Naquele exato momento, um grito estrangulado ecoou pela

escada

do dormitório dos meninos. Todos na

- sala se calaram e olharam petrificados para a subida. Então

ouviram os passos apressados de Rony, cada vez mais fortes... e em seguida ele apareceu,

arrastando um lençol.

- OLHA! - berrou ele, se dirigindo à mesa de Hermione. OLHA! - berrou de novo,

sacudindo o lençol na cara da garota.

- Rony, que...?

- PEREBAS! OLHE! PEREBAS!

Hermione procurava afastar o corpo, com uma expressão de total perplexidade. Harry

olhou para o lençol que Rony segurava. Havia alguma coisa vermelha nele.

Alguma coisa que se parecia horrivelmente com...

- SANGUE! - bradou Rony no silêncio de atordoamento que invadiu a sala. - ELE

DESAPARECEU! E SABE O QUE TINHA

NO CHÃO?

- N... não - respondeu Hermione com a voz trêmula.

Rony atirou uma coisa em cima da tradução de runas de Hermione. Ela e Harry se

curvaram para

ver.

Em cima das estranhas formas pontiagudas havia vários pêlos de felino, compridos e

amarelo-avermelhados.

##205#

CAPITULO TREZE -

Grifinória versus Corvinal

Parecia o fim da amizade entre Rony e Hermione. Estavam tão zangados um com o outro

que Harry não conseguia ver como poderiam, um dia, fazer as pazes.

Rony estava enfurecido porque Hermione nunca levara a sério as tentativas de

Bichento para devorar Perebas, não se dera o trabalho de vigiá-lo de perto e

continuava a fingir que o gato era inocente, sugerindo que Rony procurasse Perebas

embaixo das camas dos garotos. Por sua vez, Hermione insistia ferozmente que Rony

não tinha provas de que Bichento devorara Perebas, que os pêlos talvez estivessem no

dormitório desde o Natal, e que o garoto alimentara preconceitos contra o gato

desde que Bichento aterrissara na cabeça dele na Animais Mágicos.

Pessoalmente, Harry tinha certeza de que Bichento comera Perebas, e quando tentou

mostrar a Hermione que todas as evidências apontavam nessa direção, a garota

zangara-se com ele também.

- Tudo bem, fique do lado do Rony, eu sabia que você ia fazer isso! - disse ela

com voz aguda. - Primeiro a Firebolt, agora Perebas, tudo é minha

culpa, não é? Então me deixe em paz, Harry tenho muito trabalho a fazer.

Rony estava realmente sofrendo muito com a perda do rato.

- Vamos, Rony, você vivia dizendo que Perebas era chato - disse Fred para

consolá-lo. - E seu rato estava doente havia séculos, estava definhando.

Provavelmente foi melhor para ele morrer depressa, de uma engolida, provavelmente nem

sofreu.

- Fred"-exclamou Gina, indignada.

- Ele só fazia comer e dormir, Rony, você mesmo dizia - argumentou Jorge.

#206#

- Ele mordeu Goyle para nos defender uma vez! - disse Rony, infeliz. - Lembra, Harry?

-É, é verdade - confirmou o amigo

- Foi o ponto alto da vida dele - disse Fred, incapaz de manter a cara séria. - Que a

cicatriz no dedo de Goyle seja uma homenagem

eterna a memoria de Perebas. Ah, sai dessa, Rony, vai até Hogsmeade

e compra um rato novo. Que adianta ficar se lamentando?

Numa última tentativa de animar Rony, Harry o convenceu a ir ao último treino do

time da

Grifinória, antes da partida com Corvinal, para poder dar uma volta

na Firebolt quando terminassem. Isto pareceu, por um momento, desviar os pensamentos de

Rony em Perebas ("Grande! Posso tentar fazer uns

gole montado na vassoura?"),

e os dois saíram para o campo de quadribol juntos.

Madame Hooch, que continuava a supervisionar os treinos da Grifinória para vigiar

Harry, ficou tão impressionada com a Firebolt quanto todo mundo que a vira.

A professora pegou a vassoura antes da decolagem e expôs aos jogadores sua opinião

profissional.

- Olhem só o equilíbrio deste modelo! Se a série Nimbus tem algum defeito, é

uma ligeira queda para a cauda, observa-se que depois de alguns anos

isto se transforma num arrasto. Atualizaram o cabo também, mais fino do que as

Cleansweeps, lembra as antigas Silver Arrows, uma pena que tenham parado de fabricá-las.

Foi nelas que aprendi a voar, e também eram excelentes vassouras...

E a professora continuou nessa disposição por algum tempo

até que Olívio a interrompeu:

- Hum... Madame Hooch? Será que a senhora podia devolver a vassoura a Harry?

Temos que treinar...

- Ah, certo... tome aqui, Potter - disse ela. - Vou me sentar ali adiante com

Weasley...

Ela e Rony deixaram o campo e foram se sentar na arquibancada, e o time da

Grifinória se agrupou em torno de Olivio para

ouvir as últimas instruções para o jogo do dia seguinte.

- Harry, acabei de descobrir quem vai jogar como apanhador na Corvinal. É a Cho

Chang: uma garota do quarto ano e muito boa... Para ser sincero eu

tinha esperanças de que ela não tivesse voltado à forma, ela teve alguns problemas com

contusoes... - Olívio fez cara feia para assinalar seu desagrado pela plena

recuperação de Cho Chang, depois continuou: - Por outro lado ela monta uma

Comet 260, que vai parecer uma piada ao lado da Fireboit. -

#207#

Olívio lançou um olhar de fervorosa admiração à vassoura de

Harry, depois disse: - Muito bem, pessoal, vamos...

Então, finalmente, Harry montou na Firebolt, e deu impulso para levantar vôo.

Foi melhor do que ele jamais sonhara. A Firebolt virava ao menor toque; parecia

obedecer a seus pensamentos em vez de suas mãos; ela atravessou o campo a

tal velocidade que o estádio se transformou em um borrão verde e cinza; Harry mudou de

direção tão instantaneamente que Alicia Spinnet soltou um grito, e no instante

seguinte ele entrou em um mergulho absolutamente controlado, raspando o gramado com

as pontas dos pés antes de tornar a subir nove, doze, quinze metros no ar.

- Harry, vou soltar o pomo! - gritou Olívio.

O garoto virou a vassoura e apostou corrida com um balaço em direção às balizas;

venceu-o com facilidade, viu o pomo disparar das costas de Olívio

e em dez segundos já o tinha seguro na mao.

O time aplaudiu enlouquecido. Harry tornou a soltar o pomo, deu-lhe um minuto

de dianteira e disparou atrás dele, desviandose dos outros jogadores;

depois, localizou-o préximo ao joelho de Katie Beli, fez uma volta em torno da garota e

apanhou o pomo mais uma vez.

Foi o melhor treino que ele já fizera; os jogadores, inspirados pela presença da Firebolt

na equipe, realizavam movimentos impecáveis, e, no momento em que

voltaram ao chão, Olívio não teve uma única crítica a fazer, o que, como Jorge Weasley

enfatizou, era a primeiríssima vez que acontecia.

- Não vejo o que é que vai nos deter amanhã! - disse Olívio. - A não ser que...

Harry, você resolveu o seu problema com o

dementador, não resolveu?

- Resolvi - disse Harry pensando no seu débil Patrono e desejando que ele fosse

mais forte.

- Os dementadores não vão aparecer outra vez, Olívio. Dumbledore explodiria -

disse Fred, confiante.

- Bem, esperemos que não - disse Olívio. - Em todo o caso... bom trabalho,

pessoal. Vamos voltar para a

Torre... dormir cedo...

- Eu vou ficar mais um pouco; Rony quer dar uma volta na Firebolt - avisou Harry

a Olívio, e, enquanto os outros jogadores se dirigiam aos vestiários,

Harry foi ao encontro de Rony, que saltou a barreira que separava o campo das

arquibancadas com o

mesmo fim. Madame Hooch adormecera onde estava.

- Manda ver - disse Harry, entregando ao amigo a Firebolt.

#208#

Rony, uma expressão de êxtase no rosto, montou na vassoura e disparou pela crescente

escuridão, enquanto Harry andava em volta do campo, observando-o. Já

anoitecera quando Madame Hooch acordou assustada, ralhou com os garotos por não a

terem acordado e insistiu que voltassem ao castelo.

Harry pôs a Firebolt no ombro, e ele e Rony saíram do estádio sombrio, discutindo o

desempenho suavíssimo da vassoura, sua fenomenal aceleração e suas

curvas

precisas. Estavam na metade do trajeto para o castelo quando Harry, olhando para a

esquerda, viu uma coisa que fez seu coração dar uma cambalhota no peito - um par

de olhos que luziam na escuridão.

Harry paralisou, o coração martelando as costelas.

- Que foi? - perguntou Rony.

Harry apontou. Rony puxou a varinha e murmurou:

- Lumus!

Um raio de luz se projetou pelo gramado, bateu no pé de uma árvore e iluminou seus

ramos; lá, agachado entre as folhas que brotavam, estava Bichento.

- Dá o fora daqui! - bradou Rony curvando-se para apanhar uma pedra caída no chão,

mas antes que pudesse fazer mais alguma coisa, Bichento havia desaparecido

com um único movimento do longo rabo amarelo-avermelhado.

"Está vendo? - exclamou Rony, furioso, largando a pedra no chão. - Ela continua

deixando o gato andar por onde quer, provavelmente comendo uns dois passarinhos

como guarnição para acompanhar o Perebas...

Harry não comentou nada. Inspirou profundamente sentindo o alívio invadi-lo; por um

momento tivera certeza de que aqueles olhos pertenciam ao Sinistro. Os

dois garotos retomaram, mais uma vez, a caminhada para o castelo. Um pouco

envergonhado pelo momento de pânico, Harry não comentou nada com Rony - nem olhou

mais

para a esquerda nem para a direita até chegarem ao bem iluminado saguão de entrada.

Harry desceu para tomar café na manhã seguinte com os outros

garotos do dormitório, todos os quais pareciam achar que a Firebolt merecia uma espécie de

guarda de honra. Quando Harry

entrou no Salão Principal, as cabeças se voltaram para a vassoura, e

#209#

houve muitos comentários excitados. Harry viu, com enorme satisfação, que todo o time da

Sonserina fazia

catr de assombro.

- Você viu a cara dele? - perguntou Rony com vontade de rir, virando-se para

olhar Malfoy. - Ele nem consegue acreditar!

Genial!

Olívio, também, usufruia da glória que a Firebolt refletia.

- Ponha ela aqui, Harry - sugeriu o capitão, ajeitando a vassoura no meio da mesa

e girando-a cuidadosamente de modo a deixar a marca visível. Os

alunos das mesas da Corvinal e da Lufa-Lufa não demoraram a ir olhá-la de perto. Cedrico

Diggory se aproximou para cumprimentar Harry por ter adquirido

uma substituta

tão esplêndida para sua Nimbus e a namorada de Percy, Penelope Clearwater, da Corvinal,

chegou a perguntar se podia segurar a Firebolt.

- Ora, ora, Penelope, nada de sabotagem! - disse Percy cordialmente, enquanto ela

mirava a

Fireboit.

- Penelope e eu fizemos uma aposta - contou ele ao time. - Dez galeões no

vencedor da partida!

A garota tornou a pousar a vassoura, agradeceu a Harry e voltou à sua mesa.

- Harry, não deixe de ganhar - recomendou Percy num sussurro urgente. - Eu

não tenho dez galeões. Estou indo, Penny! - E

correu para comer uma torrada com a garota.

- Tem certeza que você sabe montar nessa vassoura, Potter? - disse uma voz

arrastada e fria.

Draco Maifoy chegara para dar uma espiada, seguido de perto

por Crabbe e Goyle.

- Acho que sim - disse Harry, descontraído.

- Tem muitas características especiais, não é? - disse Maifoy, os olhos brilhando

de malícia. - Pena que não venha com um pára-quedas, para o caso de você chegar muito perto de um dementador.

Crabbe e Goyle deram risadinhas.

- Pena que você não possa acrescentar braços na sua, Draco - retrucou Harry. -

Assim ela poderia apanhar o pomo para voce.

Os jogadores da Grifínória deram grandes gargalhadas. Os

olhos claros de Draco se estreitaram e ele se afastou. Os dois

garotos observaram Draco se reunir aos demais jogadores da Sonserina,

que juntaram as cabeças, sem dúvida para perguntar a ele se a vassoura de Harry era

realmente uma Firebolt.

Às quinze para as onze, o time da Grifinória saiu em direção ao vestiário. O tempo não

poderia estar mais diferente do que o do dia da partida com Lufa-Lufa.

Fazia um dia claro e frio com uma levíssima brisa; desta vez não haveria problemas de

visibilidade e Harry, embora nervoso, estava começando a sentir a excitação

que somente uma partida de quadribol era capaz de produzir. Eles ouviram o resto da escola

entrando, mais além, no estádio. Harry despiu as vestes negras da escola,

tirou a varinha do bolso e enfiou-a na camiseta que ia usar por baixo do uniforme de

quadribol. Só esperava que não fosse preciso usá-la. De repente lhe ocorreu

uma dúvida:

se o Prof. Lupin estaria no meio da multidão, assistindo à partida.

- Vocês sabem o que temos de fazer - disse Olívio quando o time se preparava

para deixar o vestiário. - Se perdermos esta partida, estaremos fora

do campeonato. Vocês só têm que voar como fizeram no treino de ontem, e vamos nos dar

bem!

Os jogadores saíram do vestiário para o campo debaixo de tumultuosos aplausos. O

time da Corvinal, vestido de azul, já estava parado no meio do campo. A

apanhadora, Cho Chang, era a única menina da equipe. Era mais baixa do que Harry quase

uma cabeça, e, por mais nervoso que estivesse, ele não pôde deixar de reparar

que era uma garota muito bonita. Cho sorriu para ele quando os times ficaram frente a

frente, atrás dos capitães, e o garoto sentiu

uma ligeira pulsação na região

do baixo ventre que ele achou que não tinha relação alguma com o seu nervosismo.

- Wood, Davies, apertem-se as mãos - disse Madame Hooch, eficiente, e Olívio

apertou a mão do capitão de Corvinal.

"Montem nas vassouras... quando eu apitar... três, dois, um...

Harry deu o impulso para subir, e a Firebolt voou mais alto e mais veloz do que

qualquer outra vassoura; ele sobrevoou o estádio e começou a espiar para

todos os lados à procura do pomo, prestando atenção aos comentários que estavam sendo

irradiados pelo amigo dos gêmeos Weasley, Lino Jordan.

"Foi dado início à partida, e a grande novidade é a Firebolt que Harry

Potter está montando pelo time da Grifinória. Segundo a Qual vassoura, a Firebolt

será a montaria escolhida pelos times nacionais para o Campeonato Mundial deste ano...

-Jordan, você se importa de nos dizer o que está acontecendo

#211#

no campo? - interrompeu-o a voz da Profa. McGonagall.

- Certo, professora, eu só estava situando os ouvintes...

"A firebolt, aliás, tem um freio automático e...

-Jordan!

"OK, OK, Grifinória tem a posse da goles, Karie BeIl da CriEnéria está voando em

direção à baliza..."

Harry passou veloz por Katie, à procura de um reflexo dourado, e reparou que Cho

Chang o seguia muito de perto. Não havia dúvida de que a garota era um excelente

piloto - não parava de cortar sua frente, forçando-o a mudar de direção.

- Mostre a ela sua aceleração, Harry! - berrou Fred ao passar disparado em

perseguição de um balaço que seguia na direção de

Alicia.

Harry estugou a Fireboit quando contornaram as balizas de Corvinal, e Cho ficou para

trás. No momento exato em que Katie conseguia marcar o primeiro gol

da partida e o lado do campo da Grifinória enlouquecia de entusiasmo, Harry

viu... o pomo estava perto do chão, esvoaçando próximo à barreira.

Harry mergulhou; Cho percebeu o seu movimento e disparou

atrás dele. O garoto foi aumentando a velocidade, tomado de excitação; os mergulhos eram

sua

especialidade, estava a três metros...

Então um balaço, arremessado por um dos batedores de Corvinal, saiu a roda, Harry

nem viu de onde; ele mudou de rumo, evitando o petardo por um dedo, e,

naqueles segundos cruciaís, o pomo sumiu.

Houve um grande "ooooooh" de desapontamento da torcida de

Grifinória, mas muitos aplausos de Corvinal para o seu batedor. Jorge Weasley deu vazão

ao que

sentia lançando um segundo balaço diretamente contra o autor do arremesso, que, por sua

vez, foi forçado a dar uma cambalhota em pleno ar para evitar a colisão.

"Grifinória lidera por oitenta pontos a zero, e olhe só o desempenho daquela Firebolr!

Porter agora está realmente mostrando o que ela é capaz de fazer,

vejam como muda de direção - a Comei de Chang simplesmente não é páreo para ela, o

balanceamento preciso da

firebolt é visível nesses longos..."

- JORDAN! VOCÊ ESTÁ GANHANDO PARA ANUNCIAR FIREBOAT? VOLTE

A IRRADIAR O JOGO!

Corvinal começou a jogar na retranca; já tinha marcado três

gols, o que deixava Grifinória apenas cinqUenta pontos à frente - se Cho apanhasse o

pomo antes dele, Corvinal ganharia a partida.

#212#

Harry reduziu a altitude, evitando por um triz um artilheiro de

Corvinal, e esquadrinhou nervosamente o campo - um lampejo de

ouro, um adejar de asinhas - o pomo estava circulando a baliza de

Grifinória...

Harry acelerou, os olhos fixos no pontinho dourado à frente -

mas nesse instante, Cho apareceu de repente, bloqueando sua

visao...

- HARRY, ISSO NÃO É HORA PARA CAVALHEIRISMOS! -

berrou Olívio quando o garoto deu uma guinada para evitar a colisão. - SE FOR

PRECISO, DERRUBE-A DA VASSOURA!

Harry se virou e avistou Cho; a garota estava sorrindo. O pomo sumíra outra

vez. Ele apontou a vassoura para o alto e logo

chegou a sessenta metros sobre o campo. Pelo canto do olho, ele viu

Cho seguindo-o... Ela resolvera marcá-lo em vez de procurar o

pomo sozinha. Muito bem, então... se queria segui-lo, teria que

arcar com as conseqUências...

Harry mergulhou outra vez, e Cho, pensando que ele avistara

o pomo, tentou acompanhá-lo; ele desfez o mergulho

abruptamente; Cho continuou a descida veloz; ele subiu mais uma vez,

como uma bala, e então viu-o, pela terceira vez - o pomo cintilava

muito acima do campo, do lado da Corvinal.

Harry acelerou; a muitos metros abaixo Cho fez o mesmo. Ele

foi reduzindo a distância, se aproximando mais do pomo a cada

segundo... entao...

- Oh! - gritou Cho, apontando.

Distraído, Harry olhou para baixo.

Três dementadores, três dementadores altos, negros, lá

embaixo, olhavam para ele.

Harry nem parou para pensar. Enfiou a mão pelo decote de

- suas vestes, sacou a varinha e berrou: "Expectopatronum!"

- Uma coisa branco-prateada, uma coisa enorme, irrompeu de

sua varinha. Ele percebeu que apontara diretamente para os

dementadores, mas não parou para ver o efeito; sua mente continuava milagrosamente

clara, ele olhou para a frente - estava quase lá.

Estendeu a mão que ainda segurava a varinha e conseguiu fechar os

dedos sobre o pequeno pomo que se debatia.

Soou o apito de Madame Hooch. Harry se virou no ar e viu

seis borrões vermelhos voando em sua direção; no momento seguinte, o time o abraçava

com tanta força que ele quase foi

arrancado da vassoura. Ouvia-se lá embaixo os brados da torcida da

Grifinória em meio aos espectadores.

- Aí, garoto! - Olivio não parava de berrar. Alicia, Angelina e Karie, todas, tinham

beijado Harry; Fred o abraçara com tanta força que ele achou

que sua cabeça ia saltar do corpo. Em completa desordem, o time conseguiu voltar ao

campo. Harry desmontou a vassoura, levantou a cabeça e viu um bando de

torcedores

da Crifinória saltar para dentro do campo, Rony à frente. Antes que desse por si, fora

engolfado pela turma que gritava aplaudindo-o.

- Sim! - gritava Rony, puxando com força o braço de Harry e

erguendo-o no ar. - Sim! Sim!

- Grande partida, Harry! - disse Percy, feliz. - Dez galeões para mim! Preciso

procurar Penelope, com licença...

- Parabéns, Harry! - bradou Simas Finnigan.

- Brilhante! - berrou Hagrid por cima das cabeças dos alunos da Grifinória que

acorriam.

- Foi um Patrono impressionante - disse uma voz no ouvido de

Harry.

Harry se virou e viu o Prof. Lupin, que parecia ao mesmo tempo abalado e satisfeito.

- Os dementadores não me afetaram nada! - exclamou Harry excitado, - Eu não

senti nada!

- Foi porque eles... hum... nao eram dementadores - explicou o professor. - Venha

ver...

Ele desvencilhou Harry da aglomeração até poderem ver a lateral do campo.

- Você deu um grande susto no Sr. Malfoy - disse Lupin.

Harry arregalou os olhos. Amontoados no chão estavam Malfoy, Crabbe,

Goyle e Marcos Flint, o capitão do time da Sonserína, lutando para se despir das vestes

negras e longas com capuzes. Pelo jeito Malfoy estivera em pé nos ombros de Goyle.

Parada ao lado deles, com uma expressão de

fúria no rosto, estava a ProPa. Minerva.

- Um truque indigno! - bradava ela. - Uma tentativa baixa e covarde de sabotar o

apanhador de Grifinória! Detenção para todos

e menos cinquenta pontos para Sonserina! Vou falar com o Prof.

Dumbledore, não se iludam! Ah, aí vem ele agora!

Se alguma coisa podia selar a vitória de Grifinória, era isso.

Hood, que pelejara para chegar até Harry, se dobrava de tanto rir, ao

contemplarem Malfoy tentando sair da veste, a cabeça de Goyle ainda presa lá dentro.

- Vamos, Harry! disse Jorge procurando se aproximar. - Festa! Sala

Comunal da Grifinôria, agora!

- Certo - respondeu Harry, sentindo-se mais feliz do que se lembrava de ter se

sentido havia muito tempo. Ele e o restante do time abriram caminho,

ainda de vestes vermelhas, para fora do estádio e de volta ao castelo.

A sensação era de que já tinham ganhado a Taça de Quadribol; a

festa durou o dia inteiro e se prolongou até tarde da noite. Fred e

Jorge Weasley desapareceram algumas horas e voltaram com braçadas de garrafinhas de

cerveja amanteigada, abóbora espumante e

vários sacos de doces da Dedosdemel.

- Como foi que você fez isso?! - gritou Angelina Johnson quando Jorge

começou

a atirar sapos de

menta nos colegas.

- Com uma ajudinha de Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas - murmurou

Fred ao ouvido de Harry

Somente uma pessoa não participava da comemoração. Hermione, por incrível que

pareça, estava sentada a um canto, tentando ler um enorme livro intitulado

Vida doméstica e hábitos sociais dos troxas britanicos. Harry se afastou da mesa em que

Fred e Jorge começavam a fazer malabarismos com as garrafinhas de cerveja

amanteigada e foi até a amiga.

- Você ao menos foi ao jogo? - perguntou ele.

- Claro que fui - respondeu Hermione numa voz estranhamente aguda, sem

levantar a cabeça. - E estou muito contente que a gente tenha ganhado, e acho

que você jogou realmente bem, mas tenho que ler isso aqui até segunda-feira.

- Vamos, Mione, venha comer alguma coisa - convidou Harry, enquanto olhava

para Rony e se perguntava se ele teria suficiente

bom humor para guardar a machadinha de guerra.

- Não posso, Harry. Ainda tenho quatrocentas e vinte e duas páginas para ler -

respondeu a garota, agora num tom ligeiramente

histórico. - De qualquer

modo... - a garota olhou para Rony, também -, ele não quer a minha companhia.

#215#

Quanto a isso, não havia o que discutir, porque Rony escolheu

aquele momento para dizer em voz alta:

- Se Perebas não tivesse sido devorado, ele poderia ter comido uma mosca de

chocolate. Ele gostava tanto...

Hermione caiu no choro. Antes que Harry pudesse dizer alguma coisa, ela meteu o

enorme livro embaixo do braço e, ainda soluçando, correu para a escada do

dormitório das meninas e desapareceu de vista.

- Será que você não podia dar a ela um tempo? - perguntou Harry a Rony em voz

baixa.

Não - respondeu o garoto com firmeza. - Se ela ao menos mostrasse que lamenta, mas

jamais vai admitir que errou, a Herrnione. Continua a agir como se Perebas

tivesse tirado férias ou qualquer coisa do gênero.

A festa da Grifinória só terminou quando a Profa Minerva apareceu vestida com o seu

robe de tecido escocês e os cabelos presos numa rede, à

uma hora da

manhã, para insistir que todos fossem se deitar. Harry e Rony subiram as escadas para o

dormitório, ainda discutindo a partida. Por fim, exausto, Harry se enfiou

na cama, ajeitou o cortinado de sua cama para esconder um raio de luar, se deitou de costas

e sentiu que adormecia quase instantaneamente...

Teve um sonho muito estranho. Estava andando por uma floresta, a Firebolt ao ombro,

seguindo uma coisa branco-prateada. Ela avançava entre as árvores e Harry

só conseguia avistá-la entre a folhagem. Ansioso para alcançá-la, estugou o passo, mas ao

fazer isso, a coisa que ele perseguia acelerou também. Harry começou a

correr e, à frente dele, ouviu cascos que ganhavam velocidade. Agora ele estava correndo

desabalado e, à frente, ouvia a coisa galopar. Então ele fez uma curva para

dentro de uma clareira e...

- AAAAÃAÃAAÃÂAAAAARRPSJ?ãRRRRRRRRRRPJpRI NNN

ÂÂÂAAAAAAÃÂOOOOOOOOOO!

Harry acordou subitamente como se alguém o tivesse esbofeteado. Desorientado na

escuridão total agarrou as cortinas - ouvia movimentos a sua volta e a voz

de Simas Finnigan do outro lado do quarto:

- Que é que está acontecendo?

Harry achou ter ouvido a porta do dormitório bater. Finalmente, encontrando a

abertura das cortinas, puxou-as para um lado com

#216#

violência e, na mesma hora, Dino Thomas acendeu o abajur

Rony estava sentado na cama, as cortinas rasgadas dos dois

lados, uma expressão de absoluto terror no rosto.

- Black! Sirius Black! Com uma faca!

- Que!

- Aqui! Agorinha mesmo! Cortou as cortinas! Me acordou!

- Você tem certeza de que não sonhou, Rony? - perguntou Dino.

- Olha só as cortinas! Estou dizendo, ele esteve aqui!

Todos os garotos saltaram das camas; Harry alcançou a porta

do dormitório primeiro que os outros e desceu correndo as escadas.

Portas se abriram às suas costas e vozes cheias de sono chamaram.

- Quem gritou?

- Que é que vocês estão fazendo?

A sala comunal estava iluminada com o brilho das chamas que se extinguiam na

lareira, ainda atulhada com os restos da festa. Estava deserta.

- Você tem certeza de que não estava dormindo, Rony?

- Estou dizendo que vi Black!

- Que barulheira é essa?

- A Profa McGonagall nos mandou para a cama! Algumas garotas tinham descido,

vestindo os robes e bocejando. Os garotos também foram reaparecendo.

- Que ótimo, vamos continuar? - perguntou Fred Weasley animado.

- Todos de volta para cima! - falou Percy, que entrou correndo na sala comunal

prendendo o distintivo de monitor-chefe no pijama enquanto falava.

- Percy... Sirius Black! - disse Rony com a voz fraca. - No nosso dormitório! Com

uma faca! Me acordou!

A sala comunal mergulhou em silêncio.

- Que bobagem! - exclamou Percy parecendo espantado. - Você comeu demais,

Rony... teve um pesadelo...

- Estou lhe dizendo...

- Agora, francamente, já é demais!

A Profa Minerva estava de volta. Ela bateu o retrato ao entrar na sala comunal e olhou

furiosa para todos.

- Estou encantada que Grifinória tenha ganho a partida, mas isto está ficando

ridículo! Percy, eu esperava mais de você!

- Com certeza eu não autorizei isso, professora! - defendeu-se

#217#

Percy, se empertigando, indignado. - Estava justamente dizendo

a todos para voltarem para a cama! Meu irmão Rony teve um pesadelo...

- NÃO FOI UM PESADELO! - berrou Rony. - PROFESSORA, EU ACORDEI E

SIRIUS BLACK ESTAVA PARADO AO

MEU LADO SEGURANDO UMA FACA!

A professora encarou-o.

- Não seja ridículo, Weasley, como seria possível ele passar pelo buraco do

retrato?

- Pergunte a ele! - respondeu Rony apontando um dedo trêmulo para o avesso do

retrato de Sir Cadogan. - Pergunte se ele viu...

Com um olhar penetrante e desconfiado para Rony, a professora empurrou o retrato e

saiu. Todos na sala procuraram escutar

prendendo a respiração.

- Sir Gadogan, o senhor acabou de deixar um homem entrar na Torre da

Grifinória?

- Certamente, minha boa senhora! - exclamou o cavaleiro.

Fez-se um silêncio de espanto, tanto dentro quanto fora da sala

comunal.

- O senhor... o senhor deixou? Mas... e a senha?

- Ele sabia! - respondeu Sir Gadogan com orgulho. - Tinha as senhas da semana

inteira, minha senhora! Leu-as em um pedacinho de papel!

A professora tornou a passar pelo buraco do retrato e encarou

os alunos atordoados. Estava branca como giz.

- Quem foi - perguntou ela com a voz trêmula -, quem foi a criatura abissalmente

tola que anotou as senhas desta semana e as

largou por aí?

Fez-se um silêncio absoluto, quebrado por gritinhos quase

inaudíveis de terror. Nevilie Longbottom, tremendo da cabeça às

pontas dos chinelos fofos, ergueu a mão no ar.

#218#

- CAPITULO CATORZE

O ressentimento de Snape

Ninguém na Torre da Grifinória dormiu àquela noite. Todos sabiam que o castelo estava

sendo revistado novamente e os alunos da casa permaneceram acordados na sala

comunal, esperando para saber se Black fora apanhado. A Profa. Minerva voltou ao

amanhecer para informar que, mais uma vez, ele escapara.

Durante todo o dia, onde quer que fossem, os garotos percebiam sinais de uma

segurança mais rigorosa; o Prof. Flitwick podia ser visto, às portas de entrada

do castelo, ensinando-os a reconhecer uma grande foto de Sirius Black; Filch, de repente,

andava para cima e para baixo nos corredores, pregando tábuas em tudo,

desde minúsculas fendas nas paredes até tocas de camundongos. Sir

Gadogan fora

demitido. Repuseram seu retrato no solitário patamar do sétimo andar e a Mulher Gorda

voltou ao seu lugar. Fora competentemente restaurada, mas continuava nervosíssima e só

concordara em voltar ao trabalho com a condição de receber mais proteção.

Um bando de trasgos carrancudos tinha sido contratado para guardá-la. Eles percorriam o

corredor em um grupo ameaçador, falando em rosnados e comparando o tamanho

dos seus bastões.

Harry não pôde deixar de reparar que a estátua da bruxa de um olho

só, no terceiro andar, continuava sem guarda nem bloqueio. Parecia que Fred e Jorge

tinham

razão em pensar que eles - e agora Harry Potter, Rony e Hermione - eram os únicos que

conheciam a passagem secreta a que a bruxa dava acesso.

- Você acha que devemos contar a alguém? - perguntou Harry a Rony.

- A gente sabe que Black não está entrando pela Dedosdemel

- disse Rony descartando a idéia. - Saberíamos se a loja tivesse sido

#219#

arrombada.

Harry ficou contente que Rony pensasse como ele. Se a bruxa

de um olho só também fosse fechada com tábuas, ele não poderia voltar a Hogsmeade.

Rony se transformara numa celebridade instantânea. Pela primeira vez na vida, as

pessoas prestavam mais atenção a ele do que a Harry e era evidente que ele

estava gostando bastante da experiência. Embora ainda estivesse muito abalado com os

acontecimentos da noite anterior, ficava feliz de contar a quantos perguntassem

o que acontecera, com riqueza de detalhes.

- ... Eu estava dormindo e ouvi barulho de pano cortado e achei que estava

sonhando, sabe? Mas aí senti uma correnteza de ar... acordei e vi que o

cortinado de um lado da minha cama tinha sido arrancado... me virei... e vi Black parado

ali.., como um esqueleto, os cabelos imundos... segurando um facão comprido,

devia ter uns trinta centímetros... e ele olhou para mim e eu olhei para ele, então eu soltei

um berro e ele se mandou.

"Mas por quê? - Rony acrescentou para Harry quando o grupo de garotas do segundo

ano, que estivera escutando sua história

enregelante, se afastou. - Por que foi que ele correu?

Harry andara se perguntando a mesma coisa. Por que Black, ao verificar que escolhera

a cama errada, não silenciara Rony e procurara Harry? Ele já provara

doze anos antes que não se importava de matar gente inocente, e desta vez só precisava

enfrentar cinco garotos desarmados, quatro dos quais adormecidos.

- Ele devia saber que ia ter problemas para sair do castelo depois que você gritasse

e acordasse todo mundo - disse Harry, pensativo. - Teria que

matar a casa toda para passar pelo buraco do retrato... e teria dado de cara com os

professores...

Neville caiu em total desgraça. A Profà McGonagall estava tão furiosa com ele que o

banira de todas as futuras visitas a Hogsmeade, lhe dera uma detenção

e proibira todos de lhe informarem a senha para a torre. O coitado era obrigado a esperar do

lado de fora da sala comunal, todas as noites, até alguém deixá-lo entrar,

enquanto os trasgos da segurança caçoavam dele. Nenhum desses castigos, porém, chegou

nem próximo do que sua avó lhe reservara. Dois dias depois da invasão de Black,

ela mandou a Neville a pior coisa que um aluno de Hogwarts podia receber na hora do café

da

manhã - um berrador.

As corujas da escola entraram voando pelo Salão Principal trazendo o correio, como

de costume, e Neville se engasgou quando a

#220#

enorme coruja pousou diante dele com um envelope vermelho preso no bico. Harry e Rony,

que estavam sentados em frente, reconheceram imediatamente que a carta era

um berrador - Rony recebera um da Sra. Weasley no ano anterior.

- Apanha ela logo, Nevilie - aconselhou Rony.

Nevilie não precisou que lhe dissessem duas vezes. Agarrou o envelope e, segurando-o

à frente como se fosse uma bomba, saiu correndo do Salão em meio às

explosões de riso da mesa da Sonserina. Todos ouviram o berrador disparar no saguão de

entrada - a voz da avó de Neville, com o volume normal magicamente ampliado

cem vezes, bradava que ele envergonhara a família inteira.

Harry estava tão ocupado sentindo pena de Nevilie que nem

reparou imediatamente que havia uma carta para ele também.

Edwiges atraiu sua atenção beliscando-o com força no pulso.

- Ai! Ah... obrigado, Edwiges.

Harry rasgou o envelope enquanto a coruja se servia dos flocos

de milho de Neville. O bilhete dentro do envelope dizia o seguinte:

Caros Harry e Rony

Que rem virem tomar chá comigo hoje à tarde por volta das seis?

Irei buscar vocês no castelo.

ESPEREM POR MIM NO SAGUÃO DE ENTRADA; VOCÊS NÃO PODEM SAIR

SOZINHOS.

Abraços,

Hagrid

-Ele provavelmente quer saber as novidades sobre BlackI - disse Rony.

Assim, às seis horas daquela tarde, Harry e Rony saíram da

Torre da Grifinória, passaram pelos trasgos de segurança e rumaram para o saguão de

entrada.

Hagrid já estava à espera.

- Está bem, Hagrid! - exclamou Rony. - Imagino que você queira saber o que

aconteceu no sábado à noite, é isso?

-Já soube de tudo-disse Hagrid, abrindo a porta de entrada e levando-os para fora.

- Ah - exclamou Rony, parecendo ligeiramente desconcertado.

A primeira coisa que viram ao entrar na cabana de Hagrid foi

Bicuço estirado em cima da colcha de retalhos de Hagrid, as enormes asas Fechadas junto

ao corpo, apreciando

um pratão de doninhas mortas. Ao desviar o olhar dessa visão repugnante, Harry viu um

gigantesco traje peludo e uma

medonha gravata amarela e laranja pendurados no alto da porta do armário.

- Para que é isso, Hagrid? - perguntou Harry.

- O caso de Bicuço contra a Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas.

Nesta sexta-feira. Ele e eu vamos a Londres juntos. Reservei duas camas

no Nôitibus...

Harry sentiu uma pontada incômoda de remorso. Esquecera-se completamente que o julgamento de Bicuço estava tão próximo e, a julgar pela

expressão constrangida no rosto de Rony, ele também. Os dois tinham se esquecido

igualmente da promessa de ajudar Hagrid a preparar a defesa de Bicuço; a chegada da

Firebolt

tinha varrido a promessa do pensamento dos garotos.

Hagrid serviu chá e ofereceu um prato de páezinhos aos garotos, que tiveram o bom

senso de não aceitar; tinham muita experiência com a culinária do guarda-caça.

- Tenho uma coisa para conversar com vocês dois - disse Hagrid sentando-se entre

os garotos, com o ar anormalmente sério.

-O quê? -perguntou Harry.

- Mione - respondeu Hagrid.

- Que é que tem a Mione? - perguntou Rony.

- Ela está num estado de cortar o coração, é isso que tem. Veio me visitar muitas

vezes desde o Natal. Se sente solitária. Primeiro vocês não estavam

falando com ela por causa da Firebolt, agora vocês não estão falando por causa do gato...

- ... que comeu Perebas! - interpôs Rony, zangado.

- Porque o gato dela fez o que todos os gatos fazem - insistiu Hagrid. - Ela já

chorou muito, sabem. Está passando por um mau momento. Abocanhou mais

do que pode mastigar, se querem saber, todo o trabalho que está tentando fazer. E ainda

arranjou tempo para me ajudar no caso do Bicuço, vejam bem... Encontrou um

material realmente bom para mim... acho que ele terá uma boa chance

agora...

- Hagrid, nós devíamos ter ajudado também, desculpe... - começou Harry, sem

jeito.

- Não estou cobrando nada - disse Hagrid, dispensando as desculpas. - Deus sabe que

você teve muito com que se ocupar. Vi

você praticando quadribol todas as horas do dia e da noite, mas

tenho que dizer uma coisa, pensei que vocês davam mais valor à amiga do que a vassouras

e ratos. É

só isso.

Harry e Rony trocaram olhares constrangidos.

- Bem nervosa ela ficou, quando Black quase esfaqucou você, Rony.

Ela tem o coração no lugar, a Mione, e vocês se recusando a

falar com ela...

- Se ela ao menos se livrasse daquele gato, eu voltaria a falar com ela! - disse

Rony, zangado. - Mas

ela continua do lado do Bichento.

É um tarado e ela não quer ouvir nem uma palavra contra ele!

- Ah, bem, as pessoas podem ser obtusas quando se trata de bichos de estimação -

disse Hagrid sabiamente.

Às costas dele, Bicuço cuspiu uns ossos

de doninha em cima do travesseiro.

Os três passaram o resto da visita discutindo a nova chance de

Grifinória concorrer à Taça de Quadribol. Às nove horas, Hagrid

acompanhou-os de volta ao castelo.

Um grande grupo de alunos se achava aglomerado em torno

do quadro de avisos quando eles chegaram à sala comunal.

- Hogsmeade no próximo fim de semana! - disse Rony, se esticando por cima da

cabeça dos colegas para ler o aviso. - Que é que você acha? - acrescentou

em voz baixa quando os dois foram se sentar.

- Bem, Filch não mexeu na passagem para a Dedosdemel... - ponderou Harry,

ainda mais baixo.

- Harry! - disse alguém bem no seu ouvido direito. Harry se assustou e, ao se

virar, viu Hermione, que estava sentada à mesa logo atrás deles e abrira

uma brecha na parede de livros que a escondia.

- Harry se voce for a Hogsmea outra vez.., vou contar à Profa.

McGonagall sobre aquele mapa! - ameaçou ela.

- Você está ouvindo alguém falar, Harry? - rosnou Rony, sem olhar para

Hermione.

- Rony, como é que pode deixar ele o acompanhar? Depois do que o Sirius Black

fez a

você Quero dizer, vou contar...

- Então agora você está tentando provocar a expulsão do Harry! - disse Rony,

furioso. - Não acha suficiente o mal que você

já fez este ano?

#223#

Hermione abriu a boca para responder, mas com um assobio

suave, Bichento saltou para o seu colo. A garota lançou um olhar

assustado à cara que Rony fazia, recolheu Bichento e saiu correndo para o

dormitório das meninas.

- Então, e aí? - perguntou Rony a Harry como se não tivesse havido interrupção. -

Vamos, da última vez que fomos você não

viu nada. Você ainda nem entrou na Zonko"s!

Harry espiou para os lados para verificar se Hermione não estava por perto ouvindo.

- Tudo bem. Mas desta vez vou levar a minha Capa da Invisibilidade.

Na manhã de sábado, Harry guardou a Capa da Invisibilidade na mochila, meteu o Mapa do

Maroto no bolso e foi tomar café com todo mundo. À mesa, Hermione não parava

de lhe lançar olhares desconfiados, mas ele evitou encarar a amiga e teve o cuidado de

deixar que ela o visse subindo a escadaria de mármore no saguão de entrada,

quando os outros alunos se dirigiam às portas de entrada.

- Tchau! - gritou Harry para Rony. - A gente se vê quando você voltar.

Rony sorriu e piscou um olho.

Harry correu ao terceiro andar, tirando o Mapa do Maroto do bolso enquanto subia.

Agachado atrás da bruxa de um olho

só, ele o abriu. Um pontinho vinha se

movendo em sua direção. Harry apertou os olhos para enxergar melhor. A pequena legenda

ao lado informava que era Neville Longbottom.

Harry puxou depressa a varinha, murmurou "Dissemdum!" e

enfiou a mochila na estátua, mas antes que pudesse entrar Neville

apareceu no canto do corredor.

- Harry! Eu me esqueci que você também não ia a Hogsmeade!

- Oi, Neville - disse Harry, afastando-se rapidamente da estátua e empurrando o

mapa para dentro do bolso. - Que é que você

vai fazer?

- Nada - disse Neville encolhendo os ombros. - Que tal uma partida de

Snap Explosivo?

- Hum... agora não... eu estava indo à biblioteca fazer aquela redação sobre os

vampiros que Lupin pediu...

- Eu vou com você! - disse Neville, animado. - Eu também

não fiz!

- Hum... espera aí, ah, me esqueci, já terminei ontem à noite!

- Que ótimo, então você pode me ajudar! - disse Nevilie, o

rosto redondo demonstrando ansiedade. - Não consigo entender

aquela história do alho, eles têm que comer ou...

Com uma pequena exclamação, ele se calou, espiando por

cima do ombro de Harry.

Era Snape. Nevilie deu um passo rápido para trás de Harry.

- E o que é que vocês estão fazendo aqui? - perguntou Snape.

que parou e olhou de um garoto para o outro. - Que lugar

estranho para se encontrarem...

Para imensa inquietação de Harry, os olhos negros de Snape

correram para as portas ao lado de cada um deles e em seguida para

a bruxa de um olho só.

- Nós não... marcamos encontro aqui. Só nos encontramos,

por acaso.

- Verdade? Você tem o hábito de aparecer em lugares

inesperados, Potter, e raramente sem uma boa razão... Sugiro que os dois

voltem à Torre da Grifinória que é o seu lugar.

Harry e Nevilie saíram sem dizer mais nada. Quando viraram

um canto, Harry olhou para trás. Snape estava passando a mão na

bruxa de um olho só, examinando-a atentamente.

Harry conseguiu se livrar de Nevilie no retrato da Mulher

Gorda, dizendo-lhe a senha, e, depois, fingindo que deixara a

redação na biblioteca, deu meia-volta. Uma vez longe das vistas dos

trasgos de segurança, ele tornou a tirar o mapa do bolso e segurá-lo

- bem junto ao nariz.

O corredor do terceiro andar parecia estar deserto. Harry

examinou o mapa cuidadosamente e viu, com uma sensação de alívio,

que o pontinho Severo Snape voltara à sua sala.

Correu, então, até a bruxa de um olho só, abriu a corcunda,

desceu o corpo por ela e se largou para ir ao encontro de sua

mochila no fim do escorrega. Apagou, então, o Mapa do Maroto e

saiu correndo.

Harry, inteiramente escondido sob a Capa da Invisibilidade, saiu a

luz do sol à porta da Dedosdemel e cutucou Rony nas costas.

- Sou eu-murmurou.

- Que foi que o atrasou? - sibilou Rony.

- Snape estava rondando o corredor...

- Que ótimo, então você pode me ajudar! - disse Neville, o rosto redondo

demonstrando ansiedade. - Não consigo entender

#225#

Os garotos saíram andando pela rua principal.

- Onde é que você está? - Rony perguntava toda hora pelo canto da boca. - Ainda está

aí? Que coisa mais estranha...

Eles foram ao correio; Rony fingiu estar verificando o preço de uma coruja para

Gui

no Egito para que Harry pudesse dar uma boa olhada em tudo. As corujas

estavam pousadas e piavam baixinho para ele, no mínimo umas trezentas; desde as

cinzentas de grande porte até as muito pequenas

("Somente para entregas locais"),

que eram tão mínimas que caberiam na palma da mão do garoto.

Depois, visitaram a Zonko's, que estava tão apinhada de estudantes

que Harry precisou

tomar um cuidado enorme para não pisar em ninguém e, com isso, desencadear

o pânico. Havia logros e brincadeiras para satisfazer até os sonhos mais absurdos de Fred e

Jorge; Harry cochichou ordens para Rony e lhe passou um pouco de ouro

por baixo da capa. Os dois deixaram a Zonko's com as bolsas de dinheiro bastante mais

leves do que quando entraram, mas os bolsos iam

estufados de bombas de bosta,

soluços doces, sabão de ovas de sapo e, para cada um, uma xícara que mordia o nariz.

Fazia um tempo firme, de brisa suave, e nenhum dos garotos tinha vontade de ficar

dentro de casa, por isso eles passaram direto pelo Três Vassouras e subiram

uma ladeira para visitar a Casa dos Gritos, o lugar mais mal-assombrado da Grã-Bretanha.

Ficava um pouco mais alta do que o resto do povoado, e mesmo durante o dia

provocava certos arrepios, com suas janelas fechadas com tábuas e um jardim úmido e

malcuidado.

- Até os fantasmas de Hogwarts evitam a casa - disse Rony quando se debruçavam na

cerca para apreciá-la. - Perguntei a Nick Quase sem Cabeça... ele diz que

soube que mora ai uma turma da pesada. Ninguém consegue entrar. Fred e Jorge tentaram,

é claro, mas todas as entradas estão tampadas...

Harry, cheio de calor por causa da subida estava pensando em tirar a capa por uns

minutinhos quando ouviu vozes que se aproximavam. Havia gente subindo em

direção à casa pelo outro lado da elevação; momentos depois, Malfoy apareceu, seguido de

perto por Crabbe e Goyle. Malfoy vinha falando.

- ... devo receber uma coruja do meu pai a qualquer hora. Ele

#226#

teve que ir à audiência para depor sobre o meu braço... que ficou

inutilizado durante três meses...

Crabbe e Goyle riram.

- Eu bem que gostaria de ouvir aquele paspalhão grisalho se defender... "Ele

não tem uma natureza má, honestamente aquele hipogrifo pode se considerar

morto...

Malfoy de repente avistou Rony. Seu rosto pálido se abriu num

sorriso maldoso.

- Que é que você anda fazendo, Weasley?

Malfoy ergueu os olhos para a casa em ruínas, às costas de

Rony.

- Acho que você gostaria de morar aqui, não, Weasiey? Sonhando com um quarto

só para você? Ouvi falar que a sua família

toda dorme em um quarto só, é verdade?

Harry segurou as vestes de Rony pelas costas para impedi-lo de

pular em cima de Malfoy.

- Deixe-o comigo - sibilou ao ouvido de Rony.

A oportunidade era perfeita demais para ser desperdiçada. Harry

caminhou silenciosamente até as costas de Malfoy, Crabbe e Goyle,

se abaixou e apanhou no caminho uma mão bem cheia de lama.

- Estávamos mesmo discutindo sobre seu amigo Hagrid - disse Malfoy a Rony. -

Tentando imaginar o que ele está dizendo à Comissão para Eliminação de

Criaturas Perigosas. Você acha que ele vai chorar quando cortarem...

PAF.

A cabeça de Malfoy foi empurrada para a frente quando a lama

o atingiu; e, de repente, de seus cabelos louro-prateados começaram a escorrer lama.

- Quem..?

Rony teve que se segurar na cerca para não cair de tanto rir. Malfoy, Crabbe e Goyle

se viraram no mesmo lugar, olhando para todos

os lados, agitados, enquanto Malfoy tentava limpar os cabelos.

- Que foi isso? Quem fez isso?

- É muito mal-assombrado isso aqui, não é, não? - falou Rony, com ar

de quem está comentando o tempo.

Crabbe e Goyle ficaram assustados. Seus músculos avantajados

eram inúteis contra fantasmas. Malfoy examinava, furioso, a paisagem deserta.

Harry se esgueirou pelo caminho até uma poça particularmente

#227#

cheia de lama esverdeada e malcheirosa.

PLA?.

Desta vez os atingidos foram Crabbe e Goyle. Goyle deu pulos

frenéticos, tentando tirar a lama dos olhos miúdos e inexpressivos.

- Veio dali! - disse Maifoy, limpando o rosto e detendo o olhar em um ponto a uns

dois metros à esquerda de Harry.

Crabbe avançou inseguro, os braços compridos estendidos à

frente, como um morto-vivo.

Harry rodeou Crabbe, apanhou um pedaço de pau e arremessou-o contra as costas

dele. E se dobrou com risadas silenciosas quando o garoto fez uma pirueta no

ar, tentando ver quem o atacara. Como Rony foi a única pessoa que ele viu, foi para ele que

Crabbe avançou, mas Harry esticou a perna. O garoto tropeçou - e seu

enorme pé chato se prendeu na barra da capa de Harry. Este sentiu

um grande puxão e a

capa escorregou do seu rosto.

Por uma fração de segundo, Malfoy arregalou os olhos e o

fitou.

- HARRRRRy! - berrou ele, apontando para a cabeça de Harry. Então, deu as costas e

fugiu a toda, morro abaixo, com Crabbe e

Goyle nos seus calcanhares.

Harry puxou a capa para cima, mas o estrago já estava feito.

- Harry! - chamou Rony, avançando aos tropeços até o ponto em que o amigo

desaparecera. - É melhor você correr! Se Malfoy

contar a alguém, é melhor você já ter voltado ao castelo, depressa...

- Vejo você mais tarde - disse Harry e, sem mais uma palavra, desceu correndo pelo

caminho, em direção a Hogsmeade.

Será que Malfoy acreditaria no que vira? Será que alguém acreditaria em Malfoy?

Ninguém sabia da existência da Capa da Invisibilidade - ninguém, exceto Dumbledore.

para você!

O estômago de Harry deu cambalhotas - o diretor saberia exatamente o que acontecera, se

Malfoy dissesse alguma coisa...

O garoto voltou à Dedosdemel, à escada que levava ao porão, atravessou a

distância que o separava do alçapão e entrou -

então tirou a capa, meteu-a

debaixo do braço e correu, desabalado, pela passagem... Malfoy chegaria

primeiro... quanto tempo levaria para encontrar um professor? Ofegante, uma dor forte do

lado, Harry não diminuiu a velocidade até alcançar o escorrega de pedra. Teria que deixar a

capa ali, seria muito bandeiroso se Malfoy tivesse

avisado um professor.

Escondeu-a num canto escuro e começou a subir, o mais depressa que pôde, suas mãos

suadas escorregando na

borda do escorrega. Quando chegou à corcunda da bruxa, tocou-a

#228#

a cabeça para fora e deu um impulso para sair. A corcunda se fechou e na hora que ele

saltou de trás da estátua ouviu passos que se aproximavam apressados.

Era Snape. Rapidamente o professor alcançou Harry, as vestes

pretas farfalhando, e parou diante dele.

- Então - falou.

O professor tinha uma expressão de triunfo reprimido no rosto. Harry tentou

parecer inocente, embora muito consciente do seu rosto suado e das mãos

enlameadas, que ele escondeu depressa nos bolsos.

- Venha comigo, Porter - disse Snape.

Harry o acompanhou até o andar de baixo, tentando limpar as

mãos no avesso das vestes, sem que Snape notasse. Dali desceram#

masmorras e à sala de Snape.

O garoto só estivera ali antes uma vez e fora também por um problema muito

sério. Desde então Snape adquirira mais umas coisas horríveis e viscosas

conservadas em frascos, todos arrumados nas prateleiras atrás de sua escrivaninha,

refletindo as chamas da lareira e contribuindo ainda mais para tornar a atmosfera

ameaçadora.

- Sente-se - mandou Snape.

Harry se sentou. O professor, no entanto, continuou em pé.

- O Sr-. Malfoy acabou de vir me contar uma história estranha,

Potter.

Harry ficou calado.

- Ele me contou que estava na Casa dos Gritos quando deparou com Weasley,

aparentemente sozinho.

Ainda assim, Harry não falou nada.

- O Sr. Malfoy diz que estava parado, falando com Weasley, quando

um pelotaço

de lama o atingiu na nuca. Como é que você

acha que isso aconteceu?

Harry tentou parecer levemente surpreso.

- Não sei, professor.

Os olhos de Snape perfuravam os de Harry. Era exatamente a mesma sensação de

tentar dominar um hipogrifo com o olhar. O

garoto fez força para não piscar.

- O Sr. Malfoy então viu uma extraordinária aparição. Você

pode imaginar o que teria sido, Potter?

- Não - respondeu Harry, agora tentando parecer inocentemente curioso.

- Foi a sua cabeça, Potter. Flutuando no ar.

Fez-se um longo silêncio.

- Talvez seja bom ele ir procurar Madame Pomfrey - sugeriu Harry. - Se anda

vendo coisas como...

- Que é que a sua cabeça estaria fazendo em Hogsmeade, Potter? - perguntou

Snapc suavemente. - A sua cabeça não tem permissão de ir a Hogsmeade.

Nenhuma parte do seu corpo tem permissão de ir a Hogsmeade.

- Eu sei, professor - respondeu Harry, tentando manter o rosto despojado de culpa

ou medo. - Parece que Maifoy está sofrendo

alucina...

- Malfoy não está sofrendo alucinações - rosnou Snape, se curvando com as mãos

apoiadas nos braços da cadeira de Harry, de modo que os rostos dos

dois ficaram afastados apenas trinta centímetros. Se a sua cabeça estava em Hogsmeade,

então o resto do seu corpo também estava.

- Estive na Torre da Grifinória. Como o senhor me mandou...

- Alguém pode confirmar isso?

Harry não respondeu. A boca de Snape se torceu num feio sorriso.

- Então - disse ele se endireitando. - Todo mundo, do Ministro da Magia para

baixo, está tentando manter o famoso Harry Potter a salvo de Sirius Black.

Mas o famoso Harry Potter faz as suas próprias leis. Que as pessoas comuns se preocupem

com a sua segurança! O famoso Harry Potter vai aonde quer, sem medir as conseqUências.

Harry ficou calado. Snape estava tentando provocá-lo a dizer a

verdade. Pois ele não ia dizer. Snape não tinha provas - ainda.

- É extraordinário como você se parece com o seu pai, Potter

- disse Snape de repente, os olhos brilhando. Ele também era muitíssimo arrogante. Um

pequeno talento no campo de

quadribol o fazia pensar que estava acima

dos demais. Exibia-se pela escola com seus amigos e admiradores... A semelhança entre

vocês dois é fantástica.

- Meu pai não se exibia - disse Harry, antes que pudesse se refrear. - E eu também

não.

- Seu pai também não ligava para as regras - continuou Snape,

aproveitando a vantagem obtida, seu rosto magro cheio de malícia.

- Regras foram feitas para meros mortais, não para vencedores da Taça de Quadribol. Era

tão cheio de si...

- CALE A BOCA!

Harry, de repente, se levantou. Uma raiva como ele não sentia desde a última noite na

rua dos Alfeneiros atravessou seu corpo. Ele não se importou que o

rosto de Snape tivesse enrijecido, que os olhos negros lampejassem perigosamente.

- Que foi que você disse a mim, Potter?

- Disse para parar de falar do meu pai! - berrou Harry. - Conheço a verdade, está bem?

Dumbiedore me contou! O senhor nem estaria aqui se não fosse o meu

pai!

A pele macilenta de Snape ficou da cor de leite azedo.

- E o diretor lhe contou as circunstâncias em que seu pai salvou a minha vida? -

sussurrou. - Ou será que considerou os detalhes demasiado indigestos

para

os ouvidos delicados do precioso Potter?

Harry mordeu o lábio. Não sabia o que acontecera e não queria admiti-lo - mas Snape

parecia ter adivinhado a verdade.

- Eu detestaria que você saísse por aí com uma idéia falsa sobre seu pai, Potter - disse

ele, com um sorriso horrível deformando-lhe o rosto. - Será que

você andou imaginando um glorioso ato de heroismo? Então me dê licença para corrigi-lo:

o seu santo paizinho e seus amigos me pregaram uma peça muito divertida que

teria provocado a minha morte se o seu pai não tivesse se acovardado

no último instante.

Não houve coragem alguma no que ele fez. Estava salvando a própria pele

junto com a minha. Se a peça tivesse chegado ao fim, ele teria sido expulso de Hogwarts.

Os dentes irregulares e amarelados de Snape estavam arreganhados.

- Vire seus bolsos pelo avesso, Potter! - disse ele, de súbito, e com rispidez.

Harry não se mexeu. Sentia o sangue latejar nos ouvidos.

- Vire seus bolsos pelo avesso ou vamos ver o diretor agora! Pelo avesso, Potter!

Gelado de medo, Harry tirou do bolso a saca com artigos da

Zonko's e o Mapa do Maroto.

Snape apanhou a saca da Zonko's.

#231#

- Foi Rony que me deu - informou Harry, rezando para ter

uma chance de avisar Rony antes que Snape o visse. - Ele... trouxe para mim de

Hogsmeade da última vez...

- Verdade? E você anda carregando isso desde então? Que comovente... e o que é

isto?

Snape apanhara o mapa. Harry tentou com todas as forças

manter o rosto impassível.

- Um pedaço de pergaminho - disse, sacudindo os ombros.

Snape revirou-o, mantendo os olhos fixos em Harry.

- Com certeza você não precisa de um pedaço de pergaminho tão velho? -

comentou. - Por que não... jogá-lo fora?

Ele estendeu a mão para a lareira.

- Não! - exclamou Harry depressa.

- Então - disse Snape com as narinas trêmulas. - Será que é mais um precioso

presente do Sr. Weasley? - Ou será que é outra coisa? Uma carta, talvez,

escrita com tinta invisível? Ou instruções para ir a Hogsmeade sem passar pelos

dementadores?

Harry piscou. Os olhos de Snape brilharam.

- Vejamos, vejamos... - murmurou ele, puxando a varinha e alisando o mapa em

cima da escrivaninha. - Revele o seu segredo!

- disse, tocando o pergaminho com a varinha.

Nada aconteceu. Harry fechou as mãos para impedi-las de

tremer.

- Mostre-se! - disse Snape, dando uma batida forte no mapa.

O mapa continuou em branco. Harry inspirou profundamente para se acalmar.

- Severo Snape, professor desta escola, ordena que você revele a informação que

está ocultando! - disse ele, batendo no mapa

com a varinha.

Como se uma mão invisível estivesse escrevendo, começaram a

surgir palavras na superfície lisa do mapa.

O Sr. Aluado apresenta seus cumprimentos ao Prof Snape e pede que ele

não meta seu nariz anormalmente grande no que nao é de sua

conta.

Snape congelou. Harry arregalou os olhos, para a mensagem,

aparvalhado. Mas o mapa não parou aí. Outras frases apareceram

embaixo da primeira.

232#

O Sr. Pontos concorda com o Sr. Aluado e gostaria de acrescentar

que o Prof Snape é um safado mal acabado.

Teria sido muito engraçado se a situação não fosse tão grave. E havia mais...

O Sr. Almofadinhas gostaria de deixar registrado o seu espanto de que um idiota desse

calibre tenha chegado a professor.

Harry fechou os olhos horrorizado. Quando os reabriu, o mapa tinha dito a última

palavra.

O Sr. Rabicho deseja ao Prof Snape um bom dia e aconselha a esse seboso que lave os

cabelos.

Harry esperou a pancada atingi-lo.

- Então - disse Snape suavemente. - Veremos...

O professor foi até a lareira, agarrou um punhado de pó brilhante e atirou-o nas

chamas.

- Lupinl - gritou Snape para o fogo. - Quero dar uma palavrinha com você!

Absolutamente perplexo, Harry olhou para o fogo. Surgiu uma sombra enorme que

rodopiava muito depressa. Segundos depois, o

Prof.. Lupin saía da lareira, sacudindo

as cinzas das roupas enxovalhadas.

- Você me chamou, Severo? - perguntou Lupin suavemente.

- Claro que chamei - retrucou Snape, o rosto contorcido de

fúria ao voltar para sua escrivaninha. - Acabei de pedir a Potter

para esvaziar os bolsos. Ele trazia isto com ele.

Snape apontou para o pergaminho, em que as palavras dos Srs.

Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas ainda brilhavam. Uma

expressão estranha e reservada apareceu no rosto de Lupin.

- E daí?

Lupin continuou a olhar fixamente para o mapa. Harry teve a

impressão de que ele estava avaliando a situação muito rapidamente.

- E então? - insistiu Snape. - Este pergaminho obviamente está repleto de magia

negra. Pelo visto isto é a sua especialidade,

Lupin. Onde você acha que Potter arranjou uma coisa dessas?

Lupin ergueu a cabeça e, com um levissimo relanceio na direção de Harry, alertou-o

para não interrompê-lo.

- Repleto de magia negra? - repetiu ele. - É isso mesmo que você acha, Severo? A

mim parece apenas um mero pedaço de pergaminho que insulta quem o

lê. Infantil, mas com certeza nada perigoso. Imagino que Harry o tenha comprado numa

loja de

logros e brincadeiras...

- Verdade? - O queixo de Snape tinha endurecido de raiva. -

Você acha que uma loja de logros e brincadeiras podia ter vendido

a ele uma coisa dessas? Você não acha que é mais provável que ele

o tenha obtido diretamente dos fabri cantes?

Harry não entendeu o que Snape dizia. E, aparentemente,

Lupin também não.

- Você quer dizer, do Sr Rabicho ou um dos outros? Harry, você conhece algum

desses homens?

- Não - respondeu Harry depressa.

- Está vendo, Severo? - disse Lupin voltando-se para Snape. - A mim parece um

produto da

Zonko's...

Bem na hora, Rony irrompeu pela sala. Estava completamente

sem fôlego e parou diante da escrivaninha de Snape, a mão apertando o peito, tentando

falar.

- Eu... dei... isso.., a... Harry - disse sufocado. - Comprei... na

Zonko's... há... séculos...

- Bem! - disse Lupin batendo palmas e olhando à sua volta animado. - Isso parece

esclarecer tudo! Severo, vou devolver isto, posso? - Ele dobrou o

mapa e o guardou nas vestes. - Harry e Rony, venham comigo, preciso dar uma palavra

sobre a redação dos vampiros, você nos dá licença, Severo...

Harry não se atreveu a olhar para Snape ao deixarem a sala do

professor. Ele, Rony e Lupin voltaram ao saguão de entrada antes

de se falarem. Então Harry se dirigiu a Lupin.

- Professor, eu...

- Não quero ouvir explicações - disse Lupin aborrecido. Espiou o saguão vazio e

baixou a voz. - Por acaso eu sei que este mapa foi confiscado pelo

Sr. Filch há muitos anos. É, eu sei que é um mapa

- disse ele aos surpresos garotos. - Não quero saber como você o obteve. Estou abismado,

no entanto, que não o tenha entregado a alguém responsável. Especialmente

depois do que aconteceu na última vez em que um aluno deixou uma informação sobre o

castelo largada por aí. E não posso deixar você ficar com o mapa, Harry.

O garoto esperara isso e estava demasiado ansioso por informações para protestar.

- Por que Snape achou que eu tinha obtido o mapa dos fabricantes?

- Porque... - Lupin hesitou -, porque a intenção desses fabricantes de mapas era atraí-lo

para fora da escola. Teriam achado isso

muitíssimo divertido.

- O senhor os conhece? - perguntou Harry impressionado.

- Já nos encontramos - disse o professor com rispidez. Olhava para Harry mais

sério do que jamais olhara.

"Não espere que lhe dê cobertura outra vez, Harry. Não posso fazer você levar Sirius

Black a sério. Mas eu teria pensado que o que você ouve quando os dementadores

se aproximam teria produzido algum efeito em você. Os seus pais deram a vida para mantêlo

vivo, Harry. É uma retribuição indigente, trocar o sacrifício deles por

uma saca de truques mágicos.

O professor se afastou, deixando Harry se sentindo muito pior do que em qualquer

momento que passara na sala de Snape. Lentamente, ele e Rony subiram

a escadaria de mármore. Quando Harry passou pela bruxa de um olho só, lembrou-se da

Capa da Invisibilidade - continuava lá embaixo mas ele não se atreveu a ir buscá-la.

- A culpa é minha - disse Rony sem rodeios. - Eu o convenci a ir. Lupin tem

razão, foi uma estupidez e não devíamos ter feito

Isso...

Ele parou de falar; tinham chegado ao corredor onde os trasgos de segurança estavam

patrulhando e Hermione vinha ao encontro dos dois. Uma olhada no rosto

dela convenceu Harry de que ela ouvira falar do que acontecera. Sentiu um peso no coração

- será que ela contara à

Profa. McGonagall?

- Veio tripudiar? - perguntou Rony ferozmente quando a garota parou diante

deles. - Ou acabou de nos denunciar?

- Não - respondeu Hermione. Ela segurava uma carta nas mãos e seus lábios

tremiam. - Só achei que vocês deviam saber..

Hagrid perdeu o caso. Bicuço vai ser executado.

#235#

- CAPITULO QUINZE

A final do campeonato de quadri bol

- Ele... ele me mandou isto - disse Hermione entregando a carta.

Harry apanhou-a. O pergaminho estava úmido, e enormes

gotas de lágrimas tinham borrado tão completamente a tinta em

alguns pontos que era difícil ler a carta.

Cara Mione,

Perdemos. Tive permissão de trazer Bicuço de volta a Hogwarts.

A data de execução vai ser marcada.

Bicucinho gostou de Londres.

Não vou esquecer toda a ajuda que você nos deu.

Hagrid

- Eles não podem fazer isso - disse Harry. - Não podem. Bicuço

não é perigoso.

- O pai de Malfoy deve ter intimidado a Comissão, para ela

fazer isso - disse Hermione, enxugando as lágrimas. - Vocês sabem

como ele é. Os outros são um bando de velhos caducos e bobos e

ficaram com medo. Mas vai haver recurso, sempre há. Só que não

consigo ver nenhuma esperança... Nada vai mudar até lá.

- Vai, sim - disse Rony com ferocidade. - Você não vai ter que

fazer o trabalho todo sozinha desta vez, Mione. Eu vou ajudar.

-Ah, Rony!

Hermione atirou os braços ao pescoço de Rony e desabou

completamente. Rony, com cara de terror, acariciou muito sem

jeito o topo da cabeça da garota. Finalmente, ela se afastou.

- Rony, eu realmente sinto muito, muito mesmo, pelo Perebas... - soluçou ela.

- Ah... bem... ele estava velho - disse Rony, parecendo muitíssimo aliviado

por Hermione o ter soltado. - E estava ficando meio

inútil. Nunca se sabe, talvez mamãe e papai me comprem uma coruja agora.

As medidas de segurança impostas aos alunos desde a segunda invasão

de Black impediram

que Harry, Rony e Hermione fossem visitar Hagrid à noite. A única oportunidade

que tinham de falar com ele era durante a aula de Trato das Criaturas Mágicas.

Ele parecia ter ficado aparvalhado com o veredicto da Comissão.

- É tudo minha culpa. Me atrapalhei para falar. Eles estavam sentados lá, vestidos de

preto, e eu não parava de deixar cair as minhas

anotações e esquecer

as datas que você viu pára mim, Mione. Depois Lúcio Malfoy ficou em pé e falou, e a

Comissão fez exatamente o que ele mandou...

- Ainda tem recurso! - disse Rony ferozmente. - Não desista ainda, estamos

trabalhando nisso!

Os quatro regressavam ao castelo com o restante da classe. À

frente, viam MaIfoy, que caminhava com Crabbe e Goyle e não

parava de olhar para trás, rindo com ar de deboche.

- Não adianta, Rony - disse Hagrid, muito triste, quando chegavam à entrada do

castelo. - Aquela comissão faz o que Lúcio Malfoy manda. Eu

só vou tomar providências

para que os últimos dias do Bicucinho sejam os mais felizes que teve na vida. Devo isso a

ele...

Hagrid deu meia-volta e saiu correndo em direção à sua cabana, o rosto escondido no

lenço.

- Olhem só ele chorando feito um bebezão!

Malfoy, Crabbe e Goyle tinham parado às portas do castelo,

escutando.

- Vocês já viram uma coisa mais patética? - perguntou Malfoy.

- E dizem que ele é nosso professor!

Harry e Rony se voltaram com violência para MalFoy, mas

Hermione chegou primeiro.

-PÁ!

Ela deu um tapa na cara de Malfoy com toda a força que conseguiu reunir. Malfoy

cambaleou. Harry, Rony, Crabbe e Goyle

ficaram parados, estupefatos, enquanto Hermione tornava a Levantar a mão.

#237#

- Não se atreva a chamar Hagrid de patético, seu sujo... seu perverso...

- Mione! - exclamou Rony com a voz fraca, e tentou segurar a mão da garota ao

vê-la tomar novo impulso.

- Sai, Rony"!

Hermione puxou a varinha. Malfoy recuou. Crabbe e Goyle

olharam para ele pedindo instruções, inteiramente abobados.

- Vamos - murmurou Malfoy e, num instante, os três tinham desaparecido no

corredor que levava às masmorras.

- Mione!-tornou a exclamar Rony, parecendo ao mesmo tempo espantado e

impressionado.

- Harry, acho bom você dar uma surra nele na final de

quadribol! - disse a garota com a voz esganiçada. - Acho bom dar, porque

não vou suportar ver Sonserina vencer!

- Está na hora da aula de Feitiços - disse Rony, ainda olhando para Hermione. - É

melhor a gente ir andando.

E os três subiram correndo a escadaria de mármore para chegar

à classe do Prol Flitwick.

- Vocês estão atrasados, garotos! - disse o professor, em tom de censura, quando

Harry abriu a porta da

sala. - Vamos, depressa, tirem as varinhas,

hoje estamos fazendo experiências com os feitiços para animar, já dividimos os pares...

Harry e Rony correram para as carteiras ao fundo e abriram as

mochilas. Rony olhou para trás.

- Aonde é que foi a Mione?

Harry também a procurou. Hermione não entrara na sala, no entanto, Harry sabia que a garota estivera bem ao seu lado quando ele abrira a porta.

- Que coisa esquisita - comentou Harry, encarando Rony. - Vai ver., vai ver ela foi ao banheiro ou outra coisa qualquer.

Mas a garota não apareceu durante toda a aula.

- Ela bem que precisava de um feitiço para animar, também - comentou Rony quando os alunos saíram para almoçar, todos muito sorridentes, os feitiços para animar tinham deixado em todos uma sensação de grande contentamento.

Hermione não apareceu no almoço tampouco. Na altura em que terminaram a torta de maçã, os efeitos dos feitiços estavam se dissipando, e Harry e Rony começaram a se preocupar um pouco.

238#

- Você acha que Draco fez alguma coisa a ela? - perguntou Rony, ansioso, quando seguiam apressados para a Torre da Grifinória.

Passaram pelos trasgos de segurança, deram a senha à Mulher Gorda ("Flibbertigibbet") e treparam pelo buraco do retrato para chegar à sala comunal.

Hermione estava sentada à mesa, profundamente adormecida, a cabeça pousada sobre

um livro aberto de Aritmancia. Os garotos se sentaram, um de cada lado.

Harry cutucou-a de leve para acordá-la.

- Ó!.. quê? - exclamou Hermione, acordando e olhando assustada para os lados. -

Já está na hora de ir?

Ó!!.. qual é a aula que

temos agora?

- Adivinhação, mas só daqui a vinte minutos - respondeu Harry -

Mione, por que você não foi à aula de Feitiços?

- Quê? Ah não! - guinchou Hermione. - Me esqueci de ir à aula de Feitiços!

- Mas como é que você pôde esquecer? - perguntou Harry. - Você estava conosco

até chegarmos à porta da sala de aula!

- Eu não acredito! - lamentou-se Hermione. - O Prof. Flitwick ficou aborrecido?

Ah, foi o Malfoy, eu estava pensando nele e

me atrapalhei!

- Sabe de uma coisa, Mione? - disse Rony, olhando para o livrão de Arirmancia

que a garota estivera usando como travesseiro.

- Acho que você está sofrendo um colapso mental. Está tentando fazer coisas demais.

- Não estou, não! - retrucou ela, afastando os cabelos dos olhos e procurando a

mochila, com um ar de desamparo. - Foi só um engano! É melhor eu procurar

o Prof. Flitwick e pedir desculpas... vejo vocês na aula de Adivinhação!

Hermione se reuniu aos dois garotos ao pé da escada para a sala

da Profa. Sibila, vinte minutos mais tarde, com um ar extremamente encabulado.

- Não posso acreditar que perdi os feitiços para animar! E aposto como vão cair

nos exames; o Prof. Flitwick insinuou que

poderiam cair!

Juntos, eles subiram a escada para a sala escura e abafada da torre. Brilhando em cada

mesinha havia uma bola de cristal cheia

de uma névoa branco-pérola.

Harry, Rony e Hermione se sentaram juntos à mesma mesa bamba.

#239#

- Pensei que não íamos começar bolas de cristal antes do próximo trimestre -

resmungou Rony, lançando à sala um olhar preocupado, à procura da professora,

caso ela estivesse espreitando por ali.

- Não reclame, isso significa que terminamos quiromancia - murmurou Harry em

resposta. - Eu já estava ficando cheio de ver Trelawney fazer careta

de aflição todas as vezes que examinava as minhas mãos.

- Bom dia para todos! - saudou a voz etérea e fàmiliar, e a professora saiu das

sombras em sua

costumeira e dramática aparição. Parvati e LIIá estremeceram

de excitação, os rostos iluminados pelo brilho leitoso das bolas de cristal.

- Resolvi começar a bola de cristal mais cedo do que tinha planejado - disse a

professora, sentada de costas para a lareira, olhando para a turma.

- As Parcas me informaram que o exame de vocês em junho tratará do orbe, e estou ansiosa

para oferecer-lhes muita prática.

Hermione deu uma risadinha.

- Bem, francamente... "as Parcas a informaram".., quem é que prepara o exame?

Ela mesma! Que profecia assombrosa! - continuou a garota sem se preocupar

em manter a voz baixa. Harry e Rony sufocaram risadinhas.

Era difícil dizer se a professora os ouvira, pois seu rosto estava

oculto pelas sombras. Ela, no entanto, continuou como se não

tivesse ouvido.

- A vidência com a bola de cristal é uma arte particularmente

requintada disse em tom

sonhador. - Por isso não espero que

vocês vejam alguma coisa ao procurarem

examinar pela primeira vez as profundezas infinitas do orbe. Vamos começar praticando o

relaxamento da mente consciente e da visão exterior - Rony começou a soltar

risadinhas irrefreáveis e precisou meter o punho na boca para abafar o som - para vocês

poderem limpar a visão interior e a supraconsciência. Talvez, se tivermos

sorte, alguns de vocês consigam ver alguma coisa antes do fim da aula.

E então começaram a praticar. Harry, pelo menos, sentiu-se

extremamente bobo de mirar a bola de cristal, tentando manter a

mente vazia, enquanto pensamentos do tipo "que coisa mais

idiota não paravam de lhe ocorrer. Rony não ajudava nada com seus

acessos de riso silencioso nem Hermione com seus muxoxos.

- Viram alguma coisa? - perguntou Harry aos dois, depois de manter os olhos

fixos na bola uns quinze minutos.

- Já, tem uma queimadura no tampo dessa mesa - disse Rony apontando. - Alguém

derrubou uma vela.

- Isto é uma baita perda de tempo - sibilou Hermione. - Eu podia estar praticando

alguma coisa útil. Podia estar recuperando a

matéria de feitiços para animar...

A Profa Sibila passou farfalhando.

- Alguém gostaria que eu ajudasse a interpretar os portentos obscuros que

aparecem em seu orbe? - murmurou sobrepondo a

voz ao tilintar dos seus badulaques.

- Eu não preciso de ajuda - sussurrou Rony. - É óbvio o que isto significa. Vai

haver um nevoeiro daqueles hoje à noite.

Harry e Hermione explodiram em risadas.

- Ora, francamente! - exclamou a Profa Trelawney quando todas as cabeças dos

alunos se viraram em sua direção.

Parvati e Lilá fizeram caras escandalizadas.

- Vocês estão perturbando as vibrações da vidente!

A professora se aproximou da mesa dos garotos e espiou as bolas de cristal dos três.

Harry sentiu um grande desânimo. Tinha

certeza de que sabia o que viria a seguir...

- Vejo algo aqui! - sussurrou a professora, aproximando o rosto da bola, de modo

que esta se refletiu duas vezes em seus enormes óculos. - Alguma

coisa que se move... mas o que é isso?

Harry estava preparado para apostar tudo que tinha, inclusive

a Firebolt, que, seja o que fosse, não seria uma boa notícia. E não

deu outra...

- Meu querido... - sussurrou a professora, erguendo os olhos para ele. - Está aqui,

mais claro que antes... meu querido, aproximando-se de você, cada

vez mais perto... ó Sin...

- Ah, pelo amor de Deus - exclamou Hermione em voz alta. - Não é aquele

ridículo Sinistro outra vez!

A Profa Sibila ergueu os enormes olhos para a garota. Parvati cochichou alguma coisa

com Lilá, e as duas olharam feio para Hermione também. A professora

se ergueu, fitando Hermione com inconfundível raiva.

- Sinto dizer que do instante em que você entrou nesta sala,

minha querida, ficou evidente que não tinha o talento que a nobre

arte da Adivinhação exige. Na verdade, eu não me lembro de

jamais ter encontrado uma aluna cuja mente fosse tão irreparavelmente terrena.

Seguiu-se um momento de silêncio. Então...

- Ótimo! - exclamou Hermione, de repente, levantando-se e enfiando o exemplar

de Esclarecendo o

futuro na mochila. - Ótimo!

- repetiu, atirando a mochila sobre o ombro e quase derrubando

Rony da cadeira. - Eu desisto! Vou-me embora.

E para assombro da turma, Hermione se dirigiu ao alçapão,

abriu-o com um pontapé e desceu a escada, desaparecendo de vista.

Levou alguns minutos para todos se aquietarem outra vez. A professora parecia ter se

esquecido completamente do Sinistro.

Deu as costas, bruscamente, à mesa de Harry e Rony, respirando forte e ajeitando o diáfano

xale mais perto

do corpo.

- Ooooo! - exclamou Lilá de repente, assustando todo mundo.

- Oooooo, Profa Sibila, acabei de me lembrar! A senhora viu a Hermione nos deixando, não

foi? Não foi, professora? Na altura da Páscoa, alguém aqui vai deixar o

nosso convívio para sempre! A senhora disse isso há um tempão, professora!

Sibila sorriu suavemente.

- É verdade, minha querida, eu sabia que a Srta. Granger iria nos deixar.

Esperemos, no entanto, que tenhamos nos enganado

com os sinais... A visão interior pode ser um fardo, sabem...

Lilá e Parvati pareceram profundamente interessadas e trocaram de lugar para que a

professora pudesse parar à mesa delas.

- Um dia Hermione vai capotar, hein? - murmurou Rony para Harry, fazendo cara de

espanto.

- É...

Harry examinou mais uma vez a bola de cristal, mas não viu nada além de uma névoa

espiralada. Será que a professora vira, de

fato, o Sinistro novamente?

Será que ele, Harry, veria? A última coisa de que precisava era outro acidente quase fatal,

com a final de quadribol cada dia mais próxima.

As férias da Páscoa não foram exatamente relaxantes. Os alunos do

terceiro ano nunca tinham recebido tantos deveres para casa.

Neville Longbottom parecia às vésperas de um colapso nervoso, e não

era o único.

- Chamam a isso de férias! - bradou Simas Finnigan certa

#242#

tarde na sala comunal. - Ainda faltam séculos para os exames, qual é a

deles!

Mas ninguém tinha tanto a fazer quanto Hermione. Mesmo sem Adivinhação, ela

estava estudando mais matérias do que todos os outros. Em geral era a última

a deixar a sala comunal à noite, a primeira a chegar na biblioteca na manhã seguinte; tinha

olheiras iguais as de Lupin e parecia estar constantemente prestes a

cair no choro.

Rony assumira a responsabilidade pelo recurso de Bicuço. Quando não estava

cuidando dos próprios deveres, estava examinando volumes grossissimos com títulos

do tipo O manual da psicologia do hipogrifo e Ave ou vilão? Um estudo sobre a brutalidade

do

hipogrifo. Ficou tão absorto que até se esqueceu de ser antipático

com o Bichento.

Entrementes, Harry teve que encaixar os deveres entre os treinos diários de quadribol,

para não falar das intermináveis discussões de táticas com Olívio.

A partida Grifinória-Sonserina fora marcada para o primeiro sábado depois das férias da

Páscoa. Sonserina liderava o campeonato por exatos duzentos pontos. Isto

significava (conforme Olívio não parava de lembrar ao seu time) que eles precisavam

vencer a partida por um número de pontos superior a duzentos para ganhar a Taça.

Significava, ainda, que a responsabilidade de vencer cabia em grande parte a Harry, porque

capturar o pomo valia cento e

cinquenta pontos.

- Por isso você deve capturar o pomo somente quando obtivermos uma vantagem de

mais de cinqUenta pontos - dizia Olívio a Harry constantemente. - Só se tivermos

mais de cinqUenta pontos, Harry senão ganhamos a partida mas perdemos a taça. Você

entendeu bem? Você só pode apanhar o pomo se tivermos...

- JÁ SEI, OLIVIO! - berrou Harry.

Toda a Grifinória estava obcecada com a próxima partida. A casa não ganhava a Taça

de Quadribol desde que o lendário Carlinhos Weasley (o segundo irmão mais

velho de Rony) jogara como apanhador. Mas Harry duvidava se alguém no mundo, mesmo

Olivio, queria essa vitória tanto quanto ele. A inimizade entre Harry e Malfoy

atingira o auge. Malfoy ainda sofria com o incidente da pelota de lama em Hogsmeade e

ficara ainda mais furioso que

Harry tivesse conseguido escapar do castigo.

Harry, por sua vez, não se esquecia da tentativa de Malfoy de sabotá-lo durante o jogo

#243#

contra Corvinal, mas foi o caso de Bicuço que o deixou ainda mais decidido a vencer

Malfoy diante da escola inteira.

Nunca, na lembrança de ninguém, uma partida se aproximara com uma atmosfera tão

carregada. Quando as férias terminaram, a tensão entre os dois times e suas

casas estava a ponto de explodir. Pequenas brigas irrompiam nos corredores, que

culminaram em um incidente perverso, no qual um quartanista da Grifinória e um

sextanista

da Sonserina acabaram na ala hospitalar, com alhosporós brotando dos ouvidos.

Harry, pessoalmente, estava passando um mau pedaço. Não podia ir e vir sem que os

alunos da Sonserina esticassem as pernas tentando fazê-lo tropeçar; Crabbe

e Goyle não paravam de aparecer onde quer que ele estivesse e se afastar desapontados

quando o viam cercado de colegas. Olívio dera instruções para que Harry estivesse

sempre acompanhado em todo lugar, para a eventualidade de algum

aluno da Sonserina

querer inutilizá-lo para o jogo. Toda a

Grifinória assumiu o desafio com entusiasmo,

tornando impossível Harry chegar às aulas na hora certa, porque andava rodeado por uma

aglomeração de colegas barulhentos. Mas o garoto se preocupava mais com a

segurança da Firebolt do que com a própria. Quando não estava voando, ele trancava a

vassoura no malão e muitas vezes dava uma corrida à Torre da Grifinória, nos

intervalos das aulas, para verificar se ela continuava lá.

Todas as atividades normais na sala comunal foram abandonadas

na véspera do jogo. Até Hermione pusera os livros de lado.

- Não consigo estudar, não consigo me concentrar - comentou ela, nervosa.

Havia uma grande algazarra. Fred e Jorge Weasley enfrentavam a pressão agindo com

mais barulho e exuberância que nunca. Olívio estava a um canto debruçado

sobre a maquete de um campo de quadribol, empurrando bonequinhos com a varinha e

resmungando. Angelina, Alicia e Katie riam das piadas de Fred e Jorge. Harry se

sentara com Rony e Hermione afastado do centro das atividades, procurando não pensar no

dia seguinte, porque toda vez

que o fazia, tinha a terrível sensação de que alguma coisa enorme

estava tentando voltar do seu estômago.

#244#

- Você vai se sair bem - disse Hermione a ele, embora parecesse decididamente

aterrorizada.

- Você tem uma Firebolt! - animou-o Rony.

- É... - respondeu Harry, o estômago se revirando.

Foi um alívio quando Wood se levantou e gritou:

- Time! Cama!

Harry dormiu mal. Primeiro, sonhou que perdera a hora e que 01Hood gritava "Onde é que

você se meteu? Tivemos que chamar Nevilie para substitui-lo!" Depois sonhou

que Malfoy e o resto do time da Sonserina chegavam para a partida montados em dragões.

Harry voava a uma velocidade vertiginosa, tentando evitar o jorro de chamas

que saía da boca da montaria de Malfoy, quando percebeu que esquecera sua vassoura.

Começou, então, a cair pelo ar e acordou assustado.

Levou alguns segundos para se lembrar que a partida ainda não se realizara, que estava

seguro em sua cama, e que, decididamente, o time da Sonserina não

teria permissão para jogar montado em dragões. Sentiu uma sede enorme. O mais

silenciosamente que pôde, levantou-se da cama de colunas e foi se servir de água de

uma jarra de prata sob a janela.

Não havia movimento nem som nos jardins. Nenhum sopro de vento perturbava as

copas das árvores na Floresta Proibida; o Salgueiro Lutador estava imóvel e

transpirava inocência. Parecia que as condições para a partida seriam perfeitas.

Harry pousou o copo e já ia voltar para a cama quando alguma

coisa prendeu sua atenção. Havia um animal rondando o gramado

prateado.

Harry correu à sua mesa-de-cabeceira, apanhou os óculos,

colocou-os, e voltou depressa à janela. Não podia ser o Sinistro - não agora - não na

véspera da partida...

Ele tornou a espiar os jardins e, depois de uma busca ansiosa,

Localizou-o. O animal ia contornando a orla da floresta agora...

Não era o Sinistro.., era um gato... Harry agarrou o peitoril da

janela aliviado ao reconhecer aquele rabo de escovinha. Era só o

Bichento...

Ou seria só o Bichento? Harry apurou a vista, esborrachando o

nariz contra a vidraça. Bichento parecia ter parado. O menino teve

certeza de que estava vendo outra coisa andando sob a sombra das árvores, também.

- naquele momento, ele apareceu - um cão gigantesco, peludo e negro, que se movia

sorratetramente pelos gramados. Bichento caminhava ao seu lado. Harry arregalou

os olhos. Que significaria isso? Se Bichento também via o cão, como é que ele podia ser

um agouro da morte de Harry?

- Rony! - sibilou Harry. - Rony Acorda!

-Hum?

- Preciso que você me diga se vê uma coisa!

- Tá tudo escuro, Harry - murmurou o amigo com a voz empastada. - Do que é

que você está falando?

- Ali embaixo...

Harry espiou depressa pela janela.

Bichento e o cão haviam desaparecido. Ele subiu, então, no

peitoril para ver lá embaixo, nas sombras do castelo, mas os bichos

não estavam mais lá. Aonde teriam ido?

Um forte ronco lhe informou que Rony tornara a cair no sono.

Harry e o resto do time da Grifinória entraram no Saho Principal, no dia seguinte, sob uma

tempestade de aplausos. O garoto não pôde deixar de dar um grande sorriso

quando viu que as mesas da Corvinal e Lufa-Lufa os aplaudiam também. A mesa da

Sonserina vaiou alto quando eles passaram. Harry reparou que

Malfoy parecia mais pálido

do que de costume.

Olívio passou o café da manhã inteiro insistindo para que o time comesse, sem,

contudo, se servir de nada. Depois apressou-os a se dirigirem ao campo antes

que os outros tivessem terminado, para terem uma idéia das condições de jogo. Quando

saíram do Salão Principal, receberam novos aplausos.

- Boa sorte, Harry! - gritou Cho. Harry sentiu o rosto corar.

- OK... não tem vento.., o sol está meio forte, o que pode prejudicar a visão, tomem

cuidado... o chão está bem firme, bom, isso

vai nos dar um bom impulso inicial...

Olívio andou pelo campo examinando tudo, com o time atrás.

#246#

Finalmente, eles viram as portas do castelo se abrirem ao longe e o

restante da escola se espalhar pelos gramados.

-Vestiário - disse Olivio tenso.

Ninguém falou enquanto se despiam e vestiam os uniformes vermelhos. Harry ficou

imaginando se

todos estariam se sentindo como ele: como se tivesse comido

alguma coisa que se mexia demais dentro da barriga. Não parecia ter transcorrido mais que

um segundo quando ele ouviu

Olivio dizer:

- OK, pessoal, vamos...

O time entrou em campo sob uma onda gigantesca de aplausos, Três quartos da torcida

usavam rosetas vermelhas, agitavam bandeiras vermelhas com o leão da

Grifinória ou faixas com palavras de ordem: "PRA FRENTE GRIFINÓRIA!" e "A COPAS

DOS LEÕES!"

Atrás das balizas da Sonserina, porém, duzentos torcedores se cobriam

de verde; a serpente prateada da casa reMgia em suas bandeiras e o Prof. Snape estava

sentado na primeira fila, vestindo verde como os demais, exibindo um sorriso

muito sinistro.

- "E aí vem o time da Grifinôria! - bradou Lino Jordan, que, como sempre, fazia a

irradiação. - Potter,

Bell, Johnson, Spinnet, Weasley, Weasley e Wood. Considerado

por todos o melhor time que Hogwarts já viu em muitos anos...

Os comentários de Lino foram abafados por uma onda de vaias

da torcida da Sonserina.

- "E aí vem o time da Sonserina, liderado pelo capitão Flint. Ele

fez algumas alterações no esquema tático e parece ter preferido o

peso à qualidade..."

Mais vaias da torcida da Sonserina. Harry, porém, achou que

Lino tinha razão. Malfoy era, sem discussão, o menor jogador do

time; todos os outros eram enormes.

- Capitães, apertem-se as mãos! - disse Madame Hooch.

Flint e Wood se aproximaram e se apertaram as mãos com

força; davam a impressão de que estavam querendo quebrar os

dedos um do outro.

- Montem nas vassouras! - disse Madame Hooch. - Três... dois... um...

O som do seu apito se perdeu no estrondo das torcidas na hora em que as catorze

vassouras levantaram vôo. Harry sentiu os

cabelos voarem para longe da testa;

seu nervosismo o abandonou na excitação do vôo; olhou para os lados

e viu Malfoy na sua

esteira e

aumentou a velocidade para ir à procura do pomo.

247#

"E Grifinória com a posse da bola, Alicia Spinnet da Grifinória

com a goles, voando direto para as balizas da Sonserina, em boa

forma, Alicia! Arre, não - a goles foi interceptada por Warrington

Warrington da Sonserina partindo em velocidade pelo

campo.

- PAM! - uma boa rebatida de um balaço por Jorge Weasley,

Warrington deixa cair a goles, que é apanhada por... Johnson,

Grifmnória com a posse da bola outra vez, aí Angelina - bom desvio de

Montague - se abaixa Angelina, aí vem um balaço!-ELA

MARCA!

DEZ A ZERO PARA GRIFINÓRIA!"

Angelina deu um soco no ar ao sobrevoar o extremo do campo;

o mar vermelho nas arquibancadas berrou de felicidade...

-AU

Angelina quase foi derrubada da vassoura por Marcos

Flint ao

colidir em cheio com ela.

- Desculpe! - disse Flint enquanto os torcedores lá embaixo

vaiavam. - Desculpe eu não vi a jogadora!

Não demorou muito, Fred Weasley atirou o bastão contra a

cabeça de Flint, cujo nariz bateu com força no cabo da vassoura e

co meçou a sangrar.

- Chega! - gritou Madame Hooch, mergulhando entre os

dois. - Pênalti contra Grifinória pelo ataque gratuito ao artilheiro

do seu adversário! Pênalte contra Sonserina por prejuízo intencional ao artilheiro

do seu adversário!

-Ah nem vem! - berrou Fred, mas Madame Hooch apitou e

Alicia se adiantou para cobrar o pênalti.

"Aí, Alicia! - gritou Lino no silêncio que se abatera sobre as arquibancadas. -

SIM, SENHORES! ELA FUROU O GOLEIRO!

VINTE A ZERO PARA GRIFINÓRIA!"

Harry deu uma guinada na Firebolt para ver Flint, ainda sangrando à beça, voar

para cobrar o

pênalte contra Sonserina. Olivio

sobrevoava as balizas de Grifinória, os maxilares contraídos.

"É claro que Wood é um esplêndido goleiro! - comentou

Lino Jordan para os ouvintes enquanto Flint aguardava o apito de

Madame Hooch. Esplêndido! Difícil de vazar - muito difícil

mesmo - SIM SENHORES! EU NÃO ACREDITO! ELE AGARROU A

BOLA!"

Aliviado, Harry se afastou velozmente, espiando para todos os

lados à procura do pomo, mas sem perder nenhuma palavra dos

comentários de Lino. Era fundamental para ele manter Malfoy afastado do pomo até

Grifinória atingir

cinquenta pontos de vantagem.

"Grifinória com a posse, não, Sonserina com a posse - não! -

Grifinória retoma a posse e é Katie Bell, Katie Bell de Grifinória com a goles, a jogadora

corta o campo - FOI INTENCIONAL!"

Montague, um artilheiro de Sonserina, cortou a frente de Katie e em vez de agarrar a

goles, agarrou a cabeça da jogadora. Katie deu uma cambalhota no ar,

conseguiu continuar montada, mas deixou cair a goles.

O apito de Madame Hooch soou mais uma vez ao sobrevoar Montague e começar a

gritar com ele. Um minuto depois,

Katie tinha marcado mais um pênalti contra a defesa da Sonserina.

"TRINTA A ZERO! TOMA, SEU SUJO, SEU COVARDE..."

Jordan, se você não consegue irradiar imparcialmente...

- Estou irradiando o que acontece, professora!

Harry sentiu um grande tremor de excitação. Acabara de ver o

pomo - refulgia ao pé de uma das balizas da Grifinória -" mas ele

não devia apanhá-lo por ora e se Malfoy o visse...

Fingindo uma expressão de súbita concentração, Harry deu meia-volta na Firebolt e

correu em direção ao campo da Sonserina

- a manobra funcionou. Malfoy saiu a toda velocidade atrás dele, pensando evidentemente

que Harry vira o pomo lá...

CHISPA.

Um dos balaços passou voando pela orelha direita de Harry,

arremessado pelo gigantesco batedor da Sonserina, Derrick. Então,

novamente...

CHISPA.

O segundo balaço roçou pelo cotovelo de Harry O outro batedor, Bole, vinha se

aproximando.

Harry teve um vislumbre fugaz de Bole e Derrick voando em

sua direção, com os bastões erguidos...

Virou a Firebolt para o alto no último segundo e os dois batedores colidiram com um

baque de provocar náuseas.

"Ha, haaa!", bradou Lino Jordan quando os batedores da Sonserina se separaram,

levando as mãos à cabeça.

"Mau jeito, rapazes! Vão ter que acordar mais cedo para vencer uma

Firebolt! E Grifinória fica com a posse da bola mais uma vez, quando Johnson toma a goles

- Flint emparelhado com ela - mete o dedo no olho dele, Angelina! - foi só uma brincadeira,

professora, só uma brincadeira ah não -

Flint toma a bola, Flint voa

para as balizas de Grifinória, agora é com você Wood, agarra..ai"

Mas Flint marcou; houve uma erupção de vivas do lado de

#249#

Sonserina e Lino xingou tanto que a Profa. Minerva McGonagall tentou arrancar o

megafone

mágico das mãos dele.

- Desculpe, professora, desculpe! Não vai acontecer de novo! "Então,

Crifinória está à frente, trinta a dez, e Grfinória tem a

posse...

O jogo estava deteriorando no mais sujo de que Harry já participara. Enraivecidos

porque Grifinória tomara a dianteira desde o inicio, os adversários estavam

rapidamente recorrendo a todos os meios para roubar a goles. Bole atingiu Alicia com o

bastão e tentou alegar que pensara que era um

balaço. Jorge Weasley foi à

forra dando uma cotovelada na cara de Bole. Madame Hooch puniu os dois times e Wood

fez mais uma defesa espetacular, elevando o placar para quarenta a dez para Grifinória.

O pomo tornara a desaparecer. Malfoy continuou a acompanhar Harry de perto quando

o garoto sobrevoou o campo, procurando, agora, o pomo - quando

Grifinória estiver cinquenta pontos à Frente...

Katie marcou. Cinquenta a dez. Fred e Jorge Weasley mergulharam

cercando a garota,

os bastões erguidos, caso os jogadores da Sonserina pensassem em se vingar.

Bole e Derrick aproveitaram a ausência de Fred e Jorge para arremessar os dois balaços em

Wood; eles o atingiram no estômago, um após o outro, e o goleiro virou

de cabeça para baixo no ar, agarrando-se à vassoura, completamente sem ar.

Madame Hooch ficou fora de si.

- Não se ataca o goleiro a não ser que a goles esteja na

área. - gritou ela para Bole e Derrick. - Pênalte a favor da Grifinória!

- Angelina marcou. Sessenta a dez. Instantes depois Fred Weasley arremessou um

balaço contra Warririgton, derrubando a goles de suas mãos; Alicia apanhou

a bola e enterrou-a no gol da Sonserina - setenta a dez.

A torcida da Grifinória lá embaixo estava rouca de tanto gritar - a casa passara

sessenta pontos à frente e se Harry apanhasse o pomo naquele momento, a

Taça seria dela. O garoto chegava quase a sentir as centenas de olhos acompanhando-o

enquanto sobrevoava o campo, muito acima das equipes, com Malfoy correndo atrás

dele

250#

Então Harry o viu. O pomo estava brilhando seis metros acima dele.

O garoto imprimiu maior velocidade à vassoura; o vento rugiu

em seus ouvidos; ele estendeu a mão, mas, de repente, a Firebolt começou a desacelerar...

Horrorizado, ele olhou para os lados. Malfoy se atirara para a

frente, agarrara a cauda da Firebolt e procurava atrasá-la.

-Seu...

Harry se enfureceu o suficiente para bater em Malfoy, mas não conseguiu alcançá-lo.

Malfoy ofegava com o esforço de segurar a Firebolt, porém seus olhos

brilhavam de malícia. Conseguira o seu Intento - o pomo tornara a desaparecer.

- Pênalti! Pênalte a favor da Grifinória! Nunca vi uma tática igual! - Madame Hooch

guinchava, enquanto velozmente se dirigia

até o ponto em que Malfoy deslizava de volta à sua Nimbus 2001.

"SEU SAFADO NOJENTO!", urrava Lino Jordan no megafone, saltando fora do

alcance da Profa McGonagall. "SEU SAFADO

NOJENTO, FILHO..."

A professora nem se deu o trabalho de ralhar com Lino. Na

verdade ela sacudia o dedo na direção de Malfoy, seu chapéu caíra

da cabeça, e ela também berrava furiosamente.

Alicia cobrou o pênalti para Grifinória, mas estava tão zangada que errou por mais de

meio metro, O time da

Grifinória começou a perder a concentração e

os jogadores da Sonserina, encantados com a falta de Malfoy em cima de Harry, se sentiam

estimulados a tentar vôos mais altos.

"Sonserina com a posse, Sonserina corre para o gol... Montague marca , gemeu Lino.

"Setenta a vinte para

Grifinória..."

Harry agora estava marcando Malfoy tão de perto que os joelhos dos dois se batiam o

tempo todo. Harry não ia deixar Malfoy

sequer se aproximar do pomo...

- Sai da frente, Potter! - gritou Malfoy, frustrado, ao tentar se virar e deparar com

Harry no bloqueio.

"Angelina Johnson pega a goles para Grifinória, aí Angelina,

VAI, VAI!"

Harry olhou para os lados. Todos os jogadores da Sonserina, a

exceção de Malfoy, estavam correndo pelo campo em direção a

Angelina, inclusive o goleiro do time - todos iam bloqueá-la...

Harry deu meia-volta na Firebolt, curvou-se até deitar o corpo

sobre seu cabo, e impeliu-a para a frente. Como uma bala, ele se

precipitou em alta velocidade contra os jogadores da Sonserina.

- AAãAAAARPRPPPRP

Os jogadores se dispersaram quando viram a Firebolt vindo; o

caminho de Angelina ficou desimpedido.

"ELA MARCOU! ELA MARCOU! Grifinória lidera por

oitenta a vinte!"

Harry, que quase mergulhara de cabeça nas arquibancadas,

parou derrapando no ar, inverteu a direção da vassoura e voltou a

toda para o meio do campo.

E então ele viu uma coisa que fez o seu coração parar. Malfoy

estava mergulhando, uma expressão de triunfo no rosto - lá, a

menos de um metro acima do gramado, lá embaixo, havia um minúsculo reflexo dourado.

Harry apontou a Firebolt para baixo, mas Malfoy estava quilômetros à sua

frente.

- Vai! Vai! Vai! - Harry dizia à vassoura. A distância que o

separava de Malfoy foi diminuindo. Harry deitou-se no cabo da

vassoura quando viu Bole arremessar um balaço contra ele, já

encostara nos calcanhares de Malfoy, emparelhou...

Harry se atirou à frente, tirou as mãos da vassoura. Afastou o

braço de Malfoy do caminho com um empurrao e...

"PEGOU!"

Tirou, então, a vassoura do mergulho, a mão no ar, e o estádio

explodiu. Harry sobrevoou as arquibancadas, um zumbido estranho nos ouvidos.

A bolinha de ouro estava bem segura em sua

mão, batendo inutilmente as asinhas contra seus dedos.

No momento seguinte, Wood veio voando ao seu encontro,

quase cego pelas lágrimas; agarrou Harry pelo pescoço e soluçou

sem se conter no ombro do garoto. Harry sentiu dois grandes trancos

quando Fred e Jorge colidiram com eles; depois as vozes de Alicia e Katie:

- Ganhamos a Taça! Ganhamos a Taça!

Embotados num abraço de muitos braços, o time da

Grifinória foi descendo, berrando roucamente, de volta ao chão.

Onda sobre onda de torcedores vermelhos saltou as barreiras

do campo. Choveram mãos nas costas dos jogadores. Harry teve

uma impressão confusa de ruído e corpos que o empurravam.

ir" " Então ele e o resto do time foram erguidos nos ombros dos torcedores.

Empurrado para a luz, ele viu Hagrid, emplastrado de

rosas vermelhas...

252#

- Você os derrotou, Harry, você os derrotou! Espere até eu contar a Bicuço!

Lá estava Percy, pulando que nem maluco, toda a dignidade esquecida. A Profa

Minerva soluçava mais até que Wood, enxugando os olhos com uma enorme bandeira

da Grifinória; e lá, lutando para chegar a Harry, vinham Rony e Hermione.

Faltaram palavras aos amigos. Simplesmente sorriram radiantes ao ver Harry ser carregado

para a arquibancada onde Dumbledore aguardava de pé com a enorme Taça de Quadribol.

Se ao menos tivesse havido um dementador por ali... Quando um Wood, soluçante,

passou a Taça a Harry e este a ergueu no ar, o garoto sentiu que seria capaz

de produzir o melhor Patrono do mundo.

#253#

- CAPITULO DEZESSEIS

A predição da professora Trelawney

A euforia que Harry sentiu por ter finalmente ganhado a Taça de Quadribol durou pelo

menos uma semana. Até o tempo parecia estar comemorando; à medida que junho

se aproximava, os dias foram desanuviando e se tornando quentes, e só o que as pessoas

tinham vontade de fazer era passear pela propriedade e se largar no gramado

com vários litros de suco de abóbora gelado do lado, e talvez jogar uma partida

descontraída de bexigas ou apreciar a lula gigantesca nadar, sonhadora, pela superfície

do lago.

Mas isso não era possível. Os exames estavam às portas e em lugar de se demorarem

pelos jardins, os alunos tinham de permanecer no castelo, e tentar obrigar

o cérebro a se concentrar em meio aos sopros mornos de verão que entravam pelas janelas.

Até mesmo Fred e Jorge Weasley tinham sido vistos estudando; estavam em

vésperas de fazer o exame de N.O.M"s. (Níveis Ordinários em Magia Percy, por sua vez,

estava se preparando para os exames de N.I.E.M"s (Níveis Incrivelmente Exaustivos

em Magia), o diploma mais avançado que Hogwarts oferecia. Como Percy tinha esperança

de ingressar no Ministério da Magia, precisava de notas muito altas. Por isso,

a cada dia ficava mais nervoso, e passava castigos severos para qualquer aluno que

perturbasse a

tranquilidade da sala comunal à noite. De fato, a única pessoa que

parecia mais ansiosa do que Percy era Hermione.

Harry e Rony tinham desistido de perguntar à amiga como

fazia para frequentar várias aulas ao mesmo tempo, mas não conseguiram se conter, quando

viram o horário dos exames que a amiga

preparara para si. Na primeira coluna lia-se:

Segunda-Feira

9h - Aritmancia

9h - Transformação

Almoço

1 3h - Feitiços

1 3h - Runas antigas

- Mione? - perguntou Rony com muita cautela, porque ultimamente ela era bem capaz

de explodir se a interrompiam. -

Hum... você tem certeza de que copiou esses

horários direito?

- Quê? - retrucou Hermione com aspereza, apanhando o horário de exames para

conferi-lo. - Claro que copiei.

- Será que adianta perguntar como você vai prestar dois exames na

mesma hora? -

perguntou

Harry.

- Não - respondeu Hermione, impaciente. - Algum de vocês viu o meu livro

Numerologia e Gramática?

- Ah, eu vi, apanhei emprestado para ler na cama antes de dormir - disse Rony,

mas bem baixinho. Hermione começou a remexer no monte de rolos de pergaminho

que tinha sobre a mesa, à procura do livro. Nesse instante, ouviram um farfalhar à janela e

Edwiges entrou com um bilhete bem seguro no bico.

- É do Hagrid - disse Harry, abrindo o bilhete. - É o recurso de Bicuço, está

marcado para o dia seis.

- É o dia em que terminamos os exames - disse Hermione, ainda procurando o

livro de Aritmancia por toda a parte.

- E eles vêm aqui para o julgamento - disse Harry, continuando a ler o bilhete. -

Alguém do Ministério da Magia e... e o carrasco.

Hermione ergueu a cabeça, assustada.

- Vão trazer o carrasco para o julgamento do recurso! Mas assim parece que já

decidiram!

- É, parece - disse Harry lentamente.

- Não podem fazer isso! - bradou Rony. - Gastei séculos lendo para Hagrid o

material que havia; não podem simplesmente desprezar tudo!

Mas Harry teve a terrível sensação de que a Comissão para Eliminação de Criaturas

Perigosas já tivera a opinião formada pelo Sr. Lúcio Malfoy. Draco, que

andava visivelmente moderado desde a vitória da Grifinória na final de quadribol, nos

últimos dias parecia ter recuperado um pouco da sua antiga arrogância. Pelos

comentários desdenhosos que Harry ouvia, Malfoy tinha certeza de

que Bicuço ia ser eliminado e parecia satisfeitíssimo consigo

mesmo por ter provocado tal efeito. Nessas ocasiões, Harry fazia

#255#

um esforço enorme para não imitar Hermione e meter a mão na cara de Malfoy. E o pior de

tudo era que os garotos não tinham tempo nem oportunidade de ir ver Hagrid,

porque as novas e rigorosas medidas de segurança continuavam em vigor, e Harry não

recuperara a Capa da Invisibilidade que deixara na entrada da bruxa de um olho

só.

A semana dos exames começou e um silêncio anormal se abateu sobre o castelo. Os alunos

do terceiro ano sairam do exame de Transformação na hora do almoço, na segunda-feira,

cansados e pálidos, comparando respostas e lamentando a dificuldade das tarefas propostas,

que incluira transformar um bule de chá em um cágado. Hermione irritou

os colegas ao comentar que seu cágado parecia mais uma tartaruga, o que era uma

preocupação mínima

diante das preocupações dos demais.

- O meu tinha um bico no lugar do rabo, que pesadelo...

- Era para os cágados soltarem vapor?

- No final, o meu continuava com uma pintura de salgueiro

estampada no casco, vocês acham que vou perder pontos por isso?

Depois de um almoço apressado, os garotos voltaram direto

para cima para fazer o exame de feitiços. Hermione estava certa; o

Prof. Flitwick realmente pediu feitiços para animar. Harry

exagerou um pouco nos dele, por puro nervosismo, e Rony, que era seu

par acabou com acessos de riso histérico e precisou ser levado para

uma sala sossegada, onde ficou uma hora, até ter condiçôes de fazer

o exame. Depois do jantar os alunos voltaram às salas comunais,

não para relaxar, mas para começar a estudar Trato das Criaturas

Mágicas, Poções e Astronomia.

Hagrid aplicou o exame de Trato das Criaturas Mágicas na

manhá seguinte com um ar deveras preocupado; seu coração

parecia estar longe dali. Providenciara uma grande barrica com vermes

frescos para a turma e avisou que para passar no exame, os vermes

de cada aluno deveriam continuar vivos ao fim de uma hora. Uma

vez que os vermes se criavam melhor quando deixados em paz, foi

o exame mais fácil que qualquer aluno teve de prestar, o que tam

também deu a Harry, Hermione e Rony bastante tempo para

conversarem com Hagrid.

- Bicucinho está ficando um pouco deprimido - contou o

amigo, curvando-se sob o pretexto de verificar se o verme de Harry ainda estava vivo. -

Está preso em casa há tempo demais. Ainda assim... depois de amanhã a gente

vai saber se vão julgar a favor ou contra...

Os três garotos tiveram exame de Poções naquela tarde, que foi um

desastre

inominável. Por mais que se esforçasse, Harry não conseguia engrossar a sua infusão

para confundir, e Snape, observando-o com um ar de satisfação vingativa, lançou em suas

anotações uma coisa que lembrava muito um zero, antes de se afastar.

Depois veio o exame de Astronomia à meia-noite, na torre mais alta do castelo;

História da Magia na quarta-feira de manhã, em que Harry escreveu tudo que

Florean Fortescue lhe contara sobre a caça às bruxas na Idade Média, enquanto desejava ter

ali na sala sufocante um daqueles sundaes de choco-nozes. Na quartafeira

à tarde foi a vez de Herbologia, nas estufas, sob um sol de cozinhar os miolos; depois

voltaram mais uma vez à sala comunal, com as nucas queimadas, imaginando

que no dia seguinte, àquela hora, os exames finalmente teriam terminado.

O antepenúltimo exame, na quinta-feira pela manhã, foi Defesa contra as Artes das

Trevas. O

Prof. Lnpin preparara o exame mais incomum que eles já tinham

feito; uma espécie de corrida de obstáculos ao ar livre, debaixo de sol, em que tinham que

atravessar um lago fundo o suficiente para se remar, onde havia um

grindylow, em seguida, uma série de crateras cheias de barretes

vermelhos, depois um

trecho de pântano, desconsiderando as informações enganosas dadas por um hinkypunk , e,

por fim, subir em um velho tronco e enfrentar um novo bicho-papão.

- Excelente, Harry - murmurou Lupin quando Harry desceu do tronco, sorrindo. - Nota

máxima.

Animado com o seu sucesso, Harry ficou por ali para ver os exames de Rony e

Hermione. Rony foi bem até chegar a vez do

hinkypunk, que conseguiu confundi-lo

e fazê-lo afundar até a cintura em um atoleiro. Hermione fez tudo perfeitamente

até chegar ao tronco em que havia o bicho-papão. Depois de passar um minuto ali,

a garota saiu correndo aos berros.

- Hermione - crclamou Lupin, assustado. - Que foi que aconteceu?

-A P... E.. Profa McGonagall! - ofegou Hermione apontando para o tronco. - Ela disse

que eu levei bomba em tudo!

Demorou um tempinho para Hermione se acalmar. Quando ela finalmente se

recuperou do susto, os três amigos voltaram ao castelo. Rony" ainda sentia uma ligeira

vontade de rir do bicho-papão de Hermione, mas a briga foi adiada quando viram o que os

aguardava no alto das escadas.

Cornélio Fudge, um pouco suado sob a capa de risca de giz, se

achava parado ali contemplando os terrenos da escola. Assustou-se

ao ver Harry.

- Olá, Harry! - exclamou. -Acabou de fazer um exame, suponho? Chegando ao

fim?

- Sim, senhor - disse Harry. Hermione e Rony, que nunca haviam falado com o

Ministro da Magia, pararam sem jeito um

pouco afastados.

- Belo dia - comentou Fudge, lançando um olhar ao lago. - Que pena... que pena...

O ministro soltou um profundo suspiro e olhou para Harry.

- Estou aqui em uma missão desagradável, Harry. A Comissão para Eliminação de

Criaturas Perigosas exigiu uma testemunha

para a execução do hipogrifo louco. Como eu precisava visitar

Hogwarts para verificar o andamento do caso Black, me pediram

para cumprir esta tarefa.

- Isso quer dizer que já houve o julgamento do recurso? - interrompeu Rony,

adiantando-se.

- Não, não, foi marcado para hoje à tarde - respondeu Fudge, olhando, curioso,

para Rony.

- Então, talvez o senhor não precise testemunhar nenhuma execução! - disse Rony

corajosamente. - O hipogrifo talvez se

salve!

Antes que Fudge pudesse responder, dois bruxos saíram pelas portas do castelo às

costas do ministro. Um era tão velho que parecia estar murchando diante

dos olhos deles; o outro era alto e forte, com um bigode negro e fino. Harry concluiu que

deviam ser os representantes da Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas,

porque o velho bruxo apertou os olhos na direção da cabana de Hagrid e disse com voz

fraca:

Ai, ai, estou ficando velho demais para isso... Duas horas,

não é, Fudge?

O homem de bigode mexia em alguma coisa no cinto; Harry olhou e viu que ele

passava um dedo largo pela lâmina de um

machado reluzente. Rony abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Hermione cutucou-o

com força nas costelas e indicou com a cabeça o saguão de entrada.

- Por que é que você não me deixou falar? - perguntou Rony, aborrecido, quando

entraram no saguão para ir almoçar. - Você

viu? Já prepararam até o machado! Isso não é justiça!

- Rony, o seu pai trabalha para o Ministério, você não pode sair dizendo essas

coisas para o chefe dele! - respondeu Hermione, mas ela também parecia

muito contrariada. - Desde que hoje o

Hagrid mantenha a cabeça no lugar e defenda o caso direito, eles

não terão possibilidade de executar o Bicuço...

Mas Harry sabia que Hermione não acreditava realmente no

que estava dizendo. À volta deles, as pessoas falavam

excicadamente enquanto almoçavam, antegozando o fim dos exames àquela

tarde, mas Harry, Rony e Hermione, absortos em suas preocupações com

Hagrid e Bicuço, não participavam das conversas.

O último exame de Harry e Rony era Adivinhação; o de Hermione, Estudos

dos Trouxas. Eles subiram a escadaria de mármore, juntos; Hermione os deixou no

primeiro andar e Harry e Rony

prosseguiram até o sétimo, onde muitos colegas já se encontravam

sentados na escada circular que levava à sala da Profa Trelawney,

tentando enfiar na cabeça mais alguma matéria de última hora.

- Ela vai receber os alunos, um a um - informou Neville quando os dois foram se

sentar perto dele. O garoto tinha o seu

exemplar de Esclarecendo o uturo aberto no colo nas páginas dedicadas à

bola de cristal. - Algum de vocês já viu alguma coisa numa bola de

cristal? - perguntou ele, infeliz.

- Não - respondeu Rony num tom distraído. Ele consultava a

toda hora o relógio de pulso; Harry sabia que o amigo estava fazendo a contagem

regressiva para o início do julgamento do recurso de

Bicuço.

A fila de pessoas fora da sala foi encurtando aos poucos. À

medida que cada aluno descia a escada prateada, o resto da classe

sussurrava: "<Que foi que ela perguntou? Você se deu bem?"

Mas todos se recusavam a responder.

- Ela disse que foi avisada pela bola de cristal que se eu contar

a vocês, vou ter um acidente horrível! - falou Neville, esganiçado,

#259#

ao descer a escada em direção a Harry e Rony, que agora tinham

chegado ao patamar.

- Isto é muito conveniente - riu-se Rony. - Sabe, estou começando a achar que

Hermione tinha razão sobre a professora - comentou ele indicando com

o polegar o alçapão no alto -, ela é

uma trapaceira, e das boas.

- É - disse Harry, consultando o próprio relógio. Eram agora duas horas. - Eu

gostaria que ela andasse logo...

Parvati desceu a escada com o rosto radiante de orgulho.

- Ela disse que eu tenho o talento de uma verdadeira vidente - informou a Harry e

Rony. - Vi um monte de coisas... Bem, boa

sorte!

A garota desceu depressa a escada circular ao encontro de Lilá.

- Ronald Weasley - chamou lá do alto a voz etérea que já conheciam. Rony fez

uma careta para o amigo e subiu a escada de prata, desaparecendo. Harry

agora era o único que faltava ser examinado. Ele se acomodou no chão, apoiando as costas

contra a parede, e ficou ouvindo uma mosca zumbir na janela ensolarada,

seus pensamentos atravessando a propriedade até Hagrid.

Finalmente, uns vinte minutos depois, os enormes pés de

Rony reapareceram na escada.

- Como foi? - perguntou Harry se pondo de pé.

1" - Bobagem. Não vi nada, então inventei alguma coisa. Acho

que a professora não se convenceu, embora...

- Encontro você na sala comunal - murmurou Harry quando

a voz da professora chamou "Harry Potter!"

Na sala da torre fazia mais calor que nunca; as cortinas estavam

fechadas, a lareira acesa e o costumeiro perfume adocicado fez

Harry tossir, enquanto se desvencilhava das mesas e cadeiras

amontoadas para chegar onde a professora Sibila o esperava, sentada

diante de uma grande bola de cristal.

- Bom dia, meu querido - disse ela brandamente. - Quer ter a

bondade de examinar o orbe... Pode levar o tempo que precisar...

depois me diga o que está vendo...

Harry se curvou para a bola de cristal e olhou, olhou o mais

atentamente que pôde, desejando que ela lhe mostrasse algo mais

do que a névoa branca em espiral, mas nada aconteceu.

- Então! - estimulou a professora com delicadeza. - Que é que

você está vendo?

O calor era insuportável e as narinas do garoto ardiam com a

fumaça perfumada que vinha da lareira ao lado dos dois. Ele pensou no que Rony acabara

de lhe dizer e resolveu fingir.

- Hum... uma forma escura... hum...

- Com que se parece? - sussurrou a professora. - Pense bem...

Harry vasculhou sua mente à procura de uma idéia e deparou com Bicuço.

- Um hipogrifo - disse com firmeza.

- Realmente! - sussurrou Sibila, tomando notas, com entusiasmo, no pergaminho

sobre seus joelhos. - Menino, talvez você esteja vendo o desenlace do

problema do coitado do Hagrid com o Ministério da Magia! Olhe com mais atenção... O

hipogrifo

parece... ter cabeça?

- Sim, senhora - respondeu Harry com firmeza.

- Você tem certeza? - insistiu a professora. - Você tem bastante certeza, querido?

Você não está vendo o animal se virando no

chão, talvez, e um vulto brandindo um machado contra ele?

- Não! - disse Harry, começando a se sentir meio enjoado.

- Não tem sangue? Não tem Hagrid chorando?

- Não! - respondeu Harry de novo, querendo mais do que nunca escapar da sala e

do calor. - Ele está bem... está voando...

A Profa Sibila suspirou.

- Bem, querido, vamos parar por aqui... Um resultado decepcionante... mas tenho

a certeza de que você fez o melhor que pôde.

Aliviado, Harry se levantou, apanhou a mochila e se virou para

ir embora, mas, então, ouviu uma voz alta e rouca às suas costas.

"Vai acontecer hoje à noite."

Harry se virou depressa. A professora ficara dura na cadeira;

seus olhos estavam desfocados e sua boca afrouxara.

- D... desculpe! - disse Harry.

Mas Sibila não pareceu ouvi-lo. Seus olhos começaram a girar. Harry se sentiu

invadido pelo pânico. Ela parecia que ia ter uma espécie de acesso. O garoto

hesitou, pensando em correr até a ala hospitalar - e então a professora tornou a falar, com a

mesma voz rouca, muito diferente da sua voz habitual:

"O Lord das Trevas está sozinho e sem amíkos, abandonado pelos seus seguidores.

Seu servo esteve acorrentado nos últimos doze anos. Hoje à noite, antes da

meia-noite... O servo vai se libertar e se juntar

ao seu mestre. O Lord das Trevas vai ressurgir. com a ajuda do seu

servo, maior e mais terrível que nunca. Hoje â noite... o servo.., vai se

juntar.. ao seu mestre...

A cabeça da professora se pendurou sobre o peito. Ela fez um

ruído gutural. Harry continuou ali, os olhos grudados nela. Então,

de repente, a Profa Sibila aprumou a cabeça.

- Desculpe, querido - disse com voz sonhadora -, o calor do dia, entende... cochilei

por um momento...

Harry continuou parado, os olhos grudados nela.

- Algum problema, meu querido?

- A senhora... a senhora acabou de me dizer que o... Lord das Trevas vai ressurgir... e

que seu servo está indo se juntar a ele...

A Proffa. Sibila pareceu completamente surpresa.

- O Lord das Trevas? Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado? Meu querido, isso

não é coisa com que se brinque... Ressurgir, realmente...

- Mas a senhora acabou de dizer isso! A senhora disse que o Lord das Trevas...

- Acho que você deve ter cochilado também, querido! - disse a Profa Sibila. - Eu

certamente não me atreveria a predizer uma

coisa tão incrível como essa!

Harry desceu a escada de corda, depois a circular, pensativo... será que acabara de

ouvir a Profa Sibila fazer uma predição de verdade? Ou será que isto

era a idéia da professora de um fecho impressionante para os exames?

Cinco minutos depois ele estava passando apressado pelos trasgos de segurança, à

entrada da Torre da

Grifinória, as palavras da Profa Trelawney ainda ecoando

em sua cabeça. As pessoas cruzavam por ele, rindo e brincando, a caminho dos jardins e da

liberdade há muito esperada; quando ele alcançou o buraco do retrato e

entrou na sala comunal, o lugar estava quase deserto. A um canto, ele viu Rony e

Hermione, sentados.

- A Profa Sibila - começou Harry ofegante - acabou de me dizer...

Mas parou abruptamente ao ver os rostos dos amigos.

- Bicuço perdeu - disse Rony com a voz fraca. - Hagrid

acabou de nos mandar isso.

O bilhete de Hagrid, desta vez, estava seco, sem lágrimas derramadas, contudo

sua mão parecia ter tremido tanto ao escrever

que o texto era quase ilegível.

Perdemos o julgamento do recurso. Vão executar Bicuço ao pôr-do--sol

Vocês não podem fazer nada. Não desçam. Não quero que vocês vejam.

Hagrid

- Temos que ir - disse Harry na mesma hora. - Ele não pode Ficar lá sozinho, esperando o

carrasco!

- Mas é ao pôr-do-sol - disse Rony, que estava espiando pela janela com o olhar

meio vidrado. - Nunca nos deixariam... principalmente a você, Harry..

Harry apoiou a cabeça nas mãos, pensando.

Se ao menos tivéssemos a Capa da Invisibilidade...

- Onde é que ela está? - perguntou Hermione.

Harry lhe contou que a deixara na passagem da bruxa de um olho

só.

se Snape me vir por ali outra vez, vou entrar numa fria - terminou ele.

- É verdade - concordou Hermione, se levantando. - Se ele vir você... Como é

mesmo que se abre a corcunda da bruxa?

- A gente dá uma pancada e diz: "Dissendium" - disse Harry.

-Mas...

Hermione não esperou o resto da frase; atravessou a sala,

empurrou o retrato da Mulher Gorda e desapareceu de vista.

- Ah, náo acredito que ela tenha ido buscar! -exclamou Rony, acompanhando-a

com o olhar.

Dito e feito. Hermione voltou quinze minutos depois com a

capa prateada dobrada com cuidado sob suas vestes.

- Mione, não sei o que deu em você ultimamente! - exclamou Rony, espantado. -

Primeiro você mete a mão em Draco

Malfoy,

depois abandona o curso da Profa Sibila...

A garota Fez cara de quem recebera um elogio.

Os três desceram para jantar com todos os alunos, mas não voltaram à Torre da Grifinória

ao terminar. Harry levava a capa escondida na frente das vestes e tinha

que manter os braços cruzados para esconder o volume. Entraram sorrateiramente

numa sala vazia no saguão de entrada e ficaram escutando, até ter certeza de que

o lugar ficara deserto. Ouviram as últimas duas pessoas atravessarem

o saguão correndo e uma porta bater. Hermione meteu a cabeça fora da porta.

- Tudo bem - sussurrou -, não tem ninguém... vamos vestir a capa...

Caminhando muito juntos para que ninguém os visse, eles atravessaram o

saguão na ponta dos pés, cobertos pela capa, e desceram os degraus de pedra que

levavam aos jardins. O sol já ia se pondo atrás da Floresta Proibida, dourando os ramos

mais altos das árvores.

Chegaram à cabana de Hagrid e bateram. O amigo levou um

minuto para atender e, quando o Fez, ficou procurando o visitante

por todos os lados, pálido e trêmulo.

- Somos nós - sibilou Harry. - Estamos usando a Capa da Invisibilidade. Deixe a

gente entrar para poder tirar a capa.

- Vocês não deviam ter vindo! - sussurrou Hagrid, mas se afastou para os garotos

poderem entrar. Depois fechou a porta depressa e Harry arrancou a

capa.

Hagrid nào estava chorando, nem se atirou ao pescoço deles.

Parecia um homem que não sabia onde estava nem o que fazer. Seu

desamparo era pior do que as lágrimas.

- Querem um chá? - perguntou aos garotos. Suas mãos enormes tremiam quando

apanhou a chaleira.

- Onde é que está o Bicuço, Hagrid? - perguntou Hermione, hesitante.

- Eu... eu levei ele para fora - respondeu Hagrid, derramando leite pela mesa toda

ao tentar encher a jarra. - Está amarrado no canteiro de abóboras.

Achei que ele devia ver as árvores e... e respirar ar fresco.., antes...

A mão de Hagrid tremeu com tanta violência que a jarra de

leite escapuliu e se espatifou no chão.

- Eu faço isso, Hagrid - ofereceu-se Hermione depressa, correndo para limpar a

sujeira.

- Tem outra no armário de louças - falou Hagrid, sentando-se e limpando a testa

na manga. Harry olhou para Rony, que retribuiu seu olhar com desânimo.

- Tem alguma coisa que se possa fazer, Hagrid? - perguntou

Harry inflamado, sentando-se ao lado do amigo. - Dumbiedore...

- Ele tentou. Mas não tem poder para revogar uma decisão da Comissão. Ele disse

aos juizes que Bicuço era normal, mas a

Comissão está com medo... Vocês sabem como é o Lúcio Malfoy... imagino que deve ter

ameaçado todos eles... e o carrasco, Macnair, é um velho conhecido dos Malfoy...

mas vai ser rápido e limpo.., e eu vou estar do lado do Bicuço...

Hagrid engoliu em seco. Seus olhos percorriam a cabana como

se procurassem um fio de esperança ou de consolo.

- Dumbiedore vai descer quando... quando estiver na hora. Me escreveu hoje de

manhã. Disse que quer ficar... ficar comigo.

Grande homem, o Dumbiedore...

Hermione, que andara vasculhando o guarda-louça de Hagrid à procura de outra

leiteira, deixou escapar um pequeno

soluço, rapidamente sufocado. Ela se endireitou

com a nova leiteira nas mãos, lutando para conter as lágrimas.

- Nós vamos ficar com você também, Hagrid - começou ela, mas o amigo sacudiu

a cabeça cabeluda.

- Vocês têm que voltar para o castelo. Já disse que não quero que assistam. Aliás,

vocês nem deviam estar aqui... Se Fudge e Dmnbledore pegarem você

fora do castelo sem permissão, Harry, você vai se meter numa grande confusão.

Lágrimas silenciosas escorriam pelo rosto de Herrnione, mas ela as escondeu de

Hagrid, ocupando-se em fazer o chá. Então, quando apanhou a garrafa de leite

para encher a leiteira, ela soltou um grito.

- Rony!... Eu não acredito... é o Perebas!

O queixo de Rony caiu.

- Do que é que você está falando?

Hermione levou a leiteira até a mesa e virou-a de boca para baixo. Com um guincho

frenético, e muita correria para voltar

para dentro da jarra, Perebas, o rato, deslizou para cima da mesa.

- Perebas! - exclamou Rony sem entender. - Perebas, que é que você está fazendo

aqui?

Ele agarrou o rato que se debatia e segurou-o próximo à luz. Perebas estava com uma

aparência

horrível. Mais magro que nunca, perdera grandes tufos de pêlos

que deixaram pelado seu corpo, o rato se contorcia nas mãos de Rony como se estivesse

desesperado para se soltar.

- Tudo bem, Perebas! - tranquillzou-o Rony. - Não tem gatosl

#265#

Não tem nada aqui para te machucar!

Hagrid se levantou de repente, os olhos fixos na janela. Seu rosto, normalmente

corado, estava da cor de pergaminho.

- Aí vem eles..,

Harry, Rony e Herrnione se viraram depressa. Um grupo de homens descia os

distantes degraus, à entrada do castelo. À frente vinha Alvo Dumbiedore, a barba

prateada refulgindo ao sol poente. Ao seu lado, caminhava, a passo rápido, Cornélio Fudge.

Atrás dos dois vinha o membro da Comissão velho e fraco, e o carrasco,

Macnair.

- Vocês têm que ir embora-disse Hagrid. Cada centímetro cde seu corpo tremia. - Eles

não podem encontrar vocês aqui...

Vão...

Rony enfiou Perebas no bolso, e Hermione apanhou a capa.

- Eu vou abrir a porta dos fundos para vocês - disse Hagrid.

Os garotos o acompanharam até a porta que abria para a horta. Harry se sentiu

estranhamente irreal e mais ainda quando viu Bicuço a poucos passos de distância,

amarrado a uma árvore atrás do canteiro de abóboras. O hipogrifo parecia saber que alguma

coisa estava acontecendo. Virou a cabeça de um lado para o outro e pateou

o chão nervosamente.

- Tudo bem, Bicucinho - disse Hagrid com brandura. - Tudo bem... - E se virando para

Harry, Rony e Hermione. - Vão. Andem logo.

Mas os garotos não se mexeram.

- Hagrid, não podemos...

-Vamos contar a eles o que realmente aconteceu...

- Não podem matar Bicuço...

- Vão! - disse Hagrid ferozmente. - Já está bastante ruim sem vocês se meterem em

confusão!

Os garotos não tiveram escolha. Quando Hermione jogou a capa sobre Harry e Rony,

eles ouviram as vozes na entrada da cabana. Hagrid ficou olhando para o

lugar de onde os garotos tinham acabado de sumir.

- Vâo depressa - disse, rouco. - Não fiquem ouvindo...

E Hagrid tornou a entrar na cabana no momento em que

#266#

alguém batia à porta.

Lentamente, numa espécie de transe de horror, Harry, Rony e

Hermione contornaram a cabana de Hagrid sem fazer barulho.

Quando chegaram do outro lado, a porta de entrada se fechou com uma batida seca.

- Por favor, vamos nos apressar - sussurrou Hermione. - Não posso suportar, não

posso suportar...

Os três começaram a subir a encosta gramada em direção ao castelo. O sol ia se pondo

depressa agora; o céu se tornara cinzento, sem nuvens, e tinto de púrpura,

mais para oeste havia uma claridade vermelho-rubi.

Rony parou muito quieto.

- Ah, por favor, Rony - começou Hermione.

- É o Perebas.. ele não quer... parar..

Rony se curvou, tentando segurar Perebas no bolso, mas o rato estava

ficando furioso; guinchava feito louco, virava e se debatia,

tentando ferrar os dentes nas mãos de Rony.

- Perebas, sou eu, seu idiota, é Rony.

Os garotos ouviram a porta fechar às suas costas e o som de

vozes masculinas.

- Ah, Rony, por favor, vamos andando, eles vão executar o Bicuço! - murmurou

Hermione.

- OK... Perebas, fique quieto...

Eles avançaram; Harry, como Hermione, estava tentando não

escutar o ruído surdo das vozes às costas deles, Rony parou mais

uma vez.

- Não consigo segurar ele!.. Perebas, cala a boca, todo mundo vai nos ouvir...

O rato guinchava alucinado, mas não alto o suficiente para abafar os ruídos que

vinham do jardim de Hagrid. Ouviu-se um rumor indistinto de vozes

masculinas, um silêncio e então, sem aviso, o som inconfundível de um machado cortando

o ar e se abatendo sobre o alvo.

Hermione vacilou.

- Executaram Bicuço! - murmurou ela para Harry. - Eu n... não acredito... eles

executaram Bicuço!

CAPITULO DEZESSETE

Gato, rato e cão

A cabeça de Harry se esvaziou com o choque. Os três garotos ficaram paralisados de horror

sob a Capa da Invisibilidade. Os últimos raios do sol poente lançavam uma

claridade sangrenta sobre os imensos campos sombrios da escola. Então, atrás deles, os

garotos ouviram um uivo selvagem.

- Hagrid - murmurou Harry. E, sem pensar no que estava fazendo, fez menção de

dar meia-volta, mas Rony e Hermione o

seguraram pelos braços.

- Não podemos - disse Rony, que estava branco como uma folha de papel. -

Hagrid vai ficar numa situação muito pior se souberem que fomos à casa dele...

A respiração de Hermione estava rasa e desigual.

Como... puderam... fazer... isso? - engasgou-se a garota. -

Como puderam?

- Vamos - disse Rony, cujos dentes davam a impressão de estar batendo.

Os três voltaram ao castelo, andando devagar, para se manter escondidos sob a capa. A

claridade ia desaparecendo depressa agora. Quando chegaram à área ajardinada,

a escuridão desceu, como por encanto, a toda volta.

- Perebas, fica quieto - sibilou Rony, apertando a mão contra o peito.

O rato se

debatia, enlouquecido. Rony parou de repente, tentando empurrá-Lo

para o fundo do bolso. - Que é que há com você, seu rato burro? Fica parado aí... AI! Ele

me mordeu!

- Rony, fica quieto! - cochichou Hermione com urgência. - Fudge vai nos alcançar

em um minuto...

- Ele não quer.. ficar... parado...

Perebas estava visivelmente aterrorizado. Contorcia-se com

todas as suas forças, tentando se desvencilhar da mão de Rony.

-Que é que há com ele?

Mas Harry acabara de ver - esquivando-se em direção ao grupo, o corpo colado no

chão, grandes olhos amarelos que brilhavam lugubremente no escuro - Bichento.

Se podia vê-los ou se estava seguindo os guinchos de Perebas, Harry não saberia dizer.

- Bichento! - gemeu Hermione. - Não, vai embora, Bichento! Vai embora!

Mas o gato se aproximava sempre mais...

- Perebas... NÃO!

Tarde demais - o rato escorregou por entre os dedos apertados de Rony, bateu no chão

e fugiu precipitadamente. De um salto, Bichento saiu em seu encalço,

e antes que Harry ou Hermione pudessem detê-lo, Rony arrancara a Capa da Invisibilidade

e se arremessava pela escuridão.

- Rony"-gemeu Hermione.

Ela e Harry se entreolharam e correram atrás do amigo; era impossível correr com

desenvoltura com a capa por cima; arrancaram-na e ela ficou voando para

trás como uma bandeira, quando os dois saíram desabalados atrás de Rony; ouviram os

passos dele à frente e seus gritos para

Bichento.

- Fique longe dele... fique longe... Perebas, volta aqui...

Ouviu-se um baque sonoro.

- Te peguei!Dá o fora, seu gato fedorento...

Harry e Hermione quase caíram em cima de Rony; pararam derrapando diante dele. O

amigo estava esparramado no chão, mas Perebas já estava de volta ao bolso;

Rony apertava com as duas mãos um calombo trepidante.

- Rony... vamos.., volta para baixo da capa... - ofegou Hermione. -

Dumbledore... o

ministro.., eles vão voltar para o castelo já, já...

Mas antes que pudessem se cobrir outra vez, antes que pudessem sequer recuperar o

fôlego, eles ouviram o ruído macio de patas gigantescas. Algo estava saltando

da escuridão em sua direção - um enorme cão negro de olhos claros.

Harry tentou pegar a varinha, mas tarde demais - o cão investira dando um enorme

salto, e suas patas dianteiras atingiram o garoto no peito; Harry caiu para

trás num redemoinho de pêlos;

sentiu o hálito quente do animal, viu seu dente de mais de dois

#269#

centímetros...

Mas a força do salto impelira o cão longe demais; ultrapassara

Harry. Aturdido, com a sensação de que suas costelas tinham quebrado, o garoto tentou se

levantar; ouviu o cão rosnar e derrapar se posicionando para um novo ataque.

Rony estava de pé. Quando o cão saltou contra os dois, ele empurrou Harry para o

lado; e, em vez de Harry, as mandíbulas do bicho abocanharam o braço estendido

de Rony. Harry se atirou para cima dele, agarrou uma mão cheia de pêlos do cão, mas o

bruto foi arrastando Rony para longe com a facilidade com que arrastaria uma

boneca de trapos...

Então, ele não viu de onde, uma coisa atingiu seu rosto com tanta força que ele foi

novamente derrubado no chão. Harry ouviu Hermione gritar de dor e cair

também. O menino tateou à procura de sua varinha, piscando para limpar o sangue dos

olhos...

- Lumus!-sussurrou.

A luz produzida pela varinha mostrou-lhe um grosso tronco de árvore; tinham corrido

atrás de Perebas até a sombra do Salgueiro Lutador, cujos ramos estalavam

como se estivessem sendo açoitados por um forte vento, avançavam e recuavam para

impedir os garotos de se aproximarem.

E ali, na base do tronco, o cão arrastava Rony para dentro de

um grande buraco entre as raízes - o garoto lutava furiosamente,

mas sua cabeça e seu tronco foram desaparecendo de vista...

- Rony! - gritou Harry, tentando segui-lo, mas um pesado galho chicoteou

ameaçadoramente o ar e ele foi forçado a recuar.

Agora estava visível apenas uma das pernas de Rony, que ele enganchara em torno de

uma raiz na tentativa de impedir o cão de arrastá-lo mais para o fundo

da terra - mas um estampido terrível cortou o ar feito um tiro; a perna de Rony se partiu e

um instante depois, seu pé desaparecera de vista.

- Harry... temos que procurar ajuda... - gritou Hermione; ela também sangrava; o

salgueiro a cortara na altura dos ombros.

- Não! Aquela coisa é bastante grande para comer Rony; não temos tempo...

- Harry nunca vamos conseguir entrar sem ajuda...

Mais um galho desceu como um chicote em sua direção, os raminhos curvados como

articulações de dedos.

- Se aquele cão pôde entrar, nós também podemos - ofegou

Harry, correndo para um lado e para outro, tentando encontrar

uma brecha entre os galhos que varriam com violência o ar, mas

não podia se aproximar nem mais um centímetro das raízes da árvore sem ficar ao alcance

dos golpes que ela desferia.

- Ah, socorro, socorro - murmurava freneticamente Hermione, dançando no

mesmo lugar -, por favor...

Bichento disparou adiante dos garotos. Deslizou por entre os

galhos agressores como uma cobra e colocou as patas dianteiras sobre um nó que havia no

tronco.

Abruptamente, como se a árvore tivesse se transformado em

pedra, ela parou de se movimentar. Sequer uma folha virava ou

sacudia.

- Bichento! - sussurrou Hermione insegura. Ela agora apertava o braço de Harry

com tanta força que provocava dor. - Como é

que ele sabia...?

- Ele é amigo daquele cão - respondeu Harry, sombriamente.

- Já os vi juntos. Vamos... e mantenha a varinha na mão...

Os dois venceram a distância até o tronco em segundos, mas antes que pudessem

alcançar o buraco nas raízes, Bichento deslizara para dentro com um aceno do

seu rabo de escovinha. Harry entrou em seguida; avançou arrastando-se, a cabeça à frente, e

escorregou por uma descida de terra até o leito de um túnel muito baixo.

Bichento ia mais adiante, os olhos faiscando à luz da varinha de Harry. Segundos depois,

Hermione escorregou para junto do garoto.

- Onde é que foi o Rony? - sussurrou ela com terror na voz.

- Por ali - respondeu Harry, caminhando, curvado, atrás de Bichento.

- Onde é que vai dar esse túnel? - perguntou Hermione, ofegante.

- Eu não sei... Está marcado no Mapa do Maroto, mas Fred e Jorge disseram que

ninguém nunca tinha entrado. Ele continua

para fora do mapa, mas parecia que ia em direção a Hogsmeade...

Os garotos caminharam o mais rápido que puderam, quase dobrados em dois; à frente,

o rabo de Bichento entrava e saía do seu campo de visão. E a passagem

não tinha fim; dava a impressão de ser no mínimo tão longa quanto a que levava à

Dedosdemel. Harry

só conseguia pensar em Rony e no que aquele canzarrão

podia estar fazendo com o seu amigo... Ele respirava em arquejos

curtos e dolorosos, correndo agachado... E então o túnel começou a subir; momentos depois

se virou e

Bichento tinha desaparecido. Em vez do gato, Harry viu um espaço mal iluminado por meio

de uma pequena abertura.

Ele e Hermione pararam, procurando recuperar o fôlego,

depois avançaram cautelosamente. Os dois ergueram as varinhas

para ver o que havia além.

Era um quarto, muito desarrumado e poeirento. O papel descascava das paredes; havia

manchas por todo o chão; cada móvel estava quebrado como se alguém o

tivesse atacado. As janelas estavam vedadas com tábuas.

Harry olhou para Herrnione, que parecia muito amedrontada,

mas concordou com um aceno de cabeça.

Harry saiu pelo buraco, olhando para todos os lados. O quarto

estava deserto, mas havia uma porta aberta à direita, que levava a um

corredor sombrio. Hermione, de repente, tornou a agarrar o braço

de Harry. Seus olhos arregalados percorreram as janelas vedadas.

- Harry - cochichou ela -, acho que estamos na Casa dos

Gritos.

Harry olhou a toda volta. Seus olhos se detiveram em uma cadeira de madeira,

próxima. Havia grande pedaços partidos; uma

das pernas fora inteiramente arrancada.

- Fantasmas não fazem isso - comentou ele calmamente. Naquele momento, os dois

ouviram um rangido no alto. Alguma coisa se mexera no andar de cima. Os

dois olharam para o teto. Hermione apertava o braço de Harry com tanta força que ele

estava perdendo a sensibilidade nos dedos. O garoto ergueu as sobrancelhas para

ela; Herrnione concordou outra vez e soltou-o.

O mais silenciosamente que puderam, os dois sairam para o corredor e subiram uma

escada desmantelada. Tudo estava coberto

por uma espessa camada de poeira, exceto o chão, onde uma larga

faixa brilhante fora aparentemente limpa por uma coisa arrastada

para o primeiro andar.

Eles chegaram ao patamar escuro.

- Nox-sussurraram ao mesmo tempo, e as iuzes nas pontas de

suas varinhas se apagaram. Havia apenas uma porta aberta. Ao se

esgueirarem nessa direção, ouviram um movimento atrás da porta;

um gemido baixo e em seguida um ronronar alto e grave. Eles

#272#

trocaram um último olhar e um último aceno de cabeça.

A varinha empunhada com firmeza à frente, Harry escancarou

a porta com um chute.

Numa imponente cama de colunas, com cortinas empoeiradas, encontrava-se

Bichento, que ronronou alto ao vê-los. No chão ao lado do gato, agarrando a perna

estendida num ângulo estranho, encontrava-se Rony.

Harry e Hermione correram para o amigo.

- Rony... você está bem?

- Onde está o cão?

- Não é um cão - gemeu Rony. Seus dentes rilhavam de dor. - Harry é uma

armadilha...

- Que...

- Ele é o cão... ele é um animago...

Rony olhava fixamente por cima do ombro de Harry. Este se virou depressa. Com um

estalo, o homem nas sombras fechou a

porta do quarto.

Uma massa de cabelos imundos e embaraçados caíam até seus cotovelos. Se seus

olhos não estivessem brilhando em

órbitas fundas e escuras, ele poderia ser

tomado por um cadáver. A pele macilenta estava tão esticada sobre os ossos do rosto, que

ele lembrava uma caveira. Os dentes amarelos estavam arreganhados num sorriso.

Era Sirius Black.

- Expelliarmus! - disse com voz rouca, apontando a varinha de Rony para os garotos.

As varinhas de Harry e Hermione sairam voando de suas mãos

e Black as recolheu. Então se aproximou. Seus olhos estavam fixos

em Harry.

- Achei que você viria ajudar seu amigo. - A voz dava a impressão de que havia muito

tempo ele perdera o hábito de usá-la. - Seu pai teria feito o mesmo

por mim. Foi muita coragem não correr à procura de um professor. Fico

agradecido... vai tornar as coisas muito mais fáceis...

A referência sarcástica ao seu pai ecoou nos ouvidos de Harry como se Black a tivesse

gritado. Um ódio escaldante explodiu em seu peito, não deixando lugar

para o medo. Pela primeira vez na vida ele desejou ter a varinha nas mãos, não para se

defender, mas para atacar... para matar. Sem saber o que estava fazendo, começou

a avançar, mas percebeu um movimento repentino de cada lado do

seu corpo e dois pares de mãos o puxaram e o mantiveram parado.

#273#

- Não, Harry! - exclamou Hermione num sussurro petrificado; Rony, porém, se dirigiu

a Black.

- Se você quiser matar Harry, terá que nos matar também! -

disse impetuosamente, embora o esforço de ficar de pé tivesse

acentuado sua palidez e ele oscilasse uni pouco ao falar.

Alguma coisa brilhou nos olhos sombrios de Black.

- Deite-se - disse brandamente a Rony. - Você vai piorar a fratura nessa perna.

- Você me ouviu? - disse Rony com a voz fraca, embora se

apoiasse dolorosamente em Harry para se manter de pé. - Você vai

ter que matar os três!

- Só vai haver uma morte aqui hoje à noite - disse Black, e seu

sorriso se alargou.

- Por quê? - perguntou Harry com veemência, tentando se

desvencilhar de Rony e Hermione. -Você não se importou com

isso da última vez, não foi mesmo? Não se importou de matar

aqueles trouxas todos para atingir Pettigrew... Que foi que houve,

amoleceu em Azkaban?

- Harry! - choramingou Hermione. - Fica quieto!

- ELE MATOU MINHA MÃE E MEU PAI! - bradou Harry,

com grande esforço, se desvencilhou de Hermione e Rony que o

retinham pelos braços, e avançou...

Harry esquecera a magia - esquecera que era baixo e magricela e tinha treze

anos, enquanto Black era um homem alto e adulto

- ele só sabia que queria ferir Black da maneira mais horrível que

pudesse e não se importava se fosse ferido também...

Talvez fosse o choque de ver Harry fazer uma coisa tão idiota,

mas Black não ergueu as varinhas em tempo - uma das mãos de

Harry segurou seu pulso magro, forçando as pontas das varinhas

para baixo; o punho de sua outra mão atingiu o lado da cabeça de

Black e os dois caíram de costas contra a parede...

Hermione gritava; Rony berrava; houve um relâmpago ofuscante quando as varinhas na

mão de Black emitiram um jorro de

fagulhas no ar que, por centímetros, não atingiu o rosto de

Harry.

o garoto sentiu o braço magro sob seus dedos se torcer

furiosamente,

mas continuou a segurá-lo, a outra mão socando cada parte do

corpo de Black que conseguia alcançar.

Mas a mão livre de Black encontrou a garganta de Harry...

274#

- Não - sibilou ele. - Esperei tempo demais...

Seus dedos intensificaram o aperto, Harry ficou sem ar, seus

óculos entortaram no rosto.

Então ele viu o pé de Hermione, vindo não sabia de onde, erguer-se no ar. Black

largou Harry com um gemido de dor; Rony se atirara sobre a mão com que Black

segurava as varinhas e Harry ouviu uma batida leve...

Ele lutou para se livrar dos corpos embolados e viu sua varinha

rolando pelo chão; atirou-se para ela mas...

- Arre!

Bichento entrara na briga; o par dianteiro de garras se enterrou

fundo no braço de Harry; o garoto se soltou, mas agora o gato corria para sua varinha...

- NÃO VAI NÃO! - berrou Harry, e mirou um pontapé no gato que o fez saltar

para o lado, bufando; o garoto agarrou a varinha, virou-se e...

"Saiam da frente! - gritou para Rony e Hermione.

Não foi preciso falar duas vezes. Hermione, ofegante, a boca

sangrando, atirou-se para o lado, ao mesmo tempo em que recuperava as varinhas dela e de

Rony. O garoto arrastou-se até a cama de

colunas e largou-se sobre ela, arquejante, o rosto pálido agora se

tingindo de verde, as mãos segurando a perna quebrada.

Black estava esparramado junto à parede. Seu peito magro

subia e descia rapidamente enquanto observava Harry se aproximar devagar, a varinha

apontada para o seu coração.

- Vai me matar, Harry? - murmurou ele.

O garoto parou bem em cima de Black, a varinha ainda apontada para o seu coração,

encarando-o do alto. Um inchaço pálido

surgia em torno do olho esquerdo do homem e seu nariz sangrava.

- Você matou meus pais - acusou-o Harry, com a voz ligeiramente trêmula, mas a mão

segurando a varinha com firmeza.

Black encarou-o com aqueles olhos fundos.

- Não nego que matei - disse muito calmo. - Mas se você soubesse da história

completa...

- A história completa? - repetiu Harry, os ouvidos latejando fúriosamente. - Você

vendeu meus pais a Voldemort. É só isso que

preciso saber.

- Você tem que me ouvir - disse Black, e havia agora uma urgência em sua voz. - Você

vai se arrepender se não me ouvir....

Você não compreende...

- Compreendo muito melhor do que você pensa-disse Harry, e sua voz tremeu mais

que nunca. - Você nunca a ouviu, não é?

#275#

Minha mãe... tentando impedir Voldemort de me matar... e foi você que fez

aquilo... você é que fez...

Antes que qualquer dos dois pudesse dizer outra palavra, uma coisa alaranjada passou

correndo por Harry; Bichento saltou para o peito de Black e se sentou

ali, bem em cima do coração. O homem pestanejou e olhou para o gato.

- Saia daí - murmurou o homem, tentando empurrar Bichento para longe.

Mas o gato enterrou as garras nas vestes de Black e não se mexeu. Então virou a cara

amassada e feia para Harry e encarou-o com aqueles grandes olhos

amarelos...

à sua direita, Hermione soltou um soluço seco.

Harry encarou Black e Bichento, apertando com mais força a varinha na mão. E daí se

tivesse que matar o gato também? O bicho estava mancomunado com Black...

Se estava disposto a morrer para proteger o homem, não era de sua conta... Se o homem

queria salvá-lo, isso só provava que se importava mais com Richento do que

com os pais de Harry...

O garoto ergueu a varinha. Agora era o momento de agir. Agora era o momento de

vingar seu pai e sua mãe. Ia matar Black.

Tinha que matar Black. Era a sua chance...

Os segundos se alongaram. E Harry continuou paralisado ali, com a varinha em

posição, Black olhando para ele, com Bichento sobre o peito. Ouvia-se a penosa

respiração de Rony próximo à cama; Hermione guardava silêncio.

Então ouviu-se um novo ruído...

Passos abafados ecoaram pelo chão - alguém estava andando

no andar de baixo.

- ESTAMOS AQUI EM CIMA! - gritou Hermione de repente.

- ESTAMOS AQUI EM CIMA... sirius BLACK... DEPRESSA!

Black fez um movimento assustado que quase desalojou

-Bichento; Harry apertou convulsivamente a varinha - Aja agora

disse uma voz em sua cabeça. Mas os paSSOS reboavam escada acima e Harry ainda não

agira.

A porta do quarto se escancarou com um jorro de faíscas vermelhas e Harry se virou

na hora em que o Prof. Lupin irrompeu no

#276#

quarto, seu rosto exangue, a varinha erguida e pronta. Seus olhos

piscaram ao ver Rony, deitado no chão, Hermione encolhida perto

da porta, Harry parado ali com a varinha apontada para Black, e o

próprio Black, caído e sangrando aos pés do garoto.

- Expelliarmus!-gritou Lupin.

A varinha de Harry voou mais uma vez de sua mão; as duas que Hermione segurava

também. Lupin apanhou-as agilmente e avançou pelo quarto, olhando para Black,

que ainda tinha Bichento deitado numa atitude de proteção sobre seu peito.

Harry Ficou parado ali, sentindo-se subitamente vazio. Não agira. Faltara-lhe a

coragem. Black ia ser entregue aos

dementadores.

Então Lupin perguntou com a voz muito tensa.

- Onde é que ele está, Sirius?

Harry olhou depressa para Lupin. Não entendeu o que o professor queria dizer. De

quem estava falando? Virou-se para olhar

Black outra vez.

O rosto do homem estava impassível. Por alguns segundos Black nem se mexeu.

Depois, muito lentamente, ergueu a máo vazia e apontou para Rony. Aturdido, Harry

se virou para Rony, que por sua vez parecia confuso.

- Mas, então... - murmurou Lupin, encarando Black com tal intensidade que parecia

estar tentando ler sua mente - por que

ele não se revelou antes? A não ser que... - os olhos de Lupin se

arregalaram, como se estivesse vendo alguma coisa além de Black,

) alguma coisa que mais ninguém podia ver - a não ser que ele fosse

o... a não ser que você tivesse trocado... sem me dizer?

Muito lentamente, com o olhar fundo cravado no rosto de

Lupin, Black confirmou com um aceno de cabeça.

- Professor - interrompeu Harry, em voz alta-, que é que está acontecendo...?

Mas nunca chegou a terminar a pergunta, porque o que viu fez

sua voz morrer na garganta. Lupin estava baixando a varinha, os

- olhos fixos em Black. O professor foi até Black, apanhou a varinha dele, levantou-o

de modo que Bichento caiu no chão e abraçou

Black como a um irmão.

Harry sentiu como se o fundo do seu estômago tivesse despencado.

- EU NÃO ACREDITO! - berrou Hermione.

Lupin soltou Black e se virou para a garota. Ela se erguera do

chão e estava apontando para Lupin, de olhos arregalados.

- O senhor... o senhor...

- Hermione...

- ... o senhor e ele!

- Hermione se acalme...

- Eu não contei a ninguém! - esganiçou-se a garota. - Tenho encoberto o senhor...

- Hermione, me escute, por favor! - gritou Lupin. - Posso explicar...

Harry sentia o corpo tremer, não com medo, mas com uma

nova onda de fúria.

- Eu confiei no senhor - gritou ele para Lupin, sua voz se descontrolando -, e o

tempo todo o senhor era amigo dele!

- Você está enganado - disse Lupin. - Eu não era amigo de

Sirius, mas agora sou... Deixe-me explicar..

- NÃO! - berrou Hermione. - Harry não confie nele, ele tem ajudado Black a

entrar no castelo, ele quer ver você morto também... ele é um lobisomem!

Houve um silêncio audível. Os olhos de todos agora estavam

postos em Lupin, que parecia extraordinariamente calmo, embora

muito pálido.

- O que disse não está à altura do seu padrão de acertos, Hermione. Receio que

tenha acertado apenas uma afirmação em três. Eu não tenho ajudado Sirius

a entrar no castelo e certamente não quero ver Harry morto... - Um estranho tremor

atravessou seu rosto. - Mas não vou negar que seja um lobisomem.

Rony fez um corajoso esforço para se levantar outra vez, mas

caiu com um gemido de dor. Lupin adiantou-se para ele, parecendo preocupado, mas Rony

exclamou:

- Fique longe de mim, lobisomem!

Lupin se imobilizou. Depois, com óbvio esforço, virou-se para

Hermione e perguntou:

- Há quanto tempo você sabe?

- Há séculos ! sussurrou Hermione. - Desde a redação do Prof. Snape...

- Ele ficará encantado - disse Lupin tranquilo. - Passou aquela redação na

esperança de que alguém percebesse o que significavam os meus sintomas.

Você verificou a tabela lunar e percebeu

que eu sempre ficava doente na lua cheia? Ou você percebeu que o

bicho-papão se transformava em lua quando me via?

- Os dois - respondeu Hermione em voz baixa.

Lupin forçou uma risada.

- Você é a bruxa de treze anos mais inteligente que já conheci, Hermione.

- Não sou, não - sussurrou Hermione. - Se eu fosse um pouco mais inteligente,

teria contado a todo mundo quem o senhor é!

- Mas todos já sabem. Pelo menos os professores sabem.

- Dumbledore contratou o senhor mesmo sabendo que o senhor é um

lobisomem?

- exclamou Rony. - Ele é louco?

- Alguns professores acharam que sim - respondeu Lupin. - Ele teve que trabalhar

muito para convencer certos professores de

que eu sou digno de confiança...

- E ELE ESTAVA ENGANADO! - berrou Harry. - O SENHOR ESTEVE

AJUDANDO ELE O TEMPO TODO! - O

garoto apontou para Black, que, de repente atravessou o quarto em direção à cama de

colunas e afundou

nela, o rosto escondido em uma das mãos trêmulas. Bichento

saltou para junto dele e subiu no seu colo, ronronando. Rony se afastou devagarinho dos

dois, arrastando a perna.

- Eu não estive ajudando Sirius - respondeu Lupin. - Se você

me der uma chance, eu explico. - Olhe...

O professor separou as varinhas de Harry, Rony e Hermione e devolveu-as aos donos.

Harry apanhou a dele, espantado.

- Pronto - disse Lupin, enfiando a própria varinha no cinto. - Vocês estão armados

e nós, não. Agora vão me ouvir?

Harry não sabia o que pensar. Seria um truque?

- Se o senhor não esteve ajudando - disse, lançando um olhar furioso a Black -,

como é que soube que ele estava aqui?

- O mapa. O Mapa do Maroto. Eu estava na minha sala examinando-o...

- O senhor sabe trabalhar com o mapa? - indagou Harry desconfiado.

- Claro que sei - disse Lupin fazendo um gesto impaciente com a mao. - Ajudei a

prepará-lo. Eu sou Aluado, esse era o apelido que meus amigos me davam

na escola.

- O senhor preparou...?

- O importante é que eu estava examinando o mapa atentamente hoje à noite,

porque imaginei que você, Rony e Hermione

poderiam tentar sair, escondidos, do castelo para visitar Hagrid antes da execução do

hipogrifo. E estava certo, não é mesmo?

Lupin começara a andar para cima e para baixo do quarto, com

os olhos fixos nos garotos. Pequenas nuvens de pó se levantavam

aos seus pés.

- Você poderia estar usando a velha capa do seu pai, Harry...

- Como é que o senhor sabia da capa?

- O número de vezes que vi Tiago desaparecer debaixo da capa... - disse, fazendo

outro gesto de impaciência com a mão. - A questão é que, mesmo quando

a pessoa está usando a Capa da Invisibilidade, ela continua a aparecer no Mapa do Maroto.

Observei vocês atravessarem os jardins e entrar na cabana de Hagrid. Vinte

minutos depois, vocês saíram e voltaram em direção ao castelo. Mas, então, iam

acompanhados por mais alguém.

- Quê? - exclamou Harry. - Não, não íamos!

- Eu não podia acreditar no que estava vendo - continuou o professor,

prosseguindo a caminhada e fingindo não ter ouvido a interrupção de Harry. -

Achei que o mapa não estava registrando direito. Como é que ele podia estar com vocês?

- Não tinha ninguém com a gente!

- Então vi outro pontinho, andando depressa em sua direção, rotulado Si ri us

Black... vi-o colidir com você; observei quando

arrastou dois de vocês para dentro do Salgueiro Lutador...

- Um de nós! - corrigiu-o Rony, zangado.

- Não, Rony. Dois de voces.

Ele parou de andar, os olhos em Rony.

- Você acha que eu poderia dar uma olhada no rato? - perguntou com

a voz

equilibrada.

- Quê? - exclamou Rony. - Que é que o Perebas tem a ver com isso?

- Tudo. Posso vê-lo, por favor?

Rony hesitou, depois enfiou a mão nas vestes. Perebas apareceu, debatendo-se

desesperadamente; o garoto teve que segurá-lo pelo longo rabo pelado para impedi-lo

de fugir. Bichento ficou em pé na perna de Black e sibilou baixinho.

Lupin se aproximou de Rony. Parecia estar prendendo a respiração enquanto

examinava Perebas atentamente.

- Quê? - repetiu Rony, segurando Perebas mais perto com um

ar apavorado. - Que é que meu rato tem a ver com qualquer coisa?

- Isto não é um rato - disse Sirius Black, de repente, com a voz

rouca.

- Que é que você está dizendo... é claro que é um rato...

- Não, não é - confirmou Lupin calmamente. - É um bruxo.

- Um animago - disse Black - que atende pelo nome de Pedro

Pettigrew.

#281#

- CAPITULO DEZOITO

Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas

Levou alguns segundos para os garotos absorverem o absurdo desta afirmação. Então Rony

disse em voz alta o que Harry estava pensando.

- Vocês dois são malucos.

- Ridículo! - exclamou Hermione baixinho.

- Pedro Pettigrew está morto! - afirmou Harry. - Ele o matou há doze anos! - O

garoto apontou para Black, cujo rosto tremeu

convulsivamente.

- Tive intenção - vociferou o acusado, os dentes amarelos à mostra -, mas o

Pedrinho levou a melhor... mas desta vez não!

E Bichento foi atirado ao chão quando Black avançou para

Perebas; Rony berrou de dor ao receber o peso de Black sobre sua

perna quebrada.

- Sirius, NÃO! - berrou Lupin atirando-se à frente e afastando Black para longe de

Rony. - ESPERE! Você não pode fazer isso

assim... eles precisam entender... temos que explicar...

- Podemos explicar depois! - rosnou Black, tentando tirar Lupin do caminho.

Ainda mantinha uma das mãos no ar, com a qual tentava alcançar Perebas,

que, por sua vez, guinchava feito um porquinho, arranhando o rosto e o pescoço de Rony,

tentando escapar.

- Eles têm... o... direito... de... saber... de... tudo! - ofegou Lupin, ainda tentando

conter Black. - Ele foi bicho de estimação de Rony! E tem

partes dessa história que nem eu compreendo muito bem! E Harry... você deve a verdade a

ele, Sirius!

Black parou de resistir, embora seus olhos fundos continuassem

fixos em Perebas, firmemente seguro sob as mãos mordidas,

arranhadas e sangrentas de Rony.

- Está bem, então - concordou Black, sem desgrudar os olhos

do rato. - Conte a eles o que quiser Mas faça isso depressa, Remo, quero cometer o crime

pelo qual fui preso...

- Vocês são pirados, os dois - disse Rony trêmulo, procurando com os olhos o

apoio de Harry e Hermione. - Para mim chega. Estou fora.

O garoto tentou se levantar com a perna boa, mas Lupin tornou a erguer a varinha,

apontando-a para Perebas.

- Você vai me ouvir até o fim, Rony - disse calmamente. - Só quero que mantenha

Pedro bem seguro enquanto me ouve.

- ELE NÃO É PEDRO, ELE É PEREBAS! - berrou Rony, tentando empurrar o

rato para dentro do bolso das vestes, mas Perebas resistia com todas as forças;

Rony oscilou e se desequilibrou, mas Harry o amparou e empurrou de volta à cama. Então,

sem dar atenção a Black, Harry se dirigiu a Lupin.

- Houve testemunhas que viram Pettigrew morrer - disse. - Uma rua cheia...

- Eles não viram o que pensaram que viram! - disse Black ferozmente, ainda

vigiando Perebas se debater nas mãos de Rony.

- Todos pensaram que Sirius tinha matado Pedro - confirmou Lupin acenando a

cabeça. - Eu mesmo acreditei nisso, até ver o mapa hoje à noite. Porque

o Mapa do Maroto nunca mente... Pedro está vivo. Na mão de Rony, Harry.

Harry baixou os olhos para Rony, e quando seus olhares se encontraram, os dois

concordaram silenciosamente: Black e Lupin estavam delirando. A

história deles

não fazia o menor sentido. Como Perebas poderia ser Pedro Pettigrew? Azkaban, afinal,

devia ter endoidado Black - mas por que Lupin estava fazendo o jogo dele?

Então Hermione falou, numa voz trêmula que se pretendia calma, como se tentasse

fazer o professor falar

sensatamente.

- Mas Prof. Lupin... Perebas não pode ser Pettigrew... não pode ser verdade, o

senhor sabe que não pode...

- Por que não pode? - perguntou Lupin calmamente, como se estivessem na sala

de aula e Hermione apenas levantasse um problema relativo a uma experiência

com grindylows.

- Porque... porque as pessoas saberiam se Pedro Pettigrew tivesse sido um

animago. Estudamos animagos com a

Profa. McGonagall. E procurei maiores informações

quando fiz o meu dever de

casa, o Ministério da Magia controla os bruxos e bruxas que sao

capazes de se transformar em animais; há um registro que mostra

#283#

em que animal se transformam, o que fazem, quais os seus sinais de identificação e outros

dados... e fui procurar o nome da Profa. McGonagall no registro e vi

que

só houve sete animagos neste século e o nome de Pettigrew não constava da lista...

Harry mal tivera tempo de se admirar intimamente com o

esforço que Hermione investia nos deveres de casa, quando Lupin

começou a rir

Certo, outra vez Hermione! - exclamou. - Mas o Ministério

nunca soube que havia três animagos não registrados à solta em

Hogwarts.

- Se você vai contar a história aos garotos, se apresse, Remo - rosnou Black, que

continuava vigiando cada movimento desesperado de Perebas. - Esperei

doze anos, não vou esperar muito mais.

- Está bem... mas você precisa me ajudar, Sirius - disse Lupin -, só conheço o

inicio...

Lupin parou. Tinham ouvido um rangido alto às costas dele. A

porta do quarto se abriu sozinha. Os cincos olharam. Então Lupin

foi até a porta e espiou para o patamar.

- Não há ninguém aí fora...

- Esse lugar é mal-assombrado! - comentou Rony.

- Não é, não - disse Lupin, ainda observando intrigado a porta. - A Casa dos

Gritos nunca foi mal-assombrada... Os gritos e

uivos que os moradores do povoado costumavam ouvir eram meus.

Ele afastou os cabelos grisalhos da testa, pensou um instante, e

disse:

- Foi onde tudo começou, com a minha transformação em lobisomem. Nada

poderia ter acontecido se eu não tivesse sido

mordido... e não tivesse sido tão imprudente...

Ele parecia sóbrio e cansado. Rony ia interrompê-lo, mas

Hermione fez "psiu!". Ela observava Lupin com muita atenção.

- Eu ainda era garotinho quando levei a mordida. Meus pais tentaram tudo, mas

naquela época não havia cura. A poção que o Prof. Snape tem preparado

para mim é uma descoberta muito recente. Me deixa seguro, entende. Desde que eu a tome

uma semana antes da lua cheia, posso conservar as faculdades mentais quando

me transformo... e posso me enroscar na minha sala, um lobo

inofensivo, à espera da mudança de lua.

"Porém, antes da Poção de Mata-cão ser descoberta, eu me

transFormava em um perfeito monstro uma vez por mês. Parecia

#284#

impossível que eu pudesse frequentar Hogwarts. Outros pais não iriam querer expor os

filhos a mim.

"Mas, então, Dumbledore se tornou diretor e ele se condoeu. Disse que se tomássemos

certas precauções, não havia razáo para eu não frequentar a escola -

Lupin suspirou e olhou diretamente para Harry.

"Eu lhe disse, há alguns meses, que o Salgueiro Lutador foi plantado no ano em que

entrei para Hogwarts. A verdade é que ele foi plantado porque eu entrei

para Hogwarts. Esta casa - Lupin correu os olhos cheios de tristeza pelo quarto - e o túnel

que vem até aqui foram construídos para meu uso. Uma vez por mês eu era

trazido do castelo para cá, para me transformar. A árvore foi colocada na boca do túnel para

impedir que alguém se encontrasse comigo durante o meu período perigoso.

Harry não conseguia imaginar onde a história iria chegar, mas,

mesmo assim, ouvia arrebatado. O único som, além da voz de

Lupin, eram os guinchos assustados de Perebas.

- As minhas transformações naquele tempo eram... eram terríveis. É muito doloroso

alguém virar lobisomem. Eu era separado das pessoas para morder à vontade,

então eu me arranhava e me mordia. Os moradores do povoado

ouviam o barulho e os

gritos e achavam que estavam ouvindo almas do outro mundo particularmente violentas.

Dumbledore estimulava os boatos... Ainda hoje, que a casa tem estado silenciosa há anos,

os moradores de Hogsmeade não têm coragem de se aproximar...

"Mas tirando as minhas transformações, eu nunca tinha sido tão feliz na vida. Pela

primeira vez, eu tinha amigos, três grandes amigos. Sirius Black... Pedro

Pettigrew... e, naturalmente, seu pai, Harry - Tiago Potter.

"Agora, meus três amigos não puderam deixar de notar que eu desaparecia uma vez

por mês. Eu inventava todo o tipo de histórias. Dizia que minha mãe estava

doente, que tinha ido em casa vêla... Ficava aterrorizado em pensar que eles me

abandonariam se descobrissem o que eu era. Mas é claro que eles, como você, Hermione,

descobriram a verdade...

"E não me abandonaram. Em vez disso, fizeram uma coisa por

mim que não só tornou as minhas transformações suportáveis,

co mo me proporcionou os melhores momentos da minha vida. Eles

se transformaram em animagos."

#285#

- Meu pai também? - perguntou Harry, espantado.

- Certamente. Eles gastaram quase três anos para descobrir como fazer isso. Seu

pai e Sirius eram os alunos mais inteligentes da escola, o que foi

uma sorte, porque se transformar em animago é uma coisa que pode sair barbaramente

errada, é uma das razões por que o ministério acompanha de perto os que tentam.

Pedro precisou de toda a ajuda que pôde obter de Tiago e Sirius. Finalmente no nosso

quinto ano, eles conseguiram. Podiam se transformar em um animal diferente quando

queriam.

- Mas como foi que isso ajudou o senhor? - perguntou Hermione, intrigada.

- Eles não podiam me fazer companhia como seres humanos, então me faziam

companhia como animais. Um lobisomem só apresenta perigo para gente. Eles

saíam escondidos do castelo todos os meses, encobertos pela Capa da Invisibilidade de

Tiago. E se transformavam... Pedro, por ser o menor, podia passar por baixo

dos ramos agressivos do Salgueiro e empurrar o botão para imobilizá-

lo. Os outros dois,

então, podiam escorregar pelo túnel e se reunir a mim. Sob a influência deles,

eu me tornei menos perigoso. Meu corpo ainda era o de um lobo, mas minha mente se

tornava menos lupina quando estávamos juntos.

- Anda logo, Remo - rosnou Black, que continuava a observar Perebas com uma

espécie de voracidade no rosto.

- Estou chegando lá, Sirius, estou chegando lá... bom, abriram-se possibilidades

extremamente excitantes para nós do momento em que conseguimos nos

transformar. Não demorou muito e começamos a deixar a Casa dos Gritos e perambular

pelos terrenos da escola e pelo povoado à noite. Sirius e Tiago se transformavam

em animais tão grandes que conseguiam controlar o lobisomem. Duvido que qualquer

aluno de Hogwarts jamais tenha descoberto mais a respeito dos terrenos da escola

e do povoado de Hogsmeade do que nós... E foi assim que acabamos preparando o Mapa do

Maroto, e assinando-o com os nossos apelidos Sirius é Almofadinhas, Pedro é

Rabicho, e Tiago era Pontas.

- Que tipo de animal...? - Harry começou a perguntar mas Hermione o

interrompeu.

- Mas a coisa continuava a ser realmente perigosa! Andar no

escuro em companhia de um lobisomem! E se o senhor tivesse fugido deles e mordido

alguém?

É - É um pensamento que ainda me atormenta - respondeu Lupin deprimido. - E

muitas vezes escapávamos por um triz. Nós nos riamos disso depois. Éramos jovens,

irresponsáveis, empolgados com a nossa inteligência.

"Por vezes eu sentia remorsos por trair a confiança de Dumbledore, é

óbvio... ele me aceitara em Hogwarts, coisa que nenhum outro diretor teria feito, e

sequer desconfiava que eu estivesse desobedecendo às regras que ele estabelecera para a

segurança dos outros e a minha própria. Ele nunca soube que eu tinha induzido

três colegas a se transformarem ilegalmente em animagos. Mas eu sempre conseguia

esquecer meus remorsos todas as vezes que nos sentávamos para planejar a aventura

do mês seguinte. E não mudei..."

O rosto de Lupin endurecera, e havia desgosto em sua voz.

- Durante todo este ano, lutei comigo mesmo, me perguntando se devia contar a

Durnbledore que Sirius era um animago. Mas não contei. Por quê? Porque

fui covarde demais. Porque isto teria significado admitir que eu traira sua confiança

enquanto estivera na escola, admitir que influenciara outros... e a confiança

de Dumbledore significava tudo para mim. Ele me admitira em Hogwarts quando garoto, e

me dera um emprego quando eu fora desprezado toda a minha vida adulta, incapaz

de encontrar um trabalho remunerado porque sou o que sou. Então me convenci de que

Sirius estava penetrando na escola por meio das artes das trevas que aprendera

com Voldemort, que o fato de ser um animago não entrava em questão...

entao, de certa forma, Snape tinha razão quanto à minha pessoa.

- Snape? - exclamou Black com a voz rouca, desviando os olhos de Perebas

pela primeira vez nos últimos minutos para olhar

Lupin. - Que é que Snape tem a ver com isso?

- Ele está aqui, Sirius - respondeu Lupin sério. - É professor em Hogwarts

também. - E ergueu os olhos para Harry, Rony e Hermione. - O Prof. Snape

frequentou a escola conosco. Ele se opôs fortemente à minha

nomeação para o cargo de

professor de Defesa contra as Artes das Trevas. Passou o ano inteiro dizendo

a Dumbledore que eu não sou digno de confiança. Ele tem suas razoes... entendem, o Sirius

aqui pregou uma peça nele que quase

o matou, uma peça de que participei...

Black emitiu uma exclamação de desdém.

- Foi bem feito para ele - zombou. - Espionando, tentando

#287#

descobrir o que andávamos aprontando... na esperança de que fôssemos expulsos..

- Severo tinha muito interesse em saber aonde eu ia todo mês

- disse Lupin a Harry, Rony e Hermione. - Estávamos no mesmo ano, entendem, e não...

hum... não nos gostávamos muito. Ele não gostava nada de Tiago. Ciúmes, acho

eu, do talento de Tiago no campo de quadribol... em todo o caso, Snape tinha me visto

atravessar os jardins com Madame Pomfrey certa noite quando ela me levava em

direção ao Salgueiro Lutador para eu me transformar. Sirius achou que seria... hum...

divertido, contar a Snape que ele só precisava apertar o nó no tronco da árvore

com uma vara longa para conseguir entrar atrás de mim. Bem, é claro, que Snape foi

experimentar, e se tivesse chegado até a casa teria encontrado um lobisomem adulto

- mas seu pai, que soube o que Sirius tinha feito, foi procurar Snape e puxou-o para fora,

arriscando a própria vida... Snape, porém, me viu, no fim do túnel. Dumbledore

o proibiu de contar a quem quer que fosse, mas desde então ele ficou sabendo o que eu

era...

- Então é por isso que Snape não gosta do senhor - disse Harry

lentamente -, porque achou que o senhor estava participando da

brincadeira?

- Isso mesmo - zombou uma voz fria vinda da parede atrás de Lupin.

Severo Snape removia a Capa da Invisibilidade e segurava a

varinha apontada diretamente para Lupin.

CAPITULO DEZENOVE -

O servo de Lord Voldemort

Hermione gritou. Black se levantou de um salto. Harry teve a sensação de que levara um

tremendo choque elétrico.

- Encontrei isso ao pé do Salgueiro Lutador-disse Snape, atirando a capa para o lado,

mas tendo o cuidado de manter a varinha

apontada diretamente para o peito de Lupin.

- Muito útil, Potter, obrigado...

Snape estava ligeiramente sem fôlego, mas o rosto expressava

contido triunfo.

- Vocês talvez estejam se perguntando como foi que eu soube que estavam aqui? -

disse com os olhos brilhantes. Acabei de passar por sua sala, Lupin. Você

esqueceu de tomar sua poção hoje à noite, então resolvi lhe levar um cálice. E foi uma

sorte... sorte para mim, quero dizer. Encontrei em cima de sua mesa um certo

mapa. Bastou uma olhada para me dizer tudo que eu precisava saber. Vi você correr por

essa passagem e desaparecer de vista.

- Severo... - começou Lupin, mas Snape atropelou-o.

- Eu disse ao diretor várias vezes que você estava ajudando o seu velho amigo Black a

entrar no castelo, Lupin, e aqui tenho a prova. Nem mesmo eu poderia

sonhar que você teria o topete de usar este lugar antigo como esconderijo...

- Severo, você está cometendo um engano - disse Lupin com urgência na voz. -Você

não sabe de

tudo, posso explicar, Sirius não

está aqui para matar Harry...

- Mais dois para Azkaban esta noite - disse Snape, os olhos

brilhando de fanatismo. - Vou Ficar curioso para saber como

que Dumbledore vai encarar isso... Ele estava convencido de que

você era inofensivo, sabe, Lupin... um lobisomem manso..

- Seu tolo - disse Lupin com brandura. - Será que um ressentimento de criança é

suficiente para mandar um homem inocente

de volta a Azkaban?

#289#

BANGUE! Cordas finas que lembravam cobras jorraram da ponta da varinha de Snape

e se enrolaram em torno da boca de Lupin, dos seus punhos e tornozelos;

ele perdeu o equilíbrio e caiu no chão, incapaz de se mexer. Com um rugido de cólera,

Black avançou para Snape, mas este apontou a varinha entre os olhos de Black.

- É só me dar um motivo - sussurrou o professor. - É só me dar um motivo, e juro

que faço.

Black se imobilizou. Teria sido impossível dizer qual dos dois

rostos revelava mais ódio.

Harry continuou ali, paralisado, sem saber o que fazer ou em quem acreditar. Olhou

para Rony e Hermione. Seu amigo parecia tão confuso quanto ele e ainda

tentava segurar um Perebas rebelde. Hermione, porém, adiantou-se, hesitante, para Snape e

disse, respirando com dificuldade:

- Professor... não faria mal ouvirmos o que eles têm a dizer, f... faria?

- Senhorita Granger, a senhorita já vai enfrentar uma suspensão - bufou Snape. - A

senhorita, Potrer e Weasley estão fora dos limites da escola em

companhia de um criminoso sentenciado e de um lobisomem, Pelo menos uma vez na sua

vida, cale a boca.

- Mas se... se houve um engano...

- FIQUE QUIETA, SUA BURRINHA! - berrou Snape, parecendo de repente

muito perturbado. - NÃO FALE DO QUE NÃO ENTENDE! - Sairam algumas fagulhas da

ponta

de sua varinha, que continuava apontada para o rosto de Black. Hermione se calou.

"A vingança é muito doce - sussurrou Snape para Black. - Como desejei

ter o

privilégio de apanhá-lo...

- Você é que vai fazer papel de tolo outra vez, Severo - rosnou Black. - Se esse

garoto levar o rato dele até o castelo - e indicou

Rony com a cabeça... - Eu vou sem criar caso...

- Até o castelo? - retrucou Snape, com voz insinuante. - Acho que não precisamos

ir tão

longe. Basta eu chamar os dementadores quando sairmos do salgueiro.

Eles vão ficar muito satisfeitos em vêlo, Black.. satisfeitos o suficiente para lhe dar um

beijinho, eu me arriscaria a dizer...

A pouca cor que havia no rosto de Black desapareceu.

- Você... você tem que ouvir o que tenho a dizer - disse ele,

rouco. - O rato... olhe aquele rato...

Mas havia um brilho alucinado nos olhos de Snape que Harry nunca vira antes. O

professor parecia incapaz de ouvir.

- Vamos, todos. - Snape estalou os dedos e as pontas das cordas que amarravam

Lupin voaram para suas mãos. - Eu puxo o lobisomem. Talvez os dementadores

tenham um beijo para ele também...

Antes que se desse conta do que estava fazendo, Harry atravessou o quarto em três

passadas e bloqucou a porta.

- Saia da frente, Potter, você já está suficientemente encrencado - rosnou Snape. -

Se eu não estivesse aqui para salvar sua pele...

- O Prof. Lupin poderia ter me matado cem vezes este ano - disse Harry. - Estive

sozinho com ele montes de vezes, tomando aulas de defesa contra dementadores.

Se ele estava ajudando Black, por que não me liquidou logo?

- Não me peça para imaginar como funciona a cabeça de um lobisomem - sibilou

Snape. - Saia da frente, Potter.

- O SENHOR É PATÉTICO! - berrou Harry. - só PORQUE ELES FIZERAM O

SENHOR DE BOBO NA ESCOLA, O

SENHOR NÃO QUER NEM ESCUTAR...

- SILÊNCIO! NÃO ADMITO QUE FALEM ASSIM COMICO! - gritou Snape,

parecendo mais louco que nunca. - Tal pai, tal filho, Potter! Acabei de salvar seu pescoço;

você devia me agradecer de joelhos! Teria sido bem feito se Black o

tivesse matado! Você

teria morrido como seu pai, arrogante demais para acreditar que poderia

ter se enganado com um amigo... agora saia da frente, ou eu vou fazer você sair. SAIA DA

FRENTE,

POTTER!

Harry se decidiu em uma fração de segundo. Antes que Snape

pudesse sequer dar um passo em sua direção, o garoto ergueu a

varinha.

- Expelliarmuus - berrou, só que sua voz não foi a única a gritar. Houve uma explosão

que fez a porta sacudir nas dobradiças; Snape foi levantado e atirado

contra a parede, depois escorregou por ela até o chão, um filete de sangue escorrendo por

baixo dos cabelos. Fora nocauteado.

Harry olhou para os lados. Rony e Hermione também tinham tentado desarmar Snape

exatamente no mesmo instante. A varinha

do professor voou no ar descrevendo um arco e caiu em cima da

#291#

cama, ao lado de Bichento.

- Você não devia ter feito isso - censurou Black olhando

para Harry. - Devia tê-lo deixado comigo...

Harry evitou o olhar de Black. Não tinha certeza, mesmo agora, de que

agira certo.

- Atacamos um professor... Atacamos um professor... - choramingou Hermione,

olhando assustada para o inconsciente Snape.

Ah, vamos nos meter numa confusão tão grande...

Lupin lutava para se livrar das cordas. Black se abaixou depressa e o

desamarrou. O

professor se ergueu, esfregando os braços

onde as cordas o tinham machucado.

- Obrigado, Harry - agradeceu.

- Não estou dizendo com isso que já acredito no senhor - disse o garoto.

- Então está na hora de lhe apresentarmos alguma prova. Você, garoto... me dê o

Pedro, por favor. Agora.

Rony apertou Perebas mais junto ao peito.

- Nem vem - disse o garoto com a voz fraca. - O senhor está tentando dizer que

Black fugiu de Azkahan só para pôr as mãos em Perebas? Quero dizer..

- e olhou para Harry e Hermione à procura de apoio -, tudo bem, vamos dizer que Pettigrew

pudesse se transformar em rato, há milhões de ratos, como é que Black vai

saber qual é o que está procurando se estava trancafiado em Azkaban?

- Sabe, Sirius, a pergunta é justa - disse Lupin, virando-se para Black com a testa

ligeiramente franzida. - Como foi que você descobriu onde estava

o rato?

Black enfiou uma das mãos, que lembravam garras, dentro das

vestes e tirou um pedaço de papel amassado, que ele alisou e mostrou aos outros.

Era a foto de Rony com a família, que aparecera no Profeta

Diário no último verão, e ali, no ombro de Rony, estava Perebas.

- Onde foi que você arranjou isso? - perguntou Lupin a Black,

perplexo.

- Fudge - disse Black. - Quando ele foi inspecionar Azkaban no ano passado, me

cedeu o jornal que Levava. E lá estava Pedro, na primeira página..,

no ombro desse garoto... reconheci-o na mesma hora... quantas vezes o vi se transformar?

- a legenda dizia que o

menino ia voltar para Hogwarrs... onde Harry estava...

- Meu Deus - exclamou Lupin baixinho, olhando de Perebas para a foto no jornal e de

volta ao rato. - A pata dianteira...

- Que é que tem a pata? - disse Ronyy em tom de

desafio.

- Tem um dedinho faltando - afirmou Black.

- Claro - murmurou Lupin. - Tão simples... tão genial.. ele mesmo o cortou?

- Pouco antes de se transformar - confirmou Black. - Quando eu o encurralei, ele

gritou para a rua inteira que eu havia traído LIlian e Tiago. Então,

antes que eu pudesse lhe lançar um feitiço, ele explodiu a rua com a varinha escondida às

costas, matou todo mundo em um raio de seis metros, e fugiu para dentro

do bueiro com os outros ratos...

- Você já ouviu falar, não Rony? - perguntou Lupin. - O maior pedaço do corpo de

Pedro que acharam foi o dedo.

- Olha aqui, Perebas com certeza brigou com outro rato ou coisa parecida! Ele está

na minha família há séculos, certo...

- Doze anos, para sermos exatos - disse Lupin. - Você nunca estranhou que ele

tenha vivido tantos anos?

- Nós... nós cuidamos bem dele!

- Mas ele não está com um aspecto muito saudável no momento, não é? -

comentou Lupin. - Imagino que esteja perdendo peso desde que ouviu falar que

Sirius fugiu...

- Ele tem andado apavorado com aquele gato maluco! - justificou Rony, indicando

com a cabeça Bichento, que continuava a ronronar na cama.

Mas isso não era verdade, ocorreu a Harry de repente... Perebas já estava com cara de

doente antes de conhecer Bichento... desde que Rony voltara do Egito...

desde que Black escapara...

- O gato não é maluco - disse Black, rouco. Ele estendeu a mão ossuda e acariciou

a cabeça peluda de

Bichento. - É o gato mais inteligente que já

encontrei. Reconheceu na mesma hora o que Pedro era. E quando me encontrou, percebeu

que eu não era cachorro. Levou um tempinho para confiar em mim. No fim eu consegui

comunicar a ele o que estava procurando e ele tem me ajudado...

- Como assim? - murmurou Hermione.

- Ele tentou trazer Pedro a mim, mas não pôde... então roubou para mim as senhas

de acesso à Torre da

Grifinória... Pelo que

entendi, ele as tirou da mesa-de-cabeceira de um garoto...

#293#

O cérebro de Harry parecia estar fraquejando sob o peso do

que ouvia. Era absurdo... contudo...

- Mas Pedro soube o que estava acontecendo e se mandou... - falou Black. - Este

gato... Bichento, foi o nome que lhe deu?... me disse que Pedro tinha

sujado os lençóis de sangue... suponho que tenha se mordido... Ora, fingir-se de morto já

tinha dado certo uma vez...

Essas palavras sacudiram o torpor mental de Harry.

- E sabe por que é que ele se fingiu de morto? - perguntou o garoto

impetuosamente. - Porque sabia que você ia matar ele

como tinha matado os meus pais!

- Não - disse Lupin. - Harry...

- E agora você veio acabar com ele!

- É verdade, vim - disse Black, lançando um olhar maligno a Perebas.

- Então eu devia ter deixado Snape levar você! - gritou Harry.

- Harry - disse Lupin depressa -, você não está vendo? Todo este tempo pensamos

que Sirius tinha traído seus pais e que Pedro o perseguira... mas

foi o contrário, você não está vendo? Pedro traiu sua mãe e seu pai... Sirius perseguiu

Pedro...

- NÃO É VERDADE! - berrou Harry. - ELE ERA O FIEL DO SEGREDO

DELES! ELE DISSE ISSO ANTES DO SENHOR

APARECER. ELE CONFESSOU QUE MATOU MEUS PAIS!

O garoto apontava para Black, que sacudia a cabeça devagarimnho; de repente seus

olhos fundos ficaram excessivamente brilhantes.

- Harry... foi o mesmo que ter matado - disse, rouco. - Convenci

Lilian e Tiago a entregarem o segredo a Pedro no último instante, convenci-os a usar

Pedro como fiel do segredo, em vez de mim... A culpa é minha, eu sei... Na noite em que

eles morreram, eu tinha combinado procurar Pedro para verificar se ele continuava

bem, mas quando cheguei ao esconderijo ele não estava. Mas não havia sinais de luta.

Achei estranho. Fiquei apavorado. Corri na mesma hora direto para a casa dos

seus pais. E quando vi a casa destruída e os corpos deles... percebi o que Pedro devia ter

feito. O que eu tinha feito.

A voz dele se partiu. Ele virou as costas.

- Basta - disse Lupin, e havia um tom inflexível em sua voz que Harry nunca

ouvira antes. - Tem uma maneira de provar o

#294#

que realmente aconteceu. Rony, me dê esse rato.

- Que é que o senhor vai fazer com ele se eu der? - perguntou Rony, tenso.

- Obrigá-lo a se revelar - disse Lupin. - Se ele for realmente um rato, não se

machucará.

Rony hesitou. Então, finalmente estendeu a mão e entregou

Perebas a Lupin. O rato começou a guinchar sem parar, se contorcendo, os olhinhos negros

saltando das

órbitas.

- Está pronto, Sirius? - perguntou Lupin.

de Black já apanhara a varinha de Snape na cama. Aproximou-sede

Lupin e do rato que se debatia e seus olhos úmidos pareceram,

de repente, arder em seu rosto.

- Juntos? - perguntou em voz baixa.

- Acho melhor - confirmou Lupin, segurando Perebas apertado em uma das mãos e a

varinha na outra. - Quando eu contar

três. Um... dois... TRÊS!

Lampejos branco-azulados irromperam das duas varinhas; por um

instante, Perebas

parou no ar, o corpinho cinzento revirandose alucinadamente - Rony berrou

- o rato caiu e bateu no chão. Seguiu-se novo lampejo ofuscante e então...

Foi como assistir a um filme de uma árvore em crescimento. Surgiu uma cabeça no

chão; brotaram membros; um momento depois havia um homem onde antes estivera

Perebas, apertando e torcendo as mãos. Bichento bufava e rosnava na cama; os pelos das

costas eriçados.

Era um homem muito baixo, quase do tamanho de Harry e Hermione. Seus cabelos

finos e descoloridos estavam malcuidados e o cocuruto da cabeça era careca.

Tinha o aspecto flácido de um homem gorducho que perdera muito peso em pouco tempo.

A pele estava enrugada, quase como a pelagem do Perebas, e havia um ar ratinheiro

em volta do seu nariz fino e dos olhos muito miúdos e lacrimosos. Ele olhou para os

presentes, um a um, respirando raso e depressa. Harry viu seus olhos correrem

para a porta e voltarem.

- Ora, ora, olá, Pedro - saudou-o Lupin educadamente, como se fosse frequente ratos

virarem velhos colegas de escola à sua volta.

- Há quanto tempo!

- S... Sirius R... Remo. - Até a voz de Pettegrew lembrava um guincho.

Novamente

seus olhos correram para a porta. - Meus

amigos... meus velhos amigos...

A varinha de Black se ergueu, mas Lupin agarrou-o pelo pulso,

lançando-lhe um olhar de censura, depois tornou a se virar para

Pettigrew, com a voz leve e displicente.

#295#

- Estávamos tendo uma conversinha, Pedro, sobre os aconteci mentos

da noite em que Lílian e Tiago morreram. Você talvez

tenha perdido os detalhes enquanto guinchava na cama...

- Remo - ofegou Pettigrew, e Harry observou que se forma vam gotas

de suor em seu rosto lívido -, você não acredita nele,

acredita...? Ele tentou me matar, Remo...

- Foi o que ouvimos dizer - respondeu Lupin, mais friamente.

- Eu gostaria de esclarecer algumas coisas com você, Pedro, se você

quiser ter...

- Ele veio tentar me matar outra vez! - guinchou Pettigrew de

repente, apontando para Black, e Harry percebeu que o homem

usara o dedo médio, porque lhe faltava o indicador. - Ele matou

Lílian e Tiago e agora vai me matar também... Você tem que me

ajudar, Remo...

O rosto de Black parecia mais caveiroso que nunca ao fixar os

olhos fundos em Pettigrew.

- Ninguém vai tentar matá-lo até resolvermos umas coisas -

disse Lupin.

- Resolvermos umas coisas? - guinchou Pettigrew, mais uma vez olhando

desesperado para os lados, registrando as janelas pregadas e, mais uma vez,

a única porta. - Eu sabia que ele viria atrás de mim! Sabia que ele voltaria para me pegar!

Estou esperando isso há doze anos!

- Você sabia que Sirius ia fugir de Azkaban? - perguntou Lupin, com a testa

franzida. - Sabendo que ninguém jamais fez

isso antes?

- Ele tem poderes das trevas com os quais a gente só consegue sonhar! - gritou

Pettigrew com voz aguda. - De que outro jeito fugiria de lá? Suponho que Aquele-Que-Não-Deve----Ser-Nomeado tenha lhe ensinado alguns truques!

Black começou a rir, uma risada horrível, sem alegria, que encheu o quarto todo.

- Voldemorr me ensinou alguns truques?

Petrigrew se encolheu como se Black tivesse brandido um chicote contra

ele.

- Que foi, se apavorou de ouvir o nome do seu velho mestre?

- perguntou Black. - Não o culpo, Pedro. O pessoal dele não anda

muito satisfeito com você, não é mesmo?

- Não sei o que você quer dizer com isso, Sirius... - murmurou

#296#

Pertigrew, respirando mais rapidamente que nunca. Todo o seu rosto brilhava de suor

agora.

- Você não andou se escondendo de mim esses doze anos. Andou se escondendo dos

seguidores de Voldemort. Eu soube de umas coisas em Azkaban, Pedro... Todos

pensam que você está morto ou já o teriam chamado a prestar contas... Ouvi-os gritar todo

o tipo de coisa durante o sono. Parece que acham que o traidor os traiu

também. Voldemort foi à casa dos Potter confiando em uma informação sua... e Voldemort

perdeu o poder lá. E nem todos os

seguidores dele foram parar em Azkaban,

não é mesmo? Ainda há muitos por aí, esperando a hora, fingindo que reconheceram seus

erros... Se chegarem a saber que você continua vivo, Pedro...

- Não sei... do que está falando... - respondeu Pettigrew, mais esganiçado que nunca.

Ele enxugou o rosto na manga e ergueu os olhos para Lupin. - Você não

acredita nessa... nessa loucura, Remo...

- Devo admitir, Pedro, que acho difícil compreender por que um homem inocente

iria querer passar doze anos sob a forma de

um rato.

- Inocente, mas apavorado! - guinchou Pettigrew. - Se os seguidores de Voldemort

estivessem atrás de mim, seria porque mandei um dos seus melhores

homens para Azkaban, o espião, Sirius Black!

O rosto de Black se contorceu.

- Como é que você se atreve? - rosnou ele, parecendo de

repente o cachorro do tamanho de um urso que ele fora há pouco.

- Eu, espião do Voldemort? Quando foi que andei espreitando gente mais forte e mais

poderosa do que eu? Agora você, Pedro, jamais vou entender por que

não reparei desde o começo que você era o espião; você sempre gostou de amigos

grandalhões que o protegessem,

não é mesmo? Você costumava nos acompanhar... a mim e ao

Remo... e ao Tiago...

Pettigrew tornou a enxugar o rosto; estava quase ofegando,

sem ar.

- Eu, espião... você deve ter perdido o juízo... nunca... não sei como pode dizer

uma...

- Lílian e Tiago só fizeram de vocé o fiel do segredo porque eu

#297#

sugeri - sibilou Black, tão venenosamence que Pettigrew deu um passo atrás. - Achei

que era o plano perfeito... um blefe... Voldemort com certeza viria atrás de mim, jamais

sonharia que os dois

usariam um sujeito fraco e sem talento como você... Deve ter sido a hora mais sublime de

sua vida infeliz quando você contou a Voldemorr que podia lhe entregar os

Potter.

Pettigrew resmungava, perturbado; Harry entreouvia palavras como "extravagante" e

"demência", mas não conseguia deixar de prestar mais atenção à palidez

do rosto de Pettigrew e ao jeito com que seus olhos continuavam a correr para as janelas e a

porta.

- Prof. Lupin - disse Hermione timidamente. - Posso... posso dizer uma

coisa?

- Claro, Hermione - disse Lupin cortesmente.

- Bem... Perebas... quero dizer, esse... esse homem... ele dormiu no quarto de

Harry durante três anos. Se está trabalhando para Você-Sabe-Quem, como

é que ele nunca tentou fazer mal a Harry antes?

- Taí! - exclamou Pettigrew com voz esganiçada, apontando para Hermione a mão

mutilada. - Muito obrigado! Está vendo, Remo? Nunca toquei em um fio

de cabelo de Harry! Por que iria fazer isso?

- Vou lhe dizer o porquê - falou Black. - Porque você nunca fez nada, nem a ninguém

nem para ninguém, sem saber o que poderia ganhar com isso. Voldemort

está foragido há doze anos, dizem que está semimorto. Você não ia matar bem debaixo do

nariz de Alvo Dumbledore, por causa de um bruxo moribundo que perdeu todo

o poder, ia? Não, você ia querer ter certeza de que ele era o valentão do colégio antes de

voltar para o lado dele, não ia? Por que outra razão você procurou uma

família de bruxos para o acolher? Para ficar de ouvido atento às novidades, não é mesmo,

Pedro? Caso o seu velho protetor recuperasse a antiga força e fosse seguro

se juntar a ele...

Pertigrew abriu a boca e tornou a fechá-la várias vezes. Parecia

ter perdido a capacidade de falar.

- Hum... Sr. Black... Sirius? - disse Hermione.

Black se assustou ao ouvir alguém tratá-lo assim, com tanta

polidez, e encarou Hermione como se nunca tivesse visto nada

parecido.

- Se o senhor não se importar que eu pergunte, como... como

foi que o senhor fugiu de Azkaban, se não usou artes das trevas?

- Muito obrigado - exclamou Petrigrew, acenando freneticamente

com a cabeça na direção da garota. - Exatamente! Precisamente o que eu...

Mas Lupin o fez calar com um olhar. Black franziu ligeiramente a testa para

Hermione, mas não porque estivesse aborrecido com

ela. Parecia estar considerando a pergunta.

- Não sei como foi que fugi - disse lentamente. - Acho que a única razão por que nunca

perdi o juízo é porque sabia que era inocente. Isto não era um

pensamento

feliz, então os dementadores não podiam sugá-lo de mim... mas serviu para me manter

lúcido e consciente de quem eu era... me ajudou a conservar meus

poderes quando tudo se tornava... excessivo... eu conseguia me

transformar na cela.., virar cachorro. Os dementadores não conseguem enxergar, sabe... -

Ele engoliu em seco. - Aproximam-se das pessoas se alimentando de suas emoções...

Eles percebiam que os meus sentimentos eram menos... menos humanos, menos

complexos quando eu era cachorro... mas achavam, é claro, que eu estava

perdendo o juízo como todos os prisioneiros de lá, por isso não se incomodavam. Mas eu

fiquei fraco, muito fraco, e não tinha esperança de afastá-los sem uma varinha...

"Mas, então, vi Pedro naquela foto... e compreendi que ele estava em Hogwarts com

Harry... perfeitamente colocado para agir, se lhe chegasse a menor noticia

de que o partido das trevas estava reunindo forças novamente...

Pettigrew sacudia a cabeça, murmurando em silêncio, mas

todo o tempo seus olhos se fixavam em Black como se estivesse

hipnotizado.

- ... pronto para atacar no momento em que se certificasse de que contava com

aliados... e para entregar o último Potter. Se lhes entregasse Harry,

quem se atreveria a dizer que traira Lord Voldemorr? Pedro seria

recebido de volta com

todas as honras...

"Então, entendem, eu tinha que fazer alguma coisa. Era o

único que sabia que ele continuava vivo...

Harry se lembrou do que o Sr. Weasley contara à mulher: "Os

guardas dizem que ele anda falando durante o sono... sempre as

mesmas palavras... "Ele está em Hogwarts.

- Era como se alguém tivesse acendido uma fogueira na minha

cabeça, e os dementadores não pudessem destrui-la... Não era um

pensamento feliz.., era uma obsessão... mas isso me deu forças, clareou minha mente.

Então, uma

noite quando abriram a porta para

#299#

me trazer comida, eu passei por eles em forma de cachorro... Para

eles é tão mais difícil perceberem emoções animais que ficaram

confúsos... eu estava magro, muito magro... o bastante para passar

entre as grades... ainda como cachorro nadei até a costa... viajej para

o norte e entrei escondido nos terrenos de Hogwarts, como cachorro. Desde então

vivi na floresta, exceto nas horas em que saía para

assistir ao quadribol, é claro. Você voa bem como o seu pai, Harry...

Black se virou para o garoto, que não evitou seu olhar.

- Acredite-me - disse, rouco. - Acredite-me, Harry. Nunca

traí Tiago e Lílian. Teria preferido morrer a traí-los.

E, finalmente, Harry acreditou. A garganta apertada demais

para falar, fez um aceno afirmativo com a cabeça.

- Não!

Pettigrew caíra de joelhos como se o aceno de Harry fosse a sua

sentença de morte. Arrastou-se de joelhos, humilhou-se, as mãos

juntas diante do peito como se rezasse.

- Sirius... sou eu... Pedro... seu amigo... voce nao...

Black deu um chute no ar e Pettigrew se encolheu.

- Já tem sujeira suficiente nas minhas vestes sem você tocar

nelas - exclamou Black.

- Remo! - esganiçou-se Pettigrew, virando-se para Lupin,

implorando com as mãos e os joelhos no chão. - Você não acredita nisso... Sirius

não teria lhe contado se eles tivessem mudado os planos?

- Não, se pensasse que eu era o espião, Pedro. Presumo que foi

por isso que você não me contou, Sirius? - perguntou ele, pouco

interessado, por cima da cabeça de Pettigrew.

- Me perdoe, Remo - disse Black.

- Tudo bem, Almofadinhas, meu velho amigo - respondeu Lupin, que agora enrolava as mangas das vestes. - E você me perdoa por acreditar que você fosse o espião?

- Claro. - E a sombra de um sorriso perpassou o rosto ossudo de Black. Ele, também, começou a enrolar as mangas. - Vamos matá-lo juntos?

- Acho que sim - concordou Lupin sombriamente.

- Vocês não me matariam... nao vao me matar... - exclamou Pettigrew. - E correu para Rony.

300#

- Rony... eu não fui um bom amigo... um bom bichinho? Você não vai deixá-los me matarem, Rony, vai... você está do meu lado, não está?

Mas Rony olhava Petrigrew com absoluto nojo.

- Eu deixei você dormir na minha cama! - exclamou ele.

- Bom garoto... bom dono... - Pettigrew se arrastou até Rony - você não vai deixá-los fazerem isso... eu fui o seu rato... fui um bom bicho de estimação...

- Se você foi um rato melhor do que foi um homem, não é coisa para se gabar, Pedro - disse Black com aspereza. Rony, empalidecendo ainda mais de dor, puxou a perna quebrada para longe do alcance de Pettigrew. Ainda de joelhos, este se virou

e cambaleou para a frente, agarrando a bainha das vestes de Hermione.

- Garota meiga... garota inteligente.., você.., você não vai deixar que eles... Me

ajude.

Hermione puxou as vestes para longe das mãos de Petrigrew e

recuou contra a parede, horrorizada.

Pettigrew continuou ajoelhado, tremendo descontroladamente, e foi virando

lentamente a cabeça para Harry.

- Harry... Harry... você é igualzinho ao seu pai... igualzinho...

- COMO É QUE VOCÊ SE ATREVE A FALAR COM

HARRY? - rugiu Black. - COMO TEM CORAGEM DE OLHAR

PARA ELE? COMO TEM CORAGEM DE FALAR DE TIAGO

NA FRENTE DELE?

- Harry - sussurrou Pettigrew, arrastando-se em direção ao garoto, com as

mãos estendidas. - Harry, Tiago não iria querer que

eles me matassem... Tiago teria compreendido, Harry... Teria tido

piedade...

Black e Lupin avançaram ao mesmo tempo, agarraram

Pettigrew pelos ombros e o atiraram de costas no chão, O homem

ficou ali, contorcendo-se de terror, olhando fixamente para os dois.

- Você vendeu Lílian e Tiago a Voldemort - disse Black, que também tremia. -

Você nega isso?

Pettigrew prorrompeu em lágrimas. A cena era terrível, ele

parecia um bebezão careca, encolhendo-se.

- Sirius, Sirius, o que é que eu podia ter feito? O Lord das

Trevas... você não faz idéia... ele tem armas que você não imagina... tive medo, Sirius,

eu nunca fui corajoso como você, Remo e Tiago. Eu nunca desejei que isso acontecesse...

Aquele-Que-Não-DeveSer-Nomeado me forçou...

- NÃO MINTA! - berrou Black. - VOCÊ ANDOU PASSANDO

INFORMAÇÕES PARA ELE DURANTE UM ANO ANTES

DE LILIAN E TIAGO MORREREM! VOCÊ ERA ESPIAO DELE!

#301#

-Ele estava assumindo o poder em toda parte! -exclamou Pettigrew. - Que é que eu

tinha a ganhar recusando o que me pedia?

- Que é que você tinha a ganhar lutando contra o bruxo mais maligno que já

existiu? - perguntou Black, com uma terrível

expressão de fúria no rosto. - Apenas vidas inocentes, Pedro!

- Você não entende! - choramingou Pettigrew. - Ele teria me matado, Sirius!

- ENTÃO VOCÊ DEVIA TER MORRIDO! - rugiu Black. MORRER EM VEZ DE

TRAIR SEUS

AMIGOS! COMO TERÍAMOS FEITO POR VOCÊ!

Black e Lupin estavam ombro a ombro, as varinhas erguidas.

- Você devia ter percebido - disse Lupin com a voz controlada -, que se

Voldemort não o matasse, nós o mataríamos. Adeus,

Pedro.

Hermione cobriu o rosto com as mãos e se virou para a parede.

- NÃO! - berrou Harry. E se adiantou, colocando-se entre Pertigrew e as varinhas.

- Vocês não podem matá-lo - disse afobado. - Não podem.

Black e Lupin fizeram cara de espanto.

- Harry esse verme é a razão por que você não tem pais - rosnou Black. - Esse

covardão teria olhado você morrer, sem levantar um dedo. Você ouviu

o que ele disse. Dava mais valor à pele nojenta do que a toda sua família.

- Eu sei - ofegou Harry. - Vamos levar Pedro até o castelo. Vamos entregar ele aos

dementadores. Ele pode ir para Azkaban...

mas não o matem.

- Harry! - exclamou Petrigrew, e atirou os braços em torno dos joelhos de Harry. -

Você...

obrigado... é mais do que eu mereço...

obrigado...

- Tire as mãos de cima de mim - vociferou Harry empurrando as mãos

de

Pettigrew, enojado. - Não estou fazendo isso por você. Estou fazendo isso porque

acho que meu pai não ia querer que os melhores amigos dele virassem

assassinos... por sua causa.

Ninguém se mexeu nem fez qualquer ruído exceto Pettigrew,

cuja respiração saía em arquejos, e ele levava as mãos ao peito.

Black e Lupin se entreolharam. Então, com um único movimento,

baixaram as varinhas.

- Você é a única pessoa que tem o direito de decidir, Harry - disse Black. - Mas

pense... pense no que ele fez...

- Ele pode ir para Azkaban - repetiu Harry. - Se alguém merece aquele lugar é

ele...

Pettigrew continuava a arquejar às costas do garoto.

- Muito bem - disse Lupin. - Saia da frente, então.

Harry hesitou.

- Vou amarrá-lo - disse Lupin. - Só isso, juro.

Harry saiu do caminho. Cordas finas saíram da varinha de Lupin, desta vez, e no

momento seguinte Pettigrew estava se revirando no chão, amarrado e amordaçado.

- Mas se você se transformar, Pedro - rosnou Black, a varinha também apontada

para Petrigrew -, nós o mataremos. Concorda, Harry?

Harry olhou a figura lastimável no chão e concordou com a cabeça de modo que

Pettigrew pudesse vê-lo.

- Certo - disse Lupin, subitamente eficiente. - Rony, não sei consertar ossos tão

bem quanto Madame Pomfrey, por isso acho melhor só imobilizar sua

perna ate o entregarmos na ala hospitalar.

Ele foi até Rony, se abaixou, tocou a perna dele com a varinha e murmurou:

- Férula! - Ataduras se enrolaram à perna de Rony e a prenderam firmemente a uma tala.

Depois, o professor ajudou o garoto a

- se levantar; Rony, desajeitado, apoiou no chão o peso da perna e não fez careta.

- Está melhor. Obrigado.

- E o Prof. Snape? - perguntou Hermione com a voz fraquinha, contemplando o

professor encostado à parede.

- Ele não tem nenhum problema sério - disse Lupin se curvando para Snape e tomando

seu

pulso. - Vocês só se entusiasmaram um pouquinho demais. Continua desacordado. Hum...

talvez

seja melhor não o reanimarmos até estar a salvo no castelo. Podemos levá-lo assim...

Lupin murmurou:

- Mobilicorpus!-Como se fios invisíveis tivessem sido amarrados aos pulsos, pescoço

e joelhos de Snape, ele foi posto de pé, a

- cabeça pendendo molemente, como a de um títere grotesco. Ele flutuava a alguns

centímetros do chão, os pés frouxos sacudindo.

Lupin apanhou a Capa da Invisibilidade e guardou-a em segurança no bolso.

#303#

- E dois de nós devemos nos acorrentar a essa coisa - disse

Black, cutucando Pettigrew com o pé. - Só para garantir.

- Eu faço isso - disse Lupin.

- E eu - disse Rony decidido, mancando até o prisioneiro.

Black conjurou pesadas algemas do nada; e logo Pettigrew estava novamente de

pé, o braço esquerdo preso ao direito de Lupin, o

direito preso ao esquerdo de Rony. O garoto estava muito sério.

Parecia ter tomado a verdadeira identidade de Perebas como uma

ofensa pessoal. Bichento saltou com leveza da cama e abriu caminho para fora do

quarto, o rabo de escovinha elegantemente

erguido no ar.

#304#

CAPITULO VINTE -

O beijo do dementador

Harry nunca fizera parte de um grupo tão esquisito. Bichento descia as escadas à frente;

Lupin, Pettigrew e Rony vinham a seguir, parecendo competidores de uma corrida

de seis pernas. Depois vinha o Prof. Snape, flutuando feito um fantasma, os pés batendo em

cada degrau que descia, seguro por sua

própria varinha, que Sirius apontava

para ele. Harry e Hermione fechavam o cortejo.

Voltar ao túnel foi difícil. Lupin, Petrigrew e Rony tiveram que se virar de lado para

consegui-lo; Lupin continuava a cobrir Pettigrew com a varinha. Harry

os via avançar lentamente pelo túnel em fila indiana. Bichento sempre à frente. Harry logo

atrás de Black, que continuava a fazer Snape flutuar à frente com a

cabeça

mole batendo sem parar no teto baixo. O menino tinha a impressão de que Black não estava

fazendo nada para evitar as batidas.

- Você sabe o que isso significa? - perguntou Black abruptaente a Harry enquanto

faziam seu lento progresso pelo túnel. - Entregar Pertigrew?

- Você fica livre... - respondeu Harry.

- É. Mas eu também sou, não sei se alguém lhe disse, eu sou seu padrinho.

- Eu soube - disse Harry.

- Bem... os seus pais me nomearam seu tutor - disse Black formalmente. - Se

alguma coisa acontecesse a eles...

Harry esperou. Será que Black queria dizer o que ele achava

que queria?

- Naturalmente, eu vou compreender se você quiser ficar com seus tios - disse

Black. - Mas... bem... pense nisso. Depois que o

meu nome estiver limpo... se você quiser uma... uma casa diferente...

Uma espécie de explosão ocorreu no fundo do estômago de Hrry.

#305#

- Quê, morar com você? - perguntou, batendo a cabeça, sem querer, numa pedra

saliente do teto. - Deixar a casa dos Dursley?

- Claro, achei que você não ia querer - disse Black apressadamente. - Eu

compreendo, só pensei que...

- Você ficou maluco? - disse Harry com a voz quase tão rouca quanto a de Black.

- Claro que quero deixar a casa dos Dursley!

Você tem casa? Quando é que eu posso me mudar?

Black virou-se completamente para olhar o garoto; a cabeça de

Snape raspou o teto, mas Black não pareceia se importar.

- Você quer? - perguntou ele. - Sério?

- Sério! - respondeu Harry.

O rosto ossudo de Black se abriu no primeiro sorriso verdadeiro que Harry já o

tinha visto dar. A diferença que fazia era espantosa, como se uma pessoa

dez anos mais nova se projetasse através da máscara de fome; por um instante ele se tornou

reconhecível como o homem que estava rindo no casamento dos pais de Harry.

Os dois não se falaram mais até chegar ao fim do túnel. Bichento saiu correndo à

frente; evidentemente apertara o nó do tronco com a pata, porque Lupin,

Pettigrew e Rony subiram penosamente mas não houve ruídos de galhos ferozes.

Black fez Snape passar pelo buraco, depois se afastou para

Harry e Hermione passarem. Finalmente todos conseguiram sair.

Os jardins estavam muito escuros agora; as únicas luzes vinham das janelas distantes

do castelo. Sem dizer uma palavra, eles começaram a

andar. Pettigrew

continuava a arquejar e, ocasionalmente, a choramingar. A cabeça de Harry zumbia. Ele ia

deixar os Dursiey. Ia morar com Sirius Black, o melhor amigo dos seus pais...

Sentia-se atordoado... Que iria acontecer quando dissesse aos Dursley que ia morar com o

preso que tinham visto na televisão!

- Um movimento errado, Pedro - ameaçou Lupin que ia à frente. Sua varinha

continuava apontada de viés para o peito de

Pettigrew.

Em silêncio eles avançaram pelos jardins, as luzes do castelo crescendo com a

aproximação. Snape continuava a flutuar de maneira fantasmagórica à frente

de Black, o queixo batendo no peito. Então...

Uma nuvem se mexeu. Inesperadamente surgiram sombras

escuras no chão. O grupo foi banhado pelo luar.

Snape se chocou com Lupin, Peítigrew e Rony, que pararam

abruptamente. Black congelou. Ele esticou um braço para fazer Harry e Hermione pararem.

O garoto viu a silhueta de Lupin. O professor enrijecera. Então as pernas de Harry

começaram a tremer.

- Ah, não! - exclamou Hermione. - Ele não tomou a poção hoje à noite. Ele está

perigoso!

- Corram - sussurrou Black. - Corram. Agora.

Mas Harry não podia correr. Rony estava acorrentado a

Pettigrew e Lupin. Ele deu um salto para frente, mas Black o abraçou pelo peito e o atirou

para trás.

- Deixe-o comigo... CORRA!

Ouviu-se um rosnado medonho. A cabeça de Lupin começou a se alongar. O seu corpo

também. Os ombros se encurvaram. Pélos brotavam visivelmente de seu rosto

e suas mãos, que se fechavam transformando-se em patas com garras. Os pêlos de

Bichento ficaram outra vez em pé e ele estava recuando...

Quando o lobisomem se empinou, batendo as longas mandíbulas, Sirius desapareceu

do lado de Harry. Transformara-se. O enorme cão semelhante a um urso saltou

para a frente. - quando o lobisomem se livrou da algema que o prendia, o cão agarrou-o

pelo pescoço e puxou-o para trás, afastando-o de Rony e Pettigrew. Atracaram-se,

mandíbula contra mandíbula, as garras se golpeando...

Harry parou petrificado com a visão, demasiado absorto com

a batalha para prestar atenção em outra coisa. Foi o grito de Hermione que o alertou...

Petrigrew tinha mergulhado para apanhar a varinha caída de

Lupin. Rony, mal equilibrado na perna enfaixada, caiu. Houve um estampido, um

clarão... e Rony

ficou estirado, imóvel, no chão. Outro estampido... Bichento voou pelo ar e tornou a cair na

terra fofa.

- Expelliarmus! - berrou Harry apontando a própria varinha para Pettigrew; a varinha

de Lupin voou muito alto e desapareceu

de vista. - Fique onde está! - gritou Harry, correndo em frente.

Tarde demais. Petrigrew se transformara. Harry viu seu rabo

pelado passar pela algema no braço estendido de Rony e o ouviu

correr pelo gramado.

Um uivo e um rosnado prolongado e surdo ecoaram; Harry se

virou e viu o lobisomem fugindo; galopando para a floresta...

- Sirius, ele fugiu, Petrigrew se transformou - berrou Harry.

#307#

Black sangrava; havia cortes profundos em seu focinho e nas costas, mas ao ouvir as

palavras de Harry ele tornou a se levantar depressa e, num instante,

o ruído de suas patas foi morrendo até cessar ao longe.

Harry e Hermione correram para Rony.

- Que foi que Pettigrew fez com ele? - sussurrou Hermione. Os olhos de Rony estavam

apenas semicerrados, a boca frouxa e aberta; sem dúvida, estava vivo,

eles o ouviam respirar, mas não parecia reconhecer os amigos.

- Não sei.

Harry olhou desesperado para os lados. Black e Lupin, os dois

tinham se ido... não havia mais nenhum adulto em sua companhia

exceto Snape, que ainda flutuava, inconsciente, no ar.

- É melhor levarmos os dois para o castelo e contarmos a alguém - disse Harry,

afastando os cabelos dos olhos, tentando

pensar direito. - Vamos...

Mas então, para além do seu campo de visão, eles ouviram latidos, um ganido; um

cachorro em sofrimento...

- Sirius - murmurou Harry, olhando para o escuro.

Ele teve um momento de indecisão, mas não havia nada que

pudessem fazer por Rony naquele momento, e pelo que ouviam,

Black estava em apuros...

Harry saiu correndo, Hermione em seu encalço. Os latidos pareciam vir da área

próxima ao lago. Eles saíram desabalados naquela direção, e Harry, correndo

sem parar, sentiu o frio sem perceber o que devia significar...

Os latidos pararam abruptamente. Quando os garotos chegaram ao lago viram o

porquê Sirius se transformara outra vez em

homem. Estava caído de quatro, com as mãos na cabeça.

- Nãããão - gemia -, nãããão... por favor..

Então Harry os viu. Dementadores, no mínimo uns cem deles, deslizando em torno do

lago num grupo escuro que vinha em sua direção. O menino se virou, o frio

de gelo seu conhecido, penetrando suas entranhas, a névoa começando a obscurecer sua

visão; eles não estavam somente surgindo da escuridão por todo o lado; estavam

cercando-os...

- Hermione, pense em alguma coisa feliz! - berrou Harry,

erguendo a varinha, piscando furiosamente para tentar clarear sua

308#

visão, sacudindo a cabeça para livrá-la da leve gritaria que começara dentro dela...

Eu vou morar com o meu padrinho. Vou deixar os Dursiey.

Ele se forçou a pensar em Black, e somente em Black, e começou a cantar:

- Expectopatronum! Exp teto patronum!

Black estremeceu, rolou de barriga para cima e ficou imóvel no chão, pálido como a

morte.

Ele vaificar bem. Eu vou morar com ele.

- Expectopatronum!Hermione, me ajude! Expectopatronum...

- Expecto... - murmurou Hermione - expecto... expecto...

Mas ela não conseguia. Os dementadores estavam mais próximos, agora a menos de

três metros deles. Formavam uma muralha

sólida em torno de Harry e Hermione,

cada vez mais próximos...

- EXPECTO PATRONUM! - berrou Harry, tentando abafar a gritaria em seus

ouvidos. - EXPECTO PATRONUM!

Um fiapinho prateado saiu de sua varinha e pairou como uma névoa diante dele. No

mesmo instante, Harry sentiu Hermione desmaiar ao seu lado. Estava só...

completamente só...

- Expecto... expetto patronum...

Harry sentiu os joelhos baterem na grama fria. O nevoeiro nublou seus olhos. Com um

enorme esforço, ele lutou para se Lembrar... Sirius era

inocente... inocente...

Ele vai ficar bem... Eu vau morar com ele...

- Expectopazronum!-exclamou.

À luz fraca do seu Patrono informe, ele viu um dementador parar, muito perto dele.

Não conseguiu atravessar a nuvem de névoa prateada que Harry conjurara.

A mão morta e viscosa deslizou para fora da capa. Ela fez um gesto como se quisesse varrer

o Patrono para o lado.

- Não... nnão... - ofegou Harry. - Ele é inocente... expecto... expecto patronum...

Ele sentia que os dementadores o observavam, ouvia a respiração deles vibrar como

um vento maligno ao seu redor, O dementador mais próximo parecia estar

avaliando-o. Então ergueu as duas mãos podres... e baixou o capuz para trás.

Onde devia haver olhos, havia apenas uma pele sarnenta e cinza, esticada por cima das

órbitas vazias. Mas havia uma boca... um

buraco escancarado e informe, que sugava o ar com o ruido de uma matraca que anuncia a

morte.

Um terror paralisante invadiu Harry de modo que ele não conseguia se

mexer nem

falar. Seu Patrono piscou e desapareceu.

O nevoeiro branco o cegava. Ele tinha que lutar... expecto patronum... ele não

conseguia

ver... ao longe ouvia os gritos já familiares... expecto patronum...

ele tateou pela névoa à procura de Sirius, e encontrou seu braço... os

dementadores não iam levá-lo...

Mas um par de mãos pegajosas e fortes, de repente, se fechou em torno do pescoço de

Harry. Forçavam-no a erguer o rosto... Ele sentiu seu hálito... Ia se

livrar dele primeiro... Harry sentiu seu hálito podre... Sua mãe gritava em seus ouvidos... Ia

ser a última coisa que ele ouviria...

E então, através do nevoeiro que o afogava, ele achou que estava vendo uma luz

prateada que se tornava cada vez mais forte... Ele

sentiu que estava emborcando na grama...

O rosto no chão, demasiado fraco para se mexer, nauseado e trêmulo, Harry abriu os

olhos. O dementador devia tê-lo soltado. A luz ofuscante iluminava o gramado

a seu redor... Os gritos tinham cessado, o frio estava diminuindo...

Alguma coisa estava obrigando os dementadores a recuar...

Girava em torno dele, de Black e Hermione... Os dementadores

estavam se afastando... O ar reaquecia...

Com cada grama de força que ele conseguiu reunir, Harry ergueu a cabeça uns poucos

centímetros e viu um animal envolto em luz, distanciando-se a galope através

do lago. Os olhos embaçados de suor, Harry tentou distinguir o que era... Era fulgurante

como um

unicórnio. Lutando para se manter consciente, viu-o diminuir o galope

ao chegar à margem oposta do lago. Por um momento, Harry viu, à sua claridade, alguém

que lhe dava as

boasvindas... erguendo a mão para lhe dar uma palmadinha...

alguém que lhe pareceu estranhamente familiar... mas não podia ser..

Harry não entendeu. Não conseguiu mais pensar. Sentiu que

suas últimas forças o abandonavam e sua cabeça bateu no chão

quando ele desmaiou.

#310#

-CAPITULO VINTE E UM -

O segredo de Hermione

- Uma história chocante... chocante,.. milagre que ninguém tenha

morrido... nunca ouvi nada igual... pelo trovão, foi uma sorte você estar lá, Snape...

- Muito obrigado, ministro.

- Ordem de Merlim, Segunda Classe, eu diria. Primeira Classe, se eu puder

convencê-los.

- Muito obrigado mesmo, ministro.

- Que corte feio você tem aí... obra do Black, suponho?

- Na realidade, foram Potter, Weasley e Granger, ministro...

- Black havia enfeitiçado os garotos, vi imediatamente. Um feitiço Confundus, a julgar

pelo comportamento deles. Pareciam acreditar que havia possibilidade

de o homem ser inocente. Não foram responsáveis por seus atos. Por outro lado, a

interferência deles talvez tivesse permitido a Black fugir... Os garotos obviamente

pensaram que iam capturá-Lo sozinhos. Já escaparam com muita estripulia até agora...

Receio que isso os tenha feito se acharem

superiores... e, naturalmente, Porter

sempre recebeu uma extraordinária indulgência do diretor..

- Ah, bom, Snape... Harry Porter, sabe... todos somos um pouco cegos quando se trata

dele.

- Contudo... será que é bom para ele receber tanto tratamento

especial? Por mim,

procuro tratá-lo como qualquer outro aluno. E qualquer outro aluno seria

suspenso, no mínimo, por colocar seus amigos em situação tão perigosa. Considere,

ministro: contrariando todas as regras da escola... depois de todas as precauções

que tomamos para sua proteção... fora dos limites da escola, à noite, em

companhia de um Lobisomem e de um assassino... e tenho razões

para acreditar que ele andou visirando Hogsmeade ilegalmente, também...

- Bem, bem... veremos, Snape, veremos... O garoto sem dúvida foi tolo...

Harry estava deitado com os olhos bem fechados. Sentia-se muito tonto. As palavras

que ouvia pareciam viajar muito lentamente dos ouvidos para o cérebro,

por isso estava difícil compreender. Suas pernas e braços pareciam feitos de chumbo; as

pálpebras demasiado pesadas para

abri-las... ele queria Ficar deitado ali,

naquela cama confortável, para sempre...

- O que mais me surpreende é o comportamento dos dementadores... você

realmente não tem idéia do que os fez se retirar,

Snape?

- Não, ministro... quando recuperei os sentidos eles estavam voltando aos seus

postos na entrada...

- Extraordinário. E, no entanto, Black, Harry e a garota...

- Todos inconscientes quando cheguei. Amarrei e amordacei Black, naturalmente,

conjurei

macas e os trouxe diretamente para

o castelo.

Houve uma pausa. O cérebro de Harry parecia estar trabalhando um pouco mais rápido

e, quando isso aconteceu, surgiu uma

sensação desagradável na boca do seu estômago...

O garoto abriu os olhos.

Tudo estava levemente embaçado. Alguém tirara seus óculos. Ele estava deitado na

escura ala hospitalar. Em um extremo da enfermaria, avistou Madame Pomfrey

de costas para ele, curvada sobre um leito. Harry apertou os olhos. Os cabelos ruivos de

Rony estavam visíveis por baixo do braço de Madame Pomfrey.

Harry virou a cabeça no travesseiro. Na cama à sua direita estava

Hermione. O luar

banhava a cama. Os olhos dela também estavam abertos. Parecia petrificada

e, quando viu que Harry estava acordado, levou o dedo aos lábios e apontou para a porta da

enfermaria. Estava entreaberta, e entravam por ela as vozes de Cornélio

Fudge e Snape, vindas do corredor.

Madame Pomfrey agora vinha andando com passos enérgicos pela enfermaria escura até a

cama de Harry. O garoto se virou para olhá-la. A enfermeira trazia a maior barra

de chocolate que ele já vira na vida. Parecia um pedregulho.

- Ah, você acordou! - disse ela com animação. Pousou o chocolate na mesa-de-cabeceira

de Harry e começou a parti-lo em

pedaços com um martelinho.

#312#

- Como está o Rony? - perguntaram Harry e Hermione, juntos.

- Vai sobreviver - respondeu Madame Pomfrey de cara feia. - Quanto a vocês

dois... vão continuar aqui até eu me convencer que... Potter o que é que você acha que está

fàzendo?

O garoto estava se sentando, colocando os óculos e apanhando a varinha.

- Preciso ver o diretor - disse.

- Potter - disse Madame Pomfrey, acalmando-o -, está tudo bem. Apanharam

Black. Ele está trancado Lá em cima. Os

dementadores vão-lhe dar o beijo a qualquer momento...

-O QUE?

Harry saltou da cama; Hermione fizera o mesmo. Mas o seu

grito fora ouvido no corredor lá fora; no segundo seguinte,

Cornélio Fudge e Snape entraram na enfermaria.

- Harry, Harry que foi que houve? - perguntou Fudge, parecendo agitado. - Você

devia estar na cama, ele já comeu o chocolate? - perguntou, ansioso,

o ministro a Madame Pomfrey.

- Ministro ouça! - pediu Harry. - Sirius Black é inocente!

Pedro Pettigrew fingiu a própria morte! Nós o vimos hoje à noite.

O senhor não pode deixar os dementadores fazerem aquilo com

Sirius, ele...

Mas Fudge estava sacudindo a cabeça com um sorrizinho no

rosto.

- Harry, Harry você está muito confuso, passou por uma provação

terrível, deitese,

agora, temos tudo sob controle...

- O SENHOR NÃO TEM, NÃO! - berrou Harry. - O SENHOR PEGOU O

HOMEM ERRADO!

- Ministro, por favor, ouça - disse Hermione; ela correra para o lado de Harry e

olhava, suplicante, o

rosto de Fudge. - Eu também o vi. Era o rato

de Rony, ele é um animago. o Pettigrew, quero dizer e...

- O senhor está vendo, ministro - disse Snape. - Confusos, os dois... Black fez um

bom serviço...

- NÃO ESTAMOS CONFUSOS! - berrou Harry.

- Ministro! Professor! - disse Madame Pomfrey aborrecida. - Devo insistir que os

senhores saiam.

Potter é meu paciente e não

deve ser angustiado!

- Não estou angustiado, estou tentando contar o que aconteceu! - disse Harry

furioso. - Se eles ao menos me escutassem...

#313#

Mas Madame Pomfrey, de repente, meteu um pedaçço de chocolate na boca de Harry;

ele se engasgou, e a enfermeira aproveitou

a oportunidade para forçá-lo a voltar para a cama.

- Agora, por favor, ministro, essas crianças precisam de cuidados médicos. Por

favor, saiam...

A porta tornou a se abrir. Era Dumbledore. Harry engoliu o bocado de chocolate com

grande dificuldade e se levantou outra vez.

- Prof. Dumbledore, Sirius Black...

- Pelo amor de Deus! - exclamou Madame Pomfrey, histérica.

- Isto é ou não é uma ala hospitalar? Diretor, eu devo Insistir...

- Eu peço desculpas, Papoula, mas preciso dar uma palavra com o Sr. Potter e a

Srta. Granger - disse Dumbledore calmamente. - Acabei de falar com

Sirius Black...

- Suponho que ele tenha lhe narrado o mesmo conto de fadas que implantou na

mente de Potter? - bufou Snape. - A

história de

um rato e de Pettigrew ter sobrevivido...

- Esta, de fato, é a história de Black - disse Dumbledore, examinando Snape

atentamente através dos seus óculos de meia-lua.

- E o meu testemunho não vale nada? - rosnou Snape. - Pedro Pettigrew não

estava na Casa dos Gritos, nem vi qualquer sinal dele

nos terrenos da escola.

- Isto foi porque o senhor foi nocauteado, professor! - disse Hermione com

convicção. - O senhor não chegou em tempo de

ouvir...

- Srta. Granger, CALE A BOCA!

- Ora, Snape - disse Fudge, espantado -, a mocinha está perturbada, precisamos

dar o devido desconto...

- Eu gostaria de falar com Harry e Hermione a sós - disse Dumbledore

bruscamente. - Cornélio, Severo, Papoula - por

favor, nos deixem.

- Diretor! - repetiu Madame Pomfrey com veemencia. - Eles precisam de

tratamento, eles precisam de descanso...

- Isto não pode esperar - disse Dumbledore. - Devo

insistir.

Madame Pomfrey mordeu os lábios e saiu em direção à sua sala, na extremidade da

enfermaria, batendo a porta ao passar. Fudge consultou o grande

relógio de

ouro que trazia pendurado no colete.

- A esta hora os dementadores já devem ter chegado - disse. - Vou ao encontro

deles. Dumbledore, vejo você lá em cima.

O ministro se dirigiu à porta e a segurou aberta para Snape passar,

mas o professor

não se mexeu.

- O senhor certamente não acredita em uma palavra da

história de Black? - sussurrou Snape, os olhos fixos no rosto de

Dumbledore.

- Eu gostaria de falar com Harry e Hermione a sós - repetiu Dumbledore.

Snape deu um passo em direção ao diretor.

- Sirius Black demonstrou que era capaz de matar com a idade de dezesseis anos.

O senhor se esqueceu disto, diretor? O senhor se

esqueceu que no passado ele tentou me matar?

- Minha memória continua boa como sempre, Severo - disse Dumbledore, em voz

baixa.

Snape girou nos calcanhares e saiu decidido pela porta que Fudge ainda segurava

aberta. A porta se fechou à passagem dos dois e o diretor se virou para Harry

e Hermione. Os dais desataram a falar ao mesmo tempo.

- Professor, Black está dizendo a verdade, nós vimos Pettigrew...

- ele fugiu quando o Prof. Lupin virou lobisomem...

- ele é um rato...

- a pata dianteira de Pettigrew, quero dizer, o dedo, ele cortou fora...

- Pettigrew atacou Rony, não foi Sirius...

Mas Dumbledore ergueu a mão para interromper o dilúvio de

explicações.

- É a vez de vocês ouvirem, e peço que não me interrompam, porque o tempo é

muito curto - disse Dumbledore em voz baixa.

- Não existe a mínima evidência para sustentar a história de Black, exceto a palavra de

vocês... e a palavra de dois bruxos de treze anos não irá convencer ninguém.

Uma rua cheia de testemunhas jurou que viu Sirius matar Pettigrew. Eu mesmo prestei

depoimento ao ministério que Sirius era o fiel do segredo dos Potter.

- O Prof. Lupin pode lhe contar... - falou Harry, incapaz de se refrear.

- O Prof. Lupin no momento está embrenhado na floresta, incapaz de contar o que

quer que seja a alguém. Quando voltar à

forma

315#

humana, será tarde demais, Sirius estará mais do que morto. E

eu poderia acrescentar que a maioria do nosso povo desconfia tanto

de lobisomens que o apoio dele contará muito pouco... e o fato de que

ele e Sirius são velhos amigos...

- Mas...

- Ouça, Harry. É tarde demais, você entende? Você precisa admitir que a versão

do Prof. Snape sobre os acontecimentos é muito mais convincente do

que a sua.

- Ele odeia Sirius - disse Hermione, desesperada. - Tudo por causa de uma peça

idiota que Sirius pregou nele...

- Sirius não agiu como um homem inocente. O ataque à Mulher

Gorda... a entrada na Torre da Grifinória com uma faca... sem Pettigrew, vivo ou morto,

não temos chance de derrubar a sentença de Sirius.

- Mas o senhor acredita em nós.

- Acredito - respondeu Dumbledore em voz baixa. - Mas não tenho o poder de

fazer os outros verem a verdade, nem de passar por cima do Ministro da

Magia...

Harry encarou seu rosto sério e sentiu como se o chão estivesse se abrindo debaixo dos

seus pés. Acostumara-se à idéia de que Dumbledore podia resolver qualquer

coisa. Esperara que o diretor tirasse alguma solução surpreendente do nada. Mas não... a

última esperança dos garotos desaparecera.

- Precisamos - disse Dumbledore lentamente, e seus claros olhos azuis correram

de Harry para Hermione - é de mais tempo.

- Mas... - começou Hermione. Então seus olhos se arregalaram. -AH!

- Agora, prestem atenção - continuou o diretor, falando muito baixo e muito

claramente. - Sirius está preso na sala do Prof. Flirwick no sétimo andar.

A décima terceira janela a contar da direita da Torre Oeste. Se tudo der certo, vocês

poderão salvar mais de uma vida inocente hoje à noite. Mas lembrem-se de uma

coisa, os dois: vocês não podem ser vistos. Srta. Granger, a senhorita conhece as leis, sabe

o que está em jogo... Vocês - não - podem - ser vistos.

Harry não tinha a menor idéia do que estava acontecendo.

Dumbledore deu as costas aos garotos e virou-se para olhá-los ao chegar à porta.

- Vou trancá-los. Faltam... - ele consultou o relógio - cinco minutos para a meia-noite. Srta.

Granger, três voltas devem bastar.

Boa sorte.

- Boa sorte? - repetiu Harry quando a porta se fechou atrás de Dumbledore. - Três

voltas? Do que é que ele está falando? Que é

que ele espera que a gente faça?

Mas Hermione estava mexendo no decote das vestes, puxando

de dentro dele uma corrente de ouro muito longa e fina.

- Harry, vem aqui - disse ela com urgência. - Depressa!

Harry foi até a garota, completamente confuso. Ela estendia a

corrente. E o garoto viu que havia pendurada nela uma minúscula

ampulheta.

- Tome... -

Hermione atirara a corrente em torno do pescoço dele também.

- Pronto? - disse Hermione ofegante.

- Que é que estamos fazendo? - perguntou Harry completamente perdido.

Hermione girou a ampulheta três vezes.

A enfermaria escura desapareceu. Harry teve a sensação de que estava voando muito

rápido, para trás. Um borrão de cores e formas passou veloz por ele, seus

ouvidos latejaram, ele tentou gritar, mas não conseguiu ouvir a própria voz...

E então sentiu que havia um chão firme sob seus pés, e todas

as coisas tornaram a entrar em foco...

Ele se achava parado ao lado de Hermione no saguão deserto do

castelo e um feixe de

raios dourados de sol que entrava pelas portas de carvalho abertas incidia

sobre o piso de pedra. Harry olhou agitado para os lados à procura de Hermione, a corrente

da ampulheta machucando seu pescoço.

- Hermione, que...?

- Aqui! - a garota agarrou o braço de Harry e arrastou-o pelo saguão até a porta do

armário de vassouras; abriu o armário, empurrou o garoto para

o meio dos baldes e esfregões, e fechou a porta depois de entrar.

- Quê... como... Hermione, que foi que aconteceu?

- Voltamos no tempo - sussurrou ela, tirando a corrente do pescoço de Harry no

escuro. - Três horas...

Harry procurou a própria perna e se deu um belíscao com

muita força. Doeu para valer, o que pelo visto eliminava a possibilidade de estar tendo um

sonho muito esquisito.

- Mas...

#317#

- Psiu! Ouve! Tem alguém vindo! Acho... acho que deve ser a gente!

Hermione tinha o ouvido encostado na porta do armário.

- Passos pelo saguão... é, acho que somos nós indo para a casa de Ragrid!

- Você está me dizendo - cochichou Harry - que estamos aqui dentro do armário e

estamos lá fora também?

- É - confirmou Hermione, o ouvido ainda colado à porta. - Tenho certeza de que

somos nós. Pelo eco não devem ser mais de três pessoas... e estamos andando

devagar por causa da Capa da Invisibilidade...

Ela parou de falar, mas continuou a prestar atenção.

- Descemos os degraus da entrada...

Hermione se sentou em um balde virado de boca para baixo,

parecendo aflitíssima, mas Harry queria respostas para algumas

perguntas.

- Onde foi que você arranjou essa coisa feito uma ampulheta?

- Chama-se vira-tempo - sussurrou Hermione -, ganhei da Profa McConagall no

primeiro dia depois das férias. Estou usando desde o início do ano para

assistir a todas as minhas aulas. A professora me fez jurar que não contaria a ninguém. Ela

teve que escrever um monte de cartas ao Ministério da Magia para eu

poder

usar isso. Teve que dizer que eu era uma aluna modelo, e que nunca, nunca mesmo usaria o

vira-tempo para nada a não ser para estudar... Eu o tenho usado para voltar

no tempo e poder reviver as horas e é assim que assisto a mais de uma aula ao mesmo

tempo, entende? Mas...

"Harry eu não estou entendendo o que é que Dumbledore quer

que a gente faça. Por que ele mandou a gente voltar três horas no

tempo? Como é que isso vai ajudar o Sirius?"

Harry encarou de frente o rosto escuro da garota.

- Deve ter alguma coisa que aconteceu por volta de agora que ele quer que a gente

mude - disse Harry

lentamente. - Que foi que

aconteceu? Estávamos indo a casa de Hagrid três horas atrás...

- Agora estamos atrasados três horas e estamos indo à casa de Hagrid - disse

Hermione. - Acabamos de ouvir a gente sair...

Harry franziu a testa; tinha a sensação de que estava franzindo

o cérebro todo para se concentrar.

318#

- Dumbledore acabou de dizer.. acabou de dizer que a gente

poderia salvar mais de uma vida inocente... - Então fez-se a luz no

cérebro de Harry. - Hermione, nós vamos salvar Bicuço!

- Mas... como é que isso vai ajudar Sirius?

- Dumbledore disse... acabou de nos dizer onde fica a janela... a janela da sala de

Flitwick! Onde prenderam Sirius! Temos que voar no Bicuço até

a janela e salvar Sirius! Ele pode fugir no hipogrifo... eles podem fugir juntos!

Pelo que Harry pôde enxergar no rosto de Hermione, ela estava aterrorizada.

- Se conseguirmos fazer isso sem ninguém nos ver, vai ser um milagre!

- Bom, vamos ter que tentar, não é? - disse Harry. Ele se

levantou e encostou o ouvido à porta.

- Parece que não tem ninguém aí fora... Vamos, anda...

Harry abriu a porta do armário. O saguão estava deserto. O mais silenciosa e

rapidamente possível eles sairam correndo do

armário e desceram os degraus de pedra. As sombras já estavam se alongando, os topos

das árvores na Floresta Proibida mais uma vez iam se tingindo de ouro.

- Se alguém estiver olhando pela janela... - falou Hermione

com a voz esganiçada, virando-se para espiar o castelo.

- Vamos correr o mais depressa possível - disse Harry decidido. - Direto para a

floresta, está bem? Teremos que nos esconder

atrás de uma árvore ou de outra coisa para poder vigiar...

- Está bem, mas vamos dar a volta pelas estufas! - sugeriu Hermione sem fôlego. -

Temos que evitar que nos vejam da porta

de entrada de Hagrid! Já devemos estar quase na casa dele agora!

Ainda tentando entender o que a amiga queria dizer, Harry saiu disparado com

Hermione Logo atrás. Os dois transpuseram as hortas em direção às estufas, pararam

por um instante ocultos por elas, depois recomeçaram a correr, a toda velocidade,

contornando o Salgueiro Lutador, e, ainda desabalados, em direção à floresta para

se esconderem.

Seguro sob a sombra das árvores, Harry se virou; segundos

depois, Hermione, o alcançou, ofegante.

- Certo - disse ela sem ar. - Precisamos chegar sem ser vistos à casa de Hagrid. Procura

ficar escondido, Harry...

Os dois caminharam em silêncio entre as árvores, acompanhando a orla da floresta.

Então, quando avistaram a frente da cabana, ouviram uma batida na porta.

Eles se ocultaram depressa atrás de um grosso carvalho e espiaram pelos lados. Hagrid,

trêmulo

e pálido, aparecera à porta procurando ver quem batera. E Harry ouviu a própria voz.

- Somos nós. Estamos usando a Capa da Invisibilidade. Deixe a gente entrar para

poder tirar a capa.

- Vocês não deviam ter vindo! - sussurrou Hagrid, mas se afastou para os garotos

poderem entrar.

- Esta foi a coisa mais estranha que já fizemos - disse Harry com veemencia.

- Vamos continuar - cochichou Hermione. - Precisamos chegar mais perto de Bicuço!

Eles avançaram cautelosamente entre as árvores até verem o

hipogrifo nervoso, amarrado à cerca em volta do canteiro de abóboras de Hagrid.

- Agora? - sussurrou Harry.

- Não! - exclamou Hermione. - Se o roubarmos agora, o pessoal da Comissão vai

pensar que Hagrid soltou o bicho! Temos que

esperar até verem que Bicuço está amarrado do lado de fora!

- Isso vai nos dar uns sessenta segundos - disse Harry. A coisa estava começando

a parecer impossível.

Naquele instante, os garotos ouviram louça se partindo na

cabana de Hagrid.

- É o Hagrid quebrando a leiteira - cochichou a garota. - Vou encontrar Perebas

agora mesmo...

Não deu outra, alguns minutos depois, eles ouviram Hermione dar um grito agudo de

surpresa.

- Mione - disse Harry de repente -, e se nós... nós entrarmos lá e agarrarmos

Pettigrew...

- Não! - exclamou Hermione num sussurro aterrorizado. - Você não compreende?

Estamos violando uma das leis mais importantes da magia! Ninguém pode

mudar o tempo! Você ouviu o que Dumbledore falou, se formos vistos...

- Mas só seríamos vistos por nós mesmos e por Hagrid!

- Harry, que é que você faria se visse você mesmo entrando pela casa de Hagrid? -

perguntou Hermione.

- Eu acharia... acharia que tinha ficado maluco - respondeu Harry - ou acharia que

estava usando magia negra...

- Exatamente! Você não entenderia, você poderia até se atacar!

Você não entende? A Profa McGonagall me contou as coisas horríveis que aconteceram

quando bruxos mexeram com o tempo...

Montes deles acabaram matando os eus passados ou futuros por engano!

- OK! - concordou Harry. - Foi só uma idéia. Pensei...

Mas Hermione cutucou-o e apontou para o castelo. Harry espiou pelo lado para ter

uma visão mais clara das portas de entrada. Dumbledore, Fudge, o velhote

da Comissão e Macnair, o carrasco, vinham descendo os degraus.

- Já estamos de saída! - sussurrou Hermione. E assim foi, momentos depois a porta dos

fundos dacabana se

abriu e Harry viu a si mesmo, Rony e Hermione saírem com Hagrid. Foi, sem dúvida, a

sensação mais esquisita de sua vida, parado ali atrás da árvore, observando a

si mesmo no canteiro de abóboras.

- Tudo bem, Bicucinho, tudo bem... - disse Hagrid ao bicho. Então se virou para

os três garotos. - Vão. Andem logo.

- Hagrid, não podemos...

- Vamos contar a eles o que realmente aconteceu...

- Não podem matar Bicuço...

- Vão! Já está bastante ruim sem vocês se meterem em confusão!

Harry observou Hermione

jogar a Capa da Invisibilidade

sobre ele e Rony no canteiro de abóboras.

- Vão depressa. Não fiquem ouvindo... Ouviu-se uma batida na porta de entrada da

cabana. A comissão de execução chegara. Hagrid se virou para entrar em casa,

deixando a porta dos fundos entreaberta. Harry observou a grama se achatar em certos

pontos a toda volta da cabana de Hagrid e ouviu três pares de pés recuarem.

Ele, Rony e Hermione tinham ido embora... mas o Harry e a Hermione escondidos no meio

das árvores escutavam, pela porta dos fundos, o que estava acontecendo no interior

da cabana.

- Onde está o animal? - disse a voz fria de Macnair.

- Lá... lá fora - respondeu Hagrid, rouco.

Harry escondeu a cabeça quando o rosto de Macnair apareceu

à janela da cabana, para espiar Bicuço. Então os garotos ouviram a

voz de Fudge.

- Nós... hum... temos que ler para você a notificação oficial da execução, Hagrid. Vou

ser rápido. Depois, você e Macnair

precisão-assiná-la. Macnair, você precisa escutar também, é a praxe...

O rosto do carrasco desapareceu da janela. Era agora ou nunca.

- Espera aqui - cochichou Harry para Hermione. - Eu faço.

Quando a voz de Fudge recomeçou, Harry saiu correndo do

seu esconderijo atrás da árvore, saltou a cerca para o canteiro de

abóboras e se aproximou de Bicuço.

"Por decisão da Comissão para Eliminação de Criaturas Perigosas

o hipogrifo Bicuço, doravante chamado condenado, será executado no dia seis de junho ao

pôr-do-sol..."

Cuidando para não piscar, Harry encarou os ferozes olhos cor de laranja de Bicuço

mais uma vez e fez uma reverência, O hipogrifo dobrou os joelhos escamosos

e em seguida tornou a se levantar. Harry começou a desamarrar a corda que prendia o

hipogrifo à cerca.

- ... por decapitação, a ser executada pelo carrasco nomeado pela Comissão,

Walden Macnair...

- Vamos Bicuço - murmurou Harry -, vamos, nós vamos te ajudar. Quietinho...

quietinho...

- ... conforme testemunham abaixo. Hagrid, você assina aqui...

Harry jogou todo o seu peso contra a corda, mas Bicuço cravara as patas dianteiras

na terra.

- Bem, vamos acabar com isso - disse a voz aguda do velhote da Comissão dentro

da cabana. - Hagrid, talvez seja melhor você

ficar aqui dentro...

- Não, eu... eu quero ficar com ele... não quero que ele fique sozinho...

Soaram passos dentro da cabana.

- Bicuço, anda!-sibilou Harry.

Harry puxou com mais força a corda presa ao pescoço dele. O hipogrifo começou a

andar, farfalhando as asas com irritação. Ele e Harry ainda estavam a três

metros da floresta, bem à vista da porta dos fundos da cabana.

- Um momento, por favor, Macnair - ouviram a voz de Dumbledore. - Você

precisa assinar também. - Os passos pararam. Harry puxou a corda com força.

Bicuço deu um estalo com o bico e andou um pouco mais rápido.

O rosto pálido de Hermione aparecia pelo lado do tronco da árvore.

- Harry, depressa! - murmurou ela.

O garoto ainda ouvia a voz de Dumbledore dentro da cabana.

Deu outro puxão na corda. Bicuço começou a trotar de má vontade. Alcançaram as

árvores...

- Depressa! Depressa! - gemia Hermione, que saiu de trás da

arvore, agarrou também a corda e acrescentou seu peso para fazer

Bicuço andar mais depressa. Harry espiou por cima do ombro;

agora tinham desaparecido de vista; mas também não podiam ver

a horta de Hagrid.

- Pare! - disse ele a Hermione. - Poderiam nos ouvir..

A porta dos fundos da cabana se abriu com violência. Harry,

Hermione e Bicuço ficaram muito quietos; até o hipogrifo parecia

estar prestando atenção.

Silêncio... entao...

- Onde está ele? - perguntou a voz fraquinha do velhote da Comíssao. - Onde está

o bicho?

- Estava amarrado aqui! - disse o carrasco, furíoso. - Eu o vi! Bem aqui!

- Que extraordinário! - exclamou Alvo Dumbledore. Havia um tom de riso em sua

voz.

para você!

- Bicuço! - exclamou Hagrid, rouco.

Ouviu-se o ruído de uma lâmina cortando o ar e a pancada de um machado. O

carrasco, enraivecido, aparentemente brandira o machado contra a cerca. Então,

ouviu-se um berreiro e desta vez eles distinguiram as palavras de Hagrid entre os soluços.

- Foi-se! Foi-se! Abençoado seja ele,foi embora! Deve ter se soltado! Bicucinho,

que garoto inteligente!

Bicuço começou a puxar a corda com força, tentando voltar

para Hagrid. Harry e Hermione seguraram a corda com firmeza e

enterraram os saltos no chão da floresta para reter o bicho.

- Alguém o desamarrou! - rosnou o carrasco. - Devíamos revistar a propriedade, a

floresta...

- Macnair, se Bicuço foi realmente roubado, você acha que o ladrão o levou a pé?

- perguntou Dumbledore, ainda em tom divertido. - Procurem nos céus,

se quiserem... Hagrid, uma xícara de chá me cairia bem. Ou um bom cálice de conhaque.

- C... claro, professor - disse Hagrid, que parecia fraco de tanta felicidade. - Entre,

entre...

Harry e Hermione apuraram os ouvidos. Ouviram passos, o

carrasco xíngando baixinho, o clique da porta e, então, mais uma

vez o silêncio.

- E agora? - sussurrou Harry, olhando para os lados.

- Vamos ter que nos esconder aqui - disse Hermione, que parecia muito abalada. -

Precisamos esperar até eles voltarem para o castelo. Depois esperamos

até poder voar com Bicuço em segurança até a janela de Sirius. Ele não vai demorar lá mais

duas horas... Ah, isso vai ser difíciL..

A garota espiou, nervosa, por cima do ombro as profundezas

da floresta. O sol ia se pondo.

- Vamos ter que mudar de lugar - disse Harry se concentrando. - Temos que poder

ver o Salgueiro Lutador ou não vamos

saber o que está acontecendo.

- OK - concordou Hermione, segurando a corda de Bicuço com mais firmeza. -

Mas temos que ficar onde ninguém possa nos

ver, Harry, lembre-se...

Os dois saíram pela orla da floresta, a noite escurecendo tudo à

volta, até poderem se esconder atrás de um grupo de árvores, entre

as quais eles podiam avistar o salgueiro.

- Olha lá o Rony! - exclamou Harry de repente.

Um vulto escuro ia correndo pelos jardins e seu grito ecoava

pelo ar parado da noite.

- Fique longe dele... fique longe... Perebas, volta aqui...

Então os garotos viram mais dois vultos se materializarem do

nada. Harry observou ele próprio e Hermione correrem atrás de

Rony. Depois viram Rony mergulhar.

- Te peguei!Dá o fora, seu gato fedorento...

- Olha lá o Sirius! - exclamou Harry. A forma enorme de um cão saltou das raízes

do salgueiro. Eles o viram derrubar Harry, depois agarrar Rony...

- Parece ainda pior visto daqui, não é? - comentou Harry, observando o cão puxar Rony

para baixo das raízes. - Ai... olha, acabei de ievar uma baita lambada da árvore...

e você também... que coisa esquisita...

O Salgueiro Lutador rangia e dava golpes com os ramos mais baixos; os garotos

se viam correndo para cá e para lá, tentando chegar até o tronco. E

então a árvore se imobilizou.

- Isso foi o Bichento apertando o nó - disse Hermione.

- E lá vamos nós... - murmurou Harry - Entramos.

No momento em que eles desapareceram, a árvore recomeçou

a se agitar. Segundos depois, os garotos ouviram passos muito

324#

próxlmos. Dumbledore, Macnair, Fudge e o velhote da Comissão estavam regressando ao

castelo.

- Logo depois de termos descido pela passagem! - exclamou Hermione. - Se ao menos

Dumbledore tivesse ido conosco...

- Macnair e Fudge teriam ido também - disse Harry amargurado. - Aposto o que você

quiser como Fudge teria mandado

Macnair matar Sirius na hora...

Os garotos observaram os quatro homens subirem os degraus

do castelo e desaparecer de vista. Durante alguns minutos os jardins ficaram desertos.

Então...

- Aí vem Lupin! - disse Harry ao ver outro vulto descer correndo os degraus de pedra e

se dirigir ao salgueiro. Harry olhou

para o céu. As nuvens estavam obscurecendo completamente a luz.

Os dois acompanharam Lupin apanhar um galho seco do chão

e empurrar com ele o nó do tronco. A árvore parou de lutar, e o

professor, também, desapareceu no buraco entre as raízes.

- Se ao menos ele tivesse apanhado a capa - lamentou Harry.

- Está caída bem ali...

E, virando-se para Hermione.

- Se eu desse uma corrida agora e apanhasse a capa, Snape nunca

poderia se apoderar

dela e...

- Harry não podemos ser vistos!

- Como é que você agúenta isso? - perguntou ele a Hermione impetuosamente. - Ficar

parada aqui olhando a coisa acontecer? - Ele hesitou. - Vou apanhar a

capa!

- Harry não!

Hermione agarrou Harry pelas costas das vestes bem na hora. Naquele instante, ouviuse

uma cantoria. Era Hagrid, ligeiramente trôpego, a caminho do castelo,

cantando a plenos pulmões. Um garrafão balançava em suas mãos.

- Viu? - sussurrou Hermione. - Viu o que teria acontecido? Temos que ficar

escondidos! Não, Bicuço!

O hipogrifo fazia tentativas frenéticas para chegar até Hagrid; Harry agarrou a corda

também, fazendo força para manter o animal parado. Os garotos observaram

Hagrid caminhar, bêbado, até o castelo. Bicuço parou de brigar para ir embora. Deixou a

cabeça

pender tristemente.

#325#

Não havia se passado nem dois minutos e as portas do castelo

tornaram a se escancarar, era Snape que saía decidido, e rumava para o salgueiro.

Os punhos de Harry se fecharam quando eles viram Snape

parar derrapando próximo à árvore, olhando para os lados. Depois,

apanhou a capa e levantou-a.

- Tira suas mãos imundas daí - rosnou Harry para si mesmo.

- Psiu!

Snape apanhou o galho seco que Lupin usara para imobilizar a árvore, cutucou o

nó e desapareceu de vista ao se cobrir com a

capa.

- Então é isso - disse Hermione baixinho. - Estamos todos lá embaixo... e agora

temos que esperar até voltarmos da passagem...

A garota pegou a ponta da corda de Bicuço e amarrou-a bem

segura na árvore mais próxima, então, sentou-se no chão seco, os

braços em torno dos joelhos.

- Harry, tem uma coisa que eu não entendo... Por que os dementadores não

pegaram Sirius? Eu me lembro deles chegando,

aí acho que desmaiei... havia tantos...

Harry se sentou também. E explicou o que vira; que na hora em que o dementador

mais próximo chegou a boca junto à de

Harry, uma coisa grande e prateada viera galopando do lago e forçara os dementadores a se

retirarem.

A boca de Hermione estava ligeiramente aberta quando Harry

terminou.

- Mas o que era a coisa?

- Só tem uma coisa que podia ter sido, para fazer os dementadores irem embora -

disse Harry. - Um Patrono de verdade. Bem

poderoso.

- Mas quem o conjurou?

Harry não respondeu nada. Estava relembrando a pessoa que

vira na outra margem do lago. Sabia quem ele pensara que era...

Mas como seria possível?

- Você não viu com quem se parecia? - perguntou Hermione ansiosa. - Foi um dos

professores?

- Não - disse Harry. - Não era um professor.

- Mas deve ter sido um bruxo realmente poderoso, para fazer

todos aqueles dementadores irem embora... Se o Patrono era tão

brilhante, a luz não iluminava ele? Você não pôde ver...?

- Claro que vi - disse Harry lentamente. - Mas talvez... eu

tenha imaginado que vi... eu não estava pensando direito... desmaiei logo em seguida...

- Quem foi que você pensou que viu?

- Acho... - Harry engoliu em seco, sabendo como era estranho o que ia dizer. -

Acho que foi o meu pai.

Harry olhou para Hermione e viu que a boca da menina se

abrira de vez. Ela o olhava com uma mistura de susto e piedade.

- Harry, seu pai está... bem... morto - disse ela baixinho.

- Eu sei - respondeu Harry depressa.

- Você acha que viu o fantasma dele?

- Não sei... não... parecia sólido...

- Mas entao...

- Vai ver eu andei vendo coisas - disse Harry. - Mas... pelo que pude

ver... parecia ele... tenho fotos dele...

Hermione continuava a mirá-lo como se estivesse preocupada

com a sanidade do amigo.

- Sei que parece doideira - falou Harry, sem animação. E se virou para olhar

Bicuço, que enterrava o bico no chão, aparentemente à procura de vermes.

Mas na realidade o garoto não estava olhando para Bicuço.

Estava pensando no pai e nos três amigos mais antigos do pai... Aluado, Rabicho,

Almofadinhas e Pontas... Será que os quatro tinham estado em Hogwarts esta

noite? Rabicho reaparecera quando todos pensavam que estivesse morto... Seria tão

impossível que o mesmo acontecesse com o seu pai? Será que andara vendo coisas

no lago? O vulto estava demasiado longe para vê-lo com clareza... contudo, Harry tivera

uma certeza momentânea antes de perder a consciência...

A folhagem no alto rumorejava baixinho à brisa. A lua aparecia e desaparecia por trás

das nuvens que deslizavam pelo céu. Hermione, sentada com o rosto virado

para o salgueiro, aguardava.

Então, finalmente, passada uma hora...

- Aí vêm eles! - sussurrou Hermione.

Ela e Harry se levantaram. Bicuço ergueu a cabeça. Então os garotos viram Lupin,

Rony e Pettigrew saindo desajeitados do buraco nas raízes. Depois veio Hermione...

o inconsciente Snape, flutuando estranhamente. Em seguida subiram Harry e Black.

Todos saíram caminhando em direção ao castelo.

O coração de Harry começou a bater muito depressa. Ele

olhou para o céu. A qualquer momento agora, aquela nuvem ia se

afastar e mostrar a lua...

- Harry - murmurou Hermione como se soubesse exatamente o que ele estava

pensando -, temos que ficar parados. Não

podemos ser vistos. Não tem nada

que a gente possa fazer...

- Então vamos deixar Pettigrew escapar outra vez... - protestou Harry baixinho.

- Como é que você espera encontrar um rato no escuro? -

retrucou Hermione irritada. - Não tem nada que a gente possa

fazer! Voltamos para ajudar Sirius; não é para fazer mais nada!

- Está bem!

A lua deslizou para fora da cobertura de nuvens. Os dois viram

os pequenos vultos que atravessavam os jardins pararem. Então

perceberam um movimento...

- Lá vai Lupin - cochichou Hermione. - Ele está se transformando...

- Hermione! - disse Harry de repente. - Temos que mudar de lugar!

- Já disse que não podemos...

- Não podemos interferir! Mas Lupin vai correr para dentro da floresta, bem por

onde estamos!

Hermione prendeu a respiração.

- Depressa! - gemeu ela, correndo para soltar Bicuço. - Depressa! Aonde é que

nós vamos? Onde é que vamos nos esconder? Os dementadores vão chegar

a qualquer momento...

- Vamos voltar para a cabana de Hagrid! - disse Harry. - Está

vazia agora... vamos!

Os garotos correram a toda velocidade, Bicuço atrás deles.

Ouviam o lobisomem uivando em sua cola...

Avistaram a cabana; Harry derrapou diante da porta, escancarou-a, e Hermione e

Bicuço passaram como relâmpagos por ele; o garoto se atirou para dentro e

trancou a porta. Canino, o cão de casar javalis, latiu com força.

- Psiu, Canino, somos nós! - disse Hermione, correndo a coçar atrás das orelhas

do cão para sossegá-lo. - Essa foi por pouco! - disse ela a Harry.

#328#

- Acho melhor sair, sabe-disse Harry lentamente. - Não consigo ver o

que está

acontecendo... não vamos saber quando for a

hora...

Hermione ergueu a cabeça. Tinha uma expressão desconfiada.

- Não vou tentar interferir - disse Harry depressa. - Mas se não virmos o que está

acontecendo, como é que vamos saber quando temos que salvar Sirius?

- Bem... OK, então... Fico esperando aqui com o Bicuço... mas Harry, tenha

cuidado, tem um lobisomem solto lá fora... e os

dementadores...

Harry saiu e contornou a cabana. Ouvia latidos ao longe. Isto

significava que os dementadores estavam fechando o cerco sobre Sinus... Ele e Hermione

iriam correr para Sirius a qualquer instante...

Harry espiou para as bandas do lago, seu coração produzindo

uma espécie de batuque no seu peito... Quem quer que tivesse

mandado o Patrono iria aparecer a qualquer momento...

Por uma fração de segundo ele parou, indeciso, diante da porta

da cabana. Você mão pode ser visto. Mas ele não queria ser visto.

Queria ver... Tinha que saber...

E lá estavam os dementadores. Emergiam da noite, vindos de todas as direções,

deslizando pela orla do lago... Estavam se distanciando do ponto em

que Harry

se encontrava, em direção à margem oposta... Ele não teria que se aproximar deles...

Harry começou a correr. Não tinha outro pensamento na

cabeça senão o pai... Se fosse ele... se fosse realmente ele... Harry

precisava saber, precisava descobrir...

O lago estava cada vez mais próximo, mas não havia sinal de ninguém. Na margem

oposta, Harry vislumbrou minúsculos pontos prateados - suas próprias tentativas

de produzir um Patrono...

Havia uma moita bem na beirinha da água. Harry se atirou atrás dela, e espiou

desesperado entre as folhas. Na margem oposta, os reflexos prateados de repente

se extinguiram. Uma mescla de terror e excitação percorreu seu corpo - a qualquer

momento

agora...

- Vamos! - murmurou, olhando com atenção para os lados. - Onde é que você está!

Papai, anda...

Mas não veio ninguém. Harry ergueu a cabeça para olhar o círculo de dementadores

do outro lado do lago. Um deles estava

despindo o capuz. Estava na hora

do salvador aparecer - mas ninguém ia aparecer para ajudar desta vez...

E então a explicação lhe ocorreu - ele compreendeu. Não vira

o pai vira a si mesmo...

Harry se precipitou para fora da moita e puxou a varinha.

- EXPECTO PATRONUM! - berrou.

E da ponta de sua varinha irrompeu, não uma nuvem informe, mas um animal

prateado, deslumbrante,

ofuscante. Ele apertou os olhos tentando ver o que era.

Parecia um cavalo. Galopava silenciosamente se afastando dele, atravessando a superfície

escura do lago. Ele viu o animal abaixar a cabeça e investir contra o enxame

de dementadores... Agora, a galope, ele cercava os vultos escuros no chão, e os

dementadores recuavam, se dispersavam, batiam em retirada na noite... Desapareciam.

O Patrono deu meia-volta. Veio em direção a Harry atravessando a superfície

parada das águas. Não era um cavalo. Não era um unicórnio, tampouco. Era

um cervo. Reluzia intensamente ao luar... estava retornando a ele...

Parou na margem. Seus cascos não deixaram pegadas no chão

macio quando ele encarou Harry com os grandes olhos prateados.

Lentamente, ele curvou a cabeça cheia de galhos. E Harry percebeu...

- Pontas - sussurrou.

Mas quando os dedos trêmulos de Harry se estenderam para o

bicho, ele desapareceu.

Harry continuou parado ali, a mão estendida. Então com um

grande salto no coração, ele ouviu o ruído de cascos às suas costas

- virou-se e viu Hermione correndo para ele, arrastando Bicuço.

- Que foi que você fez?-perguntou ela com raiva. -Você disse que ia

ficarvigiando!

- Acabei de salvar as nossas vidas... - disse Harry. - Vem aqui para trás, atrás

dessa moita, eu explico.

Hermione ouviu o relato do que acabava de acontecer, outra

vez boquiaberta.

- Alguém viu você?

330#

- Está vendo, você não ouviu nada! Eu me vi e achei que era o

meu pai! Tudo bem!

- Harry, nem posso acreditar... Você conjurou um Patrono que

espantou todos aqueles dementadores! Isto é magia muito adiantada, mas muito mesmo...

- Eu sabia que podia fazer isso desta vez - disse Harry -, porque já tinha feito

antes... Faz sentido?

- Não sei... Harry, olha o Snape!

Juntos eles olharam para a outra margem. Snape recuperara os sentidos. Estava

conjurando macas e erguendo as formas inertes de Harry, Hermione e Black para

cima delas. Uma quarta maca, sem dúvida carregando Rony, já estava flutuando ao seu

lado. Então, com a varinha segura à frente, ele os transportou para o castelo.

- Certo, está quase na hora - disse Hermione olhando, tensa, para o relógio. -

Temos uns quarenta e cinco minutos até Dumbledore fechar a porta da

ala hospitalar. Temos que salvar Sirius e voltar à enfermaria antes que alguém perceba que

estamos ausentes...

Os dois esperaram, observando o reflexo das nuvens que se moviam sobre o lago,

enquanto a moita ao lado sussurrava à brisa. Bicuço, entediado, estava novamente

bicando a terra à procura de vermes.

- Você acha que ele já está lá em cima? - perguntou Harry, consultando o relógio.

Em seguida olhou para o castelo e começou

a contar as janelas à direita da Torre Oeste.

- Olha! - sussurrou Hermione. - Quem é aquele? Alguém está saindo do castelo!

Harry olhou para o escuro. O homem estava correndo pelos

jardins, em direção a uma das entradas. Uma coisa reluzente faiscava em seu cinto.

- Macnair! - exclamou Harry. - O carrasco! Ele foi chamar os dementadores! É

agora, Mione...

Herrnione pôs as mãos nas costas de Bicuço e Harry a ajudou a montar. Então ele

apoiou

o pé em um dos galhos mais baixos da moita e montou à frente da garota.

Depois puxou a corda de Bicuço por cima do pescoço e amarrou-a como se fossem rédeas.

- Pronta? - cochichou para Hermione. - É melhor você se segurar em mim...

E bateu os calcanhares nos lados de Bicuço.

O bicho saiu voando pela noite. Harry comprimiu os flancos

de Bicuço com os joelhos, sentindo as grandes asas erguerem-se com força por baixo deles.

Hermione segurava Harry muito apertado, pela cintura; ele a ouvia reclamar

baixinho.

- Ah, nao... nao estou gostando disso... ah, não estou gostando nem um pouco disso...

Harry estugou Bicuço para fazê-lo avançar. Eles começaram a voar silenciosamente

em direção aos andares superiores do castelo .. Harry puxou com força o

lado esquerdo da corda e Bicuço virou para aquele lado. O garoto tentava contar as janelas

que passavam velozes...

- Ôôo! - comandou puxando a corda para si com toda a força que pôde.

O hipogrifo reduziu a velocidade e eles pararam, salvo se

considerarmos o fato de que continuavam a subir e descer quase um

metro de cada vez, quando o bicho batia as asas para se manter no ar.

- Ele está ali! - disse Harry apontando para Sirius quando emparelharam com uma

janela. O garoto estendeu a mão e, quando as asas de Bicuço baixaram,

conseguiu dar umas pancadinhas na vidraça.

Black olhou. Harry viu o queixo dele cair de espanto. O homem saltou da cadeira,

correu à janela e tentou abri-la, mas estava

trancada.

- Se afaste! - pediu Hermione tirando a varinha, ainda agarrando as vestes de

Harry com a mão esquerda.

- Alorromora!

A janela se escancarou.

- Como... como...? - exclamou Black com a voz fraca, olhando para o hipogrifo.

- Sobe, não temos muito tempo - disse Harry, segurando

Bicuço com firmeza pelos lados do pescoço escorregadio para mantê-lo parado. - Você tem

que

sair daqui, os dementadores estão chegando, Macnair foi buscar eles.

Black colocou as mãos dos lados da janela e ergueu a cabeça e Os ombros para fora.

Foi uma sorte estar tão magro. Em segundos, ele conseguiu passar uma perna

por cima do lombo de Bicuço e montar o bicho atrás de Hermione.

- OK, Bicuço, para cima! - disse Harry sacudindo a corda. - Para a torre, anda!

O hipogrifo bateu uma vez as asas possantes e eles

recomeçarão

a voar para o alto, até o topo da Torre Oeste. Bicuço pousou

com um ruído de cascos nas ameias do castelo e os garotos escorregaram

para o chão.

- Sirius, é melhor você ir depressa - ofegou Harry. - Eles vão chegar na sala de

Flitwick a qualquer momento, e vão descobrir

que você fugiu.

Bicuço pateou o chão, sacudindo a cabeça pontuda.

- Que aconteceu com o outro garoto? Rony! - perguntou Sirius rouco.

- Ele vai ficar bom. Ainda está desacordado, mas Madame Pomfrey diz que vai

dar um jeito nele. Depressa, vai...

Mas Black continuava a olhar para Harry.

- Como é que vou poder lhe agradecer..

- VAI! - gritaram ao mesmo tempo Harry e Hermione.

Black fez Bicuço virar para o céu aberto.

- Nós vamos nos ver outra vez - disse ele. - Você é bem filho do seu pai, Harry...

E, então, apertou os flancos de Bicuço com os calcanhares. Harry e Hermione deram

um salto para trás quando as enormes asas se ergueram mais uma vez... O

hipogrifo saiu voando pelos ares... Ele e seu cavaleiro foram ficando cada vez menores

enquanto Harry os observava... Então uma nuvem encobriu a lua... E eles desapareceram.

#333#

- CAPITULO VINTE E DOIS -

- Harry!

Hermione estava puxando a manga do garoto, com os olhos no seu próprio relógio.

- Temos exatamente dez minutos para voltar à ala hospitalar sem que ninguém nos

veja, antes que Dumbledore tranque a porta...

- OK - disse Harry, parando de contemplar o céu -, vamos... Os dois saíram pela

porta às costas deles e desceram uma escada de pedra circular muito

estreita. Quando chegaram embaixo ouviram vozes. Colaram o corpo contra a parede e

escutaram. Pareciam as vozes de Fudge e Snape. Os dois caminhavam depressa pelo

corredor no qual terminava a escada.

- ... Só espero que Dumbledore não crie dificuldades - dizia Snape. - O beijo será

executado imediatamente?

- Assim que Macnair voltar com os dementadores. Todo esse caso Black tem sido

muitíssimo constrangedor. Nem posso lhe dizer como estou ansioso para

informar ao Profeta Diário que finalmente o capturamos... Acho provável que queiram

entrevistá-lo, Snape... e quando Harry tiver voltado ao normal, espero que se

disponha a contar ao Profeta exatamente como foi que você o salvou...

Harry cerrou os dentes. Viu de relance o sorriso presunçoso de Snape, quando o professor e

Fudge passaram pelo lugar em que ele e Hermione estavam escondidos. O

eco dos passos dos homens foi se distanciando. Os dois garotos esperaram alguns minutos

para ter certeza de que tinham realmente ido embora, então começaram a correr

na direção oposta. Desceram uma escada, depois outra, correram por um corredor - então

ouviram uma risada escandalosa à

frente.

- Pirraça! - murmurou Harry, agarrando o pulso de Hermione. - Aqui!

Eles se precipitaram para dentro de uma sala de aula à esquerda, na hora H. Ao que

parecia, Pirraça vinha saltitando pelo corredor apregoando bom humor,

rindo de se acabar.

- Ah, ele é horrível! - sussurrou Hermione, o ouvido encostado à porta. - Aposto

como está nessa excitação toda porque os dementadores vão liquidar

Sirius... - Ela tornou a consultar o relógio. - Três minutos, Harry!

Os garotos aguardaram a voz satisfeita de Pirraça sumir ao

longe, então abandonaram a sala e desataram a correr.

- Hermione, que é que vai acontecer, se não conseguirmos voltar antes de

Dumbledore trancar a porta? - ofegou Harry.

- Nem quero pensar! - gemeu Hermione, verificando novamente o relógio. - Um

minuto!

Os dois tinham chegado ao fim do corredor em que ficava a

entrada para a ala hospitalar.

- OK... Estou ouvindo Dumbledore - disse Hermione tensa.

- Vamos Harry!

Saíram sorrateiramente pelo corredor A porta da enfermaria se

abriu. Apareceram as costas de Dumbledore.

- Vou trancá-los - os garotos o ouviram dizer. - Faltam cinco minutos para a meianoite.

Srta. Granger, três voltas devem bastar

Boa sorte.

Dumbledore recuou para fora da enfermaria, fechou a porta e puxou a varinha para

trancá-la magicamente. Em pânico, Harry e Hermione correram ao seu encontro.

Dumbledore ergueu os olhos e apareceu um largo sorriso sob seus compridos bigodes

prateados.

- Então? - perguntou ele baixinho.

- Conseguimos! - disse Harry ofegante. - Sirius já foi, montado em Bicuço...

Dumbledore sorriu radiante para os garotos.

- Muito bem! Acho que... - Ele escutou atentamente para verificar se havia algum

ruido no interior da ala hospitalar. - É, acho

que vocês também já foram: entrem, vou trancá-los...

Harry e Hermione entraram na enfermaria. Estava vazia exceto por Rony, que

continuava deitado imóvel na cama ao fundo. Ao ouvirem o

clique da fechadura, Harry e Hermione voltaram às suas camas, e a garota guardou

o vira-tempo, dentro das vestes. Um instante depois, Madame Pomfrey saiu de sua sala.

- Foi o diretor que eu ouvi saindo? Será que já posso cuidar dos meus pacientes?

A enfermeira estava muito mal-humorada. Harry e Hermione

acharam melhor aceitar o chocolate que ela trazia sem resistência.

Madame Pomfrey ficou vigiando para ter certeza de que eles o

comessem. Mas Harry mal conseguia engolir. Ele e Hermione

estavam esperando, escutavam, os nervos vibrando desafinados...

Então, quando aceitaram o quarto pedaço de chocolate de Madame Pomfrey, eles ouviram ao longe o ronco de fúria que ecoava em algum ponto do andar acima...

- Que foi isso? - perguntou Madame Pomfrey assustada.

Agora ouviam vozes raivosas, que iam se avolumando sem parar. A enfermeira tinha os olhos na porta.

- Francamente, vão acordar todo mundo! Que é que eles acham que estão fazendo?

Harry tentava ouvir o que as vozes diziam. Elas foram se aproximando...

- Ele deve ter desaparatado, Severo. Devíamos ter deixado alguém na sala vigiando. Quando isto vazar...

- ELE NÃO DESAPARATOU! - vociferou Snape, agora muito próximo. - NÃO SE PODE APARATAR NEM DESAPARATAR DENTRO DESTE CASTELO! ISTO - TEM - DEDO - DO -

POTTER!

- Severo.., seja razoável... Harry está trancado...

PAM.

A porta da ala hospitalar se escancarou.

Fudge, Snape e Dumbledore entraram na enfermaria. Somente

o diretor parecia calmo. De fato, parecia que estava se divertindo.

Fudge tinha uma expressão zangada. Mas Snape estava fora de si.

- DESEMBUCHE, POTTER! - berrou ele. - QUE FOI QUE

VOCÊ FEZ?

- Professor Snape! - protestou esganiçada Madame Pomfrey.

Controle-se!

- Olhe aqui, Snape, seja razoável - ponderou Fudge. - A porta

esteve trancada, acabamos de constatar..

- ELES AJUDARAM BLACK A ESCAPAR EU SEI! - berrou

Snape, apontando para Harry e Hermione. Seu rosto estava contorcido; voava

cuspe de sua boca.

- Acalme-se, homem! - ordenou Fudge. - Você está falando

disparates!

#334#

- O SENHOR NÃO CONHECE POTTER! - berrou Snape em falsete. - FOI ELE, EU

SEI QUE FOI ELE QUE FEZ ISSO...

- Chega, Severo - disse Dumbledore em voz baixa. - Pense no que está dizendo. A

porta esteve trancada desde que deixei a enfermaria dez minutos atrás.

Madame Pomfrey, esses garotos saíram da cama?

- Claro que não! - respondeu Madame Pomfrey com eficiência. - Eu os teria

ouvido!

- Aí está, Severo - disse Dumbledore calmamente. - A não ser que você esteja

sugerindo que Harry e Hermione sejam capazes de estar em dois lugares

ao mesmo tempo, receio que não haja sentido em continuar a perturbá-los.

Snape ficou parado ali, procurando, olhando de Fudge, que parecia extremamente

chocado com o procedimento do professor, para Dumbledore cujos olhos cintilavam

por trás dos óculos. Snape deu meia-volta, as vestes rodopiando para trás, e saiu enfurecido

da enfermaria.

- O homem parece que é bem desequilibrado - disse Fudge, acompanhando-o com

o olhar. - Eu me precaveria se fosse você,

Dumbledore.

- Ah, ele não é desequilibrado - disse Dumbledore em voz baixa. - Apenas sofreu

um grave desapontamento.

- Ele não é o único! - bufou Fudge. - O Profeta Diário vai ter um grande dia!

Tivemos Black encurralado e ele nos escapa entre os dedos outra vez!

Só falta agora a história da fuga do hipogrifo vazar, para eu virar motivo de pilhérias!

Bom... é melhor eu ir notificar o Ministério...

- E os dementadores? - disse Dumbledore. - Serão retirados da escola, eu espero.

- Ah, claro, eles terão que se retirar - disse Fudge, passando os dedos,

distraidamente, pelos cabelos. - Nunca sonhei que tentariam executar o beijo

em um garoto inocente... completamente descontrolado... Não, mandarei despachá-los de

volta a

Azkaban ainda hoje à noite... Talvez devêssemos estudar a colocação

de dragões à entrada da escola...

- Hagrid iria gostar - disse Dumbledore, sorrindo para Harry

e Hermione. Quando o diretor e Fudge iam saindo do quarto, Madame Pomfrey correu até a

porta e tornou a trancá-la. E resmungando, aborrecida, voltou à sua salinha.

Ouviu-se um gemido baixo na outra ponta da enfermaria. Rony acordara. Eles o viram

sentar-se, esfregar a cabeça e olhar para todos os lados.

- Que... que aconteceu? - gemeu ele. - Harry? Por que estamos aqui? Onde é que

foi o Sirius? Onde é que Foi o Lupin? Que está acontecendo?

Harry e Hermione se entreolharam.

- Você explica - pediu Harry, servindo-se de mais um pedaço de chocolate.

Quando Harry, Rony e Hermione deixaram a ala hospitalar ao meio-dia do dia seguinte, foi

para encontrar um castelo quase deserto. O calor sufocante e o fim dos exames

sinalizavam que todos estavam aproveitando ao máximo mais uma visita a Hogsmeade.

Nem Rony nem Hermione, porém, tiveram vontade de ir, assim, os dois e Harry

perambularam

pelos jardins, ainda discutindo os acontecimentos extraordinários da noite anterior e se

perguntando onde estariam Sirius e Bicuço naquela hora. Sentados perto do

lago, observando a lula gigante agitar preguiçosamente seus tentáculos à superfície das

águas, Harry perdeu o fio da conversa contemplando a margem oposta do lago.

O cervo galopara em sua direção ali, ainda na noite anterior...

Uma sombra caiu sobre eles e, ao olharem, depararam com um Hagrid de olhos muito

vermelhos, enxugando o rosto úmido de suor com um lenço do

tamanho de uma

toalha de mesa, e sorrindo para os três.

- Sei que não devia me sentir feliz depois do que aconteceu ontem à noite - disse

ele. - Quero dizer, a nova

fuga de Black e tudo o mais, mas sabem

de uma coisa?

- O quê? - perguntaram os garotos em coro, fingindo curiosidade.

- Bicuço! Ele fugiu! Está livre! Passei a noite toda festejando!

- Que fantástico! - exclamou Hermione lançando a Rony um olhar de censura

porque ele parecia prestes a cair na risada.

- E... não devo ter amarrado ele direito - concluiu Hagrid,

apreciando os jardins. - Estive preocupado hoje de manhã, vejam bem... achei que ele

podia ter topado com o Prof. Lupin por aí,

mas o professor disse que não comeu nada ontem a noite...

- Quê? - perguntou Harry depressa.

- Caramba, vocês não souberam? - disse Hagrid, o sorriso se

desfazendo. Em

seguida, baixou a voz, ainda que não houvesse ninguém à vista. -

Hum...

Snape anunciou para os alunos da Sonserina hoje de manhã... Achei que, a essa altura, todo

mundo já soubesse... O

Prof. Lupin é lobisomem, entendem. E esteve solto

na propriedade ontem à noite. Ele está fazendo as malas agora, é claro.

- Ele está fazendo as malas? - repetiu Harry alarmado. - Por quê?

- Vai embora, não é? - disse Hagrid, parecendo surpreso que Harry tivesse feito

uma pergunta daquela. - Pediu demissão logo

de manhã. Diz que não pode arriscar que isto aconteça de novo.

Harry levantou-se depressa.

- Vou ver o professor - avisou a Rony e Hermione.

- Mas se ele se demitiu...

- ... parece que não há nada que a gente possa fazer...

- Não faz diferença. Continuo querendo ver o professor. Encontro vocês aqui

depois.

A porta da sala de Lupin estava aberta. O professor já guardara a maior parte dos seus

pertences. O tanque vazio do grindylow estava ao lado de sua mala surrada,

aberta e quase cheia. Lupin curvava-se sobre alguma coisa em sua escrivaninha e ergueu a

cabeça quando Harry bateu na porta.

- Vi-o chegando - disse Lupin com um sorriso. E apontou para o pergaminho que

estivera examinando. Era o Mapa do

Maroto.

- Acabei de encontrar Hagrid - disse Harry. - E soube dele que o senhor pediu

demissão. Não é verdade, é?

- Receio que seja. - Lupin começou a abrir as gavetas da escrivaninha e a esvaziálas.

- Por que? - perguntou Harry. - O Ministério da Magia não está achando que o

senhor ajudou Sirius, está?

Lupin foi até a porta e fechou-a.

- Não. O Prof. Dumbledore conseguiu convencer Fudge que eu estava tentando

salvar as vidas de vocês. - Ele suspirou. - Isso foi a gota d"água para

Severo. Acho que a perda da Ordem de Merlim o deixou muito abalado. Então ele... hum...

acidentalmente deixou escapar hoje, no café da manhã, que eu era lobisomem.

- O senhor não está indo embora só por causa disso! - espantou-se Harry.

Lupin sorriu enviesado.

Amanhã a essa hora, vão começar a chegar as corujas dos pais.. Eles não vão querer

um lobisomem ensinando a seus filhos,

Harry. E depois de ontem à noite,

eu entendo. Eu poderia ter mordido um de vocês... Isto não pode voltar a acontecer nunca

mais.

- O senhor é o melhor professor de Defesa contra as Artes das

Trevas que já tivemos! - disse Harry. - Não vá embora!

Lupin sacudiu a cabeça e ficou calado. Continuou a esvaziar as

gavetas. Então, enquanto Harry tentava pensar em um bom argumento para convencê-lo a

ficar, Lupin falou:

- Pelo que o diretor me contou hoje de manhã, vocês salvaram muitas vidas

ontem à noite, Harry. Se eu tenho orgulho de alguma

coisa que fiz este

ano, foi o muito que você aprendeu comigo... me conte sobre o seu Patrono.

- Como é que o senhor soube? - perguntou Harry espantado.

- Que mais poderia ter afugentado os dementadores?

Harry contou a Lupin o que acontecera. Quando terminou, o professor voltara a sorrir.

- É, seu pai se transformava sempre em cervo. Você acertou... é

por isso que o chamávamos de Pontas.

Lupin jogou seus últimos livros em uma caixa, fechou as gavetas da escrivaninha e

virou-se para fitar Harry.

- Tome, trouxe isto da Casa dos Gritos ontem à noite - disse, devolvendo a Harry

a Capa da Invisibilidade. - E... - ele hesitou e em seguida devolveu

o Mapa do Maroto também. - Não sou mais seu professor, por isso não me sinto culpado

por lhe devolver isso também. Não serve para mim, e me arrisco a dizer que você,

Rony e Hermione vão encontrar utilidade para o mapa.

Harry recebeu o mapa e sorriu.

- O senhor me disse que Aluado, Rabicho, Almofadinhas e

Pontas tinham querido me atrair para fora da escola... o senhor

disse que eles teriam achado graça.

- E teríamos - respondeu Lupin, abaixando-se para fechar a

mala. - Não tenho dúvida em afirmar que Tiago teria ficado muitissimo desapontado se

o filho dele jamais descobrisse as passagens secretas para fora do castelo.

#340#

Ouviu-se uma batida na porta. Harry guardou apressadamente o Mapa do Maroto e a

Capa da Invisibilidade no bolso.

Era o Prof. Dumbledore. Ele não pareceu surpreso de encontrar Harry

ali.

- O seu coche já está no portão, Remo - anunciou ele.

- Obrigado, diretor.

Lupin apanhou sua velha mala e o tanque vazio do grindylow.

- Bom... adeus, Harry - disse sorrindo. - Foi realmente um prazer ser seu

professor. Tenho certeza de que voltaremos a nos encontrar. Diretor, não

precisa me acompanhar até o portão, posso me arranjar...

Harry teve a impressão de que Lupin queria sair o mais rápido

possível.

- Adeus, então, Remo - disse Dumbledore sério. Lupin empurrou ligeiramente o

tanque do grindylow para poder apertar a

mão de Dumbledore. Então, com um último aceno para Harry e

um breve sorriso, Lupin saiu da sala.

Harry se sentou na cadeira desocupada, olhando tristemente

para o chão. Ouviu a porta se fechar e ergueu a cabeça. Dumbledore continuava na sala.

- Por que tão infeliz, Harry? - perguntou em voz baixa. - Você deveria estar se

sentindo muito orgulhoso depois do que fez à noite

passada.

- Não fez nenhuma diferença - disse Harry com amargura. - Pettigrew conseguiu

fugir.

- Não fez nenhuma diferença? - repetiu Dumbledore baixinho.

- Fez toda a diferença do mundo, Harry Você ajudou a desvendar a verdade. Salvou um

homem inocente de um destino terrível.

Terrível. A palavra despertou uma lembrança na cabeça de

Harry. Maior e mais terrível que nunca... A predição da Prof.

Trelawney!

- Prof. Dumbledore, ontem, quando eu estava fazendo o exame de Adivinhação, a

Profa Trelawney ficou muito... muito

estranha.

- Verdade? - disse o diretor. - Hum... mais estranha do que de costume, você quer

dizer?

- É... a voz dela engrossou e os olhos giraram e ela

falou... que

o servo de Voldemort ia se juntar a ele antes da meia-noite... Disse que o servo

ia ajudá-lo a voltar ao poder. - Harry ergueu os olhos

para Dumbledore. - E então ela meio que voltou ao normal, mas não conseguiu se lembrar

de nada que tinha falado. Era... ela estava fazendo uma predição de verdade?

Dumbledore pareceu levemente impressionado.

- Sabe, Harry, acho que talvez estivesse - disse pensativo. - Quem teria

imaginado? Isso eleva para duas o total de predições verdadeiras que ela

já fez. Eu devia dar à professora um aumento de salário...

- Mas... - Harry olhou, perplexo, para o diretor. Como é que Dumbledore podia

ouvir uma notícia dessas com tanta calma?

- Mas... eu impedi Sirius e o Prol Lupin de matarem Pettigrew! Assim vai ser

minha culpa se Voldemort voltar!

- Não vai, não - disse Dumbledore em voz baixa. - A sua experiência com o viratempo

não lhe ensinou nada, Harry? As conseqUências de nossos atos

são sempre tão complexas, tão diversas, que predizer o futuro é uma tarefa realmente

difícil... A Profa Trelawney, abençoada seja, é a prova viva disso... Você teve

um gesto muito nobre salvando a vida de Pettigrew...

- Mas se ele ajudar Voldemort a voltar ao poder...!

- Pettigrew lhe deve a vida. Você mandou a Voldemort um emissário que está em

dívida com você... Quando um bruxo salva a vida de outro, forma-se um

certo vínculo entre os dois... e estarei muito enganado se Voldemort

aceitar um servo em

dívida com Harry Potter.

- Eu não quero ter nenhum vínculo com Pettigrew! - exclamou Harry. - Ele traiu

os meus pais!

- Assim é a magia no que ela tem de mais profundo e impenetrável, Harry. Mas

confie em mim... quem sabe um dia você se alegrará por ter salvado a

vida de Peítigrew.

Harry não conseguiu imaginar quando seria isso. Dumbledore

parecia ter adivinhado o que o garoto estava pensando.

- Conheci seu pai muito bem, tanto em Hogwarts quanto depois, Harry - disse o

diretor com carinho. - Tiago teria salvado

Pettigrew também, tenho certeza.

Harry olhou para o diretor. Dumbledore não riria - podia lhe

contar...

- Ontem à noite, eu pensei que tinha sido o meu pai que tinha

conjurado o meu Patrono. Quero dizer, pensei que estava vendo ele

quando me vi

atravessando o lago...

- Um engano normal - disse Dumbledore gentilmente. - Imagino que já esteja

cansado de ouvir dizer, mas você é extraordinariamente parecido com Tiago.

Exceto nos olhos... você tem os olhos de sua mãe.

Harry sacudiu a cabeça.

- Foi burrice minha pensar que era ele - murmurou o garoto.

- Quero dizer, eu sei que ele está morto.

- Você acha que os mortos que amamos realmente nos deixam? Você acha que

não nos lembramos deles ainda mais claramente em momentos de grandes dificuldades?

O seu pai vive em você, Harry, e se revela mais claramente quando você precisa dele. De

que outra forma você poderia produzir aquele Patrono? Pontas reapareceu ontem

à noite.

Levou um momento para Harry compreender o que Dumbledore acabara de dizer.

- Ontem à noite Sirius me contou como eles se tornaram animagos - disse o

diretor sorrindo. - Uma realização fantástica, e não é menos fantástico

que tenham ocultado isso de mim. Então me lembrei da forma muito incomum que o seu

Patrono assumiu, quando investiu contra o Sr. Malfoy na partida de

quadribol contra

Corvinal. Sabe, Harry, de certa forma você realmente viu o seu pai ontem à noite... Você o

encontrou dentro de si mesmo.

E Dumbledore saiu da sala deixando Harry com seus pensamentos muito confusos.

#343#

Ninguém em Hogwarts sabia a verdade do que acontecera na noite em que Sirius, Bicuço e

Pettigrew desapareceram, exceto Harry, Rony, Hermione e o Prof. Dumbledore.

À medida que o trimestre foi chegando ao fim, Harry ouviu muitas teorias diferentes sobre

o que realmente acontecera, mas nenhuma delas sequer se aproximava da verdadeira.

Malfoy estava enfurecido com a fuga de Bicuço. Acreditava que Hagrid encontrara um

jeito de contrabandear o hipogrifo para um lugar seguro, e parecia indignado

que ele e o pai tivessem sido enganados por um guarda-caça. Entrementes, Percy Weasley

tinha muito a dizer sobre a fuga de Sirius.

- Se eu conseguir entrar para o ministério, apresentarei várias propostas sobre a

execução das leis da magia! - disse ele à única

pessoa que queria escutá-lo, sua namoradinha Penelope.

Embora o tempo estivesse perfeito, embora a atmosfera estivesse tão animada, embora

ele soubesse que tinham realizado quase o impossível ao ajudar Sirius

a continuar livre, Harry jamais chegara tão desanimado a um final de ano letivo.

Com certeza não era o único aluno que lamentava a partida do

Prof. Lupin. A turma inteira de Defesa contra as Artes das Trevas

amargara a demissão do professor.

- Quem será que vão nos dar o ano que vem? - perguntou Simas Finnigan

deprimido.

- Quem sabe um vampiro - sugeriu Dino Thomas esperançoso.

Não era apenas a partida do Prof. Lupin que estava pesando na cabeça de Harry. Ele

não podia deixar de pensar, e muito, na predição da Profa Sibila Trelawney.

Ficava imaginando onde estaria Pettigrew, se já teria procurado guarida com Voldemort.

Mas o que mais deprimia o ânimo de Harry era a perspectiva de regressar à

casa dos Dursley. Durante talvez meia hora, uma gloriosa meia hora, acreditara que iria

passar a morar com Sirius... o melhor amigo dos seus pais... Seria a segunda

melhor coisa do mundo depois de ter o seu pai de volta. E ainda que

não ter notícias de

Sirius Black fosse decididamente uma boa notícia, pois significava que ele

conseguira se esconder com sucesso, Harry não podia deixar de se entristecer quando

pensava no lar que poderia ter tido e na circunstância de isso ter se tornado

impossível.

Os resultados dos exames foram divulgados no último dia do ano letivo. Harry, Rony

e Hermione tinham passado em todas as matérias. Harry se admirou de ter

se dado bem em Poções. Suspeitava, muito perspicazmente, que Dumbledore talvez tivesse

interferido para impedir Snape de reprová-lo de propósito. O comportamento

de Snape com relação a Harry na última semana tinha sido alarmante. O garoto não teria

achado possível que a aversão do professor por ele pudesse aumentar, mas sem

dúvida isto acontecera. Um músculo tremia incomodamente no canto da boca fina de Snape

toda vez que ele olhava para Harry, e o bruxo flexionava os dedos todo o tempo,

como se eles comichassem para apertar o pescoço de Harry.

Percy conseguira excelentes notas nos exames de N.I.E.M"s

(níveis incrivelmente exaustivos em magia); Fred e Jorge passaram raspando nos

exames para obter seus N.O.M"s (níveis ordinários em

magia). Entrementes, a casa de Grifinória, em grande parte graças ao

seu espetacular desempenho na conquista da Taça de quadribol,

e ganhara o Campeonato das Casas, pelo terceiro ano consecutivo.

#

Isto significou que a festa de encerramento do ano letivo se realizou em meio a decorações

vermelhas e douradas, e que, na comemoraçao geral, a mesa da Grifinória

foi a mais barulhenta do Salão. Até Harry enquanto comia, bebia, conversava e ria com

todos, conseguira esquecer a viagem de regresso à casa dos Dursley no dia seguinte.

Quando o Expresso de Hogwarts deixou a estação na manhã seguinte, Hermione

comunicou a Harry e a Rony uma notícia surpreendente.

- Fui ver a Profa. McGonagall hoje de manhã, pouco antes do café. Resolvi

abandonar Estudos dos Trouxas.

- Mas você passou na prova com trezentos e vinte por cento! - exclamou Rony.

- Eu sei - suspirou Hermione -, mas não vou poder viver outro ano igual a este.

Aquele vira-tempo estava me levando à loucura. Eu o devolvi. Sem Estudos

dos Trouxas e Adivinhação, vou poder ter um horário normal outra vez.

-Ainda não consigo acreditar que você não tenha nos contado. Pensávamos que

éramos seus amigos.

- Prometi que não contaria a ninguém - disse Hermione com severidade.

Ela se virou para olhar para Harry, que observava Hogwarrs

desaparecer de vista por trás de um morro. Dois meses inteiros ate

poder revê-la...

- Ah, se anima, Harry! - disse Hermione triste.

- Eu estou bem - se apressou o garoto a dizer. - Estou só pensando nas férias.

- É, eu também tenho pensado nelas - disse Rony. - Harry você tem que vir ficar

conosco. Vou combinar com mamãe e papai,

depois te ligo. Agora já sei usar um feletone...

- Um telefone, Rony - corrigiu-o Hermione. - Sinceramente, você é quem devia

fazer Estudos dos Trouxas no ano que vem...

Rony fingiu que não tinha ouvido o comentário.

- Vai haver a Copa Mundial de Quadribol agora no verão! Que é que você acha,

Harry? Vem ficar com a gente e aí podemos

assistir aos jogos! Papai geralmente arranja entradas no ministério.

Esta proposta teve o efeito de animar Harry bastante.

- É.. aposto que os Dursley iriam gostar que eu fosse, principalmente depois do que fiz

com a tia Guida...

Sentindo-se bem mais alegre, Harry jogou várias partidas de Snap Explosivo com

Rony e Hermione e, quando a bruxa com a carrocinha de lanches chegou, ele

comprou uma enorme refeiçáo, mas nada que tivesse chocolate.

Mas a tarde já ia avançada quando aconteceu a coisa que o deixou realmente feliz...

- Harry - chamou-o Hermione de repente, espiando por cima do seu ombro. - Que é

essa coisa do lado de fora da sua janela?

Harry se virou para olhar. Havia uma coisa muito pequena e cinzenta que aparecia e

desaparecia de vista do lado de fora da janela. Ele se levantou para ver

melhor e concluiu que era uma coruja minúscula, carregando uma carta demasiado grande

para o seu tamanho. A coruja era tão pequena, na realidade, que não parava

de dar cambalhotas no ar, impelida para cá e para lá pelo deslocamento de ar do trem.

Harry baixou depressa a janela, esticou o braço e recolheu-a. Ao tato, ela

lembrava um pomo de ouro muito fofo. O garoto recolheu a coruja cuidadosamente pra

dentro. A ave deixou cair a carta no banco e começou a voar pela cabine dos garotos,

aparentemente muito satisfeita consigo mesma por ter se desincumbido de sua tarefa.

Edwiges deu um estalo com o bico numa espécie de digna censura. Bichento se aprumou

no assento, acompanhando a coruja com os seus enormes olhos amarelos. Rony, reparando

nisso, segurou a coruja para protegê-la do perigo iminente.

Harry apanhou a carta. Vinha endereçada a ele. O garoto abriu

a carta e gritou:

- É do Sirius!

- Quê? exclamaram Rony e Hermione excitados. - Leia em voz alta!

Caro Harry

Espero que esta o encontre antes de você chegar à casa dos seus

tios. Não sei se eles estÃo acostumados com Correios-coruja.

Bicuço e eu estamos escondidos. Não vou lhe dizer onde, caso

esta coruja caia em mãos indesejáveis. Tenho minhas dúvidas se

ela é confiável, mas foi a melhor que consegui encontrar e eh me

pareceu ansiosa para se encarregar da entrega.

Acredito que os dementadores ainda estejam me procurando,

mas eles não têm a menor esperança de me encontrar aqui. Estou planejando deixar os

trouxas me verem em breve, muito longe de

Hogwarts, de modo que a segurança sobre o castelo seja relaxada.

Há uma coisa que não cheguei a lhe dizer durante o nosso

breve encontro. Fui eu que lhe mandei a Firebolt...

- Ah! - exclamou Hermione triunfante. - Estão vendo! Eu disse a vocês que tinha sido

ele!

É, mas ele não tinha enfeitiçado a vassoura, tinha? - retrucou

Rony. - Ai! - A corujinha, agora piando feliz em sua mão, bicaralhe um dedo, no que

parecia ser uma demonstração de carinho.

Bichento levou a ordem de compra à Agência-Coruja para mim.

Usei o seu nome, mas mandei sacarem o ouro do meu cofre em

Gringotes. Por favor, considere a vassoura o equivalente a treze

anos de presentes do seu padrinho.

Gostaria também de me desculpar pelo susto que lhe dei àquela noite, no ano

passado, quando você abandonou a casa do seu tio. Minha esperança era apenas

dar uma olhada em você antes de iniciar viagem para o norte, mas acho que a minha

aparição o assustou.

Estou anexando outro presente para você, e acho que ele tornará o seu próximo ano em

Hogwarts mais prazeroso.

Se algum dia precisar de mim, mande me dizer. Sua coruja

me encontrará.

Escreverei novamente em breve.

Si ri us

Harry espiou ansioso dentro do envelope. Havia outro pedaço de pergaminho. Examinou-o

depressa e se sentiu inesperadamente aquecido e satisfeito como se tivesse

bebido uma garrafa de cerveja amanteigada quente, de um gole só.

Pela presente, eu, Sirius Black, padrinho de Harry Potter, dou-lhe

permissão para visitar Hogsmeade nos fins de semana.

- Dumbledore vai aceitar esta autorização! - exclamou Harry alegremente. O garoto

tornou a olhar para a carta de Sirius.

Espera aí, tem um P.S.

Achei que o seu amigo Rony talvez quisesse ficar com a coruja, pois

é minha culpa que ele não tenha mais um rato.

Os olhos de Rony se arregalaram. A corujinha continuava a piar

agitada.

- Ficar com a coruja? - perguntou o garoto hesitante. Ele mirou a ave um

momento; depois, para grande surpresa de Harry e

Hermione, ofereceu-a para Bichento cheirar.

- Qual é a sua avaliação? - perguntou Rony ao gato. - Isto é

decididamente uma

coruja?

Bichento ronronou.

- Para mim é o suficiente - disse Rony feliz. - É minha.

Harry leu e releu a carta de Sirius até a estação de King's Cross. E continuava a apertála

na mão quando ele, Rony e Hermione passaram a barreira da plataforma

nove e meia. Harry localizou o tio Válter imediatamente. Estava parado a uma boa distância

do Sr. e da Sra. Weasley, espiando-os desconfiado, e, quando a Sra. Weastey

abraçou Harry, as piores suspeitas do tio a respeito do casal pareceram se

confirmar.

- Eu Ligo para falar da Copa Mundial! - gritou Rony para Harry quando o amigo

acenou um adeus para ele e Hermione, e saiu empurrando o carrinho com

sua mala e a gaiola de Edwiges em direção ao tio, que o cumprimentou da maneira habitual.

- Que é isso? - rosnou, olhando para o envelope que Harry ainda

segurava na mão.

- Se é outro formulário para eu assinar,

pode tirar o cavalinho...

- Não é, não - respondeu Harry alegremente. - É uma carta do meu padrinho.

- Padrinho? - engrolou o tio Válter. - Você não tem padrinho!

- Tenho, sim - respondeu Harry animado. - Era o melhor amigo da minha mãe e

do meu pai. E é um assassino condenado, mas fugiu da prisão dos bruxos

e está foragido. Mas ele gosta de manter contato comigo... saber das minhas noticias...

verificar se estou feliz...

E, abrindo um largo sorriso ao ver a cara de horror do tio

Válter, Harry rumou para a saida da estação, Edwiges chocalhando

à frente, para o que prometia ser um verão muito melhor do que o

anterior